Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 14

Lisboa (1789)

Port. 36 m-14
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020074-2

Port. 36m.

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DECIMO QUARTO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL, E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO XIV.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1789.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quattrocentos réis em papel: Meza 3 de Julho de 1789.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO XLIX.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continuação do sitio de Dio, até a chegada de alguns dos soccorros, que sahirão de Goa.

HUM consideravel Exercito do poderoso Rei de Cambaya havia quatro mezes batendo as fracas paredes da Fortaleza de Dio; mórtos nelle dous grandes Generaes, e alguns milhares Era vulg. 1546

Era vulg. de ſoldados; mallogrados tantos aſſaltos repetidos, ſem ſe recolher fructo de deſpezas avultadas: todos eſtes motivos fizéraõ que Sultaõ Mamud impaciente reprehendeſſe com aſpereza a Rumecaõ, enviando-lhe hum reforço de 15000 homens com ordem de cortar as dilações do ſitio com avances promptos. Rumecaõ atacado de duas affrontas, huma dos máos ſucceſſos, outra da reprehenſaõ, arrojou-ſe a conſummar envergonhado a acçaõ, que naõ podia valeroſo. Elle fez levantar a toda a preſſa huma nova obra defronte do Baluarte S. Tiago, que dominava o centro da Cidadella. Em huma noite lha derrubáraõ com cem homens os dous irmãos D. Joaõ, e D. Pedro de Almeida. Sem perderem hum homem, elles degolláraõ trezentos. Rumecaõ mudou de idéas, e quiz fechar de groſſas paredes a face do Baluarte S. Joaõ; mas em outra noite quatorze ſoldados as deitáraõ a terra, paſſando antes á eſpada todas as guardas, que dormiaõ.

Rumecaõ attonito com eſtes atrevi-

vimentos, desaffoga a colera em hum assalto contra os Baluartes S. Joaõ, e S. Thomé para sentir terriveis os effeitos do nosso fogo. Elle se ateava nos vestidos de algodaõ, que traziaõ os seus soldados, quando os Portuguezes ao contrario o desprezavaõ armados com todas as peças, de boas luvas, de borzeguins, e colletes de couro: unifórme, que faltando para elle a materia, D. Joaõ Mascarenhas distribuio pelos soldados as tapissarias das suas casas, que eraõ de couro dourado, e os mostrava objectos proprios para os Poetas os descreverem em peitos de aço armas de ouro. Em fim, os inimigos abrazados se retiráraõ com perda, sem nós termos a de hum só homem. Effeito semelhante experimentáraõ os Barbaros poucos dias depois no assalto, com que Rumecaõ hospedou a Jusarcaõ, sobrinho do morto do mesmo nome, que chegou ao campo com outro reforço para occupar o cargo do tio. Era vulg.

Sendo taõ grandes os trabalhos, que aos sitiados causavaõ inimigos poderosos, soberbos, e escandalisados; elles

Era vulg. naõ tinhaõ comparaçaõ com os que toleravaõ heróicas as conſtancias no interior da Fortaleza. A guerra, e as doenças lhes tinhaõ arrebatado 150 homens; haveria sãos 250 ſacrificados a fadigas contínuas. A fome era extrema: já ſe comiaõ ratos, cães, gatos, e outros ſevandijas ingratos ao goſto, aſcaroſos á natureza. Vendia-ſe huma gralha por quatro, cinco cruzados, e ſe eſtimou providencia apparecerem bandos deſtas aves, que parecia ſe lhes infundíra huma virtude nova para o alimento da ſua carne curar os enfermos. Eſtavaõ acabadas as munições: naõ havia mais polvora, que aquella, que diariamente ſe fabricava. Para ella faltavaõ panelas, que eraõ a noſſa melhor defenſa: eſta falta ſupprio o Governador com as telhas unidas cada duas com os vãos para dentro, betumadas as boccas, e que arrojadas entre os inimigos, cauſavaõ os meſmos effeitos das panelas.

Neſta triſte figura eſtava a Praça, quando chegou em hum navio de Baçaim, e Chaul com alguns ſoldados o

Padre Capellaõ, que com audacia ſuperior rompeo as ondas encapeladas do golfo de Dio. Elle deo ao Governador á viſta de todos a agradavel noticia, de que naquellas Cidades ficavaõ 500 homens de ſoccorro, que ſeriaõ viſtos da Fortaleza na primeira vaga, que o mar fizeſſe. Baſtou eſta eſperança para ſe deſterrarem das memorias as imagens dos trabalhos paſſados, e as contingencias dos futuros: mas D. Joaõ Maſcarenhas andava cuidadoſo por naõ ſaber o que os inimigos paſſavaõ no campo. Para o tirar deſta dúvida ſe lhe offereceo o deſtemido Martim Botelho, que com dez bravos marchou á ponte: eſperou os Mouros: atacou, e derrotou dezoito: atracou-ſe com hum Nobyano de deſmarcadas forças, e corpulencia: trouxe-o perneando, mordendo, e gritando á Fortaleza. Delle ſoube o Governador: Que Rumecaõ deſconfiava do bom ſucceſſo do ſitio: que os ſoldados ſerviaõ com violencia: que ás mãos dos Portuguezes eraõ já mortos cinco mil, os feridos muitos, o temor geral. Era vulg.

Já

Era vulg. Já desenganado aquelle General pela repetiçaõ dos assaltos sem proveito, advertio que era necessario ajuntar á força a indústria, a habilidade ao valor. Procedendo conforme as regras da arte, aplicou os Mineiros ao baluarte S. Joaõ, e para divertir os sitiados de perceberem esta obra, mandou por muitas partes picar o muro com movimentos, que chamando-os a lugares differentes, naõ acertassem para o reparo naquelle, aonde se lhes traçava maior estrago. Para laborar mais o engano, logo que a mina foi em estado de se lhe dar fogo, Rumecaõ usou de novo artificio, e fez passar á Fortaleza como desertor hum dos seus intimos confidentes, que nas noticias affectasse huma candura extrema para no ultimo ataque representado chamar o grosso da guarniçaõ ao Baluarte da mina. Este trahidor, sendo apresentado a D. Joaõ Mascarenhas, com todos os géstos, que sabem representar os astuciosos para insinuar-se, lhe disse:

Que elle sentia no fundo da alma vozes internas, que o chamavaõ para

ab-

abjurar os ſeus erros, e abraçar a Reli- Era vulg.
giaõ Chriſtã; deſignio principal, que o trazia á ſua preſença para promover huma obra taõ ſanta. Que em quanto aos negocios de Cambaya, Sultaõ Mamud eſtava ſobprendido com o temor de huma nova irrupçaõ dos Mogores, agora mais formidaveis, que na primeira guerra. Que com eſte receio mandára hum reforço de dez mil homens ao campo commandados por Mojatecaõ, e ordem a Rumecaõ para dar hum aſſalto geral á Fortaleza, e immediatamente levantar o ſitio para ir acudir ao interior do Reino. Que por eſta cauſa havia mandado recolher a artilharia como inutil, unicamente fiado na força do aſſalto no Baluarte de S. Joaõ, por onde eſperava entrar, e render a Praça antes de marchar para Cambaya, e que no dito Baluarte devia elle Governador applicar as forças para o vigor da reſiſtencia.

Todo o mundo crêo eſte diſcurſo artificioſo, e ſimples do perfido Guzarate, congratulando-ſe mutuamente os ſoldados por lhes chegar o fim dos ſeus tra-

Era vulg. trabalhos, como desprezando os perigos do temeroso assalto. Para elle se movêraõ os inimigos no dia dez de Agosto com todas as suas forças precedidas de hum corpo de quatorze mil dos seus soldados mais destemidos, que se haviaõ avançar ao Baluarte da mina. A maneira desordenada, com que elles a cada passo investiaõ, e recuavaõ, metteo ao Governador na desconfiança, de que o Baluarre estava minado; que o transfugo na sua relaçaõ o enganára; e que nos effeitos da mina os Barbaros firmavaõ as esperanças da victoria. No mesmo instante fez aviso a D. Fernando de Castro, para que elle, e todos os defensores do Baluarte o desamparassem, até verem os estragos, que nelle fazia o fogo, que naõ tardava em rebentar.

Já todos hiaõ a obedecer ás ordens do seu Chéfe, quando Diogo de Reinoso demasiadamente intrépido, com valor desgraçado lhes clama: Que he isto, senhores, obriga-vos o temor da mórte a deixar o lugar que huma vez occupastes, fugindo sem vêr de que?

Con-

Conforma-ſe eſſa acçaõ com a voſſa honra? Eu publicarei por hum covarde ao que deſamparar o ſeu poſto. A eſtas vozes de hum Moço, que já na viagem do Eſtreito déra moſtras da ſua temeridade, voltaõ todos, e elle he a cauſa de ſe tornar em deriſaõ a ordem de hum General. Ao meſmo tempo rebenta a mina com eſtrondo horroroſo, e eſtrago lamentavel. Voaõ pelos ares feitos pedaços o inconſiderado Reinoſo; D. Fernando de Caſtro na idade de dezanove annos, levantado, para aſſiſtir á acçaõ, de huma doença, que a natureza fez leve, e o Reinoſo mortal; D. Joaõ de Almeida, Gil Coutinho, Ruy de Souſa, Luís de Mello, Alvaro Ferreira, Triſtaõ de Sá, e outros até ſeſſenta, que tendo até entaõ obrado acções dignas dos bronzes immortaes, acabáraõ com fim taõ tragico, por obedientes ás vozes de hum temerario. D. Diogo de Souſa com huma lança na maõ foi levado por hum troço de parede ao interior da Fortaleza; aonde ficou em pé ſem receber lezaõ. Na meſma figura cahio no campo hum ſoldado, que

Era vulg.

os

Era vulg. os Barbaros ſem piedade fizeraõ em poſtas.

Diſſipado o fumo, viſta a ruina do Baluarte, correm a elle de tropel quatorze mil homens, gritando victoria. Mas admira-te, valor; ſuſpende-te, confiança; esforça-te, credulidade; e nada duvide que cinco homens Portuguezes plantados ſobre os deſtroços abrazados, elles ſaõ cinco Corifeos intrépidos, que a tanta multidaõ offerecem os peitos como muralha mais firme, que as arrazadas paredes. Vivaõ immortaes na memoria os nomes de Antonio Peçanha, de Bento Barboſa, de Sebaſtiaõ de Sá, de Bartholomeo Correa, do Meſtre Joaõ, Cirurgiaõ-Mór, que longo eſpaço de tempo ſuſtentáraõ todo o pezo do campo contrario ſem moverem hum pé, promontorios da conſtancia, eſpectaculos da admiraçaõ, huns homens, que tendo lugar taõ illuſtre na verdade da Hiſtoria, elles nos eſtaõ parecendo o eſpirito da Fabula. Sem alteraçaõ no animo, impavido na face do perigo, D. Joaõ Maſcarenhas chega com quinze ſoldados ao lugar do combate, aonde

de os olhos atonitos mandaõ toda a admiraçaõ para as mãos, a invéja honrada emprega todo o furor nos golpes. A si mesmo se excedeo D. Joaõ, já naõ lembrado de que era Chéfe, mas hum soldado da fortuna no poder do perigo commum. Era vulg.

Estes vinte homens pozeraõ aos Turcos em admiraçaõ, suspendendo a todos, degollando a muitos. Quando elles se consideravaõ perdidos, quando queriaõ retroceder, o valor se lhes redobrava, tomavaõ corage nova os espiritos, o combate fervia, os inimigos naõ se avançavaõ. Entaõ entrou pelo Baluarte o Esquadraõ das Matronas carregadas de armas, e munições, na sua testa a memoravel Isabel Fernandes armada com huma chuça, que entrou a ensopar no sangue contrario, mettida no centro dos vinte defensores generosos. Correo a voz de que o Baluarte perdido, e ella foi o seu soccorro. De todos os outros postos vinhaõ soldados a buscar a mórte entre os companheiros, que admiráraõ columnas de marmore immóveis a tantos repellões, e el-

Era vulg. elles ſe levantaõ outras ſuas ſemelhantes. Apparece a confortallos o Padre Joaõ Coelho com a Imagem arvorada de hum Santo Crucifixo, que communica aos ſeus Fiéis esforços divinos. A cada qual dos ſeus golpes cahia mais de hum inimigo : muitos os mórtos, principiaõ os vivos a perder os alentos, a declarar-ſe a noſſo favor a victoria, a retirarem-ſe os Barbaros.

Neſte formidavel combate, que durou do romper do dia até noite fechada, perdêraõ elles 1☉100 homens mórtos, e feridos. Dos noſſos os ſeſſenta abrazados na mina, depois alguns na defenſa, e dos cinco ſómente o Meſtre Joaõ depois de obrar maravilhas. A noite naõ foi hum tempo de repouſo para os ſitiados. D. Joaõ Maſcarenhas a empregou toda inteira em retirar de baixo das ruinas aos cadaveres, que as mulheres ſepultáraõ com religioſa piedade, e em reparar a brécha, que appareceo com figura de defenſa, quando rompeo a luz do dia. Depois chamou o Governador a Conſelho os Officiaes, e Soldados, que reſtavaõ

vaõ com vida, e tendo-os ſuſpenſos na expectaçaõ de o ouvirem, elle lhes falla neſte tom heróico: Vós, ſenhores, eſtais vendo eſta Praça reduzida ao ultimo abatimento, o ſoccorro longe, o mar fechado: vós naõ ignoraes, que tudo nos falta: a maior parte dos noſſos amados companheiros, a terra a eſconde: outros jazem nos leitos enfermos, e feridos: ſó para a ſua aſſiſtencia ſaõ poucos os que eſtamos sãos. Eu ſou teſtemunha do grande valor, e paſmoſa conſtancia, com que até agora vos tendes conduzido. Deſtas duas virtudes, que vos ornaõ, infiro eu que naõ haverá entre vós hum ſó, que duvide dar a vida pelo nome de Jeſus Chriſto combatendo contra os inimigos da Religiaõ. Depois, lembrando-me da honra, creio que vós preferireis huma mórte illuſtre á affronta de cahir nas mãos de huma Naçaõ pérfida. Eu vos chamei para vos dizer com eſtes dous objectos á viſta, que a minha reſoluçaõ he defendermo-nos até conſumirmos as munições, gaſtarmos os poucos viveres, e depois dar fogo Era vulg.

aos

Era vulg. aos edificios, encravar a artilharia, a corpo perdido botarmo-nos ſobre eſſes Barbaros com a eſpada na maõ, e pelo centro delles, ou abrirmos hum paſſo, que ſe conte por façanha unica, ou morrermos todos como Heróes Chriſtãos com a gloria deſta eſpecie de martyrio.

Callou D. Joaõ Maſcarenhas, e percebeo na complacencia dos animos, no alvoroço dos eſpiritos, que a todos os ſeus camaradas lhes tardava o momento feliz de hum feito taõ heróico. Todos lhe promettêraõ ſer companheiros iſſeparaveis da ſua fortuna em quaeſquer lances, até o ultimo. Cheias as almas de corage ſublime, ellas entráraõ a olhar para os Barbaros como inſtrumento da ſua felicidade; para a mórte como veſtibulo piſado, que os introduzia no Templo da Honra. Mais que nunca o Povo fiel, unido com hum ſó coraçaõ, e huma ſó alma, quando ſe prevenia para huma defenſa, como ſe entaõ principiaſſe o ſitio; elle dizia ás munições, que ſe acabaſſem; aos viveres, que pereceſſem para ſe lhe

naõ

naõ retardar a glória da maior heroicidade, que os futuros viventes entre as épocas mais brilhantes a apontariaõ com o dedo por primeira. Era vulg.

CAPITULO II.

Da viagem de D. Alvaro de Caſtro em ſoccorro de Dio com os mais ſucceſſos depois da ſua chegada.

NAõ eraõ ſós os ſitiados de Dio no ſoffrimento dos trabalhos. Quando elles brigavaõ com homens, D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco de Menezes contendiaõ com os mares. Paſſados trabalhos immenſos, eſte Fidalgo chegou alagado a Baçaim. Quiz attraveſſar o golfo; mas alijada a carga, e naõ podendo romper as ondas, arribou á meſma Praça. No outro dia entrou nella D. Alvaro ſem alguma differença na fortuna. Appareceo o caravellaõ de Antonio Moniz Barreto na figura dos mais, e querendo tomar o porto, foi maior o ſeu perigo. No trabalho pelo ſalvar obſervou elle, que huma pequena gal-

ve-

Era vulg. veta andava com ſegurança ſobre a flôr medonha de mares horrendos, e em ſegredo a fretou a ſeu dono para paſſar a Dio. Eſtando na praia para ſe embarcar, chegou Garcia Rodrigues de Tavora a pedir-lhe o levaſſe comſigo. Antonio Moniz lhe reſpondeo, que a ſua embarcaçaõ era muito pequena para accommodar Fidalgo taõ grande: que quem o viſſe ir nella naõ diria que a galveta era de Antonio Moniz, ſenaõ de Garcia Rodrigues. Com eſta delicadeza ſe tratavaõ entaõ na India os negocios da honra. O Tavora lhe reſpondeo que elle queria ter a de o acompanhar com a praça de ſeu ſoldado, e que aſſim lho declararia por eſcrito para a todo o tempo conſtar. Com eſta condiçaõ embarcou Garcia Rodrigues de Tavora na galveta de Antonio Moniz Barreto.

Eſtando ella para ſe levar, appareceo na Praia o corpulento, valeroſo, e impavido homem, Miguel de Arnide, clamando: Como ſem mim paſſais a Dio? Foi-lhe reſpondido de dentro: Naõ cabeis cá. Entaõ o intrépido ſolda-

dado, tomando a efpingarda na boca, fe lançou ao mar para ferrar a galveta, que hia levada. Á vifta defta gentileza, Antonio Moniz a fez parar para receber o foldado, dizendo-lhe, que fó nelle levava a Dio hum grande foccorro: elogio profetico para eftimular o valerofo Arnide, que no defempenho delle fez, que fe contaffe pelo número dos feus golpes o das cabeças cortadas aos inimigos. Com conftancia pafmofa, foffridos trabalhos incriveis, chegou a galveta a Dio. Baftou a vifta deftes poucos homens para refufcitarem os efpiritos. Crefceo o alvoroço, quando todos ouvíraõ dizer a Antonio Moniz, que D. Alvaro ficava com feffenta navios em Madrefaval, e que naõ tardaria dous dias. Depois em particular defcobrio elle ao Governador, como D. Alvaro emproando duas vezes o golfo, naõ podendo cortar os mares, os navios fe defgarráraõ por differentes pórtos, e elle ficava arribado em Baçaim. Era vulg.

No meio dos maiores perigos foraõ hofpedados eftes dous Fidalgos: Antonio Moniz Barreto no Baluarte Saõ

Era vulg. Thomé, e Garcia Rodrigues de Tavora no de S João. O primeiro despedio logo a galveta para vir seu primo Luís de Mello de Mendoça, como elle em Baçaim lhe promettêra; e sendo passados quatro dias depois do estrago da mina, elles entrárão a vêr espantoso o semblante da guerra. Rumecaõ inchado com a esperança de successos semelhantes ao passado, fez minar os Baluartes S. Tiago, S. Jorge, e S. Thomé; mas D. Joaõ Mascarenhas instruido pela sua mesma desgraça, deo taõ boas providencias, que as minas servírão de arruinar os mesmos fabricantes com mórte de muitos. Cada vez mais teimoso, Rumecaõ continuava em novos progressos, repetia os assaltos, e por cima dos seus destroços conseguio alojar-se em alguns lugares, aonde plantou, como triunfantes, as suas bandeiras.

Já na Fortaleza naõ se viaõ mais que destroços; a metade do Baluarte S Tiago perdido, a Igreja arrazada, as casas abatidas, os homens em estado miseravel, e para complemento da desgraça

fu-

fugíraõ para o campo dos inimigos tres escravos, que informáraõ a Rumecaõ, como na Praça naõ haviaõ mais que sessenta homens capazes de pegar em armas; que tinhaõ necessidade de tudo, impossibilitados para viver, e defender-se. Esta noticia determinou hum assalto, que Rumecaõ entendia ser o ultimo; mas encontrando nos sessenta Portuguezes a resistencia de milhares, mórtos muitos dos seus, teve de se retirar corrido, firme na idéa de que as informações dos escravos tinhaõ sido falsas. Outros muitos acometteo a sua contumacia com igual successo. Nelles obráraõ poucos homens tantas maravilhas, que os mesmos Officiaes contrarios paravaõ para os vêr obrar, e Mojatecaõ naõ podendo conter o assombro, nem callar os elogios do seu valor, disse: Que os Portuguezes haviaõ nascido no mundo para dominar sobre o resto dos homens: Que a fortuna do Universo consistia em serem elles taõ poucos, acantonados nas cóvas do ultimo Occidente, á maneira dos animaes ferozes, ou das viboras peçonhentas, que arrui- Era vulg.

Era vulg. nariaõ o Genero Humano, ſe ellas foſſem muitas.

Com à chegada a Baçaim da galveta, que levára Antonio Moniz a Dio, os animos entráraõ em agitaçaõ para marcharem a ſoccorrer a Praça por baixo dos meſmos perigos. Nella embarcou Luís de Mello, e nove ſoldados: o meſmo fizeraõ D. Jorge, e D. Duarte de Menezes em hum catur com dezaſete; e em dous, com quinze camaradas cada hum, D. Antonio de Ataide, e Franciſco Guilherme. O que eſtes homens ſoffrêraõ no mar com a firmeza das montanhas eſcurece a fama das aventuras dos Argonautas famoſos, que daõ alma ás fabulas de Virgilio, e de Homero. Navegando por baixo da agua, e por cima da ſediçaõ dos companheiros medroſos, eſtes fidalgos chegáraõ a Dio, e foraõ logo convidados por D. Joaõ Maſcarenhas para o acompanharem a deſalojar os Barbaros do Baluarte Sant-Iago. Elles os acomettêraõ com tanto impeto, que os que naõ morrêraõ no combate, acabáraõ precipitados do muro. Acudio Rumecaõ com

o groſſo do Exercito a ſuſtentar o poſto perdido, e a dar hum aſſalto geral nos lugares arruinados. Eſte foi o dia mais viſtoſo; porque ſobrevindo hum copioſo chuveiro, que impedio o uſo do fogo, toda a refega ſe ſuſtentou por ambas as partes com armas curtas. Todos os Fidalgos, eſpecialmente D. Joaõ Maſcarenhas, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Pedro, e D. Franciſco de Almeida, ſe fizeraõ invejar de amigos, e contrarios. Nelle ſe vio bem que o Barbaro, em quem o valeroſo Miguel de Arnide deſcarregava hum golpe, eſcuſava ſegundo. Era vulg.

Seis horas havia, que durava o temeroſo conflicto, quando parou a chuva, e entráraõ os noſſos a ſervir-ſe das máquinas de fogo, que redobráraõ nos inimigos a carnage. Rumecaõ furioſo mandou tocar a retirada, deixando na raiz dos Baluartes 1ↀ400 mórtos, e agonizantes. Dos Portuguezes morrêraõ alguns ſoldados communs, dignos da immortalidade; mas ſem nome na Hiſtoria. Rumecaõ mettido em cólera,

já

Era vulg. já pela repetiçaõ dos máos succeſſos, já pelos ſoccorros, que vinhaõ chegando da India, já pela voz pública do grande apreſto, que o Governador fazia em Goa para vir em peſſoa deſcercar a Fortaleza; elle determina forçar os inſtantes do tempo para concluir a acçaõ no avance, que ſe havia ſeguir ao effeito de huma grande mina no Baluarte S. Joaõ, em que mandou trabalhar voando. Os noſſos a contraminàraõ pela parte interior com hum muro, que quando ella rebentou ficou intacto.

Os Barbaros ignorando eſta defenſa ſe avançáraõ a montar o Baluarte, ſuppondo o paſſo franco. Elles encontraõ o reparo, que os faz retroceder, e torcem a marcha para a guarida de Antonio Peçanha, que com o impulſo do fogo abrio brécha dilatada. Ao meſmo tempo choviaõ as balas na Fortaleza, que por todos os flancos era atacada: fogo horrivel, largas horas continuado, que naõ offendeo huma ſó peſſoa, e todas eſtimáraõ o ſucceſſo por hum milagre. Ao contrario Rumecaõ, blaſfemo contra o ſeu Mafoma á viſta da noſ-

noſſa reſiſtencia, porque o dia declinava, mandou ſuſpender o ataque para elle em peſſoa o renovar no ſeguinte contra o Baluarte S. Thomé. Elle foi o mais temeroſo de quantos a conſtancia heróica dos Portuguezes havia tolerado na longa duraçaõ do ſitio. Todos os Baluartes foraõ atacados ao meſmo tempo por gróſſos deſtacamentos, que divertiaõ o pequeno número da guarniçaõ para deixar menos defenſavel o Baluarte ameaçado. Era vulg.

Contra elle ſe moveo o meſmo Rumecaõ com o maior poder. E como havemos nós perſuadir á credulidade, que naõ for fatua, que Antonio Moniz Barreto com dous unicos homens aos ſeus lados eſperou a pé firme na face do Baluarte S. Thomé o repellaõ de tantos milhares de ſoldados das Nações mais aguerridas do Univerſo? Immoveis no ſeu poſto eſtes tres monſtros de valor, dous delles que naõ tem nome, o ſuſtentáraõ largo eſpaço com a corage do Leaõ faminto, quando devóra a preza. Os inimigos, naõ os podendo affaſtar com o ferro, quizeraõ conſumillos com

Era vulg. o fogo. Antonio Moniz abrazado corria a refrefcar-fe nas tinas de agua. Hum dos dous Manlios, mais illuftre que o defenfor do Capitolio de Roma, lhe diffe: Ah! fenhor Antonio Moniz, vai-fe, e defampara o Baluarte d'El-Rei? Naõ me vou, replicou elle, chego a apagar naquellas tinas o fogo, que me queima, e já volto. Senhor Antonio Moniz, lhe tornou o foldado, em quanto as mãos fe naõ queimaõ, arda embora todo o corpo: deixe-fe eftar no feu lugar: naõ entrem os inimigos pelo que a fua falta deixa aberto. Affim o fez o magnanimo Fidalgo, que levou depois a El-Rei, e ao Infante D. Luís efte generofo camarada, e com ingenuidade confeffou na prefença dos Principes a fua corage, a falta propria, e que da advertencia a taõ bom tempo dependeo em muita parte a fegurança da Fortaleza naquelle dia temivel.

Já com as forças laffas, os efpiritos dos tres Heróes fe queixavaõ da fraqueza da humanidade, que naõ lhes deixava impedir a entrada de muitos dos inimigos no Baluarte. Nefte aperto chegá-

gáraõ a ſoccorrellos alguns magotes diſperſos, que acudiaõ ao eſtrondo da pendencia. Elles tiveraõ tempo de tomar o folego; e como ſe lhes houveſſem infundido nos meſmos córpos novas almas, tornaõ á carga, e do Baluarte abaixo deitaõ enrolados os inimigos, como eſtopa abrazada na face da ſua ira. Rumecaõ menos ſenſivel á perda, que affrontado do pejo, ſe retira confuſo; aſſentando que multiplicar contra os Portuguezes os combates, era fornecer-lhe materia para engroſſarem a arrogancia, que os fazia intoleraveis nas victorias. Nós perdemos o goſto a eſta pelo ſucceſſo infeliz de Antonio Correa, que o Governador mandou com vinte ſoldados tomar lingua ao campo dos inimigos. Eſtes homens, que na continuaçaõ do ſitio tinhaõ feito façanhas memoraveis, e as obráraõ depois; agora ſe occupáraõ de hum ſuſto panico taõ covarde, que naõ quizeraõ com tal Capitaõ inveſtir quatorze Barbaros. Era vulg.

Elle ſó os acometteo com huma eſpada, e rodela, mais facil a perder-ſe com honra, que a retirar-ſe ſem ella.

De-

Era vulg. Depois de brigar largo tempo foi prezo, e levado a Rumecaõ, que lhe perguntou, quanta gente havia na Fortaleza; que qualidade de ſoccorros, e em que tempo os eſperavaõ de Baçaim; ſe o Governador da India viria a Dio em peſſoa. Antonio Correa deſmentio o informe precedente dos tres eſcravos fugidos, e fortificou em Rumecaõ a idéa errada, de que o haviaõ enganado. Elle lhe reſpondeo com eſpirito firme, e ar ſeguro: Que na Fortaleza eſtavaõ ainda robuſtos 400 homens determinados a defendella até darem a ultima gota de ſangue: Que lhe haviaõ chegado muitas munições, e mantimentos: Que no dia ſeguinte ſe eſperava o filho do Governador da India com 600 homens em huma groſſa Armada; e que ſeu Pai naõ tardaria muito com todo o poder do Eſtado para lhe dar huma batalha, e lançallo da Ilha: reſpoſta, de que irritado o Barbaro Rumecaõ, mandou que Antonio Correa foſſe arraſtado ao cabo de hum cavallo, e cortada a cabeça para ſe eſpetar em huma lança á viſta da Fortaleza.

Quan-

Quando eſtas couſas aconteciaõ em Dio, D. Alvaro de Caſtro, e D. Franciſco de Menezes lutavaõ com as ondas, que outra vez os leváraõ arribados a Agaçaim. Dous dos ſeus navios tiveraõ differentes ſórtes. O que mandava o Capitaõ Athanaſio Freire foi varar em Surrate, aonde elle, e toda a tripulaçaõ ficáraõ priſioneiros de Sultaõ Mamud, que os mandou metter nas maſmorras, em que tinha a Simaõ Feyo com outros Portuguezes. Ruy Freire pode ſoffrer os mares com conſtancia heróica, ſuperior aos perigos, que venceo até chegar a Dio com admiraçaõ das gentes. Naõ ſabedor da arribada de D. Alvaro, aſſegurou que vinha atraveſſando o golfo: noticia para os animos poſtrados taõ plauſivel, que celebrada com applauſo ruidoſo, elle chegou aos ouvidos dos Barbaros, que conhecêraõ a cauſa, donde naſcia. Era vulg.

D. Alvaro de Caſtro, mais impaciente que a cólera dos mares, outra vez ſe lança a elles, e rompendo o golfo com os navios arrazados em poppa, houve viſta da contra-cóſta junto a Madre-

Era vulg. drefaval, aonde defcobrio huma grande náo de Cambaya, que com carga de muita importancia vinha de Ormuz. Feita efta preza, appareceo na barra de Dio a defejada Fróta de mais de 40 navios empavezados, e guerreiros, que deraõ de fi huma vifta aos noffos agradavel, aos Barbaros temivel. Na entrada do porto deo huma falva real á Fortaleza, a que ella refpondeo com outra naõ menos horrorofa para o campo, e Cidade, fobre os quaes, de ambas as defcargas, choveo huma innundaçaõ de ballas com eftrago de cafas, e de vidas. D. Joaõ Mafcarenhas defceo á pórta do mar para receber a D. Alvaro de Caftro, a D. Francifco de Menezes, aos mais Fidalgos, e Officiaes, que levou nos braços como auxilios opportunos, que lhe traziaõ a falvaçaõ na ultima extremidade dos perigos.

O Governador apofentou a D. Alvaro no Baluarte S. Joaõ para vingar o fangue de feu irmaõ D. Fernando no lugar, aonde elle acabára a vida. D. Francifco de Menezes efcolheo o Baluarte S. Thomé, que era o mais arrui-

ruinado para exercitar o ſeu valor no poſto do maior riſco. Os 400 homens do ſoccorro foraõ diſtribuidos ſegundo a neceſſidade, e a ordem, já taõ mudado o ſemblante da guerra, que D. Joaõ Maſcarenhas eſtimava completos os triunfos da honra, os ſoldados olhavaõ com deſprezo para os inimigos, animados com a eſperança dos deſpojos. Como o Governador ſe vio taõ reforçado, entrou no projecto de tirar debaixo das ruinas do Baluarte S. Thomé hum groſſo canhaõ, que alli ficára enterrado, naõ tanto para elle o aproveitar, quanto para impedir, que delle ſe ſerviſſem os inimigos. Depois de muito trabalho inutil, tomou o expediente de o firmar com cabreſtantes, que o ſuſpendêraõ no ar. Rumecaõ quiz fazernos a injúria de cortar os cabreſtantes, e levar o canhaõ á viſta da noſſa face: manobra, que nos empenhou em combates viſtoſos, ſuſtentados pela corage de D. Franciſco de Menezes, e que foi cauſa do deſacordo comettido pelos ſoldados de D. Alvaro, como eu paſſo a referir no Capitulo ſeguinte. Era vulg.

CA-

CAPITULO III.

Os ſoldados de D. Alvaro de Caſtro pedem amotinados a D. João Maſcarenhas os leve a atacar os inimigos no campo, com os mais ſucceſſos do ſitio até a chegada do Governador da India.

Era vulg. OS ſucceſſos acontecidos em Dio depois da chegada de D. Alvaro de Caſtro enchêraõ os ſeus ſoldados de huma confiança rodeada de preſumpçaõ, que os pôz no riſco de ſe perderem. Ella por huma parte, por outra os eſpiritos chamados de honra, ultimamente os ſentimentos de hum temor imaginado os arrojáraõ a exceſſos indignos de homens, que faziaõ profiſſaõ das armas: huma profiſſaõ, que eſtriba as ſuas vantagens na obediencia devida aos Chéfes, que devem ſer reſpeitados por alma das operações militares. Em muitas couſas juntas ſe empregáraõ as viſtas daquelles ſoldados; diſcorrêraõ ſobre todas, e enganados com as imagens

gens da propria fantesia, determinárao Era vulg.
nao seguir outro impulso, que o da sua meditaçao errada. Elles observárao o empenho dos Mouros para levarem do Baluarte S. Thomé o canhao, em que acabei de fallar, e o tiverao por affronta do seu valor. Elles vírao depois da sua vinda a facilidade, com que D. Joao Mascarenhas arrojára os inimigos dos terraplenos, trincheiras, e de parte dos bastiões, aonde se haviao postado, e se deixárao rodear da vaidade. Elles ouvírao contar os effeitos das minas; que ainda os contrarios trabalhavao nellas, e sobprendeo-os o espirito do temor.

Dominados destes agentes internos, que lhes offuscavao os entendimentos, elles se armao, se juramentao, buscao ao Governador, e lhe fallao neste tom sedicioso: Que elles nao tinhao soffrimento para tolerar aos Barbaros injúrias intentadas, quanto mais a feita de presumirem levar na sua presença hum canhao do Baluarte: Que já tinhao próvas da sua fraqueza, nao só por elles os haverem lançado dos póstos, que occupavao dos muros a dentro, mas pe-

Era vulg. pela neceſſidade, a que os reduzíraõ de fazer novas linhas com que ſe cobriſſem: Que já ſabiaõ os effeitos, que as minas cauſavaõ na Praça, e que naõ queriaõ morrer abrazados na cóva á maneira das féras, como elle conſentíra, que acabaſſem tantos homens illuſtres, com láſtima ſem fim: Que neſtes termos, logo, e ſem demora os levaſſe ao campo a atacar os inimigos, ou para os vencerem em huma batalha, ou para elles morrerem como homens: Que ſe naõ executava o que lhe requeriaõ, elles ao meſmo tempo o dariaõ a conhecer por hum covarde, e elegeriaõ Capitaõ valeroſo, que na ſua téſta marchaſſe a moſtrar-lhes a cára dos valentes de Cambaya.

Em vaõ D. Joaõ Maſcarenhas, D. Alvaro de Caſtro, D. Franciſco de Menezes, e o Padre Joaõ Coelho quizeraõ obrigar eſtes homens a entrarem em razaõ, a perſuadillos, a ſobmettellos ás Leis Militares da ſobordinaçaõ. O tumulto creſcia, e D. Joaõ Maſcarenhas naõ teve mais remedio, que dizer-lhes com muita brandura: Á manhã vos farei

rei o goſto bem contra minha vontade pelo ſer contra o ſerviço do Rei: Eu vos levarei aos perigos, que quereis; Deos permitta naõ vos arrependais. Muito eſtimarei vêr na occaſiaõ valor verdadeiro a que agora reconheço huma arrogancia mal fundada. Amanheceo o dia ſeguinte com os amotinados na praça da Fortaleza pedindo a vozes altas a batalha. Quando appareceo D. Joaõ Maſcarenhas, já D. Alvaro, e D. Franciſco trabalhavaõ para os fazer mudar de ſentimentos. Como nada conſeguiaõ, D. Joaõ lhes diſſe: Deixai-os, Senhores; façamos-lhes a vontade; mas nós encommendemo-nos a Deos. A eſtas extremidades ſe vê reduzido hum General prudente, quando huma ſediçaõ aberta toca as ballizas da inſolencia; quando rompe os termos neceſſarios do reſpeito. Entregues os póſtos da Fortaleza a cem homens com os ſeus Capitães, ſahem a campo 500 ſoldados, a maior parte loucos, a pagar com o ſangue dos ſiſudos; e com as vidas proprias o crime da deſobediencia. Era vulg.

Marchava eſta gente em tres bata-

Era vulg. lhões: os primeiros mandados por D. Alvaro de Castro, e por D. Francisco de Menezes; o terceiro por D. Joaõ Mascarenhas, que cobria o corpo de batalha. Os imaginados intrépidos entráraõ a sentir as difficuldades, ou a sopportar a pena de temerarios, logo que chegáraõ ás paredes, que elles tinhaõ de escalar. Entaõ os que haviaõ mostrado mais arrogancia, foraõ os primeiros, que perdêraõ a corage. A herva tinha crescido com as aguas do Inverno; estava mui alta; ella lhes servio, senaõ para defensa, para escondrijo, para hum disfarce do medo, aonde sem os novos sustos da vergonha, o sangue lhes podesse circular nas veias. D. Alvaro, e D. Francisco com alguns bravos, que os seguíraõ, montáraõ aquelles muros, quando chegava D. Joaõ Mascarenhas, que tendo mostrado em taõ longo sitio, que os seus olhos eraõ de lince, os escondidos na herva naõ lhe escapáraõ á vista.

Como hum raio se lançou a elles o Chéfe magnanimo, e lhes diz: Ó lá, senhores valentes, he isto o que vós

me prometteſtes, quando me pediſtes, que vos trouxeſſe a eſte combate? Ahi tendes de traz deſſe muro o inimigo, que buſcais. Ide a elle, naõ o procureis entre a herva, que ainda para Barbaros he azilo vergonhoſo, ſó proprio para brutos. Mas ah! que longa diſtancia vai das voſſas mãos á voſſa lingua! Com eſta rompeſtes a obediencia na Praça; ſem aquellas vieſtes perder a honra ao campo. Fallando aſſim o magnanimo D. Joaõ, os foi levando de tropel diante de ſi, os fez ſubir o muro, e os poz na frente dos inimigos, que já ſe batiaõ com D. Alvaro, e D. Franciſco. O ſeu número monſtruoſo coberto pelos Generaes Rumecaõ, Juſarcaõ, Mojatecaõ fez bem de preſſa perder terreno aos mais avançados, ſem lhes valer o extremo de valor heróico, que obravaõ infelizmente aquelles dous Fidalgos, Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Jorge, e D. Duarte de Menezes, D. Franciſco, e D. Pedro de Almeida, com outros Fidalgos, e Officiaes bem dignos dos noſſos Faſtos, ſe eſtiveſſem Era vulg.

Era vulg. entretidos em huma acçaõ regulada com juizo.

Quando o terror ſe tinha apoderado de quaſi todos os corações, D. Joaõ Maſcarenhas fazia quanto ſe podia eſperar de hum dos maiores homens. Baſtava eſte dia para elle encher com os ſeus ſimulacros o Templo da Honra. Elle peleija, ſoccorre, anima: elle ordena a ſua gente o melhor que póde, leva-a ao fogo, e a retrocede: elle acode aos mais apertados, ajuda-os, e os ſalva: elle mette em uſo quantas indúſtrias inventou a arte para ao menos fazer huma airoza retirada. D. Franciſco de Menezes rodeado de cadaveres, a que com as ſuas mãos arrancára as almas, de huma balla pelos peitos cahio em terra morto: nós perdemos nelle hum Heróe. D. Alvaro de Caſtro, que peleijava com conſtancia, e gentileza, huma pedra na cabeça o derruba: Jorge de Mendoça, e ſeu irmaõ Luís de Mello o ſalváraõ além do muro. O ſegundo deſtes Fidalgos recebeo entaõ hum tiro de eſpingarda, de que pouco depois foi morrer a Chaul: falta laſtimo-

mofa de hum coraçaõ fuperior ao medo. Era vulg.

Noticias taõ infauftas acompanhadas da voz, de que no campo tudo eftava perdido, e que acudiffe á Fortaleza, antes que os Guzarates a levaffem; ellas foraõ trazidas a D. Joaõ Mafcarenhas, que ainda fe fuftentava como hum Baluarte na face do inimigo. Elle as ouve com paciencia, e corre a falvar as reliquias derramadas pelo campo. A dôr fe lhe dóbra, quando vê cahir entre os mórtos a D. Francifco de Almeida, a Lopo de Soufa, a Ruy Freire, a Francifco Guilherme, mal ferido a Nuno Pereira, que foi acabar no caminho de Goa, fem lhes poderem valer os prodigios de corage inimitavel, que obravaõ Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Duarte, e D. Jorge de Menezes, que encarniçado na refrega naõ fentia dezafete feridas, fó fenfivel á honra, da dôr naõ lembrado. Eftes Fidalgos com as cóftas no muro fuftentavaõ o pezo dos inimigos para darem lugar aos camaradas a faltallo.

Com

Era vulg. Com eſpectaculo ſemelhante ſe encontrou D. Joaõ Maſcarenhas, que chamando os impulſos da alma para a lingua, gritava aos deſmandados: Que eſquecimento he eſte da reputaçaõ Portugueza? Qual dos noſſos paſſados na India fugio com affronta pelo temor da mórte? Retirai-vos, ſim; mas ſeja com honra: ſe o haveis fazer ſem ella, morrei todos, e eu ſeja o primeiro. Dizendo iſto, com a eſpada na maõ ſe botou aos inimigos como o Leaõ feróz no meio do apriſco, aonde ha de aterrar para ſobprender. Homem viſtoſo appareceo D. Joaõ ainda aos olhos do medo: rodeado de Barbaros, o pó pegado ao ſuor do roſto, as armas em partes rotas, cobertas de ſangue, a eſpada já ſem fios dando golpes mais verdadeiros, e mais féros, que os da clava na maõ de Hercules, em fim, á ſombra do ſeu valor retirando-ſe os Portuguezes com outra ordem.

Porque o aviſaõ que Rumecaõ para ganhar duas victorias no meſmo dia, mandára a Mojatecaõ com cinco mil homens inveſtir a Fortaleza, que eſtava

va em grande perigo; D. Joaõ Mascarenhas, sem alterar a marcha no ultimo lugar da reta-guarda, em hum contínuo volta caras, vai pela parte da praia a metter a gente na Fortaleza, levando setenta mal feridos, e deixando no campo trinta mórtos: perda diminuta em tanto destroço, mais lastimosa na qualidade, que no número; mais sensível outra vez pelo perigo imaginado de D. Alvaro, que ainda estava sem falla no lugar, em que seu irmaõ ficou sem vida. Mojatecaõ, que andava ás mãos no Baluarte S. Thomé com o Capitaõ Luís de Sousa, este bastou sem mais soccorros para o metter em derrota com perda de mórtos, e feridos. Era vulg.

Rumecaõ soberbo com a victoria, além das festas, que celebrou, das novas honras, que recebeo de Sultaõ Mamud; elle entrou a mostrar hum alto desprezo da vinda do Governador da India, que dizia esperar para lhe arrancar da maõ as bandeiras, com que havia varrer as Mesquitas do seu Mafamede; a mandar continuar com dobrado vigor o sitio, logrando a vantagem de

le-

Era vulg levar o canhaõ do Baluarte S. Thomé ; a fabricar com grande despeza huma ponte de barcas sobre o rio, que passava da Alfandega á Villa dos Rumes ; a desenhar o plano de huma nova Cidade no lugar, aonde tinha abarracado o Exercito, á qual regulou os quarteis, talhou as ruas, marcou as praças, e fez abrir os fundamentos de hum Palacio para a sua pessoa : tudo idéas da vaidade para persuadir aos Portuguezes, que elle os despresava ; que já estimava a Ilha de Dio como propria ; e que a destinava para lugar da sua assistencia effectiva, que seria respeitavel por bem defendida depois de entrar na posse da Fortaleza, como esperava.

A voz espalhada pelos inimigos, de que elles a tinhaõ ganhado, chegou aos Reinos de Balagate, passou a Goa, e ferio os ouvidos de D. Joaõ de Castro, que soffria, e dissimulava a dôr. Sim passára o Inverno ; os mares estavaõ tractaveis, e quando elle suspirava por novas de Dio, chegáraõ á barra de Goa seis náos do Reino, de que era Commandante Lourenço Pires de Tavora ;

que

que trazia ás ſuas ordens os Capitães Era vulg.
D. Joaõ Lobo, Joaõ Rodrigues Peçanha, Fernando Alvares da Cunha, Alvaro Barradas, e o memoravel D. Manoel de Lima outra vez mandado á India com o deſpacho de Ormuz, por inſtancias do Conde da Caſtanheira, para evitar o deſafio, que elle eſperava ter diſſimulado com ſeu primo Martim Affonſo de Souſa, quando chegaſſe da India a Lisboa.

A eſte goſto ſe ajuntou o da vinda da náo, que levára D. Alvaro de Caſtro a Dio, e nella vinhaõ tambem as cartas de D. Joaõ Maſcarenhas, que davaõ miuda conta de todos os ſucceſſos do ſitio com a da mórte de D. Fernando de Caſtro. Seu Pai ſopportou eſte golpe como Heróe Chriſtaõ; em público imperturbavel, ſó attento aos negocios do Eſtado; em particular deixando á natureza fazer os ſeus officios, todo ſenſivel á ſaudade.

No meſmo dia chegou a Goa o cadaver de Nuno Pereira, que morrêra no mar das feridas recebidas no infeliz choque de Dio. Concluidas as honras ſe-

Era vulg. ſepulchraes de Fidalgo taõ benemerito, D. Joaõ de Caſtro mandou fazer huma Prociſſaõ ſolemne de acçaõ de graças, a que aſſiſtio veſtido de eſcarlate para moſtrar ao Povo, que a conſervaçaõ de Dio lhe era mais eſtimavel, que ſenſivel a perda do filho. Immediatamente fez partir a Vaſco da Cunha com ordem de ajuntar por aquellas cóſtas os navios deſgarrados da Armada de ſeu filho D. Alvaro, e os conduzir á Fortaleza. Na ſua reta-guarda expedio a Luiz de Almeida com ſeis caravellas carregadas de munições, e mantimentos: reforços importantes, que pozéraõ a Praça em eſtado de naõ temer as tentativas arrogantes de Rumecaõ ſoberbo.

D. Alvaro de Caſtro com tantas embarcações no porto, uſando dos poderes, que tinha na Armada, mandou ao meſmo Luiz de Almeida, que com os Capitães Payo Rodrigues de Araujo, e Pedro Affonſo foſſe á barra de Surrate tomar as náos de Meca, que ſe eſperavaõ. Cumprio elle as ordens com fortuna, e nas prezas, que fez, captivou

vou hum Genisaro, parente de Rume- Era vulg.
caõ, que o Almeida estimou como hum thesouro. A sua entrada em Dio teve alguma cousa de horrorosa para os inimigos pelo espectaculo, que elle lhes apresentou de muitos cadaveres dos seus nacionaes pendurados nas antenas dos navios. Rumecaõ offereceo grossas sommas pelo resgate do Genisaro, seu parente; mas D. Alvaro de Castro recusando-as com altivez, lhe mandou de graça a sua cabeça em hum prato. O Barbaro estimulado da injúria, e da deshumanidade, desaffogou a cólera em minar vários Baluartes até o dia primeiro de Novembro, em que os successos o desenganárao; em que já queria ceder á porfia; em que atonito das nossas providencias, o juizo lhe faltava; e em que o temor da vinda de D. Joaõ de Castro, por mal disfarçado, naõ podia estar encoberto.

Este Chéfe supremo, sempre vigilante nos soccorros de Dio, já a 15 de Outubro tinha prompta a Armada de Goa, e ajuntando nella os soccorros de Cochim, e Cananor, a 17 se fez á vé-

la,

Era vulg. la, encarregando o Governo ao Bispo D. Joaõ de Albuquerque, e a D. Diogo de Almeida Freire, Governador de Goa. A Armada era composta de doze náos de alto bórdo, e de outras oitenta embarcações de differentes lotes, em que embarcáraõ quatro mil homens com toda a Nobreza, entre ella Garcia de Sá, Jorge Cabral, D. Manoel da Silveira, Manoel de Sousa de Sepulveda, Jorge de Sousa, Joaõ Falcaõ, D. Joaõ Manoel, Luís Alvares de Sousa, D. Antonio de Noronha, D. Diogo de Soto-Maior, D. Manoel Deça, outros muitos Fidalgos, e Officiaes carregados de serviços, huns montes de valor, especialmente o famoso D. Manoel de Lima, que nós vamos a vêr antes de chegar a Dio hum raio devorante por toda a cósta de Cambaya.

CAPITULO IV.

O Governador D. João de Castro despede de Baçaim a D. Manoel de Lima para infestar a cósta de Cambaya: elle chega a Dio, e resolve dar batalha campal ao Exercito de Sultaõ Mamud.

CHEGADO o Governador da India á Cidade de Baçaim, aonde tinha de esperar alguns navios, que vinhaõ de differentes pórtos para lhe engrossarem a Armada; elle destacou com seis a D. Manoel de Lima para aprezar na Enseada de Cambaya as embarcações, que transportavaõ viveres ao Exercito de Dio. Este Fidalgo, por lhe embaraçarem bater-se em Portugal com Martim Affonso de Sousa em desaggravo da injúria, que lhe fizéra na India; morria de ambiçaõ por se assignalar em feitos de tanto estrondo, que caracterisassem a sua corage superior á do seu Rival. Por outra parte picado do cerco de Dio, abrazado em odio contra os Gu- Era vulg.

za-

Era vulg. zarates, determinou executar de ſórte as ordens, que eſquecida a humanidade, naõ deixaſſe vêr ſenaõ effeitos do rancor. Elle foi correndo a cóſta de Damaõ até Gandar, aonde tomou trinta cotías com bom número de inimigos. Deſtes reſervou ſeſſenta: aos mais mandou fazer em quartos, que lançou com a enchente da maré nas embocaduras dos rios para irem moſtrar ás povoações o horroroſo eſpectaculo, naõ da guerra, mas da vingança.

Depois deſta expediçaõ, que foi hum pequeno enſaio das repreſentações, que ſe haviaõ ſeguir, D. Manoel de Lima entrou pela barra de Baçaim com os ſeſſenta Guzarates tremolando nos maſtos dos ſeus navios como flamulas, e galhardetes, eſpantoſos á viſta, ao furor gratos. O Governador ſatisfeito da empreza o tornou a mandar com trinta vélas, em que embarcáraõ todos os Fidalgos vindos do Reino, para que foſſe executar nas terras de Cambaya o meſmo, que acabava de fazer nos ſeus mares. Entrou D. Manoel pela barra de Surrate, e com confiança, como ſua, foi

foi pelo rio a cima, até dar na povoaçaõ chamada dos Abexins, que fiada na ſua grandeza, e nas trópas numeroſas, que a guarneciaõ, fez huma biſarra defenſa. Ella eſtimulou mais o furor para a povoaçaõ ſer entrada, eſpada em maõ, toda mettida a fogo, e ſangue, ſem ſe perdoar a ſexo, ou idade para derramar o terror em toda a cóſta. Ardêraõ edificios brilhantes, formoſos navios, innumeraveis provimentos, riquezas immenſas: incendio, que a mulher, e filhos de Rumecaõ eſtiveraõ vendo da ſua Fortaleza de Surrate: cólera, que ſó deixou vivo a hum Guſarate com as mãos cortadas para neſta figura triſte ir levar aos ſeus paiſanos as novas do ſucceſſo. Era vulg.

Ao longo da cóſta appareceo a infeliz Cidade de Anſote, a que D. Manoel de Lima mandou pôr as prôas. A reſiſtencia, que os noſſos encontrárаõ em terra, excedeo á da Villa dos Abexins; mas o ſucceſſo foi o meſmo. Rios de ſangue corriaõ pelas ruas, naõ ſem laſtima da meſma cólera o de muitas damas eſpecioſas, que atrahindo com a bel-

Era vulg. belleza as ternuras, nos combates de affectos encontrados, naõ tirou a inclinaçaõ o lugar á ira. Todas morrêraõ, e os homens todos acabáraõ; tudo consumio o fogo, e em tantas deshumanidades pareciaõ mais que féras os Portuguezes, e humas impiedades as licenças da guerra. O mesmo destino experimentáraõ outros muitos lugares daquella cósta, que leváraõ os éccos dos seus gemidos á Corte de Amadabá, para animar em toda a India o que ella levantou bem alto, para imprimir em D. Manoel de Lima a nota de barbaro, nos Portuguezes a mancha de cruéis. Elle se foi incorporar com D. Joaõ de Castro na Ilha dos Mórtos, ou de Beth, donde se fizéraõ á véla a seis de Novembro, e no mesmo dia avistáraõ as postradas ruinas da Cidade de Dio.

Os Portuguezes havia tantos mezes engolfados no centro dos trabalhos, em fim avistáraõ a grande Armada da India, que cobria os mares, vistosa, e guerreira, formidavel, e brilhante: huma vista, que fez levantar a cabeça aos consternados, porque lhes chegava a re-

redempçaõ. Coroáraõ-ſe de bandeiras os entulhos dos Baluartes arrazados; reſpondeo huma reſpeitavel ſalva á horroroſa, que acabava de dar a Armada; ſubíraõ aos muros veſtidos de feſta os homens, e mulheres, que tantos tempos lutavaõ com as agonias da mórte; adiantou-ſe Lourenço Pires de Tavora a ir vêr no mar o Governador; ſeguio-o D. Joaõ Maſcarenhas, que lhe hia dar conta de tantos dias formoſos, e offerecer-ſe para o ultimo, que eſperava mais que todos luminoſo. D. Joaõ de Caſtro, que unia ao valor a agilidade de Ceſar, no meſmo inſtante mandou vir a bórdo Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Souſa de Sepulveda, outros Fidalgos, e Officiaes velhos de capacidade, e experiencias. Era vulg.

Tendo-os a todos preſentes, e feito a D. Joaõ Maſcarenhas os obſequios, e elogios, que merecia por huma defenſa taõ bella; o Governador lhes pedio o ſeu parecer ſobre o que devia fazer a reſpeito dos inimigos, que nos movimentos obrados depois da ſua chegada, no fogo extraordinario com que

Era vulg. batiaõ a Fortaleza, ou queriaõ teſtemunhar o prazer de terem huma nova materia para o ſeu triunfo, ou determinavaõ cobrir o medo de baixo das apparencias de confiança: Que lhe parecia injurioſo vir o Governador da India em peſſoa com as forças do Eſtado fazer a Rumecaõ a guerra defenſiva: Que por outra parte conſiderava, que expunha as meſmas forças ás contingencias de huma batalha com tanta deſproporçaõ: dúvidas ponderoſas, ſobre que devia decidir o Conſelho, e deliberar ſe ſe havia, ou naõ ir direito aos inimigos, e forçallos nos ſeus meſmos intrincheiramentos. Largo tempo foi a materia diſputada; mas ſeguio-ſe a affirmativa, depois que a energia, e authoridade de Garcia de Sá fez inclinar a balança a eſte partido, ao qual o Governador eſtava já reſoluto.

Na meſma noite ſe concertou o projecto, e como melhor ſe abraçou o que D. Joaõ Maſcarenhas tinha concebido. Ficou aſſentado, que nas tres noites ſucceſſivas a gente deſembarcaſſe ſem ſer ſentida, e por eſcadas de corda ſobiſſe

á

á Fortaleza: que a Armada ficasse naquelle lugar até ao dia destinado para a batalha, em que entraria no porto ao signal de tres foguetes, que se deitariaõ da Fortaleza: que ella representaria trazer a bórdo todo o Exercito, mostrando aos Barbaros muitos murrões accesos, mettendo pelas perchas das fustas muitas lanças para os enganar: que viria fingindo o desembarque pela parte da Alfandega, aonde forçosamente acudiria o grosso dos inimigos: que entaõ sahiria o Governador da Fortaleza com todo o Exercito a escalar o muro, forçar as trincheiras, e dar a batalha a Rumecaõ em campo aberto. Com felicidade se executou a primeira parte do projecto nas tres noites seguintes. Em todas ellas, para melhor cobrir o designio, os Capitães Luís de Almeida, Antonio Leme, Francisco Fernandes Moricale em tres fustas, e o Commandante do Baluarte do mar estiveraõ a servir o campo contrario com hum fogo sem intervallos, que o metteo em confusaõ. Era vulg.

Entre tanto Rumecaõ naõ andava

Era vulg. menos viligante. Elle guarneceo com 15$\oint$000 homens, em que entravaõ os Rumes, Turcos, e Eſtrangeiros renegados, o muro de pedra, que fora feito no principio do ſitio para cobrir o Exercito; pondo ſobre elle innumeraveis artificios de fogo, e outros inſtrumentos de defenſa para ſerem arrojados ſobre os Portuguezes, ſe intentaſſem eſcallalo para lhe darem batalha. Lembrado de que o poderiaõ atacar pela parte do Baluarte arrazado de Diogo Lopes de Siqueira, que ficava para a do mar, aonde acabava o muro, o mandou renovar, plantar artilharia, e guarnecer com 700 homens eſcolhidos. O meſmo fez nas cabeças da ponte, que atraveſſava o rio, aonde poſtou 700 ſoldados. Deſtribuio a ordem do reſto do Exercito, que era o groſſo delle, numeroſo de mais de 40$\oint$000 homens, agora reforçado pelos Generaes Accedecaõ, e Alucaõ com mais 5$\oint$000 de refreſco, para eſperar os Portuguezes a pé firme além do muro nas linhas, e trincheiras, que na ſua fantaſia lhe ſeguravaõ a victoria.

O

O Goverdador D. Joaõ de Caſtro, logo que teve a gente recolhida na Fortaleza, diſpoz da ſua parte a ordem da batalha. Para cobrir a vã-guarda, que ſe havia compôr de 500 Portuguezes, 600 Canarins com o ſeu Capitaõ Vaſco Fernandes, e 500 Nayres do Rei de Cochim, foi nomeado o grande D. Joaõ Maſcarenhas, que merecia eſte lugar do maior perigo no ultimo dia da guerra em premio dos muitos, que em todo o diſcurſo della deixava derrotados. Para ſeus camaradas, que foraõ inſeparaveis, ſe lhe offereceraõ Antonio Moniz Barreto, Garcia Rodrigues de Tavora, D. Joaõ Manoel, Joaõ Falcaõ, D. Manoel da Silveira, Antonio da Cunha, Franciſco de Azevedo Coutinho, Jorge de Souſa, e outros Fidalgos, que elle tinha gerado no ſitio filhos da ſua diſciplina. D. Alvaro de Caſtro havia mandar a ſegunda columna de 500 homens, em que entravaõ todos os Fidalgos, e Officiaes da ſua Armada. D. Manoel de Lima tinha de cobrir a terceira de igual número de gente, e com ella a Nobreza, que o acompanhou Era vulg.

nas

Era vulg. nas expedições referidas da enseada de Cambaya. O Governador se reservou o corpo da batalha composto de mil Portuguezes, alguns Canarins, e Malabares: toda a trópa hum Exercito de quatro mil homens resolutos a atacar sessenta mil dentro das suas trincheiras. Os Fidalgos velhos nos annos, corifeos robustos, e intrépidos na corage, se haviaõ pôr aos lados do Governador, para o Conselho com cabeça de Nestores, para o combate com mãos de Achilles.

Amanheceo o fausto dia onze de Novembro, ultimo do prolongado sitio de cinco mezes, e dous dias. Nelle appareceo o grande D. Joaõ de Castro no terreiro da Fortaleza, representando o cargo na pessoa. A magnificencia della, e a alegria do semblante foraõ para a sua gente os primeiros presagios da victoria. A sua primeira acçaõ foi mandar levantar nelle hum Altar, em que Fr. Antonio do Casal, Custodio dos Franciscanos, celebrou o sacrificio tremendo, e deo a Communhaõ aos soldados. Na sua presença prepa-

parou Deos a meza em Dio contra Era vulg. aquelles, que tanto os haviaõ attribulado. A piedade do Governador, e dos Fidalgos fez edificante eſte acto religioſo. Depois delle, dizem, que mandára tirar as pórtas da Fortaleza, raxallas, e guizar com ellas hum almoço para os ſoldados. Muito faria elle em as mandar arrancar dos couces para com eſta apparencia de falta de refugio lhes dar a entender, que os levava ao campo, ou a vencer, ou a morrer. Dados eſtes confortos aos córpos, e aos eſpiritos, o Governador poſto em parte, aonde todos o podeſſem ouvir, lhes fallou neſte ſentido:

Nós vamos a emprehender a acçaõ mais glorioſa de quantas ſe tem obrado na India, depois que nella entrou D. Vaſco da Gama até agora. Eu naõ neceſſitava fazer-vos outra lembrança para eſtimular o voſſo valor. Sei que ſois Portuguezes; que amais a honra ſublime; que eſtais mettidos na occaſiaõ de ganhar eſta gloria ſingular: que mais tenho, que dizer-vos? Que ha mais, que poſſa lembrar-vos? Ah! bravos Portu-

Era vulg. tuguezes! Digo-vos, lembro-vos o crédito da Patria, a reputaçaõ do Rei, o respeito da Religiaõ, a gloria de Deos: Basta. Estou certo, que obrareis segundo estes exemplares, que se vos mostraõ no Monte Santo da vossa herança, donde vos vem os soccorros para poderdes tudo no auxilio daquelle, que vos conforta. Callou o Governador, e o Custodio dos Franciscanos arvorou em huma lança o Madeiro, aonde reinou Deos, e nelle cravado o Transumpto Sagrado de Jesus Christo. A esta vista todo o Exercito se baqueou peitos em terra para adorar o Redemptor; e fallando as vozes da lingua, e o pezo das lágrimas, todo elle clamou: Batalha.

Sem embargo que a Fortaleza ficou com as pórtas arrancadas, o Governador deixou nella a Antonio Freire com 300 homens, que a guardassem. Promettidos premios aos primeiros, que montassem o muro, destribuidas as ordens para se naõ dar quartel a alma viva; como já raiava a Aurora, se fez da Fortaleza o signal á Armada. Nicoláo Gonçalves, que tinha a seu cargo

a

a manobra do falſo deſembarque, fez levantar as ancoras a ſeſſenta navios de remo, e mettellos em movimento com grande eſtrondo dos inſtrumentos de guerra, da vozeria da marinhagem, com aparelho grande de lanças levantadas, de mechas accezas, e huma voga de rapidez temperada por huma lentidaõ fingida. Aſſim entrou pelo rio eſta Fróta, levando diante a galeota do Governador com a Bandeira Real para repreſentar, que nella hia a ſua peſſoa: apparencia taõ bem manobrada, que acabou de convencer os inimigos, de que elles hiaõ a ſer atacados pela ponte da Alfandega, aonde ſe empenháraõ a poſtar as melhores trópas, que alli corrêraõ de muitas partes, todas firmes no erro, até que a acçaõ lhes deſcobrio o engano. Era vulg.

Rumecaõ, que tambem cahíra nelle, deixando o campo entregue a Juſarcaõ para o defender á gente da Fortaleza, ſe ſahiſſe a atacallo para fazer huma diverſaõ, marchou com o groſſo do poder ſobre a ponte, acompanhado dos Generaes Mojatecaõ, Alucaõ, e Accede-

Era vulg. decaõ para impedir o imaginado desembarque. A este tempo sahia da Fortaleza com a sua columna D. Joaõ Mascarenhas, que foi cingindo o fosso para atacar a extremidade do muro pelo lado do Baluarte de Diogo Lopes de Siqueira. Mas antes que entremos no detalhe da memoravel batalha de Dio, eu devo referir dous casos famosos, que lhe precedêraõ. Tres soldados da Villa do Torraõ, chegados do Reino, buscáraõ no campo a Antonio Moniz Barreto, que era natural da mesma Villa, para lhe darem huma carta de sua Mãi, em que lhe mandava os favorecesse na India. Elle levava na sua frente huma escada para montar o muro, quando o encontráraõ. Déraõ-lhe a carta, e lhes prometteo o seu favor, se da batalha sahisse com vida.

Hum dos tres alentados homens, fallando por todos, lhe disse: Que do seu favor só naquelle dia elles o necessitavaõ; que lhes fizesse o de fiar ao seu valor a escada, que iriaõ arvorar aonde os mandasse, e a defenderiaõ com a vida; que deste mesmo dia em diante

os

os ſeus merecimentos lhes fariaõ paſſagem. Antonio Moniz admirado de penſamentos taõ altos em gente taõ humilde, lhes differio como requeriaõ, reſpondendo: Que fiava delles a honra, e a eſcada. Illuſtremente deſgraçado foi o poder deſtes homens, que acabando de a levantar brioſos, hum tiro cégo lhes levou as cabeças. Era vulg.

O ſegundo caſo ſuccedeo a D. Joaõ Manoel, e a Joaõ Falcaõ, dous Fidalgos malavindos, que naõ podendo bater-ſe em duélo pela preſſa, com que embarcáraõ em Goa, agora no campo, com preſumpçaõ vã, concertáraõ entre ſi mudar o objecto dos ſeus cartéis, diſputando-ſe a preferencia da gloria áquelle, que primeiro montaſſe o muro do inimigo. Os padrinhos de ambos lhes levavaõ na ſua frente as eſcadas, que encoſtáraõ ao muro. Subio D. Joaõ Manoel, e ferrando-o com a maõ direita, lha cortáraõ de hum golpe: acudio com a eſquerda, e ficou ſem ella: foi a firmar-ſe teimoſo nos cotos dos braços, e leváraõ-lhe a cabeça. Ao meſmo tempo montou a parede Joaõ

Era vulg. Falcaõ, que ſe ſuſtentou largo tempo em bravo homem; mas aberto em feridas, e roto a lançadas, rodou por ella morto. Ha quem diga deſtes dous Fidalgos, que nada ficou devendo á honra quem deo tudo por ella. Outros poderiaõ ſuſtentar, que de alguma era digna eſta acçaõ louca em tal conjunctura, ſem razaõ, nem virtude, que faltando nos actos de valor, os arrojos ſaõ temeridades, que da honra recebem os accidentes, nada da ſubſtancia.

CAPITULO V.

Eſcreve-ſe a glorioſa batalha de Dio, em que D. Joaõ de Caſtro venceo o Exercito de Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya.

EM quanto o groſſo dos inimigos enganados eſperava impedir o deſembarque no campo da ponte, como fica dito, D. Joaõ Maſcarenhas, que marchava com a vã-guarda, e tinha preſenciado os dous caſos referidos, que enſanguentáraõ a batalha; elle fez continuar

o

o avance do muro, que lhe precedeo, e que fórma a primeira parte da ſua narraçaõ. Intrépidos os eſpiritos pela glória da preferencia, que naõ foi facil arbitrar-ſe, muitos de tropel montáraõ a eſcalada pelo grande número de eſcadas, de que o muro eſtava bordado. Naõ obſtante a confuſaõ, ſe ſe naõ ſoube affirmar quem fora o primeiro em ſubir, diſſe-ſe, que dos primeiros haviaõ ſido Miguel Rodrigues Coutinho, chamado Fios ſeccos, Coſme de Payva, Antonio Moniz Barreto, Vaſco Fernandes, Tanadar Mór de Goa, que inclinando-ſe para acabar de matar hum Mouro, outro o abrio pelas cóſtas, ficando na mórte unidos os córpos, que o odio ſeparára vivos. Coſme de Payva depois de lhe jarretarem huma perna, com o outro joelho em terra vendeo cára a vida a troco de muitas mórtes. Era vulg.

Poucos homens ſobre o muro ſuſtentáraõ o pezo dos Barbaros para darem aos ſeus camaradas lugar de o montarem, aſſim a gente de D. Joaõ Maſcarenhas, como a de D. Alvaro de Caſ-

tro,

Era vulg. tro, e a de D. Manoel de Lima, já occupados todos no mesmo empenho. O primeiro destes tres Chéfes, coroando com as façanhas deste dia a gloria adquirida nos passados, a troco da vida de dez homens, em que entrou Francisco de Azevedo depois de obrar maravilhas; elle atropellou a resistencia do muro, e do Baluarte de Diogo Lopes, passou ao campo, formou o seu Esquadraõ em batalha, apresentou-a aos inimigos, que a acceitáraõ valerosos; disputou-a largo tempo, e declarada pela sua parte a victoria, marchando por cima dos mórtos, foi levando os Barbaros cortados do temor, e do ferro, até os metter na Cidade.

D. Alvaro de Castro, e D. Manoel de Lima, feitos em hum corpo, tivéraõ o mesmo successo em partes differentes. Já vencido o muro, estes gentís Fidalgos, como innundaçaõ rápida na terra cortada, cahem sobre hum corpo de seis mil Rumes, Turcos, e Renegados, que Jusarcaõ tinha postado entre o mesmo muro, e o Exercito. Aqui foi vistosa a contenda, empenhado

do o valor, e a emulaçaõ em longa disputa sem se declarar a vantagem. A este tempo chegou o Governador com o corpo da batalha, que achando o passo franco, subio sem embaraço, seguindo a Bandeira Real; elle rodeado de Lourenço Pires de Tavora, de Garcia de Sá, de Jorge Cabral, de Manoel de Sousa de Sepulveda, da Nobreza antiga da India, para quem naõ eraõ estranhas as fadigas gloriosas da guerra. Já formado em campo o grande D. Joaõ de Castro, fez aviso a seu filho D. Alvaro, e a D. Manoel de Lima, ainda empenhados com Jusarcaõ, para se ajuntarem com elle, e principiarem unidos a batalha. Era vulg.

Ella se deixou logo vêr hum theatro de horrores; o risco igual; a cólera indistincta; o fogo formidavel; os golpes espantosos; os inimigos com maior damno; mas elles por duas vezes deitáraõ a terra a Duarte Barbudo, que levava a Bandeira Real; fizéraõ parar o Governador na frente de outro muro, que todos affirmáraõ ser elle o primeiro, que o ferrára, sem ter contra si mais

vo-

Era vulg. voto, que a si mesmo, que ingenuamente confessou, como na sua vã-guarda o montára o seu isseparavel companheiro Lourenço Pires de Tavora. Vencido este passo com grande perigo, o Governador para ganhar as trincheiras se avançou ao da ponte da Villla dos Rumes, aonde se assegura, que chegando os inimigos muitas vezes a mecha a canhões carregados de metralha, que fariaõ em pedaços aos nossos Esquadrões, nenhum delles tomára fogo. Este prodigio, que devia assombrar os Barbaros, elle os metteo em cólera para fazerem huma resistencia, mais que do valor, da desesperaçaõ.

Aqui perdêraõ os Portuguezes algum terreno; séntíraõ-se affrontados: o que sendo visto por D. Joaõ de Castro, pegando da espada, embraçando huma adaga, de que logo pendêraõ duas flechas, que lhe craváraõ, com impeto mais que humano se pôz na testa de todos, clamando: Aqui tendes, bravos Cavalleiros, o vosso Governador arrostando os maiores perigos: segui-me valentes: Victoria, que os inimi-

migos dobraõ. Como se esta voz fora de trovaõ; cada Fidalgo, que buscava o seu Chéfe, hum raio; os soldados huns tigres, emulo o valor de si mesmo, como naõ soffrendo igualdade na differença; elles fazem huma maõ baixa com tal fúria, que se vio como vaticinio cumprido a voz, que em D. Joaõ de Castro naõ foi mais, que hum grito de corage. Dobraõ os inimigos, e os Portuguezes, até chegar ás trincheiras, levaõ a victoria. Elles as montaõ com valor intrépido, repetindo muitas vezes esta palavra doce, que anima na guerra. Era vulg.

Entaõ rebentáraõ do campo muitos Esquadrões, que á imagem do triunfo principiavaõ a desfigurar as côres. Rumecaõ avisado, de que os Portuguezes depois de vencido o muro, tinhaõ ganhado as trincheiras, vinha com o grosso do Exercito em marcha forçada do lugar do fingido desembarque a pôr-nos outro tropeço á primeira face invencivel. Entaõ foi cruel o combate, tudo furor, ira, destroços da mórte, reliquias despedaçadas da humanidade; os

Era vulg. Portuguezes empenhados em ſuſtentar as trincheiras, os Barbaros em reſtitui-las. Acções ſe obrárão eſpantoſas neſte lance, em que o grande D. João de Caſtro reanimando o ſeu mundo com o géſto, com a voz, com as façanhas, levou Rumecaõ atropelado ao campo, ficou ſenhor das trincheiras, outra vez clamou victoria.

Aquelle Chéfe vendo que a ſórte do dia toda eſtava dependente de huma batalha em campanha raza; elle marcha a unir-ſe com Juzarcaõ, que derrotado por D. Joaõ Maſcarenhas, tambem buſcava o campo com as trópas do ſeu partido. D. Joaõ tinha ſeguido eſte General na ſua retirada das trincheiras até a Cidade, aonde entrou de envolta com elle, atropelando montes de cadaveres inimigos, que degolava a ſua eſpada invencivel. Daqui deſpedio hum Ajudante a aviſar D Joaõ de Caſtro, como elle ficava poſtado no meio da Praça da Cidade de Dio, já vencidos por aquella parte os Barbaros. Elle recebeo eſta noticia com alvoroço, quando fazia retroceder a Rumecaõ, e ordenou a D

Joaõ

Joaõ Mafcarenhas fe fuftentaffe no lugar, em que eftava, até que elle fe lhe uniffe. Rumecaõ fuperior á fua fortuna contraria, naõ fó pela noticia, de que D. Joaõ Mafcarenhas fobre Juzarcaõ fe tinha nefte dia excedido a fi mefmo; mas para evitar o desbarato de Mojetacaõ, e de Alucaõ, que já naõ podiaõ fuftentar-fe na face de D. Alvaro de Caftro, e de D. Manoel de Lima; elle marcha para mais longe; reune todos os feus Generaes; chama as trópas difperfas por tantos lugares; fórma-as em hemicyclo, de forte que as fuas alas occupavaõ hum grande terreno para tomarem os Portuguezes no meio, e com efta figura marcha intrépido a fuftentar braço a braço geral a batalha, que logo fe moftrou horrorofa. Era vulg.

O Governador á vifta da refoluçaõ dos inimigos, dá nova fórma ao Exercito. Encarrega a vã-guarda a feu filho D. Alvaro; e para lhes moftrar, que naõ os temia, move-fe das trincheiras a arroftallos no campo, fe com inferioridade no número, com fuperioridade de valor em igualdade de terreno. D.

Era vulg. Alvaro ſe lançou com impetuoſidade ſobre os Barbaros. Deo-lhes huma carga ſerrada de fuzilaria, que deitou muitos a terra. Entraõ os Portuguezes a ſervir-ſe das lanças, e das eſpadas. O eſtrondo dos golpes fazia retumbar os éccos nas cavidades do terreno; mas correndo a eſte lugar o groſſo de tantos mil inimigos, D. Alvaro eſteve nos termos de perder-ſe, naõ lhe valendo a gentileza, e conſtancia, com que peleijava para poder ſer ſoccorrido. Na meſma figura ſe conſiderava o ſeu fiel camarada D. Manoel de Lima: ponto critico, em que a Providencia trouxe ao centro das trópas deſordenadas o Cuſtodio dos Franciſcanos com o Santo Crucifixo rodeado dos ſeus pios, e impávidos Religioſos, como ſoldados do Senhor dos Exercitos.

Ás vozes deſte grande Varaõ acudíraõ todos a levantar os olhos ao monte, donde lhes havia vir o ſeu auxilio; e mudados de repente em outros homens, os dous Fidalgos na téſta das trópas reanimadas entraõ a fazer tal carnage nos inimigos, que os arrancáraõ do cam-

po,

po, começando-ſe a declarar a victoria. Era vulg.
Quando ambos os perſeguiaõ com mais de ardor, que de ordem, Rumecaõ cahe ſobre elles com hum corpo de reſerva, e toma huma tal ſuperioridade, que a meſma victoria já parecia favorecer a ſua corage. Em taõ grande aperto de nada ſervio a vinda de D. Joaõ de Caſtro com os Fidalgos da ſua companhia, que obravaõ proezas ſuperiores á imaginaçaõ. Os Portuguezes viaõ tudo perdido por todas as partes. Já naõ os combatiaõ ſó os ſoldados. Toda a chuſma da peonagem, dos criados, dos vivandeiros, dos eſcravos lhes faziaõ crua guerra com páos, pedras, e infinitos tiros de arremeço. Entaõ ſuccedeo acertar huma das pedras perdidas no braço do Santo Chriſto, que lhe ficou pendente, como ſe neſta acçaõ quizeſſe moſtrar-ſe aos filhos inclinado, aos Infiéis cahido.

Deſte ſucceſſo ſe ſervio o Cuſtodio dos Franciſcanos para aquecer as corages pelas ſuas exortações patheticas. Ah! religioſos Portuguezes, Cavalleiros de Jeſus Chriſto, lhes diz elle, aqui ten-

Era vulg. des na vossa face outra vez affrontado, novamente ferido o vosso Deos ás mãos dos impios. Como reina elle entre vós neste madeiro, se vós o deixais despedaçar no seu mesmo throno? Ah! Portuguezes, vinguemos a Deos aggravado; derramemos por elle o nosso sangue; porque elle por nós primeiro derramou o seu: vamos todos a vencer, ou a morrer: segui-me, filhos: mostremos a estes Bárbaros, que com Deos naõ se zomba; que os Portuguezes naõ saõ capazes de consentir, que se zombe de Deos. Assim fallando, e movendo o Estandarte da Cruz, o piedoso Padre se lançou aos inimigos transportado daquelle zelo da Casa do Senhor, que come os espiritos, muitas vezes sem elles sentirem, que se deixaõ comer. Todos os soldados o seguem extacticos nos transportes marciaes, clamando a altas vozes *Misericordia*, *Valor*, dando com valor golpes sem misericordia.

Hum só impulso mais que humano em vingança do Deos dos Portuguezes, elles cortando cabeças para todos os lados, mettem os inimigos em desordem:

dem: no ſeu campo ſoa a retirada. Já desſarmados, e fugidos os Barbaros, buſcaõ o azilo da Cidade, até onde D. Alvaro, e D. Manoel os perſeguem; ionde D. Joaõ Maſcarenhas, ſempre victorioſo, acaba de decidir da ſua parte a ſórte de taõ formoſo dia. Eſtes tres Chéfes, fartos na Cidade de ſangue, e de carnage, marchaõ em hum corpo em demanda de D. Joaõ de Caſtro, que ſe ſuſtentava no campo ignorante de tantos vantajoſos ſucceſſos. Entaõ ſe poz na ſua preſença Sebaſtiaõ de Sá, que deſembarcava em Baçaim curado das feridas, que recebêra em Dio; e quando ſe congratulava com elle da victoria, teve de ſe ſervir das mãos para nova batalha. Taõ grande era o poder de Cambaya, que com as reliquias dos ſeus eſtragos intentou Rumecaõ fazer-nos huma nova guerra. Era vulg.

Quando os noſſos Capitães no campo ſe felicitavaõ com o Governador do triunfo; elle rebentou como mina com hum corpo de oito mil homens, acompanhado dos bravos Juzarcaõ, Mojatecaõ, Alucaõ, e Accedecaõ, que neſte

Era vulg. te dia nada ficáraõ devendo á honra. Para o novo Exercito ser tomado pela frente, e pelo flancos, D. Joaõ de Castro separou do seu corpo os de D. Joaõ Mascarenhas, de D. Alvaro de Castro, e de D. Manoel de Lima, que se arrojáraõ aos Barbaros com hum furor extremo picado da confiança. Gabriel Teixeira remetteo com o Alferes de Rumecaõ, e lhe arrancou das mãos a Bandeira, que logo arrastou pela terra. Este General sustentou o choque em homem desesperado. A Juzarcaõ ferido, e deitado a terra, por ser quem era se lhe concedeo a vida, e foi feito prisioneiro. Outros setecentos tiveraõ a mesma sórte, porque encontráraõ aos Portuguezes já cançados de matar. Mojatecaõ deveo a liberdade, e a vida á ligeireza de hum cavallo. Alucaõ, Acedecaõ, e outros Officiaes distinctos acabáraõ no leito da honra.

Rumecaõ vendo tudo perdido, com o intento de salvar a pessoa nos disfarces do cargo, vestindo a farda de hum simples soldado, se deitou entre os mórtos. Elle entrou logo no seu númer*o*, in-

indo huma pedra deſpedida por maõ oc- Era vulg.
culta eſmagar-lhe a cabeça. Jorge Nunes, que pelo tratar vivo, o conheceo cadaver, lha cortou, e com eſte deſpojo ao hombro, para o matiſar o ſeu ſangue, o foi pôr aos pés de D. Joaõ de Caſtro: ultimo revez da fortuna, que tanto abateo o cerebro, aonde a ſoberba concebeo altos os penſamentos da vaidade. Entregou-ſe a Cidade ao ſaque: a preza igualou a victoria. Ella nos cuſtou trinta e cinco mórtos, e 200 feridos. As deſpezas da Armada ficáraõ bem reſarcidas com a quantidade de artilharia das eſtancias, com os theſouros, cópa, e tapiçarias de Rumecaõ, que ſe acháraõ no Palacio do Rei. Com eſta victoria taõ completa ſe acabou o ſegundo ſitio de Dio, que fez em todo o Mundo muito maior eſtrondo, que o primeiro. A D. Joaõ Maſcarenhas ſe deveo tudo. Grande glória adquirio; mas o ſeu premio foi a glória.

CA-

CAPITULO VI.

Do que obrou o Governador D. João de Castro depois de vencida a famosa batalha de Dio, e outros successos deste anno.

Era vulg.

VENCIDA a batalha de Dio, que podemos chamar milagrosa, se houvermos de accreditar o depoimento dos mesmos inimigos, que affirmáraõ, como na duraçaõ della víraõ sobre as ruinas da Igreja huma Mulher brilhante, que com os seus raios luminosos os cegava: D. Joaõ de Castro, ainda que vencedor, olhando para o campo, aonde a gentileza da victoria estava misturada com a fealdade dos destroços na imagem horrorosa da mórte, derramada nelle por muitos modos, naõ pode escusar-se ás sensações da humanidade sobre os mesmos contrarios vencidos. Naõ sendo já inimigos os homens, que ficáraõ na Ilha; a maior parte fugidos; ao furor dos Portuguezes immolados mais de cinco mil; depois delle cho-

chorar nos mórtos a desgraça, nos vivos a miseria, mandou desfazer o muro da contenda, romper as pontes, que communicavaõ a Ilha com o continente, e voltou as attenções para a Fortaleza, que era hum monte confuso de ruinas: ellas a sua segunda lástima, que lhe cobriaõ o objecto da primeira; causas da perda de hum filho, se por digno de grandes esperanças, muito para chorado; pelo amor terno da paternidade, sempre para sentido. Era vugl.

Reparar esta importante Praça, e castigar Cambaya com a continuaçaõ da guerra foraõ empenhos, que D. Joaõ de Castro entendeo indispensaveis á sua reputaçaõ. Para os executar ao mesmo tempo, sobre hum ouvio o voto dos Engenheiros; para o outro despedio a D. Manoel de Lima com trinta navios, e ordem de metter a fogo, e sangue toda a cósta de Cambaya, sem tocar na Cidade de Goga, por lhe constar, que nella se haviaõ refugiado as trópas, que escapáraõ da batalha de Dio. Em quanto este Fidalgo se levava, os Engenheiros entendendo que gastaria mais tem-

Era vulg. tempo, e maior deſpeza reparar as ruinas da Praça, que fazer outra Cidadela de novo; elles apreſentáraõ ao Governador outro plano mais regular, e mais amplo, em que ſe entrou a trabalhar ſem perda de tempo. Mas porque a continuaçaõ deſtes dous projectos pertence ao anno ſeguinte de 1547, nós devemos concluir os acontecimentos reſpectivos ao preſente de 1546.

Em Portugal corria a aura benigna da paz ſem perturbaçaõ, para reſpirar bem ao largo o exceſſo do luxo, que alimpava todos os ſuores da Africa, Aſia, e America. Na ſegunda deſtas tres partes do mundo vimos nós o quanto foraõ illuſtres os de Franciſco Pereira Peſtana; em tudo bem ſemelhantes aos que derramou antes na primeira das meſmas partes da terra. Pela ſua grande qualidade unida a tantos ſerviços brilhantes mereceo elle em Lisboa, que o Infante D. Luiz o viſitaſſe na ſua perigoſa enfermidade. Fez eſte Principe huma recordaçaõ do muito, que ſempre fora acceito aos Reis ſeu Pai, e Irmaõ; e que como digno das mercês de ambos,

bos, lhe rogava, quizesse dizer-lhe a Era vulg. que elle agora pretendia para a pedir em seu nome. O generoso Fidalgo de coraçaõ grande, que só lho podia encher a gloria, que naõ era do mundo, respondeo ao Infante: Vossa Alteza peça a El-Rei, que me augmente esta febre para me acabar mais depressa. Quasi todos os Heróes Lusitanos daquellas épocas espiráraõ entoando como cisnes letras semelhantes. Fatalidade entaõ de Portugal, naõ conhecer o merecimento dos maiores homens, ou conhecendo-o naõ o recompensar.

O Imperador Carlos V. instava com El-Rei, seu cunhado, acceitasse da sua maõ a insignia da Ordem Militar do Toesaõ, que elle repugnava com o pretexto das difficuldades de satisfazer as obrigações da mesma Ordem. A verdadeira era escusar-se, de que o Imperador se persuadisse, que ella accrescentava alguma cousa de mais luminoso ao caracter da Sua Magestade. Porém rendido ás persuasões, ordenou a Lopo Furtado de Mendoça, Embaixador em Castella, dissesse da sua parte ao Impera-

ra-

Era vulg. rador, que eſtava prompto para receber a inſignia. Elle lha mandou logo a Almeirim por hum dos Heraldos da Ordem, e o Rei a recebeo na ſua Capella com pompa moderada. Annos depois deo elle os ſeus poderes ao Duque de Saboya, ſeu ſobrinho, para aſſiſtir em ſeu nome na Aſſembléa do Concilio, que Filippe II. celebrou em Anvers.

Nos negocios de Africa, ainda que menos conſideraveis, naõ deixavaõ de haver movimentos. Franciſco Botelho, Governador de Tangere, ſoube que os Alcaides Mulei Mafamede, e Hazem com engodos de cubiça intentavaõ ſobprendello em huma emboſcada, e cuidou de ſe prevenir. Pela indúſtria de tres Cavalleiros eſcolhidos pode elle trazer os Mouros a campo, batellos com partido deſigual, e pôllos em fugida com perda de mórtos, e feridos. Neſte choque ſe achâraõ trinta Fidalgos, que entaõ ſerviaõ em Tangere, e nas feridas, que recebêraõ nelle, moſtráraõ o valor com que ſe conduzíraõ. Os Portuguezes perdêraõ quatro homens,

mens, entre elles o Adail, em cujo lugar foi nomeado no meſmo campo Diogo Lopes da França, Fidalgo de excellentes qualidades, que depois governou a Cidade, como muitos dos ſeus deſcendentes, até que ella paſſou da noſſa Coroa para a de Inglaterra, dada em dote á Rainha da Graõ-Bretanha D. Catharina, filha d'El-Rei D. Joaõ IV.; e aquella Familia para Tavira. Era vulg.

Em outras expedições de maior crédito ſe occupava Luís de Loureiro, largos annos Governador de Mazagaõ, até encontrar a mórte no exercicio das armas, em que empregára a maior parte da vida. O Xerife de Marrocos, ainda que ſoberbo com as victorias, agora amigo da tranquillidade, determinou remover do ſeu Reino as occaſiões da guerra, e deſpovoar a Cidade de Azamor, que pela viſinhança de Mazagaõ dava cauſa a rompimentos contínuos. Deſte projecto o divertíraõ tres Cacizes veneraveis entre os Mouros pelos ſeus preſtigios, que elles adoravaõ ſantidade reſpeitavel. Eſtes homens com mais confiança nas ſuas virtudes, que

no

Era vulg. no esforço das armas, se offerecêraõ ao Xerife para irem em pessoa conservar Azamor a coberto das tentativas Portuguezas. Luís de Loureiro informado da presumpçaõ dos Santões, huma madrugada ataca a Praça, põe a gente em fugida, e captiva os Cacizes, que se deixáraõ ficar confiados de conseguirem sós huma victoria com a invocaçaõ dos seus auxiliares nos exercicios da Theurgia, em que os acháraõ occupados.

Para desaggravar esta affronta, o Xerife mandou correr os campos de Mazagaõ por quatro mil cavallos. O Loureiro com cento e cincoenta faz muitos em póstas, e persegue os fugitivos oito legoas até aos poços de Ailhon, que largo tempo déraõ o seu nome, e conserváraõ entre os Barbaros a memoria deste choque. A injúria renovada pedia maior despique. Ordenou o Xerife ao Alcaide Amubendaud, que com seis mil cavallos voltasse a Mazagaõ; que com dexteridade armasse emboscadas, em que cahisse o Loureiro, e que ou vivo, ou morto lho trouxesse a Marrocos. Conduzio-se o Alcaide

com

com a diſſimulaçaõ, que lhe fora encarregada: ſoube eſconder bem duas partes da ſua trópa, e com a terceira ſe deixou vêr da Praça para Luís de Loureiro ſahir, e o atacar no campo. Elle o fez com 120 cavallos, e 300 infantes; mas andado pouco terreno ſe vio rodeado dos Barbaros. Os ſeus o aconſelháraõ que ſe retiraſſe, para que hum Chéfe da ſua reputaçaõ naõ cahiſſe na nota de temerario. Como o farei, replicou o Loureiro, deixando a infantaria expoſta? Percamo-nos todos, aonde ella ſe arriſca. Era vulg.

Transportado deſte impulſo do animo, elle ſe bota aos Mouros como raio. Suſtenta o campo largo tempo; mas atropelado da multidaõ, perde a fórma. Geral a deſordem, pode ajuntar vinte cavallos para no centro delles ſalvar hum filho ſeu de quatorze annos, Moço de grandes eſperanças. A cautéla naõ pode impedir que elle foſſe degollado com outros companheiros, nem o Loureiro eſcuſar-ſe á acçaõ nova de fugir; mas abrindo caminho com a lança enriſtada pelo centro dos Eſquadrões ini-

Era vulg. migos. Hum Mouro, que o ſeguia, lhe derrubou o cavallo, que cahio atraveſſado na vã-guarda dos Barbaros. O bravo Lazaro Martins ſe apeia, faz frente aos inimigos, dá lugar a que o Loureiro monte no ſeu cavallo; eſte ſe ſalva em Mazagaõ, o Lazaro fica captivo. Quatrocentos homens perdemos neſta deſgraça. Cortadas as ſuas cabeças, e a do filho do General, o Alcaide as mandou a Marrocos por teſtemunho da ſua incrivel victoria. Certa Moura recolheo huma dellas para fazer a Mafoma o obſequio de a injuriar. Convida as viſinhas para aſſiſtentes da ceremonia; e reparando com attençaõ, conhece que a cabeça era de ſeu marido. Diminuio eſte ſucceſſo a reputaçaõ do triunfo, crendo Marrocos, que o Alcaide para o fazer mais ſolemne mandára tantas cabeças de Portuguezes, como de Mouros.

Como entre ellas naõ hia a de Luís de Loureiro, o Xerife naõ ſe moſtrou ſatisfeito do preſente, e quiz approveitar-ſe do intereſſe dos reſgates, que entaõ negociavaõ em Marrocos o Andaluz

Fer-

Fernaõ Gomes de Almodovar, e Diogo de Torres, tambem Castelhano. O Loureiro, grato ao seu bemfeitor Lazaro Martins, se servio delles para lhe conseguir a liberdade: empenho difficultoso, por ser o Lazaro hum homem muito estimado em Marrocos, visto com admiraçaõ, como primeiro valente, que por salvar o Capitaõ expoz a vida, e se deixou fazer escravo. Elle poupou a Luís de Loureiro as diligencias; porque com o seu natural desembaraço, animou sete companheiros, rompeo as prizões, e como práctico na terra, entrou com elles saõ, e salvo em Mazagaõ. Era vulg.

Quando os Christãos sentiaõ esta québra, o Xerife foi testemunha de huma injúria do Alcoraõ. Em huma Mesquita, acompanhado dos seus Cacizes, expiava elle com as suas superstições barbaras a indignaçaõ de Mafoma, quando entra pela porta hum homem de figura horrivel, huma imagem da penitencia, hum retrato dos antigos Anacoretas, sóbe ao lugar mais alto da Mesquita, e em voz Araba clama atroando

Era vulg. as abobedas: Chriſto vive, Chriſto vence, Chriſto reina, e ha de vir julgar os vivos, e os mortos: tudo o mais he patranha. O Xerife irritado ordena que o matem. Os Cacizes com a piedade inſpirada pelos actos de Religiaõ, que eſtavaõ exercitando, rogaõ compaſſivos ſe contente com o mandar ſahir da Meſquita; porque o tranſporte daquelle homem era huma innocencia. Aſſim ſe executou; e Diogo de Torres perguntou a eſte homem quem era, e qual o ſeu deſignio neſta acçaõ. Elle lhe reſponde, que era hum Heſpanhol de Truxillo duas vezes deſgraçado; huma por ſe haver feito Mouro, outra porque arrependido do ſeu peccado, vindo dar a vida por Deos na confiſſaõ da Fé, o Xerife o deixára com ella.

Poucos tempos ſe paſſáraõ ſem acçaõ em Africa, até o anno ſeguinte, em que Triſtaõ de Ataide foi governar Mazagaõ, e Luís de Loureiro paſſou para Tangere, aonde tinha de pôr termo com a vida ás ſuas gentilezas. Elle ſe empenhou ardente em huma batalha com os Mouros, deſiguaes os partidos

na

na fórma do ſeu coſtume, intrépido como ſempre; mas cançada a fortuna de lhe ſoffrer a confiança, morreo nella com alentos de luz, obrando quando eſpirava mais brilhantes as façanhas. Pelo meſmo tempo mandou o Xerife martyriſar em Marrocos hum Mouro Catecumeno, que nos ſervia em Mazagaõ. Elle ſoffreo os tormentos com conſtancia catholica; e tomando nas mãos o ſeu ſangue, que lançou ſobre a cabeça, acabou dizendo: Pois fiz quanto pude para obter o Baptiſmo, e naõ o alcancei, neſte do meu ſangue derramado por Jeſus Chriſto eſpero alcançar a ſua miſericordia. Quiz Deos provar com milagres a gloria, que foi goſar eſte ſeu confeſſor invicto. Era vulg.

CA-

CAPITULO VII.

Do que obrou D. João de Castro em Dio até se recolher a Goa, e das expedições de D. Manoel de Lima, e de D. Jorge de Menezes Baroche na cósta de Cambaya.

Era vulg. 1547

O GOVERNADOR D. Joaõ de Castro, que nós deixamos occupado na renovaçaõ da Fortaleza de Dio, elle se affligia na consideraçaõ da falta de meios para huma obra de tanta importancia. Necessitavaõ-se 20ↀ000 pardaos: os cofres Reaes estavaõ vazios: para os pedir prestados naõ tinha, que empenhar; e como lhe faltavaõ joias, fez penhor das barbas. Elle despedio para Goa a Diogo Rodrigues de Azevedo com a noticia da victoria, e por elle escreveo ao Senado da Camara, representando-lhe: Que a Fortaleza d'El-Rei, que era a segurança do Estado, estava por terra: Que se precisavaõ 20ↀ000 pardaos para o seu reparo, e naõ os havia: Que ao Governador pobre da India lhe falta-

tava, com que abonar ainda a mais tenue quantia: Que para a pedir áquelle Senado, lhe quiz mandar os ossos de seu filho D. Fernando, o que naõ fazia por se acharem cobertos de carne: Que em extremidade taõ pressante arrancára os cabellos da barba, que lhe remettia, para sobre elles lhes prestarem a quantia declarada; bem certo o Senado, que quem empenhava as barbas honradas, as desempenharia com honra no primeiro dinheiro, que se cobrasse. Era vulg.

Naõ he disivel a impressaõ, que esta carta acompanhada das faustas noticias da victoria fez em Goa. Os homens em competencia, e com exemplo inimitavel as Damas, desguarnecendo-se dos seus mais ricos adereços, ajuntáraõ, naõ só a quantia pedida, mas muito mais avultada, que juntamente com os penhores, e com huma carta concebida em termos graciosos, e atentos remettêraõ ao Governador. Elle recebeo sensivel esta marca da fidelidade Portugueza, e restituio em ser o mesmo dinheiro, e joias já desnecessarios, por haver fornecido as despezas da obra a im-

Era vulg. importante carga de huma náo, que Antonio Moniz Barreto tomára nos mares de Cambaya. Esta preza, a derrota do Exercito em Dio, os estragos, que D. Manoel de Lima fazia por toda a cósta mettêraõ em tanta desesperaçaõ a Sultaõ Mamud, que mandando vir á sua presença a Simaõ Feio, a Athanasio Freire, e a alguns trinta Portuguezes captivos, teve o recreio de os vêr fazer em miudas póstas, menos tomado do assombro da sua constancia passmosa, que frenetico nos transportes de huma ira brutal, em qualquer homem barbara, em hum Rei infame.

Em quanto o Governador se entretinha na obra de Dio, D. Manoel de Lima devastava sem piedade a cósta de Cambaya. Levado por hum tempo rijo á embocadura do porto da Cidade de Goga, vio que os moradores, e soldados com o temor da sua chegada fugiaõ em bandos para o campo. Em tal conjunctura interprete das ordens, que lhe vedavaõ assaltar esta Cidade; elle se postou em terra, e derramando o furor, deixou a infeliz Goga hum espe-

cta-

ctaculo de horrores: apenas ficou alli signal, de que houve Goga no mundo. Era vulg. Informado por tres homens, que deixou com vida, em quanto serviaõ para lhe dar noticias, de que em certa Villa huma legoa distante estava quantidade da gente, que escapára da batalha de Dio, levando-os por guias, lhe foi fazer huma visita. Antes que amanhecesse, os miseraveis, que naõ a esperavaõ, e no interior da terra se tinhaõ por seguros, huns morrêraõ sem acordar, outros acordáraõ para morrer. Este massacro foi espantoso; o incendio lamentavel; os Pagodes pollutos sem expiaçaõ por salpicados com o sangue das vaccas; os tres captivos já inuteis enforcados em outro Pagode; segunda mancha indelevel entre aquelle Gentilismo, que teve de buscar para as adorações novos lugares.

Estragos semelhantes experimentou o resto da cósta, e D. Manoel bem vingado se recolheo a Dio, de que estava nomeado Governador sem effeito, com a Armada carregada de despojos preciosos. Mas D. Joaõ de Castro ao partir

Era vulg. tir para Goa lhe deixou naquelles mares hum bello ſubſtituto em D. Jorge de Menezes, que nós vamos vêr conhecido pela alcunha de Baroche em memoria do deſtroço deſta Cidade magnifica. Elle chegou á ſua viſta com ſeis navios, e ſabendo que Madre Maluco ſeu Donatario tinha ido para a Corte de Amadaba, deixando-a pouco guarnecida, D. Jorge determinou atacalla. A grandeza de Baroche, e a ſua grande reputaçaõ tinha cheios de confiança os moradores para viverem em deſcuido. D. Jorge ſe aproveitou delle no quarto d'Alva, entrando-a a fogo, e ſangue, ſem diſtinçaõ de ſexo, ou idade. As vidas, e caſas foraõ objectos do furor, as riquezas da cubiça. Eſte feito naõ imaginado cauſou na India tal eſtrondo, que D. Jorge ſe honrou com elle tomando o apellido de Baroche. Em fim, elle, e D. Manoel de Lima corrêraõ no eſpaço de cinco mezes toda a cóſta, e fizéraõ por toda a parte hoſtilidades taõ cruéis, e taõ frequentes, que naõ ſe viaõ mais que deſtroços do ferro, do fogo, da cólera.

D.

D. Joaõ de Caſtro fazia trabalhar com preſſa nas obras da Fortaleza para ſe recolher a Goa, aonde o chamavaõ negocios importantes; mas teve de entrar em novos cuidados ſobre peſſoa habil, que tinha de eleger para o governo de Dio. D. Joaõ Maſcarenhas determinava ir plantar no Reino as palmas do ſeu triunfo: os Fidalgos, como elle as colhêra todas, naõ queriaõ ficar no campo inculto ſujeitos á fadiga de o trabalharem de novo: o Governador ſe affligia da geral repugnancia, e teve de tentar o zelo de D. Manoel de Lima, que naõ obſtante eſtar deſpachado com o governo de Ormuz, e vêr o de Dio por tantos rejeitado, elle o acceitou, e ſe diſpunha a ſervillo. Mas chegando de Luiz Falcaõ o aviſo, de que Ormuz ficava ameaçada de huma invaſaõ dos Turcos; de Baçaim a noticia de ſer morto o benemerito Fidalgo D. Manoel da Silveira, a quem o Governador queria encarregar aquella Praça: D. Manoel de Lima naõ quiz perder aquella occaſiaõ de honra, partio para Ormuz, e o grande D. Joaõ Maſ-

Era vulg.

Era vulg. Maſcarenhas ſe offereceo generoſo para continuar com os trabalhos de Dio, até haver occaſiaõ opportuna de ſe lhe dar ſucceſſor.

Bem provida a Fortaleza de artilharia, viveres, munições, e gente; embarcado o grande canhaõ, chamado de Dio, que veio para o Forte de S. Giaõ de Lisboa; deitado hum pregaõ, para que os moradores da Cidade vieſſem com ſegurança para os ſeus antigos domicilios; o Governador D. Joaõ de Caſtro ſe embarcou para Goa, aonde chegou aos 11 de Abril. Neſta Capital era elle eſperado com huma impaciencia extrema; e porque o queria receber com applauſo ſoberbo, o fez demorar tres dias em Pagim para ſe acabar de preparar o triunfo, que teve muito de imitaçaõ com os antigos dos Romanos. No dia determinado entrou a Armada no porto empavezada, e brilhante. Saltou em terra o Governador magnificamente veſtido: depois o Exercito, que ſe formou na meſma figura, em que deo a batalha. Elle hia debaixo de hum rico Pallio coroado de palma,

ma, com outra na maõ: junto a elle feu filho D. Alvaro: pouco adiante Fr. Antonio do Cafal com o mefmo Santo Chrifto arvorado, como no dia da acçaõ. Era vulg.

Seguia-fe a Bandeira Real: logo o General prifioneiro Juzarcaõ: depois as noffas Bandeiras arvoradas, as de Cambaya arraftando, entre humas, e outras todos os captivos, que paffavaõ de feiscentos, mettidos em ferros, na mefma figura do feu General com os olhos baixos, e as mãos cruzadas. Formava outro corpo parte da artilharía, que fe tomára, com muitas carretas de outras armas, e defpojos: caminhou o apparato brilhante pelas ruas principaes da Cidade, que eftavaõ armadas das ricas tapiçarias da India. Quando Juzarcaõ, e os mais captivos melancolicos reprefentavaõ o efpectaculo trifte da adverfa fortuna; nos ares refoavaõ em louvor do triunfante feliz os elogios, as acclamações do Povo, os éccos das poefias, das cantigas, dos jógos, de quanto podia concorrer para fazerem magnifico o triunfo. As Da-

Era vulg. mas mageſtoſamente veſtidas, ellas o melhor ornato das janellas, lançavaõ ſobre o Vencedor cópia de flores, aguas odoriferas, ardiaõ perfumes cheiroſos, que embalſamavaõ o ar. As figuras da Fortaleza poſta em ſitio, da Eſquadra navegando, do Exercito combatendo, da Batalha ganhada, elevavaõ a pompa a hum aparelho ſoberbo. Pompa, que ouvindo-ſe a ſua relaçaõ na Europa, peſſoa alguma formou della juizo mais ſólido, que a Rainha D. Catharina, quando diſſe: Que D. Joaõ de Caſtro tinha vencido em Heróe Chriſtaõ, e triunfado como Conſul Gentio.

Coberto de glória na India o Governador D. Joaõ de Caſtro, que pouco depois foi remunerado pelo Rei, e Infante D. Luiz com grandes honras por eſcrito, e condecorado com o caracter de Viſo-Rei por outros tres annos; elle ſe encheo de complacencia com as noticias dos progreſſos da Religiaõ Chriſtã na Ilha de Ceilaõ. Mandára El-Rei cultivar eſta Miſſaõ pelos Religioſos Franciſcanos debaixo da obediencia do ſeu Cuſtodio Fr. Antonio do Padraõ.

El-

Elles recolhêraõ copiosos fructos da Divina palavra, naõ só no Reino de Cota, e lugares maritimos, mas no coraçaõ da Ilha, aonde fizéraõ adorar o Nome do Deos vivo. No Reino de Candea o seu Soberano se deixou tocar dos mesmos sentimentos do Povo, e para naõ temer na mudança dos Dogmas a opposiçaõ gentilica, escreveo por hum dos Padres ao Governador da India, para que o soccorresse, até levar avante os seus designios santos. O Governador com o alvoroço, que nascia da sua piedade, despachou logo a Antonio Moniz Barreto com huma Fróta, em que levava 150 homens para promover os intentos daquelle Rei. Era vulg.

Este Fidalgo, que achou mudado, e resoluto a matallo com toda a sua gente, o Rei de Candea suggerido pelo Madune; elle cometteo huma retirada atravessando toda a Ilha de Ceilaõ sem largar as armas de dia, e de noite, que fez esquecer a de Decio, quando cercado no monte Gauro atravessou o Exercito dos Samnites; a dos famosos Catalães na expediçaõ da Grecia; a do

me-

Era vulg. memoravel Meſtre de Campo Luiz Barbalho na guerra do Brazil, cortando com mil homens 400 legoas dos ſeus deſertos enormes, já combatendo com as féras, já com os Hollandezes, até os pôr em ſalvo na Bahia; ſendo ellas as mais decantadas, que celebra a fama. Neſta longa derrota, em que foraõ tantos os choques bem batidos, quantos os dias penoſos da marcha, Antonio Moniz teve a felicidade de chegar com a pequena trópa inteira a Triquinimalle, de paſſar a Ceitavaca, de receber do Rei de Candea recados de arrependimento, déz mil pardáos para os ſoldados, rogativas para tornar á ſua Corte com os Religioſos Franciſcanos; mas Antonio Moniz duvidoſo da ſinceridade, ſe embarcou para Goa.

Perturbado achou elle na ſua chegada o ſocego deſta Cidade. O Hidalcaõ guardava no fundo do eſpirito a lembrança da pouca fé na obſervancia do Tratado, que os Portuguezes haviaõ celebrado com elle a reſpeito de Meale, ſeu rival ao Throno. Pretendia o Hidalcaõ que elles apartaſſem a

Mea-

Meale de Goa, ou lhe restituissem as terras firmes de Bardez, e Salcete. No fim do governo de Martim Affonso de Sousa negociou elle tambem pelos seus Embaixadores, que conseguio mediante huma grossa somma se entregasse Meale á sua discrição. Chegou por estes tempos á India D. João de Castro, que não tinha espirito para se conformar com semelhante infidelidade contra hum Principe, que os Portuguezes trouxérão á sua casa para encontrar á sombra da Coroa de Portugal hum asylo sagrado. Meale ficou em Goa com liberdade, e respeito; D. João de Castro não se embaraçou com a entrega de Bardez, e Salsete. Era vulg.

O Hidalcaõ, com o desengano da primeira pretenção, esforçava os Officios para alcançar a segunda. O Governador respondeo cathegorico, que as terras firmes muito antes da vinda de Meale tinhaõ sido doadas ao Estado: que os seus rendimentos ao presente serviaõ para a sustentação do mesmo Principe, a que estavaõ applicados. O Hidalcaõ picado desta resposta, ainda

Era vulg. antes do ſitio de Dio, recorreo ao direito das armas: depois delle renovou a guerra, talvez ſoprado por Cambaya. D. Joaõ de Caſtro lha fez com tanto vigor, que elle a pezar da apparencia da ſua juſtiça, teve de experimentar deſtroços ſemelhantes aos da coſta de Guzarate, e ſer cauſa da ruina de Dabul, e de Pondá. Elle os ſentiría muito maiores por effeito da alliança dos Portuguezes com os Principes viſinhos, ſe a eſſe tempo naõ recebeſſe o Governador Expreſſos de Dio, em que D. Joaõ Maſcarenhas o aviſava como Sultaõ Mamud com hum Exercito de 150$000 homens ſe fazia preſtes para tornar a ſitiar a Fortaleza, aonde lhe parecia foſſe em peſſoa abortar-lhe os intentos.

Quando o Governador preparava huma groſſa Armada para paſſar ao Nórte, ajudado dos donativos voluntarios, e goſtoſos dos moradores de Goa, e da officioſidade das Damas, que ſegunda vez ſe deſguarnecêraõ para lhe enviarem as joias, ſentidas de que na primeira naõ ſe aproveitaſſe do ſeu valor: quando a Goa chegavaõ as náos do Reino, de

de que eraõ Capitães D. Francisco de Lima despachado Governador daquella Capital; Balthasar Lobo de Sousa; D. Pedro da Silva da Gama, filho do Conde Almirante, e provido no governo de Malaca, que dando-lhe a náo á cósta, trazia a gente repartida pelas outras; Francisco de Gouvea; Francisco da Cunha; e Bernardo Nacer: quando recebia ordens d'El-Rei, para á custa da sua fazenda construir em Moçambique huma Fortaleza inexpugnavel, capaz de resistir ás invasões dos Turcos, e de segurar o Commercio das minas de Çofala, e de Cuama: em Malaca succediaõ casos admiraveis pelos rogos de S. Francisco Xavier, a quem o Ceo revelou ás nossas armas vantagens superiores ás esperanças humanas. Ellas por singulares vaõ a ser a materia do Capitulo seguinte, em que nos entreteremos, até seguirmos a D. Joaõ de Castro na viagem de Dio, para que se prepara. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Da milagrosa victoria, que os Portuguezes de Malaca alcançáraõ dos Achens pela oraçaõ de S. Francisco Xavier.

Era vulg. PELO mesmo tempo, em que as armas Portuguezas na India conseguiaõ as vantagens, que eu tenho acabado de referir; Malaca gosava de huma paz perniciosa nascida da divisaõ dos Reis seus visinhos, que mutuamente trabalhavaõ por se destruirem: paz nesta divisaõ indigna, por se naõ approveitar nella de avançar os seus interesses, antes abandonando os Alliados, naõ cuidava em sustentar na balança o equilibrio, quando aquelle Principe, que tomasse a superioridade sobre os outros, seria o instrumento da sua ruina: paz, que esquecia todos os interesses do commum, unicamente applicados os homens aos individuaes por huns meios, que os submergia no abysmo dos vicios mais enormes, sem se approveitarem da divisaõ dos Monar-

narcas: huma paz origem de taes dissoluções entre os Portuguezes, que querendo remediallas o zelo fervoroso do grande Apostolo do Oriente S. Francisco Xavier, elle teve com menos fructo mais trabalho, do que lhe causava a conversaõ dos Idolatras, e Mahometanos. Era vulg.

Entre outros daquelles descuidos reprehensiveis, dous delles saõ bem memoraveis, e do ultimo resultou o aperto, em que nós temos de vêr a Malaca, se nella naõ houvesse entaõ outro Profeta, que a libertou com orações, á maneira do que resgatou a dissoluta Samaria. A primeira das occasiões para as suas conveniencias, que deixou perder Malaca, foi a da liga de varios Reis contra o de Patane; bom amigo dos Portuguezes, que temia ser invadido por huma Armada de 300 vélas. Entaõ escreveo Simaõ de Mello, Governador de Malaca, a Diogo Soares de Mello, que estava por Capitaõ no porto de Patane, ordenando-lhe se recolhesse sem perda de tempo áquella Cidade para se naõ embaraçar com algum dos Reis belligerantes. Elle, que entaõ tinha forças para alentar

Era vulg. tar o partido mais fraco, immediatamente despedio os navios grossos para a China, e com a Esquadra das galeotas se fez ao mar. Nelle teve o encontro com a Armada dos tres Reis alliados, que visitou civil nos seus bórdos, satisfeito com levar huma carta do de Paõ para no seu porto ser fornecido dos generos, que necessitasse.

A segunda occasiaõ, com maior inconsideraçaõ mallograda, foi a do soccorro, que Malaca recusou ao Rei de Aru na Ilha de Çumatra, alliado fiel dos Portuguezes, que pelo Achem, inimigo commum de ambas as nações, foi despojado da vida, e dos Estados. Depois da mórte, e destroço deste Principe, a Rainha viuva veio em pessoa a Malaca pedir a justa recompensa de tomar á sua conta a vingança das injúrias feitas ao Rei amigo. Entretida com boas palavras a Rainha, ella desenganada de que lhe correspondessem as obras, recorreo a Alodin, Rei de Viantana, o que fora detronado por Pedro Mascarenhas, que lhe assistio com todas as suas forças, e ella o metteo de posse de huma

ma coroa pela ſolemnidade do matrimonio, que entre ambos contratáraõ. A guerra, que eſte Rei ſuſtentou largo tempo com o de Achem foi outro tanto de ocioſidade, de deſcuido, de inacçaõ para Malaca, que reduzio ao eſtado de perder-ſe. Era vulg.

Com tudo, o Achem firme nas ſuas uſurpações, invariavel no odio contra os Portuguezes, naõ menos que o ſeu competidor Alodin; elle appareceo eſte anno ſobre Malaca com huma Fróta formidavel, guarnecida de brava gente. Elegeo a ſua corage dous objectos para dous aſſaltos ao meſmo tempo. No da terra, naõ obſtante o noſſo deſcuido, encontrou o valor taõ prompto, que teve de ſe embarcar cortado. No do mar foi taõ feliz, que reduzio a cinzas os ſete navios, que eſtavaõ no porto, alguns delles chegados de Banda com cargas precioſas. O Barbaro, ſoberbo com a victoria, em quanto ſe refazia na Ilha de Upi, com o eſtylo pomposo, e arrogante dos Orientaes mandou deſafiar a Simaõ de Mello por ſete homens noſſos, com os narizes, e as orelhas corta-

Era vulg. tadas, que pode haver á maõ. Toda Malaca ſentio o deſpreſo; mas ella eſtava falta de meios para traçar o deſpique. Neſte aperto chegou Diogo Soares de Mello com duas galeotas: apparecêraõ duas caravellas de Mercadores: ſoccorro debil, ſe Malaca naõ tivera em ſi o auxilio do Ceo em hum amigo de Deos o Padre Franciſco Xavier.

Elle determina reſoluto, que o ultraje feito pelo Achem antes a Jeſus Chriſto, que aos ſeus Fiéis, devia ſer vingado. Como todos reſpeitavaõ de Oraculo as ſuas vozes, todos com elle correm ao Arſenal a vêr a imagem triſte do modo, porque os Reis ſaõ ſervidos nos paizes diſtantes, que mandaõ pelos longos caminhos até as Cortes ir tomando eſtaturas apparentes aos informes falſos. Achàraõ-ſe no Arſenal ſete caſcos de fuſtas podres, boas para ſervirem ao fogo, ſem haver para as remendar calafates, eſtopa, breo, vélas, ancoras, amarras, em fim, nem hum prégo, e maõ de official, que o pregaſſe. Entaõ o Santo, quando irritado mais alegre, para que a futura victoria

na

na falta dos meios humanos toda ſe attribuiſſe aos esforços divinos; elle encarrega aquelles vaſos aos Capitães da expediçaõ D. Franciſco Deça, cunhado do Governador, que havia ſer o General, Diogo Pereira, Affonſo Gentil, André Toſcano, Joaõ Soares, Belchior de Siqueira, e D. Manoel Deça, para que tomaſſem á ſua conta reparallos, e ſahiſſem ſem demora aos inimigos, com mais firmeza na Fé, que no valor. Era vulg.

A grande authoridade do Santo deſterrou todas as dúvidas: fez-ſe o que elle mandava. Sahíraõ ao mar as ſete fuſtas, as duas galeotas, as duas caravellas com 180 homens, mantimentos para déz dias, e ordem de Simaõ de Mello para naõ ſe exceder eſte termo na demanda do Achem: apparato com mais de ridiculo, que de guerreiro para affrontar, já victorioſo, o reſpeitavel poder daquelle Principe. Até 28 de Outubro ſe paſſáraõ ſete dias de navegaçaõ, e o lugar marcado pelo Governador, ſem os Portuguezes terem novas dos inimigos, que buſcavaõ. Paſſáraõ

Era vulg. mais dias, e houve quem dissesse, que elles estavaõ em Quedá. D. Francisco Deça queria buscallos; mas a trópa obediente ás ordens do Governador, já falta de viveres, acabado o regimento, cuidava em retroceder. O tempo contrario de 23 dias a fez mudar o intento, e procurar pórtos, em que fornecer-se. Passavaõ as semanas, e tanta tardança causava em Malaca huma consternaçaõ extrema. Hia-se perdendo a fé ás palavras do Santo: elle cada vez as dizia mais fórtes, e a mostrava mais viva.

Cresceo a afflicçaõ com a indústria de Alodin, Rei de Viantana, que veio com as suas forças para o rio de Muar pôr-se em observaçaõ sobre o successo da Fróta para se lançar sobre Malaca, sua amada Patria, a que naõ podia perder a saudade. Elle enviou hum Emissario bem ensaiado representar a Simaõ de Mello: Que sabendo como o Achem, igualmente inimigo seu, e de Malaca, havia destruido a Armada Portugueza, elle viera para taõ perto com o seu Exercito, que lhe offerecia para o soccorrer contra o inimigo commum. Simaõ de

de Mello disfarçando no ſemblante os Era vulg. apertos da alma, diſſe ao Emiſſario, que agradeceſſe a ſeu Amo a honra, com que o tratava: que elle tinha a ſua Praça taõ baſtecida de gente, munições, e viveres, que ſobrando-lhe para a defenſa propria, deſejaria empregar o reſto no ſeu ſerviço contra o Achem, que tambem era ſeu adverſario: que em quanto ao deſtroço da Fróta o haviaõ informado mal; porque elle acabava de receber noticias, de que os Portuguezes haviaõ feito aos Achens em póſtas, ſem que hum ſó eſcapaſſe com vida, e que lhe dava os parabens deſta victoria, que lhe podia ſer intereſſante.

Em quanto o Rei de Viantana com tal repoſta ſe ſobprende, Malaca com o ſeu recado muito mais ſe conſterna. Chegou a manhã do fauſto Domingo ſeis de Dezembro, em que a Fróta Portugueza entrou no rio de Parles, Corte deſte Rei, depois de padecidos muitos trabalhos, para atacar a Armada dos Achens, que nelle eſtava ſobre ferro. Quando o combate, que logo eſcreveremos, ſe aquecia, S. Franciſco Xavier pré-

Era vulg. prégava ao Povo em Malaca. No meio do Sermaõ elle pára de repente; elle vai ſahindo para fóra de ſi meſmo; elle entra em hum extaſi; elle aperta os punhos com movimentos já de temor, já de alegria; elle ſuſpira; elle chora; elle mudo falla energico; ſuſpenſo o auditorio, parecia taõ extactico como elle. Reſtituidos no Varaõ Apoſtolico os officios da humanidade, rompe o ſilencio, e diz: Demos graças a Deos; que neſte ponto acaba a noſſa Armada de vencer a do Achem: ſexta feira recebereis a primeira noticia da victoria, e poucos dias depois vereis chegar a Fróta triunfante. Immediatamente entra com toda a candura a fazer hum miudo detalhe da batalha, como ſe a eſtivera vendo, na fórma ſeguinte:

Que o Rei de Pedir, General da Armada inimiga, para voltar á primeira expediçaõ mais arrogante com outra victoria, fora apoderar-ſe das terras do Rei de Parles, aonde comettêra crueldades inauditas, obrigando eſte Principe a refugiar-ſe nos Eſtados de Patane: Que elle ſe fizéra ſenhor de hum poſ-

to,

to, aonde actualmente conſtruia hum Fórte para cortar os viveres a Malaca, e impedir que embarcaçaõ alguma chegaſſe áquelle porto: Que ſabendo os dous partidos da ſua viſinhança, em ambas as Armadas houvera hum prazer extremo, diſpoſtos os animos para hum combate de opiniaõ: Que o Rei General fora o primeiro em mover-ſe com quatro fuſtas na vã-guarda, que elle cobria; as mais em huma bella ordem de batalha: Que á ſua viſta D. Franciſco Deça fizera o meſmo; mas poſtando as fuſtas a coberto na Enſeada, que formava huma ponta de terra para naõ ſer rodeado pela multidaõ dos vaſos inimigos: Que eſtes deraõ a ſua primeira deſcarga de artilharia ſem effeito, e que immediatamente cobríraõ o ar de huma eſpeſſa nuvem de ſéttas com igual ſucceſſo. Era vulg.

Pelo contrario, que os Portuguezes naõ perdêraõ tiro, taõ felices, que na primeira banda da galeota de Diogo Soares de Mello fora huma balla paſſar de hum a outro bórdo a Capitanea, e a mettêra no fundo com perda de cem

Era vulg. bravos homens, e grande trabalho do Rei de Pedir para ſe ſalvar em outra fuſta: Que indo as Portuguezas mui deſpedidas, chocáraõ com as outras tres da vã-guarda; mettêraõ-as em deſordem a tempo, que o Rei General reſtabelecido obrava maravilhas para animar a ſua gente: Que em quanto as noſſas embarcaçőes dos lados ſuſtentavaõ o fogo, as do centro ſe avançáraõ á abordage com tanta rapidez, que em hum momento o mar ſe vio coberto de deſtroços, tinto de ſangue, hum leito de moribundos, huma tumba de mórtos: Que o Rei General, recebendo huma grande ferida, de que morreria pouco depois, fugíra do combate; todos os ſoldados ſe lançáraõ á corrente, que os tragou; que morrêraõ quatro mil, ſem ſe ſalvarem mais que os poucos, que ſeguíraõ o General. Eſta foi a batalha acabada de vencer em Parles ás nove horas da manhã, e referida no meſmo ponto por Xavier da ſórte que fica dito, com júbilo, e admiraçaõ da gente de Malaca, que via a ſegurança, com que elle

le a contava, como quem acabára de a vêr. Era vulg.

Com a noticia da derrota dos Achens, o Rei de Parles ajuntou as trópas, que pode; cahio ſobre hum corpo de 500, que guardava o poſto fortificado, e nelle os priſioneiros ſeus vaſſallos, que pôz em liberdade depois de naõ deixar hum ſó dos inimigos com vida. Reſtituido com eſta glória ao ſeu Eſtado, veio congratular-ſe da victoria com o General Portuguez, e ſobmetter-ſe noſſo tributario para daqui em diante ter hum apoio firme nas noſſas armas. Na ſexta feira marcada pelo Santo Xavier chegou a Malaca a notícia do bom ſucceſſo: tranſportados de alegre alvoroço, e de aſſombro jucundo, os homens redobravaõ o reſpeito, a veneraçaõ, o rendimento ao orgaõ da Voz Divina, que ouvíraõ fallar nelle. Poucos dias depois appareceo a Armada victorioſa carregada de deſpojos dos inimigos: trezentas peças de artilharia, mil arcabuzes, outras muitas armas, quantidade de munições, vinte e ſeis fuſ-

tas

Era vulg. tas prisioneiras, além das queimadas por falta de marinheiros, que as conduzissem. Para complemento do júbilo de huma victoria estimavel entre as mais célebres, se soube pouco depois, que o Rei de Viantana, tomado da desesperaçaõ por vêr abortado o seu designio, depois de matar o correio, que lhe levou a nova da nossa vantagem pelas proprias mãos, se retirára de Muar para Jor, aonde D. Estevaõ da Gama o acantonára, e aonde até entaõ os Portuguezes o deixavaõ viver pacifico.

LIVRO I.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

O Governador da India D. João de Castro parte para Cambaya com huma grossa Armada; o que lhe succede; e áquelle Rei em pessoa com 150$000 homens, apresenta batalha com 3$000 Portuguezes.

HERÓICAS as acções de D. Joaõ de Castro, sublimáraõ de sórte o seu crédito entre os Principes do Indostaõ, que entre outros o Rei de Canará ajustou com elle huma Liga offensiva, e defensiva, com outras condições vantajosas ao Estado. Este mesmo crédito, a reputaçaõ deste Tratado com hum Rei taõ poderoso, foraõ os estimulos mais fórtes, que o forçavaõ para naõ dissimular callado os movimentos do Rei Era vulg. 1547

Era vulg. de Cambaya, que chamava as attenções dos Reinos do Nórte, provocava o ſuſto das noſſas Praças; eraõ as ſuas deſmarcadas forças a materia do pavor geral dos amigos, e contrarios. Para oppôr faſtoſa huma a outra oſtentaçaõ bellica, D. Joaõ de Caſtro partio de Goa a vêr o grande Exercito de Sultaõ Mamud, e a moſtrar-lhe huma reſpeitavel Armada de 160 vélas, que foi ſurgir a Baçaim. O Sultaõ com a noticia de que a vã-guarda da Fróta commandada por D. Alvaro de Caſtro apparecêra ſobre a barra de Surrate, aonde era Commandante Caracen, genro de Coge Çofar, receoſo de que o Governador com todas as forças invadiſſe taõ importante Cidade, moveo para os ſeus contornos o grande Exercito, que elle mandava em peſſoa.

Chegou o Governador á barra de Surrate para ſe incorporar com ſeu filho, ainda ignorante da viſinhança do Rei de Cambaya, que naõ ſó cobria aquella Praça, mas tambem a de Baroche pouco antes ſaqueada por D. Jorge de Menezes. Como ſe receou o ſuc-

ceſ-

cesso sobre a fórte Surrate, o Governador quiz fazer a Baroche outra visita, e entrou no seu porto. Mandando explorar o rio, e a terra por Francisco de Siqueira, Capitaõ dos Nayres de Cochim, elle voltou com a noticia de que descobríra o Exercito de Cambaya occupando huma vasta extensaõ de terreno: que soubera de huns pescadores se contavaõ nelle 150ↀooo homens de armas: que o Rei vinha cingindo todo o campo com elle formado em hemicyclo, de sorte, que de huma ponta do crescente da Lua até a outra ponta havia de distancia huma grande legoa: que ambas as pontas do crescente vinhaõ pelos seus lados abraçar o rio para fecharem no centro o campo do desembarque: que avançadas do mesmo centro marchavaõ oitenta peças de campanha cobertas para naõ serem vistas por hum destacamento de seis mil homens, que traziaõ ordem de se pôr em retirada lenta ao primeiro repellaõ para levarem os Portuguezes ao fogo da artilharia, em que o Sultaõ trazia posta a maior confiança. Era vulg.

Era vulg.

D. Joaõ de Caſtro, que para animar as trópas em Baçaim, ideou a puerilidade foſa de mandar fazer em público huns grandes eſpetos, que dizia lhe haviaõ ſervir para nelles vêr aſſar vivo o potentiſſimo Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya; agora, para moſtrar humas apparencias, de que a bizarria militar havia ſer executada, elle determina com tres mil homens ir em demanda de Sultaõ Mamud no centro de cento e cincoenta mil para o haver ás mãos, e o mandar aſſar. He embandeirada toda a Fróta; galharda, e guerreira enche o rio, e corta as aguas; ſoaõ com écco terrivel as caixas, clarins, e trompas; pelos bórdos a gente armada faz oſtentaçaõ, ou huma viſta bizarra; á véla, e remo põe as embarcações prôas em terra, e ſe fórma nella hum Eſquadraõ capaz de fazer vêr no deſembaraço, que ſe por algum incidente ſucceder faltar-lhe o conflicto, que para elle lhe ſóbra o valor.

Já á viſta de hum mundo de homens hum punhado de Portuguezes, impavido D. Joaõ de Caſtro, que para ga-

nhar

nhar gloria ſublime lhe baſtava o arro- Era vulg.
jo de fazer ſemelhante deſembarque na face de tal Rei, elle falla aos ſeus ſoldados, e lhes diz em hum tom féro: Deixar de dar batalha a eſſe mundo de Guzarates, que tendes diante de vós, naõ convém á reputaçaõ dos Portuguezes da India: iſſo naõ ſaõ homens, he huma gente mercenaria, amiga da paga, inimiga da guerra: ſaõ as meſmas figuras, que vimos em Dio, e que ainda vem cortadas buſcar mais feridas: vamos a elles renovar-lhes humas, abrir-lhes outras de novo: vós naõ lhes podeis temer, nem o número, nem o valor: o número naõ, porque os Portuguezes na India nunca o contáraõ; o valor menos, porque o voſſo lhe leva huma vantagem infinita. Pois que receais? Que o pezo deſſa mole monſtruoſa de carne vos opprima? A voſſa he muito mais dura. Além diſſo a noſſa Armada nos ſegura a retirada de baixo do ſeu fogo, que varrerá o campo, quando nos ſeja neceſſario tello largo para aliviar-nos do pezo.

Aſſim fallando, o Heróe intrépido

man-

Era vulg. manda romper a marcha, que avança dous tiros de mosquete do lugar do desembarque. Então o rodeão, o fazem parar os seus Officiaes, e lhe representão não queira ser responsavel aos homens, ao Rei, e a Deos no sacrificio de tantas victimas immoladas a huma temeridade: que se contentasse com a honra que tinha ganhado em tantos heróicos feitos, e ainda ganharia em outros nas suas devidas proporções, sem se expôr a arruinar de hum golpe o Estado da India. Não resistio o Varão prudente ás reflexões maduras: suspendeo a marcha, cedeo de ser o agressor; mas esperou com a firmeza de hum rochedo tres horas no campo a resolução do Rei de Cambaya. Como este se não movia, D. Jorge de Menezes Baroche pedio ao Governador 500 espingardas para dar huma descarga no corpo immovel. Respondendo que não se contentava com golpe tão pequeno, acabadas as tres horas se embarcou com tanto socego, como se o fizera em Goa. Diga Roma se vio destas gentilezas nos seus Fabios, Scipiões, e Marcellos.

Sa-

Sahio o Governador do porto de Era vulg.
Baroche, e foi deſaffogando o ſeu reſentimento pelos lugares da cóſta até Dio. Proveo o governo da Fortaleza em Luís Falcaõ, que chegava do de Ormuz. O grande D. Joaõ Maſcarenhas foi a Cochim embarcar-ſe para o Reino. Na volta para Baçaim as Cidades de Pate, e Patane foraõ aſſoladas pelo Governador. O meſmo fez á de Dabul na viagem para Goa; e ainda que as ſuas vantagens ſobre o Hidalcaõ nas terras de Bardes, e Salcete foraõ aſſás ligeiras, elle lhes engroſſou a eſtatura com as honras de hum novo triunfo ſemelhante ao da victoria de Dio. Elle ſeria bem juſtamente merecido, ſe D. Joaõ de Caſtro metteſſe no número das noſſas conquiſtas a Cidade de Adem, que foi o padraſto das façanhas de Affonſo de Albuquerque, aonde chocou a ſua gloria: conquiſta, para que agora ſe offereceo a occaſiaõ mais opportuna.

O Baxá Solimaõ derrotado por An- 1548
tonio da Silveira em Dio, na volta para ra o Eſtreito ſe metteo de poſſe deſta Cidade ſoberba. Atégora a tyranniſáraõ

os

Era vulg. os Turcos com tantas crueldades, que
1548 os consternados moradores de Adem pedíraõ a protecçaõ do Rei de Camphar, que os lançou fóra, e a ficou dominando. Como se receou da volta daquella Naçaõ arrogante, o Principe despedio Embaixadores a D. Manoel de Lima, Governador de Ormuz, para lhe offerecerem a Cidade, se elle quizesse ajudar a defendella. D. Manoel conveio na proposta; despachou para esta expediçaõ a D. Payo de Noronha, que com ardor a desejava; mas elle foi tisnar em Adem a gloria illustre dos Noronhas. O Rei de Camphar lhe entregou a Cidade, e elle foi sitiar o Baxá Marzaõ, que com 500 Turcos se fazia fórte em hum Castello da campanha. Quando D. Payo acabava de dar parte ao Governador da India de negocio taõ grave para o soccorrer com forças, que sustentassem a sua importancia taõ vantajosa ao Estado; elle se occupa do terror panico de trahições imaginadas, que o privaõ de outra acçaõ, que naõ seja a de abandonar Adem, e recolher-se aos navios para estar prompto

a

a fugir, quando a necessidade o pedisse. Era vulg.

Succedeo ao Rei de Camphar ser morto pelos Turcos na escalada do Fórte, e voltarem elles sobre Adem, que o Principe de Camphar, já novo Rei, defendeo com gentileza. Na idéa de que se sustentavaõ em huma Cidade de Portugal, para glória da Coroa obráraõ maravilhas, ao lado do Principe, Pedro Fernandes de Carvalho, Antonio de Figueiredo, Pantaleaõ da Maya, e poucos Portuguezes, que o ocioso Noronha consentia estarem em terra. Nem o valor destes bravos, nem a corage do Principe impedíraõ crescer o aperto em Adem, e o medo tanto em D. Payo, que avisou aos Portuguezes se embarcassem aquella noite com segredo, porque elle se levava. Todos obedecêraõ á ordem do seu Chéfe, excepto Manoel Pereira, e Francisco Vieira, dous homens dignos da memoria dos bronzes, impellidos por impulso superior para repararem com acções façanhosas a glória da Naçaõ offuscada pela covardia de D. Payo. Elles lhe respondêraõ: Que

co-

Era vulg. como tinhaõ ouvido dizer que Adem era huma Cidade d'El-Rei de Portugal, de fórte alguma a desampararriaõ, em quanto naõ derrotassem os Turcos, ou perdessem as vidas.

Pouco depois apparecêraõ tres galeotas Turcas, que vinhaõ de Moca, e eraõ a vã-guarda de outras, que tambem traziaõ o destino em Adem. D. Payo com a gente a bórdo, fez alguns movimentos de que queria atacallas; mas o coraçaõ perdeo o calor, e depois de alguns dias de irresoluçaõ, esperou huma noite, em que se fez á véla sem ser sentido em Adem, com dôr, e lástima dos seus Officiaes, e soldados, que sobre deixarem ao desamparo hum Rei alliado, perdiaõ occasiaõ de tanta honra. De muitos casos tristes foi origem esta retirada vergonhosa. Os Turcos sabendo della déraõ hum assalto á Cidade, e a ganháraõ com mórte de toda a guarniçaõ, do novo Rei de Camphar, de hum irmaõ; e o mais moço deveo a liberdade, e a vida aos dous Portuguezes, que o leváraõ a tomar posse do Reino vago. Depois

pois ſuccedeo a D. Joaõ de Ataide, Era vulg.
que fora mandado de Baçaim por D.
Joaõ de Caſtro ſoccorrer a D. Paulo,
naõ o achando em Adem, ſer perſegui-
do das galéz Turcas; obrigarem eſtes
a que dous dos ſeus navios varaſſem em
terra; ir a gente para Camphar; e el-
le com o ſeu ter a felicidade de ſe ſal-
var nos Ilheos de Canecanim, aonde
encontrou o temeroſo D. Paulo reſolu-
to a eſperar D. Alvaro de Caſtro, que
vinha com huma Armada ſobre Adem,
laſtimoſamente perdida por culpa da-
quelle Official inconſiderado, teimoſo,
ou covarde.

Ultimamente a retirada de D. Pau-
lo foi cauſa, naõ ſó de ſe perder a deſ-
peza de hum armamento taõ bello, co-
mo D. Alvaro de Caſtro levava a Adem;
mas do Governador ſeu Pai naõ exce-
der ao grande Albuquerque na glória de
metter na Adem ſoberba hum poſto de
tanto ciume entre as mãos dos Reis de
Portugal: huma gloria, que para elle,
e para todos os Portuguezes da India
naõ teria igual. Mas D. Alvaro che-
gando á cóſta de Adem perdida, en-
con-

Era vulg. controu dous informantes da ſua deſgraça em D. Paulo de Noronha, e em D. Joaõ de Ataide. O primeiro, para deſculpar a enormidade da ſua falta, engroſſou os objectos do medo: o ſegundo, para naõ faltar á eſſencia da verdade, referio ingenuo os ſucceſſos, que ſe para a honra de D. Paulo eraõ aſſás groſſeiros, para a reputaçaõ Portugueza tinhaõ muito de delicados. Dos Ilheos de Canecanim mandou elle a D. Joaõ de Ataide, que foſſe conduzir os Portuguezes dos ſeus dous navios naufragados em Camphar. Entaõ ſoube do novo Rei, como depois da retirada de D. Paulo, animado por Manoel Pereira, e por Franciſco Vieira, ſe ſuſtentára em Adem vinte e hum dias, e que ſó aquelle Fidalgo era o culpado de cahir da Coroa de Portugal huma pedra taõ precioſa.

D. Alvaro de Caſtro poz o negocio em conſelho, que reſolveo, ſuppoſta a perda de Adem, ſe voltaſſem as armas a favor do Rei de Caxem, noſſo amigo, que eſtava deſpojado de parte dos ſeus dominios. Parou eſta expedi-

çaõ

çaõ na conquista do Fórte de Xael, em que se deixáraõ matar os poucos Fartaques, que a defendiaõ: ventura ligeira, a que em Goa se deo taõ alto tom de heróica, quanto de abatida á retirada de D. Paulo de Noronha, que o Governador naõ quiz vêr na India, nem El-Rei attender no Reino. Entaõ se perguntavaõ os Portuguezes quaes eraõ as tres cousas succedidas; huma, que de amargosa se fez doce; outra, que de grande se fazia pequena; a terceira, que de pequena a fizeraõ grande? Elles se respondiaõ, que as bombardas atacadas de maçapões no triunfo de D. Joaõ de Castro convertêraõ o amargo em doce; que a conquista de Baroche se mudára de grande em pequena pela haver feito D. Jorge de Menezes; que a tomada de Xael, sendo cousa taõ pequena, lhe deraõ estatura bem grande, por haver sido acçaõ do filho do Governador. D. Alvaro recebeo em Goa as honras do triunfo por ordem de seu Pai, que entendeo devia usar desta politica apparente, quando vivamente sentia a pouca vanta- Era vulg.

gem

Era vulg. gem do filho, e a grande quebra de D. Paulo.

CAPITULO II.

El-Rei noméa a D. João de Castro Viso-Rei da India: sua mórte, e qualidades com os successos de Garcia de Sá.

LOURENÇO Pires de Tavora, como testemunha de vista, trouxe a Portugal a relação miuda do sitio, defensa, e batalha de Dio, que déraõ assumpto á conversação das gentes, e ao assombro geral da Europa. El-Rei communicou a todos os Principes a victoria, que as suas armas acabavaõ de ganhar sobre o Monarca mais poderoso do Indostaõ; e o nome do instrumento della, o grande D. Joaõ de Castro, entrou a ser ouvido com respeito, e reverencia, elle estimado por hum homem igual em ambas as fortunas. No primeiro de Novembro partíraõ logo tres náos a levar-lhe soccorros para a guerra, e despachos para a pessoa. No seguinte Dezembro

bro se expedíraõ outras tres com o primeiro designio: aquellas commandadas por Martim Correa da Silva, que hia provído no governo de Dio, e levava a D. Joaõ de Castro, além das honradas Cartas d'El-Rei, e do Infante D. Luís, a prorogaçaõ de mais tres annos no governo da India com o titulo de Viso-Rei, dez mil cruzados de donativo, e a patente de General do mar para seu filho D. Alvaro: estas ás ordens de Francisco Barreto, que hia despachado no governo de Baçaim, e teve de invernar em Moçambique. Era vulg.

Recebeo o Viso-Rei D. Joaõ de Castro o despacho das honras caducas, quando a natureza prostrada deixava, que o espirito se fosse desatando para sahir do ergastulo do corpo, e ir gozar na Eternidade as permanentes. Sentindo que a debilidade das forças occasionada de febres agudas o embaraçava para cuidar dos negocios, todos poz de parte, unicamente entregue aos da consciencia, que he o negocio de todo o homem. Elle encarregou o governo ao Bispo D. Joaõ de Albuquer-

que,

Era vulg. que, a D. Diogo de Almeida Freire, Governador de Goa, ao Chanceller Mór, ao Ouvidor Geral, e ao Vedor da Fazenda. Depois chamou os homens bons, os Deputados, os Prelados das Religiões, os Officiaes das rendas d'El-Rei, os dous Pilotos déſtros, que elegêra para o levarem a ſalvamento na ſúa arriſcada viagem, a ſaber, o Padre Franciſco Xavier, e Fr. Antonio do Caſal, Cuſtodio dos Franciſcanos. Tendo-os a todos preſentes lhes fez o diſcurſo ſeguinte: diſcurſo capaz de arrancar lágrimas dos olhos dos mais inſenſiveis, digno da lembrança da poſteridade, coroa da heroicidade de D. Joaõ de Caſtro, hum diſcurſo ſó ſeu, verdadeiro, das peſſoas do ſeu caracter pouco imitado, jurando ſobre o Livro dos Evangelhos as verdades, que hia a proferir, elle diz:

Mandei-vos chamar, ſenhores, para vos repreſentar o eſtado miſeravel a que eſtá reduzido hum Viſo-Rei da India. Quanto tive, e recebi d'El-Rei, deſpendí no ſeu ſerviço. Nem a elle, nem a peſſoa alguma particular ſou deve-

vedor de nada. Nem hum ſó preſente, Era vulg.
de que eu me utiliſaſſe, entrou em minha caſa. Eſtou taõ pobre, que hoje naõ houve nella com que ſe comprar huma gallinha para eſte enfermo, como o Medico mandava. Mais laſtimoſa he a minha condiçaõ, que a do ſimples ſoldado. Eſte acha em hum Hoſpital quanto lhe he preciſo para ſe curar. O donativo, que eu recebi da Real Grandeza, ſervio-me para ſatisfazer as dívidas contrahidas nas expedições, de que todos ſois teſtemunhas. Fiquei ſem hum real. Algum dia ſobre o penhor das minhas barbas achei entre vós dinheiro de empreſtimo para as neceſſidades do Eſtado. Hoje para as minhas naõ tenho valor de vo-lo pedir por meio do empenho das barbas de hum homem, que eſtá para morrer. Naõ me fica mais refugio, em quanto naõ chegaõ as náos do Reino, que pedir aos Veadores, e Officiaes da Fazenda ſoccorraõ com o dinheiro d'El-Rei a minha neceſſidade extrema da caſa, e da peſſoa. Aſſiſtí-me, Senhores, com huma congrua decente na duraçaõ deſta

Era vulg. doença. Se virdes, que eu gasto de mais, cortai, suspendei, tende maõ no que fôr superfluo. Quero o necessario para a vida. Em despender o dinheiro Real haja grande cautéla. Se houverem inconvenientes para me fazerdes esta graça, eu a peço por esmóla, e caridade á Casa da Misericordia, que me contará no número dos seus pobres.

De tudo quanto o Viso-Rei acabava de dizer, e de jurar, mandou fazer hum Auto público, que todos assignáraõ: Auto, que nós deviamos gravar nos porticos dos nossos Templos, nas pyramides, e columnas para confundirmos em todas as idades os Fastos Gregos, e Romanos, as memorias dos Themiscocles, e Fabricios, dos Diogenes, e Crateros. Os Veadores da Fazenda arbitráraõ ao Viso-Rei o necessario para o gasto da sua casa, que naõ fez muita despeza; porque passados poucos dias, sempre recolhido com S. Francisco Xavier na sua ante-camara, entregou o espirito ao Creador aos seis de Junho deste anno, e aos 48 da sua idade. Buscou-se o testam nto, que estava no seu

Co-

Cofre de resguardo, em que se acháraõ humas disciplinas com signaes de bom uso, e os cabellos da barba, que mandára de Dio empenhar a Goa. Morreo D. Joaõ de Castro como viveo, e mereceo ter por primeiro Panegyrista o grande S. Francisco Xavier nesta carta escrita ao Padre Ignacio Martins aos 28 de Outubro do mesmo anno: Era vulg.

A impensada mórte do Viso-Rei D. Joaõ de Castro deixou sem espiritos a todos estes Póvos, e certamente perdeo S. A. nelle o melhor vassallo, que se podia desejar; e ainda se naõ sente a sua mórte, que eu imaginei foi sonho. Se na sua vida foi espelho da virtude, e do valor, na mórte foi pejo aos Ecclesiasticos, e assombro aos seculares: aos Ecclesiasticos, porque a sua mórte naõ parecia senaõ de hum Anjo, se dizer se póde; e aos seculares, porque lançou a baliza da cubiça além da raya, deixando no desprezo dos bens profanos huma memoria, de que se póde levantar estatua, estimando em tanto a pobreza, que ainda para a comida da sua doença pedio prestado, e com taõ lim-

Era vulg. pas mãos da Fazenda Real, que ao ponto de morrer deo teſtemunho jurado, que pela conta que tinha que dar ao ſeu Creador, nada, nem valor de hum xerafim devia. Deo o eſpirito ao Senhor com tantas moſtras de Juſto, que na minha eſtimaçaõ voou ao Ceo, e ſenaõ, naõ ſei o que eu ſerei.

Eſte he o mais illuſtre de todos os teſtemunhos, que canoniſa a probidade de D. Joaõ de Caſtro, filho ſegundo de D. Alvaro de Caſtro, Governador da Caſa do Civel, e de ſua mulher D. Leonor de Noronha, filha de D. Joaõ de Almeida, ſegundo Conde de Abrantes. Taõ illuſtre como pobre, caſou com D. Leonor Coutinho, filha de D. Leonel Coutinho, que morreo com o Marechal em Calecut, da qual teve a D. Miguel de Caſtro, que falleceo Governador de Malaca; a D. Fernando de Caſtro, que morreo na mina de Dio; a D. Alvaro de Caſtro, que pelos ſeus altos merecimentos foi Embaixador a Caſtella, França, Roma, e Saboya, Conſelheiro de Eſtado, e Vedor da Fazenda d'El-Rei D. Sebaſtiaõ. Jacin-

cintho Freire de Andrade com a ſua Era vulg.
inimitavel penna refere os ſucceſſos illuſtres de toda a ſua vida, e lhe deſcreve o caracter com eſta elegancia: D. Joaõ de Caſtro foi viſto com igual ſemblante entre as incommodidades da Patria, e as proſperidades do Oriente, parecendo ſempre o meſmo homem em diverſas fortunas. Fez brio de merecer tudo, e de naõ pedir nada. Fazia razaõ, e juſtiça a todos igualmente, ſendo nos caſtigos inteiro, mas taõ juſtificado, que mais ſe podiaõ queixar da Lei, que do Miniſtro. Era com os ſoldados liberal, e com os filhos parco, moſtrando mais humanidade no officio, que na natureza. Tratava com grande reſpeito as acções dos ſeus Anteceſſores, honrando até aquellas, de que ſe apartava. Sem eſtragar a cortezia conſervou o reſpeito, ſempre zelou a cauſa de Deos primeiro, que a do Eſtado; nenhuma virtude deixou ſem premio; alguns vicios deixava ſem caſtigo, melhorando aſſim a muitos, huns com o beneficio, outros com a clemencia. Os donativos, que recebia dos Principes da Aſia, manda-

Era vulg. dava carregar na Fazenda Real, virtude, que louvárão todos, imitárão poucos. Os soldados enfermos achavaõ nelle lastima, e remedio; a todos obrigava, e parecia devedor de todos. Nenhuma facçaõ emprehendêo, que naõ conseguisse, sendo nas execuções promptissimo, maduro nos conselhos. Entre occupações de soldado conservou virtudes de Religioso; era frequente em visitar os Templos, grande honrador dos Ministros da Igreja, compassivo, e liberal com os pobres; devotissimo da Cruz, cujo signal adorava com inclinaçaõ profunda sem differença de lugar, ou tempo, &c.

Abertas as vias se achárão nomeados D. Joaõ Mascarenhas, e D. Jorge Telo, que haviaõ partido para o Reino. Abrio-se a terceira, e cahio a sorte no veneravel velho Garcia de Sá, que estava presente; Fidalgo, que contava mais merecimentos, do que dias; que se conduzia segundo a simplicidade dos primeiros tempos, e que havendo passado na India a maior parte da vida, era hum seminario de experiencias acompanha-

nha-

nhadas de probidade. O prazer dos homens na sua eleiçaõ foi á proporçaõ da estimaçaõ geral, em que todos o tinhaõ, fossem Portuguezes, ou Indios, testemunhas contestes da candura dos seus costumes. Tudo brilhou nos primeiros dias do seu governo, fosse na renovaçaõ dos Tratados feitos entre o Çamorim, o Nizamaluco, o Cotamaluco, e outros Principes, ou fosse no ajuste na nova paz com o Hidalcaõ, que acabou por huma vez com o negocio mais critico, que durava do tempo do Governador Martim Affonso de Sousa atégora, a respeito do refugiado Meale. Era vulg.

O Hidalcaõ logo que soube que Garcia de Sá succedêra a D. Joaõ de Castro, lhe mandou propôr a falta de observancia dos Tratados, de que os seus predecessores abusáraõ, retendo em Goa a Meale, quando elle lhes havia cedido as terras de Bardes, e Salcete com a condiçaõ de mandarem este Principe para as Molucas, ou para Portugal: que o Estado possuia as terras, e Meale estava em Goa: que a sua equidade naõ podia consentir esta contravençaõ, e que

Era vulg. que elle lhe pedia fizeſſe juſtiça. Garcia de Sá conduzio eſte negocio com tanta dexteridade, ſervio-ſe de termos taõ inſinuantes, uſou com o Hidalcaõ de tal candura, que elle muito á ſua ſatiſfaçaõ conveio na reſidencia de Meale em Goa, proteſtou de naõ fallar mais palavra nas pretençõєs de Bardes, e Salcete, e lavrou hum Tratado de paz de mutuos intereſſes com ſatisfaçaõ completa de ambas as partes contratantes.

Sem embainhar as armas o Rei de Cambaya, punha attentos os cuidados da India, e de Portugal. A mórte de Luís Falcaõ, Governador de Dio, que eſtando de noite no ſeu quarto, huma balla lhe entrou pela janela, e ſem ſaber-ſe donde veio, lhe tirou a vida; o deo grande a Garcia de Sá. Elle mandou logo a D. Jeronymo de Menezes encarregar-ſe da Fortaleza, em quanto Martim Correa da Silva naõ hia tomar poſſe; e elle preparou a Armada para fazer em peſſoa a jornada do Nórte. Do
1549 Reino, depois das ſeis náos em que fallamos, ſahíraõ mais onze em duas Eſquadras para reforçarem a guerra de Cambaya,

baya, que animada por hum Rei poderoſo, e eſtimulado, fazia que em Liſboa ſe lhe temeſſem as conſequencias. A primeira daquellas Eſquadras era composta de cinco náos ás ordens de Manoel de Mendoça, que levava o deſpacho das Fortalezas de Çofala, e de Moçambique; a ſegunda de ſeis commandadas por D. Joaõ Henriques, que hia provido no governo de Malaca. Neſtas náos paſſáraõ á India os primeiros Religioſos de S. Domingos, que fundáraõ em Goa o Convento da ſua Ordem em toda a parte luminoſa. Era vulg. 1549

Naõ foraõ neceſſarios eſtes ſoccorros para a guerra de Cambaya, que ſoube prevenir a prudencia de Garcia de Sá. O Rei Sultaõ Mamud ſim eſtava com as armas na maõ, quando eſte Governador chegou ao Nórte acompanhado de huma Armada numeroſa, muito mais da ſua reputaçaõ, que fazia maior vulto. Soube o Sultaõ, que elle chegára a Baçaim, e deſpedio Embaixadores a cumprimentallo, a eſcuſar-ſe dos ſucceſſos paſſados, a queixar-ſe do Viſo-Rei, que naõ quizera cumprir os Arti-

Era vulg. tigos da paz antes ajuſtada com D. Garcia de Noronha: huns Officios, que Garcia de Sá atalhou com as demonſtrações ſenſiveis, de que o perfido Coge Çofar tinha ſido a cauſa da rotura da concordia, que o Sultaõ podia conſolidar, ſe quizeſſe obrar juſto. Como as noſſas eſcuſas ſe conformavaõ com as inſtrucções daquelles Miniſtros; a paz foi ajuſtada quaſi com as condições dos tratados precedentes, menos o muro de diviſaõ, e nos rendimentos da Alfandega, que ſe haviaõ repartir entre os dous Monarcas. Por eſte Tratado ſe reſtabeleceo na India tranquillidade perfeita com grande vantagem do Eſtado, e conſummada gloria de Garcia de Sá, que em poucos mezes de governo obrou mais, que os ſeus predeceſſores em annos.

Nelle ſe avançáraõ felizmente os progreſſos da Religiaõ, a conquiſta das almas, por effeito do zelo abrazado de S. Franciſco Xavier, dos Veneraveis Padres Miguel Vaz, Diogo de Borba, e Joaõ Soares, que regenerou pelas aguas ſaudaveis do Baptiſmo o Rei de Tanor.

Eſ-

Este Principe convertido de coraçaõ, Era vulg.
e confessor de bocca quiz ter a complacencia de vir vêr a Goa a magestade, com que a Igreja celebra os Officios Santos. Elle foi tratado como o mesmo Rei de Portugal, se elle viesse a esta Capital do seu Estado da India; e confirmado na Fé, voltou a ser o Apostolo dos seus Dominios: conversaõ, que communicada por El-Rei ao Papa Julio III. elle a festejou com acções de graças, procissões, Pontifical, e todas as outras evidencias de prazer, com que a Igreja Militante se conforma no jubilo com a Triunfante, quando hum peccador faz na terra penitencia: jubilo maior, que o que lhe causa a perseverança de noventa e nove Justos, que de penitencia naõ necessitaõ.

Para pôr termo com gosto aos seus annos avançados, Garcia de Sá vio no fim da vida outros successos felices. Elle vio casadas duas filhas especiosas, que foraõ D Leonor de Albuquerque com Manoel de Sousa de Sepulveda, huma Heroina, como mostrou na desgraça do seu naufragio; a outra D. Joanna

Era vulg. pa de Albuquerque com D. Garcia de Noronha, filho do Viſo-Rei do meſmo nome, ambas ſem deixarem no mundo ſucceſſaõ, que chegaſſe a netos. Elle vio ſocegar a guerra ameaçada de Ormuz movida pelo rebelde Bislalá, que paſſando á terra firme, inquietava ao ſeu Rei, e a D. Manoel de Lima na tranquillidade do governo. Naõ o podendo ſujeitar por meio das armas, o Rei, e o Lima fiáraõ de hum galego alentado o negocio de lhe dar a mórte, que elle executou no meio das ſuas trópas, avançando a habilidade em as reduzir á obediencia do ſeu Rei natural, mudada de repente em obediencia a rebeliaõ.

CAPITULO III.

Dos acontecimentos da America, Africa, e Europa neſte anno de 1549.

EM quanto na India acaba a vida com mórte plácida Garcia de Sá, filho de Joaõ Rodrigues de Sá, Alcaide Mór

Mór do Porto, vejamos os ſucceſſos de Portugal pelas outras partes do Mundo. Até agora nada tenho eu tratado da America des do anno de 1500, em que eſta grande Regiaõ foi deſcoberta por Pedro Alvares Cabral, como diſſe antecedentemente. Do meu ſilencio foi cauſa a menos importancia dos deſcobrimentos do Braſil, por levarem os da India todas as attenções dos Reis de Portugal, que deſte anno de 1549 em diante ſe applicáraõ a povoar com mais deſvélo aquelle grande Continente. He verdade, que antes do dito anno já ſe haviaõ feito viagens ao Braſil, nelle deſcobrimentos, e povoações, de que eu darei aqui huma breve noticia, até chegar ao ponto do tempo, em que fallamos. Era vulg.

Depois que Pedro Alvares Cabral deſcobrio o Braſil, a primeira das ſuas terras, que os Portuguezes povoáraõ foi a Capitania de S. Vicente, que tomou o nome da Villa, ſua Capital. El-Rei D. Joaõ a deo a Martim Affonſo de Souſa, Governador da India, ſendo já ſenhor da de Tamaracá ſeu irmaõ, Pe-

dro

Era vulg. dro Lopes de Sousa. Do Pará foi conquistador, e povoador Francisco Caldeira de Castello-Branco, ao qual El-Rei D. Manoel fez mercê desta Capitania pelos annos de 1516. A do Maranhaõ, que se estende por 400 legoas de cósta, foi descoberta por Luiz de Mello da Silva, em 1535, e povoada por Jeronymo de Albuquerque de ordem do Governador Gaspar de Sousa. O Seará, huma vasta extensaõ de Paiz inculto situado em tres gráos e meio Austraes entre o Maranhaõ, e o Rio Grande, que nunca teve donatario, tambem foi descoberto, e mal povoado pelos mesmos tempos. Nicoláo de Resende descobrio o Rio Grande, e a sua Capitania habitada dos Gentios mais ferozes, andou sempre na Coroa. Em 1535 deo El-Rei a Paraiba ao memoravel Joaõ de Barros, que a mandou povoar por seus filhos acompanhados de 900 homens; mas elles se perdêraõ junto ao Rio Maranhaõ, e depois de passarem muitos trabalhos em huma Ilha, voltáraõ ao Reino sem nada conseguirem. Muitos annos depois a mandou

dou povoar o Cardeal Rei á custa da Coroa por Fructuoso Barbosa. Era vulg.

Pedro Lopes de Sousa conquistou, e povoou a Capitania de Tamaracá, de que El-Rei lhe fez mercê, como fica dito, e depois foi de D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, donde passou, por casamento, á Casa dos Marquezes de Cascaes. Duarte Coelho, que chegára a Portugal rico da India, com soldados á sua custa povoou a Capitania de Pernambuco, que obteve em premio dos seus serviços, e houve de sustentar com constancia huma dura guerra com os Gentios Caites ajudados dos Francezes, que nos perturbavaõ naquellas Colonias. Sergipe, que tem por Capital a Cidade de S. Chrystovaõ, he Capitania pobre, e que nunca foi de Donatario. Depois se segue a dos Ilheos, que tem por sua Capital a Villa do seu nome, El-Rei fez graça della em 1546 a Jorge de Figueiredo Correa, que despendeo na sua povoaçaõ muitos cabedaes; mas seu filho Jeronymo de Alarcaõ a vendeo a Lucas Giraldes, e teve depois outros des-

Era vulg. destinos. A de Porto Seguro, que tem o mesmo nome posto por Pedro Alvares Cabral na occasiaõ do seu descobrimento, foi dada pelo mesmo Rei a Pedro de Campos Tourinho, que a cultivou, e povoou; mas sua filha Leonor de Campos a vendeo a D. Joaõ de Lancastro, Duque de Aveiro.

A Capitania do Espirito Santo, e a sua Capital da mesma invocaçaõ, foi fundada por Vasco Fernandes Coutinho, que a obteve d'El-Rei em 1525. Na do Rio de Janeiro pretendeo estabelecer-se o Francez Nicoláo Villagailhon antes dos Portuguezes a habitarem. Pellos annos de 1566 Mendo de Sá, que governava na Bahia, veio em pessoa espalhar os Francezes volantes confederados com os Tamoyos da terra. Elle deixou encarregada a continuaçaõ da conquista a seu sobrinho Estacio de Sá, que foi soccorrido pela Rainha D. Catharina, e perdeo a vida nesta guerra. Seu Tio lhe vingou a mórte, abateo os Francezes, domou os Tamoyos, sem que a estes valesse o número, aos outros a indústria. Entaõ

ſe começou a fazer célebre a Capitania do Rio de Janeiro pela fundaçaõ de novas povoações, eſpecialmente a Cidade Capital de S. Sebaſtiaõ: nome, a que os Portuguezes uníraõ o obſequio ao Rei com a devoçaõ do Santo, como diremos em ſeu lugar. Ultimamente da Bahia de todos os Santos dizemos, que foi deſcoberta por Chryſtovaõ Jacques, e que o primeiro Portuguez, que por caminho deſgraçado a povoou, veio a ſer Digo Alvares, que perdendo-ſe na cóſta, pelo ſeu modo agradavel eſcapou com os companheiros de encontrar ſepulchro horrendo no ventre dos Barbaros. Entre eſtes ſe ſoube Diogo Alvares fazer arbitro, e merecer grande eſtimaçaõ por matar á eſpingarda hum paſſaro, depois na guerra alguns Tapuyas. Eſte homem veio a París, donde voltou para a America; mas no tempo que eſteve em França inſtruio a Pedro Fernandes Sardinha, que eſtudava em huma das ſuas Univerſidades, nas ſingularidades da Bahia. Na volta para Portugal o Sardinha deo parte a El-Rei do que paſſára com Diogo Era vulg.

Era vulg. Alvares, a tempo que chegava da India cheio de ſerviços Franciſco Pereira Coutinho. Em premio delles lhe fez El-Rei mercê da Provincia da Bahia com condiçaõ de a povoar á ſua cuſta.

Franciſco Pereira levou os primeiros annos em paz, que ſe mudou em oito da mais dura guerra. Naõ podendo já ſuſtentar-ſe, ſe retirou para a Capitania dos Ilheos, donde ajuſtou a paz com os Gentios; mas voltando para a Bahia, perdido no mar, encontrou maior naufragio na terra, aonde elle, e os ſeus acháraõ nas mãos dos Tupinambás a mórte, nos ſeus eſtomagos ſepultura. Aſſim tinhaõ corrido os negocios da Bahia até eſte anno de 1549. Como El-Rei por mórte do Coutinho havia tomado poſſe da Provincia, mandou nelle em cinco náos a Thomé de Souſa, Fidalgo muito honrado, com as qualidades neceſſarias para a importante expediçaõ, a que o ſeu Soberano o deſtinava. Elle levava as peſſoas neceſſarias para o governo Eccleſiaſtico, Politico, e Militar, muitos caſaes de moradores, 320 ſoldados, outros tan-

tos

tos degradados, e muitos artifices para fundar a Cidade de S. Salvador, que veio a ser a Capital do Brasil, Metropoli do Viso-Rei, Arcebispado, com Relaçaõ, e Arsenal, huma povoaçaõ das mais brilhantes da America. Era vulg

Com viagem feliz chegou Thomé de Sousa á Bahia, e achou a Gramataõ Teles em huma pequena Aldêa com 30 homens da companhia de Francisco Pereira Coutinho, que viviaõ em paz com os Gentios, sempre assustados da volubilidade da sua condiçaõ bruta. Elle se postou em terra com todo o apparato marcial, que os attemorisasse; com as exterioridades pias da Religiaõ, que os attrahisse. Precedia a todos hum Jesuita carregado com o pezo de huma grande Cruz ao hombro, como representando ao Original, que com outra Cruz ás côstas venceo o Sceptro do Exactor, como no dia de Madian, quando para a sua Sociedade elle tomava posse da grande Regiaõ de Santa Cruz, aonde tanto floreceo a piedade dos Jesuitas. Immediatamente se entrou á obra com tanta actividade, que em pouco tempo

Era vulg. ficou a Fortaleza acabada, e bem guarnecida de artilharia; a Cidade cercada em roda, e provida dos Officiaes necessarios para o seu governo. El-Rei se empenhou nos annos seguintes em engrandecella, e no de 1550 nomeou para seu primeiro Bispo ao mesmo Pedro Fernandes Sardinha, que em Pariz estivera com Diogo Alvares; mas perdendose a náo, que o levava com muita gente, elle, e os mais foraõ pasto da voracidade dos salvagens Americanos.

Por este tempo estava a Corte em Almeirim, aonde chegou Monsieur de Biron com o caracter de Embaixador Extraordinario de França para convidar da parte de Henrique II. seu Amo a El-Rei de Portugal para Padrinho de hum Principe seu filho, que lhe nascêra. El-Rei acceitou esta marca da amizade do Rei de França, e com o mesmo caracter enviou á Pariz a seu sobrinho D. Constantino de Bragança, irmaõ do Duque deste titulo, com os plenos poderes para ceremonia taõ augusta. D. Constantino assistio com a pompa, que ella requeria, e que á sua pessoa era devida, mui-

muito mais á do Soberano, que elle re- Era vulg.
presentava. Mas quando successos taõ felices enchiaõ de satisfaçaõ a nossa Corte, as vantagens do Xerife em Africa perturbáraõ o prazer com o susto das consequencias.

Este Barbaro, que como eu tenho mostrado, principiou de homem particular a levantar a máquina da sua grandeza sobre as idéas do fanatismo, fazendo-se na Africa Missionario do Alcoraõ; já Rei de Sus, depois de Marrocos pela derrota de seu irmaõ o Xerife Mayor, agora metteo o Reino de Féz no número das suas conquistas. Elle poderoso com o dominio de quatro Reinos taõ consideraveis como o de Sus, Féz, Morrocos, e Velles, huma tal uniaõ de Sceptros metteo em agitaçaõ a Corte de Portugal, e a fez lembrar da necessidade, que tinha de guarnecer as Praças de Africa, como barreira para impedir em Hespanha as invasões do Monarca formidavel. Levou as primeiras attenções Alcacer Ceguer, aonde se determinou fundar hum Castello na ponta do monte de Seynal,

que

Era vulg. que era hum padrasto com aptidaõ para poder a Praça ser batida. Foi encarregado desta obra D. Affonso de Noronha, Governador de Ceuta, juntamente com Alvaro de Carvalho, que o era de Alcacere. O bravo Luiz de Loureiro foi enviado a Andaluzia reclutar 500 homens para Tangere, 400 para Arzila, e o número, que podesse, para o Seynal. D. Affonso de Portugal, filho do Conde do Vimioso, teve a incumbencia de expedir as trópas, e de fornecer os viveres, e munições.

Avisou tambem El-Rei ao Imperador Carlos V., que se achava em Bruxellas, das novidades de Africa. O mesmo aviso fez a seu sobrinho o Archi-Duque Maximiliano, que governava por elle em Castella; representando a ambos os interesses communs, e que as galéz Castelhanas cruzassem os mares dentro, e fóra do Estreito. Condescendendo ambos os Principes com esta demanda do Rei de Portugal, D. Affonso de Noronha passa de Ceuta a Alcacere, aonde vaõ com trópas Castelhanas o Duque de Arcos, e o Conde de

Caf-

Castellar. Todos reconhecem a importancia do Forte do Seynal, em que se trabalhava com ardor sem opposiçaõ dos Mouros. Quando todos se dispunhaõ para levantarem na Mauritania novas peças de fortificaçaõ, máquinas para huma defensa vigorosa, Luiz de Loureiro chegava de Lisboa com ordem para Arzila, que era governada pelo Conde do Redondo, ser demolida, e abandonada aos Mouros: resoluçaõ; que huns sentíraõ, outros approváraõ; que se a alguns pareceo providencia, muitos na conjunctura a attribuíraõ a medo, taõ vários os sentimentos dos homens, como differentes as inclinações dos espiritos, ou os affectos dos corações.

Era vulg

Temia-se sobre nós a marcha do Xerife, quando fizemos minar as fortificações de Arzila, que leváraõ pelos ares hum dos tres magnificos troféos, que déraõ ao Rei D. Affonso V. a Devisa glorosa de Africano. Já se temia o mesmo destino a Alcacer Ceguer, que lhe naõ tardou, nem já havia quem reconhecesse a importancia do Seynal, pouco-

Era vulg. co antes canonisada importantissima. Como a lisonja era o primeiro agente para se tomarem resoluções effectivas, entendeo-se justo que os dous grandes homens D. Pedro Mascarenhas, e seu Sobrinho D. Joaõ Mascarenhas, pouco antes chegado da India com o titulo de Heróe pela memoraval defensa de Dio, passassem ambos a Africa, e fossem elles os Juizes arbitros do que se devia fazer da Praça de Alcacer, e do Forte do Seynal. Assentáraõ estes Varões illuminados, que naõ obstante a despeza de tantas sommas até entaõ applicadas, o Seynal, e Alcacere deviaõ voar, como effectivamente foi executado.

Naõ impedio o mesmo destino sobre Arzila a negociaçaõ do Rei deposto de los Velles refugiado na Praça de Melilha. Luiz de Loureiro trabalhava na execuçaõ das ordens, de que fora encarregado, quando El-Rei pelo seu Embaixador Lourenço Pires de Tavora representava ao Imperador Carlos a necessidade da uniaõ dos dous Principes para desmembrarem os Estados do Xerife

rife com a protecçaõ, que elles deviaõ dar a Muley Buhaſon, Rei dos Velles. A meſma negociaçaõ ſe tratava com Maximiliano em Caſtella, e além deſta Liga, pretendia aquelle Rei dethronado, que havendo os Portuguezes de abandonar Arzila, lha entregaſſem a elle para a oppôr como hum freio aos progreſſos rápidos do Xerife. Para lograr ambos os deſignios Muley foi em peſſoa a Caſtella, e a Anvers, aonde nada conſeguio de proveito. Voltou a Liſboa com a eſperança de ſe ir firmar em Arzila, que já eſtava em poder dos Barbaros, o Xerife mais arrogante com eſtes deſpojos, que deveo antes a huma frouxidaõ languida, que ao ſeu valor ardente. Era vulg.

El-Rei, que quando queria diminuir-lhe os Eſtados, lhe engroſſava o poder, naõ duvidou dar a Muley os ſoccorros, que lhe pedia para o levarem á ſua Cidade de Velles com o deſtino de renovar a guerra, para que o convidavaõ arrependidos os ſeus vaſſallos, que lhe haviaõ negado a obediencia. Foi encarregada eſta empreza a

Ig-

Erá vulg. Ignacio Nunes Gato, que tinha a recommendaçaõ de ser bom interprete da Lingua Araba, e partio para ella com cinco navios, em que levava o Rei Muley, e 500 homens de soccorro. Elle entrou na Cidade de los Velles fazendo ostentaçaõ do seu poder com huma salva estrondosa de artilharia; mas desparada a taõ máo tempo, que foi ouvida por Zala Raez, Governador de Argel, que da outra parte da terra acabava de espalmar huma Esquadra de vinte, e quatro galés, com que andava infestando os mares de Hespanha. Naõ mediou tempo em elle ouvir o estrondo dos canhões, mandar tomar os remos em punho, e entrar com semblante de guerreiro pelo porto de los Velles.

Defendeo-se Ignacio Nunes com corage em partido taõ desigual, que até lhe faltou o vento para fugir, sendo a calmaria taõ vantajosa ás galés para combater. Ficáraõ os cinco navios, e as suas tripulações prisioneiros do Raez, que entrou com elles triunfante em Argel. Perda, que se entaõ foi sensivel

ao

ao Rei Muley, depois tirou della consequencias felices pela alliança, que fez com Zala Raez, como veremos a seu tempo, e que servio a El-Rei para exercitar os officios da caridade com os seus vassallos captivos, que promptamente resgatou do poder dos Barbaros por meio da despeza de grossas sommas. Era vulg.

CAPITULO IV.

Continúa a materia do Capitulo precedente, quanto aos negocios da Europa, até ao principio do governo de Jorge Cabral na India.

PREPARADO em Africa o theatro para as representações funestas, que depois se seguíraõ, El-Rei se applicava com actividade em fazer feliz o seu Povo, seja pelos novos regulamentos dados aos Desembargadores para cortarem as demoras das causas, que envelheciaõ os pretendentes na Corte; seja por abater os preços dos generos, que

Era vulg. que os monopoliſtas ſobiaõ a huma altura intoleravel; ou ſeja pelo deſvélo, com que cuidou nos avances da agricultura, e multiplicaçaõ das coudelarias, de que no Reino havia neceſſidade. Quando elle ſe entretinha neſtas acções dignas da Mageſtade, hum negocio em Roma, outro em França lhe deſafiáraõ a attençaõ. Morreo na Curia o Papa Paulo III., e por arbitrio proprio Balthaſar de Faria, que eſtava nella Enviado, lembrou aos Cardeaes, e aos Embaixadores do Imperio, e de França a peſſoa do Cardeal D. Henrique para ſucceder no Pontificado. Como em todos achou acolhimento, foſſe ſincero, ou apparente, deo parte do que paſſava a Lourenço Pires de Tavora, Embaixador junto á peſſoa de Carlos V., e a Braz de Alvide, Reſidente em París, que encontráraõ neſtes Soberanos as meſmas civilidades, que Balthaſar de Faria achára nos ſeus Embaixadores em Roma.

Os dous Miniſtros illuminados Tavora, e Alvide, naõ querendo avançar os officios em hum negocio deſta natu-

tureza ſem ordem expreſſa de ſeu Amo, Era vulg.
deraõ parte á Corte de Lisboa, a tempo que o Faria tambem praticava eſte juſto dever. El-Rei, que ſe deſejava para ſeu irmaõ eſta alta Dignidade, naõ queria ſollicitalla como pretendente com detrimento da honra da Soberania; nem por meios humanos, mas recebella como hum dom, que pende do alto; elle eſcreveo ao Imperador, ao Rei de França, aos ſeus tres Miniſtros por hum tom, que fazia ſobreſahir a independencia da Mageſtade ao empenho, que ſe lhe podia conſiderar de vêr Pontifice a hum Cardeal Principe, que era irmaõ de hum Rei. Porém quando as inſtrucções chegáraõ a Roma, os Cardeaes haviaõ dado tanta preſſa á eleiçaõ, que já Julio III. eſtava criado Papa. El-Rei moſtrou tanta ſatisfaçaõ da ſua eleiçaõ, que logo lhe mandou render obediencia, e dar os parabens da exaltaçaõ ao Solio por huma peſſoa de taõ alto caracter, como era ſeu Sobrinho D. Affonſo de Lancaſtro, Commendador Mór da Ordem de Chriſto.

No

Era vulg. No negocio de França podia El-Rei tomar as medidas eſtipuladas nos Tratados precedentes para cortar os exceſſos dos pyratas Francezes, que naõ ceſſavaõ de inſultar os noſſos navios, que voltavaõ das conquiſtas. Naõ quiz elle valer-ſe da força ſem eſgotar os meios da prudencia; ordenando a Braz de Alvide propozeſſe ao Rei Henrique, e ao Condeſtavel de França as contravenções dos Francezes aos meſmos Tratados, que rompiaõ a cada paſſo: que elle eſperava da ſua equidade fizeſſem parar os inſultos; e que quando aſſim naõ ſuccedeſſe, elle ſe havia por juſtificado para repellir a força com a força. Reſultou deſtes officios prorogar-ſe mais tempo para Juizes arbitros decidirem a queſtaõ, que era bem capaz de tranſtornar a harmonia dos dous Eſtados contratantes.

Quando em Portugal, e Africa aconteciaõ os ſuceſſos referidos, na India acabava a vida com reputaçaõ entre os homens o Governador Garcia de Sá, e aberta a quarta ſucceſſaõ, Jorge Cabral foi declarado ſeu ſucceſſor. Elle ſe acha-

achava governando Baçaim, aonde ſe lhe mandáraõ as novas da nomeaçaõ, que ſó deixou de ſer agradavel ao eſpirito do nomeado. Longe de acceitar o cargo, a nenhuma ambiçaõ de Jorge Cabral quizera antes acabar o emprego, que occupava para ſe ſervir dos ſoldos na viagem do Reino, que voltar a elle como mendigo depois de governar a India. Foi capaz de derrotar eſta conſideraçaõ bem previſta a jactancia de ſua mulher, que ſendo bella, moça, e ambicioſa, preferio as fumaças da honra vã, ou os deſejos de ſe vêr a primeira ſenhora da India aos intereſſes reaes, e verdadeiros, que melhor ponderava a circunſpecçaõ do ſeu prudente marido. Era vulg.

Ajuntou-ſe ao prazer, com que Goa o recebia nos corações, o da chegada de cinco náos, que eſte anno ſahíraõ de Lisboa commandadas por D. Alvaro de Noronha, filho do Viſo-Rei D. Garcia, provido no governo de Ormuz, e que trazia ás ſuas ordens os Capitães Diogo de Mendoça, Jocome Triſtaõ, Joaõ Figueira, e Diogo Botelho Pereira, o que fora na pequena Fuſta levar da India

Era vulg. dia a Portugal a noticia da fundaçaõ da Fortaleza de Dio. Eſte homem memoravel, depois de andar annos na Corte deſattendido em premio da ſua façanha, como diſſemos, perdida a ſaude no governo da Ilha de S. Thomé, agora deſpachado no de Cananor, embarcou taõ hydropico, que ſobre parecer hum monſtro, ſe aſſegura bebia dous almudes de agua em cada dia: moleſtia, com que chegou á India para ter a conſolaçaõ de morrer lembrado.

Naõ ſe enganou o público na idéa, que formava do merecimento peſſoal de Jorge Cabral, e o ſeu governo, ainda que breve, paſſou por hum dos mais eſtimaveis entre os melhores. Elle foi hum Fidalgo, que naõ conhecia o intereſſe; que amava a juſtiça; que zelava o bem commum; que abominava o fauſto; que a toda a hora ouvia as partes; que ainda ás mais impertinentes ſe moſtrava benigno; que ſempre teve as trópas ſatisfeitas. A eſtas bellas qualidades ajuſtava elle a de huma condeſcencia facil aos dictàmes dos prudentes, de que reſultava, que os homens nos

con-

conſelhos votaſſem livres, ou lhe fizeſſem aviſos por cartas anonymas, quando as urgencias do Eſtado o requeriaõ. Depois, no meio dos negocios mais ſerios, entretinha o povo com hum eſpirito de jucundidade, multiplicando feſtejos públicos para o ter ſempre contente, quando os trabalhos eraõ mais fortes: Idéa imitavel, de que ſó ſe aparta a auſteridade dura, que ſe firma no temor dos outros, como ſe ella podeſſe ter aquella virtude ſuperior, que faz bemaventurado o homem, que ſempre anda medroſo. Era vulg.

Grandes negocios occupáraõ em pouco tempo toda a dexteridade de Jorge Cabral. Elle teve de prover os das Molucas, que corriaõ de mal em peior, eſpecialmente depois de ſaber, que paſſavaõ a ellas os Caſtelhanos em cinco náos commandadas pelo meſmo Fernaõ de la-Torre, que annos antes trouxera Fernaõ de Souſa de Tavora daquellas Ilhas para a India, donde ſe recolheo a Heſpanha. Elle naõ pode eſcuſar-ſe de tomar partido na guerra contra o Rei de Bardelá, que os Portuguezes chama-

Era vulg. vaõ o Rei da Pimenta. Elle teve de ſoccorrer em Ceilaõ ao Rei de Cota contra ſeu irmaõ rebelde. Elle deo o meſmo auxilio ao de Candea, que repreſentando-lhe o deſejo de ſer Chriſtaõ, pedia tropas para ſe oppôr aos vaſſallos, que o quereriaõ divertir dos ſeus ſantos intentos. Em fim, elle ſe vio na neceſſidade de fazer hum armamento reſpeitavel por conta da voz, que corria, de que os Turcos com huma groſſa Armada, que tinhaõ de verga d'alto no porto de Suez, marchavaõ a atacar alguma das Praças mais importantes da India.

Em quanto á guerra do Rei da Pimenta, eſte Principe, que ſegundo o coſtume Oriental, era hum dos perfilhados do Rei de Cochim, abandonou eſta relaçaõ para a contrahir com o Çamorim de Calecut, ſempre inimigo daquelle Rei, e por conſequencia dos Portuguezes. O de Cochim ſentio a ſua injúria, e o perigo do ſeu Reino com eſta alliança; nós a falta da pimenta, que Bardelá nos fornecia, e agora paſſaria a Calecut. Antes que eſte negocio houveſ-

vesse chegado a termos de rotura, Jorge Cabral, que viera de Tanor a Cochim, se desgostou com o seu Rei por condescender nas idéas de Francisco da Silva, Governador da Fortalaza, Fidalgo impetuoso, imprudente, avarento, que conseguio delle a permissaõ de roubar o Pagode de Palurte, aonde imaginava hum grande thesouro. Desta empreza taõ temeraria, como injusta, naõ resultou mais proveito, que mórtes, e feridas de Portuguezes, sentimentos do Rei de Cochim pelo insulto sacrilego, e o Governador nada conseguir nos negocios, que o trouxeraõ á Corte do Rei amigo, agora aggravado. Era vulg.

Com a ausencia do Governador tomou corage o Principe da Pimenta para obrar com força descoberta contra Cochim: resoluçaõ, que poz o seu Rei na necessidade de se reconciliar com Francisco da Silva, que inutilmente tentou todos os meios para divertir o Principe da alliança com Calecut. Concluida ella, o Principe fortificado com os soccorros, que recebêra do Çamorim, veio ajudado de mil Nayres lançar-se na 1550

Era vulg. Ilha de Bardelá, que era o objecto da divisaõ, e se fez senhor della. Esta expediçaõ fez pronunciar no juizo do Rei de Cochim, e de Francisco da Silva a sentença decisiva da prizaõ, e ruina do Principe. Ambos os Colligados o buscaõ em Bardelá, o primeiro com as suas forças de terra no Reino da Pimenta, o segundo por mar na Ilha com 600 Portuguezes. Antes da rotura o Principe, que já desejava compôr-se, acceitou a proposta de huma conferencia com Francisco da Silva. Elle consentio em tudo, até se sobmetter a residir na nossa Fortaleza de Cochim, com tanto que o Silva fosse garante da sua segurança, em quanto se tratasse da paz.

Transportou-se o nosso Chéfe da sua arrogancia costumada, e se sustentou obstinado na proposiçaõ destemperada, de que elle se havia entregar á discriçaõ do Rei de Cochim. Como o de Bardelá recusou esta extravagancia, Francisco da Silva depois de o tratar como quiz, lhe voltou as cóstas, e se lançou ás armas. Duro foi o combate, e nelle victimas da sem-razaõ as vidas do

Prin-

Principe, e do Silva. Eſte Cabo vale- Era vulg.
roſo, ainda que imprudente, teve a vantagem taõ completa, que morto o Principe, derrotadas as ſuas forças, chegou ao Palacio Real, e lhe deo fogo; injúria, que para os vaſſallos da cóſta do Malabar era intoleravel. Os Indios do ſeu partido o aviſáraõ, de que ella havia ſer cauſa dos Nayres ſe fazerem Amoucos; virem lançar-ſe ſobre os Portuguezes a morrer, e matar; que elle foſſe embarcar-ſe, antes que os prazeres da victoria ſe converteſſem em lutos. Elle deſpreſou o conſelho, e ao tempo, que os prudentes á viſta de huma trópa de Nayres furioſos buſcavaõ a praia; elle com 150 temerarios, que o seguíraõ, ſe avançou para a Cidade.

Creſceo tanto o número dos conjurados, que o Silva teve de buſcar o campo para correr ao embarque. Como elles ſe lançavaõ a corpo perdido ſobre os noſſos com fúria brutal, muitos entráraõ a cahir, entre elles alguns Fidalgos diſtinctos; os mais cuidáraõ em ſe retirar para buſcarem nadando as em-

Era vulg. embarcações com deſordem lamentavel. Franciſco da Silva deſamparado dos ſeus, mais furioſo que os Amoucos, ſe lançou a elles, e depois de peleijar em deſeſperado, cahio morto aberto em feridas. O meſmo deſtino tiveraõ mais de cincoenta Portuguezes, que foraõ ſacrificados pela precipitaçaõ do ſeu Chéfe, que teve por Succeſſor no emprego a Henrique de Souſa Chichorro para reſtaurar a glória da reputaçaõ perdida ſobre os Nayres arrogantes com a victoria. Ella os encheo de tanta ſoberba, que naõ contentes com devaſtarem a Ilha de Aru pertencente ao Rei de Cochim, viéraõ atacar os arrabaldes deſta Cidade pelo quartel dos Judeos. Henrique de Souſa lhes ſahio ao encontro com ſucceſſo taõ differente ao do ſeu predeceſſor, que nem hum ſó dos Amoucos ficou com vida.

Pela certeza conſtante de que o Çamorim preparava hum Exercito de 140ↀ000 homens para vir tomar poſſe da Ilha de Bardelá, e mais Eſtados do Rei defunto, em que havia perfilhar hum ſobrinho, que lhe ficára, e que pa-

para engrossar mais o poder convocava todos os Principes seus vassallos; os Governadores de Cochim, e Cananor determinárao oppôr-se a estes designios, e cortarem ao Çamorim a passagem para os Paizes ameaçados. Toda a diligencia destes Chéfes nao impedio, que elle lançasse na Ilha 40000 Nayres commandados por desoito Principes seus alliados, e tributarios, entre elles alguns rebeldes de Cochim. Henrique de Sousa despachou por mar com este aviso ao Governador o valeroso Fernao Rodrigues de Mariz, que com viagem horrenda no rigor do Inverno chegou a Goa atropelando perigos. Ao mesmo tempo mandou a seu cunhado Antonio Correa, que com trinta navios de remo impedisse aos Principes acantonados em Bardelá a communicaçao com o Çamorim, que estava em Chor no Continente de Chembe. Era vulg.

Nós nao individuaremos os successos ligeiros desta guerra em todo o Inverno para referirmos os cuidados do Governador Jorge Cabral, que desejando empenhar nella as forças do Esta-

Era vulg. tado pelos noſſos intereſſes enlaçados com os de Cochim; elle ſe via embaraçado com as noticias concordes da grande Armada de Turcos, que vinha ſahindo do Eſtreito a demandar a India: noticias, que chamavaõ todas as ſuas attençõеs, ſem poder reſervar alguma para o grande negocio de Bardelá. Ellas lhe impediaõ ſahir de Goa, e o forçavaõ a preparar a Armada com toda a diligencia; mas ellas lhe ſervíraõ para dar novo relevo a ſua conſummada prudencia nos conſelhos, que pedio a todos os homens de experiencias eſpalhados pela India; para conhecer a delicadeza de eſtimaçaõ, que todos faziaõ da ſua peſſoa nos importantes, e voluntarios donativos, que lhe apreſentáraõ, tudo officioſo, nada extorquido. Como diſpoz a Providencia ao meſmo tempo pelo avançado da Eſtaçaõ, que as náos do Reino já naõ poderiaõ paſſar de Cochim, e que a Fróta Otomana por ordem do Sultaõ foſſe deſarmada em Suez; Jorge Cabral ficou deſembaraçado para empregar as forças da India na guerra de Calecut.

CA-

CAPITULO V.

Da expediçaõ do Governador Jorge Cabral ſobre Bardelá, e outros ſucceſſos do ſeu tempo nas Molucas.

DESTERRADO na India o temor da vinda dos Turcos, o Governador deſpedio de Goa a Manoel de Souſa de Sepulveda, para que ajuntando os ſeus navios aos de Cochim, bloqueaſſe aos Principes Malabares na Ilha de Bardelá. Elle os rodeou de fórma, impedidos os ſoccorros, e a communicaçaõ da terra firme, que aviſou ao Governador lhe tinha ſegura a victima para elle a vir immolar: taõ officioſo com o ſeu Chéfe para elle ter a gloria do triunfo, que naõ quiz acceitar a offerta da liberdade, que lhe vinha offerecer grande número de ſoldados communs reduzidos á ultima extremidade da fome. O Governador com eſte aviſo ſahio ao mar na viſtoſa Armada de mais de cem navios, em que embarcou Era vulg.

Era vulg. cou toda a Nobreza ; veio pela cósta do Malabar, já fazendo ostentaçaõ brilhante do poder, já descarregando golpes pezados com a espada. Elle reduzio a cinzas sobre a marcha as Cidades de Tiracol, Coulete, e Panane. Chegou á de Calecut, e quiz fazer-lhe o messmo serviço; mas os Fidalgos, e Officiaes velhos lhe propozeraõ o risco deste empenho, que podia mallograr o principal projecto, o qual era a prizaõ dos Principes Malabares, que elle tinha em Bardelá como atados em hum laço. O homem flexivel tomou o conselho, e se fez na volta de Cochim, aonde achou o seu Rei, que com 40$000 soldados o esperava para obrarem unidos. No dia seguinte foi a Ilha rodeada pelos navios da Fróta, a cuja vista os sitiados arvoráraõ huma bandeira branca em signal, de que queriaõ parlamentar. Elles foraõ ouvidos: as nossas condições lhes parecêraõ duras; especialmente quando ouvíraõ, que os dezoito Principes se haviaõ entregar nas nossas mãos salvas as vidas para depois se regularem as condições da paz.

O Rei de Tanor, que havia eſtado em Goa depois de convertido, como diſſemos, era o Medianeiro neſtes ajuſtes, que leváraõ tres dias. Como as propoſtas naõ foraõ, nem eraõ acceitaveis, ficou determinado o aſſalto da Ilha para a madrugada ſeguinte. Porém no meio da noite chegou á Armada com cartas hum Fidalgo mandado pelo Viſo-Rei D. Affonſo de Noronha, que fazia ſaber ao Governador Jorge Cabral a ſua chegada a Coulaõ, e lhe ordenava naõ fizeſſe algum movimento, em quanto elle naõ chegava a Cochim, que ſeria brevemente. Subprendeo-ſe Jorge Cabral com a ordem, que lhe arrancava das mãos a gloria da acçaõ mais bella. Naõ obſtante a perſuaſaõ dos Officiaes para elle a interpretar ſegundo a configuraçaõ do tempo, no Varaõ ſabio a prudencia toma preferencias ſobre as inſtancias, cede a meſma gloria em obſequio á obediencia. Eu ſou ſenſivel ao empenho que moſtrais da minha reputaçaõ, diz Cabral aos ſeus ſubalternos: mas que goſto me póde dar a victoria, que ha de ter por conſequencia deixar-vos Era vulg.

vos

Era vulg. vos a todos no desagrado do Viso-Rei? Acabe Jorge Cabral o seu governo sem complacencia, com tanto que vós fiqueis em paz com o novo Chéfe.

Deixando o mais que pertence á expediçaõ de Bardelá para o seu tempo proprio, concluiremos em huma recapitulaçaõ breve outras acções no do governo de Jorge Cabral. Os progressos da Religiaõ foraõ os mais consideraveis pela actividade dos muitos Operarios das Ordens Franciscana, Dominica, e Jesuitica em differentes Regiões da India. O Padre Gaspar Barzeo mudou a face do Reino de Ormuz. Antonio Criminal derramou o sangue pela Fé no Cabo Comorim ás mãos dos Bagadás. Os Franciscanos em Ceilaõ recolhiaõ fructos abundantes na dilatada vinha do Senhor. Nesta Ilha o Principe de Candea, inclinado ao Christianismo, era perseguido pelo Rei, seu Pai: pela mesma inclinaçaõ o Madune perseguia a seu irmaõ o Rei de Cota. Em favor de ambos mandou o Governador Jorge Cabral seiscentos homens a Ceilaõ commandados por seu Tio D. Jorge de Castro, que des-

em-

embarcou em Columbo. O Rei de Candea foi o primeiro em usar dos seus costumados artificios por meio de Embaixadores bem instruidos no fundo das suas intenções, que representáraõ a D. Jorge, como seu Amo nada desejava tanto como servir a Portugal, reconciliar-se com seu filho, fazer-se Christaõ, para o que pedia lhe mandasse por catequistas a dous Padres Franciscanos. Era vulg.

D. Jorge concedendo facil quanto lhe foi pedido, marchou a soccorrer a Praça de Cota, que o Madune tinha em apertado sitio, para se applicar depois aos negocios de Candea, como levava em regimento. O Madune levantou o campo com precipitaçaõ, sempre seguido por D. Jorge na tésta das trópas Portuguezas, que hiaõ reforçadas pelas do Rei de Cota. Arrojando-o de tres desfiladeiros até o levar a huma campina raza no caminho de Ceitavaca, para onde o Madune se retirava; D. Jorge o ataca, vence huma batalha completa, obriga-o a buscar destroçado o refugio dos bosques, apresenta-se sobre Ceitavaca, que abre as

por-

Era vulg. portas ao vencedor, offerecendo-se á pilhagem. Madune naõ teve outro recurso, que o da ordinaria piedade do irmaõ sempre clemente com este rebelde.

Mais animado com victoria taõ assignalada, D. Jorge determina passar ao Reino de Candea, para onde mandára os dous Padres Franciscanos com hum Official Francez, que nos servia, commandando a escolta de doze soldados. O Rei de Cota o diverte do intento com a lembrança da perfidia do Rei de Candea; com a memoria ainda fresca do successo de Antonio Moniz Barreto; mas nada suspende a resoluçaõ tomada por D. Jorge. O Rei perjuro, em quanto elle se demorou na expediçaõ de Cota, havia ajuntado hum Exercito de 40000 homens, e fortificado Candea para esperar a visita. Marchou D. Jorge com tanta segurança, que se postou meia legoa da Cidade, aonde esperava entrar nos corações, e foi recebido nas pontas das lanças. Todas as trópas seriaõ victimas da perfidia do Barbaro, se o Official Francez naõ fugisse essa

noi-

noite da prisaõ, e viesse avisar D. Jorge do laço, em que estava cahido, se a toda a marcha elle se naõ pozesse em retirada. Era vulg.

Assim o fez o credulo Official, duro em acceitar as advertencias saudaveis do Rei de Cota para experimentar os effeitos tristes da inconsideraçaõ. O Rei de Candea avisado do seu retrocesso, sahio a cortar-lhe os caminhos, a esperallo nos desfiladeiros, aonde encontrou hum homem totalmente desigual a Antonio Moniz Barreto na cabeça, nas mãos, na agilidade, no conselho, até na fortuna; aquelle com tanto de glória, quanto este de abatimento. As trópas quasi sempre sem ordem, a cada passo batidas, foraõ semiando o campo com 800 cadaveres, de que a ametade eraõ Portuguezes, a outra Christãos do Reino de Cota, o resto perseguido até entrar nos Estados de Ceitavaca. O Madune, taõ pérfido como o de Candea, sabendo do destroço do seu vencedor o mandou hospedar por hum Modeliar com 500 homens, que levavaõ ordem para o acabar de destruir.

Era vulg. D. Jorge, que penetrou a trahiçaõ, de noite levantou o campo, e por veredas incognitas se salvou em Cota; mas as suas bagagens foraõ despojos de Madune, as cabeças dos enfermos, e feridos as victimas do seu odio. O Rei de Cota cumprio os deveres de bom amigo, e despedido delle D. Jorge; foi para Columbo, aonde embarcou, e se fez na volta de Cochim.

Os negocios das Molucas, do ponto da Época, em que estamos, corrêraõ tanto á decadencia até encontrarem vinte annos depois a sua ultima ruina, que nós faremos delles huma recapitulaçaõ neste lugar para naõ fallarmos muito tempo nas Molucas. A origem das desordens continuadas nestas Ilhas infelices da época da entrada dos Portuguezes até ao da sua expulsaõ; o modo com que elles se conduzíraõ, taõ differente da sua conducta ordinaria nas outras partes do mundo, aonde se estabelecêraõ, e que fomentou as mesmas desordens; tem pouca dúvida, que ella proveio de huma falta de temor dos castigos, fundada na distancia dos Tribu-

bunaes Supremos, aonde as dissoluções chegariaõ com imagens taõ contrafeitas, que ainda os espiritos mais illuminados se embaraçariaõ com a incerteza dos informes para pronunciarem sólidos os juizos, ou definitivas as sentenças. Annos eraõ necessarios para chegarem as queixas a Portugal; annos para se tomarem informações; annos para se decidirem as causas, tudo annos para as liberdades de soltura, para os escandalos de liberdade. Era vulg.

A tantos perigos, que se davaõ nas demoras, se notava a differença das parcialidades, que escreviaõ as noticias; as contradições, que se encontravaõ inexplicaveis; a quasi impossibilidade de formar juizo, ao menos semipleno, sobre relações oppostas. Por outra parte havia quem affogasse as queixas, quando ellas queriaõ nascer. Olhavaõ as partes offendidas para os Governadores das Molucas, e viaõ huns homens aprovados pelos Governadores da India, suas creaturas, seus parentes, o mais he que seus pensionarios: circunstancias todas, que faziaõ córar os crimes, diminuir

Era vulg. as extorsões, parecer a fraude bem público, virtude o vicio, e abafada a mentira, apparecer no rebuço com semblante de verdade. Nós vamos a correr brevemente este estadio de desconcertos deste anno de 1550 em diante até o de 1581, em que a gente de Ternate expulsou os Portuguezes da Fortaleza para terem até agora por substitutos os Hollandezes.

No anno de que fallamos em todas as Ilhas do Archipelago das Molucas tinha soado a Voz de Deos na bocca de S. Francisco Xavier, e de outros Orgãos do Evangelho, que fizeraõ progressos rápidos, illustres, miraculosos nos negocios da Religiaõ. Milagres eraõ necessarios para fazer crivel aos Barbaros huma Religiaõ professada pela escoria dos Portuguezes, que derramados pelas Ilhas, a deshonravaõ com a dissoluçaõ dos costumes, com injustiças enormes, com horrores intoleraveis á natureza, que os faziaõ parecer apostatas da mesma Religiaõ, ou os Dogmas della absolutamente estranhos ao seu conhecimento. Reis, Grandes, e Póvos de

de muitos Estados das Ilhas foraõ regenerados pelas aguas saudaveis do Baptismo. Muitos fizéraõ tanta honra do Christianismo, que se expozéraõ voluntarios antes a perder os Dominios, e a mesma vida, que renuncia-llo depois de recebido. Outros foraõ faceis nesta renuncia, que deo occasiaõ a muitas guerras, em que sempre tomáraõ parte os Portuguezes. Entaõ lhes servio a Religiaõ de pretexto para promoverem os interesses, a cubiça, a ambiçaõ, a vingança. Entaõ o Santo se lançava aos cães, as margaritas aos animaes immundos. Era vulg.

Quanto entaõ se via eraõ expedições contínuas de humas para outras Ilhas, intentadas por hum punhado de homens; mas com tal superioridade sobre Castelhanos, e Ilheos, que elles pareciaõ huns flagellos fataes da indignaçaõ divina; elles os authores das desolações; elles os instrumentos dos catastrofes dos Reis de Tidore, de Geilolo, mesmo do nosso bom amigo o de Ternate. Era este o infeliz Cachil Aeýro, em que já temos fallado, e que em

Era vulg. 35 annos de ſe chamar Rei, com breves intervallos de venturoſo, a ſerie do ſeu governo foi calamitoſa, e o ſeu fim lamentavel. He verdade que Aeyro ſem declarar Religiaõ, já parecia inclinado ao Chriſtianiſmo, já ao Mahometiſmo, ſempre aos Portuguezes officioſo, ſempre bom, e fiel amigo. No meio das ſuas vantagens, quando além do dominio de Ternate, de Machiaõ, de Timor, e de outras Ilhas dependentes das Molucas, elle ſe fez Senhor das de Moro, de grande parte da de Amboino, parecendo hum Monarca univerſal do Archipelago; elle ſe conſervou ſempre conſtante, fideliſſimo até a mórte aos intereſſes de Portugal contra os particulares dos Governadores, e Officiaes de Ternate, que combatia, quando ſe oppunhaõ aos do público.

Tanta fidelidade, tanta conſtancia de zelo em Aeyro, ellas foraõ bem mal remuneradas pelos Portuguezes, que entendiaõ as ſuas vantagens iſſeparaveis dos deſprezos dos miſeraveis Soberanos de Ternate. Os ſeus Governadores o mandáraõ duas vezes carregado de ferros para

ra Goa, como o criminoso mais indigno, sendo hum Rei, só pela representação da Dignidade merecedor de respeito immenso. Outras tantas o recambiou o Viso-Rei D. João de Castro com as honras devidas para reentrar na posse dos seus Estados, não lhe valendo estas provas cathegoricas da sua justiça para o Governador Jordão de Freitas deixar de o perseguir até o ponto da Época, em que fallamos. Passárão sete annos de oppressões pelo pobre Principe, e chegou o de 1557, em que foi nomeado Governador das Molucas D. Duarte Deça, hum Fidalgo colerico, mesmo transportado, todo entregue a huma avareza extrema. Então rompeo a audacia todas as balizas da grosseria; tocou as raias mais apartadas a desgraça do lamentavel Principe, que foi visto de todos com tres cadêas nos pés, mãos, e pescoço estar prezo a hum dos canhões da Fortaleza, hum alvo para as impressões das inclemencias do tempo, hum espectaculo da irrisão da fortuna, seu irmão Cachil Guzarate, e os seus parentes tratados com pouca diffe- Era vulg.

Era vulg. ferença de eſtimaçaõ. Em fim, a Caſa da Miſericordia ſuſtentava por caridade eſtes Principes pobres, abatidos, deſprezados, ſem haver para elles compaixaõ.

CAPITULO VI.

Continuaõ os ſucceſſos das Molucas.

A MAGESTADE ſacrilegamente ultrajada ſempre encontrou propugnadores reſpeitoſos, que trabalhaſſem effectivos por lhe ſuſtentar no azilo o que nella ha de ſagrado. As injúrias feitas á de Aeyro por D. Duarte Deça, a voz vaga de que elle intentára matallo com veneno, de que o livráraõ os defenſivos, que o Principe tinha comſigo, foraõ huns aſſumptos criticos, que obrigáraõ todas as Ilhas a tomar as armas contra os Portuguezes. Na téſta dos eſcandaliſados ſe poſtou Cachil Babu, filho de Aeyro, e em ſucceſſos varios eſta guerra durou tempo longo, ſempre deſvelado o Rei prezo em ſolicitar por meio dos ſeus ami-

amigos os esforços de Babu para obter a liberdade, que custou sem fructo a vida do Jesuita Affonso de Castro prisioneiro daquelle Principe. O fim, que este naõ pode conseguir, veio Aeyro a lográllo por meio dos mesmos Portuguezes, que por huma parte compadecidos de verem apodrecer este Principe nas prizões, por outra sendo-lhes intoleraveis as iniquidades de D. Duarte Deça, carregáraõ as suas culpas dos mesmos ferros, com que elle opprimia a innocencia. Era vulg.

Restituio-se a paz com a liberdade de Aeyro; mas depois, sem lhe valer a céga paixaõ, com que elle promovia os nossos interesses, Manoel de Vasconcellos o tornou a inquietar, naõ lhe dando socego, em quanto naõ renunciou o direito de Soberania a favor do Rei de Portugal em virtude da cessaõ, que Tabarija lhe fizera de Ternate, quando morreo em Malaca. Contentou-se o Principe deposto com o simples titulo de nosso Tenente General, que lhe durou taõ pouco, como a vida no governo de Diogo Lopes de Mesquita: flagel-

lo

Era vulg. lo formidavel, que fez esquecer as attrocidades dos seus mais escandalosos predecessores. Depois de huma ligeira rotura, que teve por consequencia o assassinio de hum sobrinho de Aeyro, sem que o Mesquita fizesse deste insulto o menor caso: depois da sua bondade livrar da mórte a todos os Portuguezes em huma conjuraçaõ bem armada por despique daquelle assassinio: depois da paz solemnemente jurada entre Aeyro, e o Mesquita, naõ passáraõ muitos dias que elle, revestido da sua sinceridade ordinaria para com os Portuguezes, naõ viesse á Fortaleza sem armas acompanhado de seu filho Musa, e de alguns cavalheiros para tratar com o Governador Mesquita negocios, que nos eraõ respectivos.

Este Chéfe depois de o ouvir grosseiro, lhe voltou as cóstas descortez. Seu sobrinho Martim Affonso Pimentel, que tinha o caracter do tio, naõ gastou qualidade alguma de cumprimentos para lhe dar tres punhaladas mortaes. Á vista desta resoluçaõ temeraria clama o Principe: Assim me tratais, Portu-

tuguezes, em remuneraçaõ da fidelidade, Era vulg.
com que ha tantos annos vos ſirvo? Elle corre a morrer abraçado com o Eſcudo das Armas de Portugal, que eſtava gravado em hum dos canhões das batarias, tomando-o por teſtemunha da ſua ingenuidade, e da noſſa perfidia. Seu filho, e os Fidalgos eſcapáraõ fugindo: todos pedem depois o ſeu corpo para lhe darem ſepultura decente; mas o Meſquita avançando a barbaridade, o mandou fazer em póſtas, mettellas em huma caixa, e arrojalla ao mar, que foi o monumento do deſgraçado Aeyro.

Cataſtrophe taõ laſtimoſo parece que foi o ultimo delicto, que encheo a medida dos crimes dos Portuguezes das Molucas, que em nada pareciaõ Portuguezes. Entaõ principiou a deſemparallos a aſſiſtencia divina, que nas outras partes da Terra quaſi viſivelmente promovia a ſua felicidade, como hum effeito iſſeparavel do exercicio da virtude. Tal foi o horror cauſado por eſta morte no Archipelago, que todo elle olhava para cada Portuguez, como para hum monſtro. Eſpecialmente em Ternate os mora-

Era vulg. radores abandonáraõ a Cidade viſinha á Fortaleza, e ſe eſcondêraõ no centro da Ilha, aonde naõ podeſſem chegar as noſſas armas: o meſmo fizeraõ os de outras muitas partes neſte anno fatal de 1570, tratados os Portuguezes nas Molucas como homens proſcriptos, todos armando-ſe para lhes fazerem cara nos lugares, em que elles appareceſſem. Hum dos caſtigos da ſérie das atrocidades foi o deſcuido, que os Governadores da India tiveraõ daqui em diante em ſoccorrer as Molucas: ſoccorros fracos, huns que chegavaõ tarde, outros mal, alguns nunca.

Augmentou-ſe o mal com as diviſões inteſtinas, e domeſticas, quaſi contínuo o ſciſma politico, ſem ſoldar a rotura entre os membros civis, e militares, que vieraõ a ſentir o ultimo golpe da vingança. O Principe Babu mais com a força da noſſa deſuniaõ, que com a das ſuas armas, poz hum apertado bloqueio á Fortaleza, que com effeito ſe lhe entregou no anno de 1581. Elle moſtrou entaõ, que ainda no fundo da ſua alma ſe conſervava hum bom reſto de incli-

na-

naçaõ aos Portuguezes; porque ao entrar na Praça ganhada, disse: Que tomava posse della em nome do Rei de Portugal para a tornar a entregar, quando elle lhe fizesse justiça, e desse satisfaçaõ da mórte de seu Pai. Finalmente, Diogo Lopes de Mesquita, Martim Affonso Pimentel, e Gonçalo Pereira Marramaque, authores do assassinio de Aeyro, passado breve tempo sobmergidos em calamidades, todos acabáraõ com fim tragico; e os Portuguezes, aborrecidos pelos escandalos de huns poucos de individuos abominaveis da sua Naçaõ illustre, foraõ expulsos das Molucas com affronta. Era vulg.

Concluida esta narraçaõ breve, tornaremos a atar o fio da nossa Historia sobre os succeſsos de Bardelá, aonde deixamos o Governador Jorge Cabral com ordem do Viso-Rei D. Affonso de Noronha para naõ continuar as operações da guerra, em quanto elle naõ chegava de Coulaõ a Cochim. Nas cinco náos, em que elle embarcou no Reino, viéraõ muitos Fidalgos da qualidade mais distincta em obsequio a hum Chéfe,

Era vulg. ſe, filho do ſegundo Marquez de Villa-Real, e por Capitães dellas D. Diogo de Noronha o Corcoz, Lopo de Souſa, Diogo de Caſtro do Rio, e D. Alvaro de Ataide da Gama, filho do Conde Almirante D. Vaſco, que vinha provido no governo de Malaca. Chegou elle a Cochim, aonde o foi viſitar o Governador Jorge Cabral, que naõ encontrou no recebimento as honras, de que era digno. Cabral ſe moſtrou inſenſivel, e ſe applicou á expediçaõ da ſua partida para o Reino, aonde foi recebido com eſtimaçaõ, ſem lha deſmerecer a pobreza.

Em quanto aos Principes do Malabar, que eſtavaõ bloqueados em Bardelá por Manoel de Souſa de Sepulveda; elles foraõ poſtos em liberdade por virtude da paz, que o Rei de Calecut ajuſtou logo com o Viſo-Rei. Eſte Principe deſiſtio nella da perfilhaçaõ do Rei de Bardelá, e conveio em que a Ilha ficaſſe no dominio do de Cochim. Aſſim conſummado eſte grande negocio, o Viſo-Rei mandou a Luís Figueira para o Eſtreito com cinco navios, e elle nave-

vegou para Goa. Na ſua auſencia oito mil Nayres dos conjurados pela mórte do Rei de Pimenta, entráraõ a fogo, e ſangue pelas terras de Cochim. Jorge Cabral, que eſtava neſta Cidade para ſe embarcar, e Manoel de Souſa de Sepulveda, que ficára nella para guardar os rios, lhes ſahíraõ ao encontro com dous Eſquadrões de Portuguezes, e em diſputada batalha os fizéraõ em póſtas com morte de mais de 2ↀooo. Acçaõ das glorioſas de Jorge Cabral, que ſahio da India vencendo, para levar della, em lugar dos theſouros, a reputaçaõ dos triunfos. Era vulg.

Naõ ſuccedeo aſſim a Luiz Figueira no Eſtreito, aonde fora obſervar o armamento dos Turcos. Elle o entrou, e correo até as Ilhas Aparcelladas: mas encontrando com cinco galeotas o Turco Cafar, que curſava aquelles mares, Luiz Figueira o abordou, e ſuſtentou hum combate, que pôz em admiraçaõ os meſmos Barbaros. No ardor delle, deſamparado dos Capitães dos quatro navios, o Figueira foi morto, o ſeu navio tomado, todos os bravos com

igual

Era vulg. igual deſtino, os menos valeroſos póſtos em fugida: homens dos criados entre as delicias da India, já ſem lembrança da corage dos Portuguezes primitivos, que apertavaõ os peitos para alargarem os corações. Depois da mórte do Chéfe, o Capitaõ Gaſpar Nunes teve tal pejo de apparecer na India, que foi com a gente da ſua tripulaçaõ para o Moſteiro de Baroa na Ethiopia, donde nunca mais voltou á Patria. Os outros viéraõ a Goa pagar nos carceres a ſua fraqueza, e ainda que depois andáraõ ſoltos, ſempre vivêraõ deſpreſados dos Patricios com honra, que naõ podiaõ dar o lado a gente covarde.

Os Turcos debaixo do feliz governo do Imperador Solimaõ, arrogantes com as ſuas proſperidades, pelas partes do Eſtreito, depois que ſe fizeraõ ſenhores de Adem, e de Baçorá ſobre a embocadura do Tigris, e do Eufrates, como nós deixamos dito; elles ſe propozéraõ a idéa de dominar todo o golfo Perſico até as viſinhanças de Ormuz, que ſe lhes fazia recommendavel pela groſſura do ſeu Commercio. O Baxá

xá de Baçorá se dispoz para a sua execução, já com a conquista da Cidade de Catifa, já com o projecto da de Baharem, que eraõ para o Rei de Ormuz perdas irreparaveis; para os Portuguezes huma visinhança, que elles deviaõ allongar, naõ só para se escusarem aos custos, mas para evitarem a ruina. D. Alvaro de Noronha, Governador de Ormuz, juntamente com o seu Rei, representou ao Viso-Rei D. Affonso as consequencias da perda de Catifa; quanto ellas seriaõ mais temiveis, se Baharem tivesse igual destino; que se devia suspender a fortuna dos Turcos por meio de huma guerra prompta sem demora. Era vulg.

Representações semelhantes faziaõ em Goa pelos seus Embaixadores o Rei de Baçorá, e outros Principes inimigos dos Turcos, promettendo ao Viso-Rei a Fortaleza do porto daquella Cidade, e a metade do rendimento da sua Alfandega, se elle lhe mandasse hum soccorro de Portuguezes, que unidos ás suas trópas o fizessem reentrar na posse da Capital perdida do seu Reino.

Era

Era vulg. Era muito ponderoſo eſte negocio aos intereſſes de Portugal para o Viſo-Rei deixar de lhe differir, como o Rei de Baçorá, e os ſeus Alliados pretendiaõ. Sem perda de tempo mandou elle aprompar huma Armada de ſete náos de alto bordo, e de doze navios de remo, de que nomeou Commandante a ſeu Sobrinho D. Antaõ de Noronha; que levava ás ſuas ordens 1ȸ200 homens, entre elles huma boa parte da Nobreza da India. Hora deixemos a D. Antaõ navegando para Ormuz, e demos huma volta a Africa, logo a Malaca, donde marcharemos a encontrar-nos diligentes com eſte Fidalgo.

CAPITULO VII.

Do que aconteceo em Africa, e em Malaca neſte anno de 1550.

COMO D. Antaõ de Noronha, quando houve de partir para a India com o Viſo-Rei, ſeu Tio, governava a Praça de Ceuta, El-Rei proveo o governo vago em D. Pedro de Menezes, filho

lho quinto do Conde de Linhares. Outro Fidalgo do mesmo nome substituia em Tangere a seu irmaõ D. Joaõ, ambos filhos de D. Duarte de Menezes, e teve de sahir a campo com pouca gente contra hum corpo de tres mil cavallos do Xerife, que mandava o seu Alcaide Cadi Hamet, querendo subprender huma partida dos nossos forrageadores. D. Pedro os atacou com corage naõ vulgar em tanta desproporçaõ; obrigou-os a retirar-se com a perda de 24 mortos sem alguma da nossa parte; mas nós tivemos oito dias depois a mais sensivel na da sua pessoa, que acabou entre a resignaçaõ edificante de Catholico, e a glória de vencedor de duas grandes feridas, que recebêra no combate. Era vulg.

Por este tempo o Xerife conquistador de tantos Reinos, já acabado de annos, á ambiçaõ nunca rendido, tinha a sua Corte na Cidade de Féz. Confinante com este Reino o de Tremecem, elle determina conquistallo, quando o possuiaõ Turcos de Argel, que o haviaõ roubado ao seu Principe legitimo.

Era vulg. mo. Ao intento se seguio a execuçaõ, taõ prompta, que bastou o estrondo da sua marcha para os Turcos se pôrem em fugida, deixando-lhe por despojo da victoria hum Reino. Narrani, filho primogenito do Xerife, foi o author desta conquista, taõ façanhoso nella, que seguio os Turcos até Mostagaõ, donde tornou a expulsallos, forçando-os a retirar para Argel. Pouco tempo lhe durou o gosto do triunfo pela mórte, que sobreveio ao bravo Principe, chorada de todos, a seu Pai pouco sensivel pela paixaõ extremosa de affecto, que tinha a Muley Abel, filho segundo, que elle desejava seu Successor. Mas dous annos depois recobrando os mesmos Turcos a Mostagaõ, e Tremecem, naõ havendo já Arrani, que lhes fizesse cára, elles tiráraõ a vida ao amado Muley com dôr mortal de seu Pai.

Na Corte de Féz merecia as attenções deste Principe, e de sua irmã a especiosa Infante, Diogo de Torres, que ensinando-a elle a lêr, e escrever em Hespanhol, tanto se insinuou na sua boa vontade, que quasi o teve arran-

car

cado do abyſmo dos erros de Mafoma; Era vulg.
que ſervindo-a a ella reſpeitoſo, e reverente, era participante dos divertimentos do Paço, e do entretenimento dos jardins. Em huma occaſiaõ eſtando nelles lhe mandou tecer de flores huma coroa na figura da que uſavaõ os Principes Catholicos. Ella a recebeo goſtoſa, e pondo-a ſobre a cabeça, diſſe: Deos queira, que eu cinja aſſim a de Portugal ſendo Rei, e meu eſpoſo, o Infante D. Luiz. Deſejos nobres os deſta Senhora; mas mais ſublimes as virtudes do Infante, que ſó ouvidas movêraõ no eſpirito da Princeza de Marrocos taes deſejos. Com eſtas duas protecções tinha o Torres tanta confiança na Corte, que pela Semana Santa fazia expôr nella o Santiſſimo em Monumento público. O Xerife lhe perguntou com que licença praticava na ſua Capital eſta ceremonia dos Chriſtãos. Reſpondeo-lhe o Torres, que com a meſma com que elle nas dos Reis Catholicos faria o ſeu Zalá, que em qualquer parte lhe era permittido: reſpoſta para o Xerife taõ agradavel, que

Era vulg. lhe concedeo ter huma Igreja pública com Imagens para a celebraçaõ dos Ritos Romanos.

Quando eſtas couſas ſuccediaõ em Africa, as profecias formidaveis feitas pelo Santo Xavier ſobre as diſſoluções de Malaca ſe viaõ executadas. Alodin, Rei de Viantana, que pelo noſſo deſcuido tinha engroſſado o ſeu poder depois de vencido por Pedro Maſcarenhas, e por D. Eſtevaõ da Gama, como eu diſſe nos ſeus lugares; agora vendo Malaca adormecida naquelle deſcuido, ſoporada no vicio, a mollura, a apathia dominantes, elle fórma o projecto de reentrar na poſſe do ſeu amado Patrimonio. Para lograr o deſignio, elle ajuſta huma Liga com vários Principes, em que entrava a poderoſa Rainha de Japará na cóſta de Java, que engroſſou a Armada colligada no ſeu porto com 25 juncos alteroſos, bem artilhados, e fornecidos. Para que Malaca continuaſſe no lethargo, Alodin mandou hum filho do ſeu Almirante Laque Xemena por Embaixador a D. Pedro da Silva da Gama, que governava a Cidade, pro-

pon-

pondo-lhe se naõ assustasse com a fama do seu armamento, que se encaminhava ao pérfido Achem inimigo commum. Nós dariamos hum inteiro crédito ás intrigas de Alodin, se o velho e experimentado Laque, desgostado da injustiça, e do pouco fructo, que esperava desta guerra, naõ escrevesse por seu filho a D. Pedro, advertindo-o se preparasse, porque contra Malaca se forjava o raio, que naõ tardaria em romper a nuvem do engano. Era vulg.

Despedido o Embaixador com agrados excessivos, e ricos presentes para seu Pai, naõ tardou em apparecer a Armada, que logo postou gente em terra. Alodin, depois de queimar duas náos, que estavaõ na Ilha, ganhou a povoaçaõ de Ilher; os Jáos, a dos Quelins, naõ lho podendo impedir Luiz Mendes de Vasconcellos, que com cem Portuguezes foi soccorrer o Tumugaõ, e o Bendara, que com a sua gente defendiaõ o Povo. Em tanta desproporçaõ servio a corage do Vasconcellos para facilitar aos perseguidos a retirada para a Fortaleza, aonde elle se reco-

lheo

Era vulg. lheo o ultimo. O Governador já com a certeza do ſitio, mandou hum navio correr os pórtos, aonde os noſſos commerciavaõ, e aviſallos vieſſem todos acudir ao aperto de Malaca. O primeiro, que chegou foi D. Garcia de Menezes, que o Viſo-Rei mandava em huma grande, e bem armada caravella ás Molucas para ſucceder a Jordaõ de Freitas. Apenas o Rei de Viantana a aviſtou navegando a todo o panno, deſtacou ſobre ella cincoenta lanchas commandadas pelo meſmo Laque Xemena em peſſoa, que neſta occaſiaõ, em que governava Malaca hum filho do Conde Almirante, pagou com a vida a mórte, que annos antes havia dado no meſmo ſitio a D. Paulo da Gama, outro dos filhos do meſmo Conde.

Moſtrou D. Garcia neſte combate como o exercicio das letras, que profeſſára, naõ impedia o uſo das armas, em que ſe deixava vêr intrépido. Elle ſuſtentou hum combate denodado, naõ conſentindo que os inimigos o abordaſſem, ſervindo-os tanto a tempo com a artilharia, que a Fróta do Laque naõ

po-

podia conſervar a ordem. Foi tanta a ſua fortuna, que de huma balla de canhaõ metteo a pique a lancha Capitania: golpe feliz, que privou da vida o velho Laque, a ſeu filho, a ſeu genro; que declarou a favor de D. Garcia a victoria; que poz aos Barbaros em fugida; que abrio o paſſo para elle vir dar ferro em Malaca, e ſoccorrer com a ſua gente aos ſitiados. He verdade que lhe naõ durou o goſto do triunfo; porque poucos dias depois ſahindo com Pedro Vaz Guedes mandando cem homens para tomar hum canhaõ com que os Jáos batiaõ a Cidade; mórtos 30 homens, os mais mettidos em derrota, os dous Fidalgos deſtemidos, por naõ largarem o canhaõ, que tinhaõ ganhado, com valor temerario ſe deixáraõ matar ſobre elle. D. Pedro da Silva ſentio eſta perda como era juſto, e com a ſua corage herdada ſahio da Fortaleza a ſoccorrer os fugitivos, que recolheo ſem damno, ſalvando-os das mãos da multidaõ barbara, que os perſeguia. Era vulg:

Applicou D. Pedro todos os ſeus cuidados á defenſa da Praça dos muros

Erà vulg. a dentro, e destinou-lhe a Providencia hum simples soldado da guarniçaõ para instrumento das victorias pelos seus conselhos prudentes. Temia-se hum assalto geral, que os Barbaros determinavaõ dar em torno da Fortaleza com grande número de escadas, e se receava que ella podesse defender-se atacada por tantas partes. Entaõ aquelle soldado buscou o Governador, e lhe aconselhou mandasse bordar a circunferencia do muro de mastos, e vergas de navios atadas com córdas: que quando os inimigos arrimassem as escadas, e subissem, as fizessem rodar sobre elles: e mostraria o successo o acerto do seu conselho. Assim se fez; e cahindo de golpe as traves sobre as escadas, rompêraõ todas, e matáraõ 500 homens. Os vivos se retiraõ attonitos; mas o aperto do cerco, e a inimiga fome tanto opprimem os sitiados, que as sevandijas mais ascarosas servem de mantimento, e pelas ameias naõ parece soldado, que deixe de pagar a confiança com a vida.

O mesmo arbitrista torna a fallar ao Go-

Governador, e lhe lembra que mande Era vulg.
ſahir do porto todos os navios com o
deſignio verdadeiro de irem buſcar vi-
veres, aonde os achaſſem; mas fingin-
do, e publicando que marchavaõ a ata-
car os Eſtados dos Principes alliados do
de Viantana, que com elle eſtavaõ no
campo. Elles, que ſe aſſuſtaõ com a no-
va, o levantaõ, embarcaõ-ſe, e vaõ
acudir á invaſaõ imaginada. Unicamen-
te os Jáos ficáraõ com Alodin ſuſten-
tando o ſitio, a tempo que vinhaõ che-
gando ſoccorros aviſados pelos Emiſſa-
rios, que o Governador mandára pelos
pórtos de Pegu, Quedá, Tanaçarim
até Bengala, entre elles Gil Fernandes
de Carvalho, que trouxe huma galeo-
ta bem guarnecida, e foi neſta occaſiaõ
o redemptor de Malaca. Eſte bravo ho-
mem pedio logo licença ao Governador
para no dia ſeguinte fazer levantar o ſi-
tio de Malaca por meio de hum com-
bate deciſivo. Obtida ella, eſcolheo 200
homens: todos os Fidalgos ſe lhe offe-
recêraõ voluntarios; e formados tres Eſ-
quadrões, hum que elle mandava na vã-
guarda, e os dous cobertos por Chriſto-
vaõ

Era vulg. vaõ de Sá, e por Gomes Barreto, marchou a eſperar a manhã ſobre os inimigos.

Eſtava o Santo Xavier no Japaõ, aonde indicou aos Portuguezes, que o acompanhavaõ, as calamidades deſte ſitio em caſtigo dos peccados de Malaca, a piedade de Deos na victoria, que havia ganhar o Carvalho; mas que continuaria a pena das maldades na mórte de muita gente ocaſionada do veneno, com que os inimigos inficionariaõ as aguas. Tudo ſuccedeo pontualmente como Xavier o víra em eſpirito, e o prediſſera. O Carvalho atacou com valor deſmedido a acçaõ, huma das mais brilhantes, que vio Malaca. No principio della obráraõ os Portuguezes prodigios de valor, que pareciaõ mais que humanos. O Carvalho de hum golpe formidavel foi a terra; mas levantando-ſe com a corage eſtimulada, ſe botou com tanta fortuna ſobre hum dos Reis da Java, que o atraveçou de huma eſtocada pelos peitos. Eſta mórte declarou a noſſo favor a victoria, fugindo atropelados os Barbaros a buſcar os ſeus navios depois de deixarem

rem juncado o campo com dous mil cadaveres. O Governador, que dos muros da Fortaleza via o combate, ſahio com o reſto da gente a conſummar o triunfo. Elle nos veio a cuſtar a vida de 200 homens, que depois bebêraõ as aguas envenenadas, conhecendo o mal, quando já era irremediavel o damno. Era vulg.

Como nós acabamos de dizer que no tempo deſtes ſucceſſos em Malaca o Santo Xavier eſtava no Japaõ, aonde os hiſtoriára antes de ſuccedidos; nós devemos fazer huma relaçaõ breve da Miſſaõ do Santo tomada na ſua origem. Quando elle voltou das Molucas a Malaca, o eſperava neſta Cidade hum Japonez, que atrahido da fama dos ſeus milagres, ſó por vêr a Xavier fez viagem taõ longa. A communicaçaõ com elle acabou de illuſtrar o homem meio illuminado, que com dous criados recebeo o Baptiſmo, e tomou nelle o nome de Paulo de Santa Fé. Elle moſtrou na conſtancia da crença em toda a vida, que lhe era bem proprio o nome, e a elle podemos dizer que deveo a ſua Patria os grandes progreſſos, que depois fez nel-

la

Era vulg. la a Religiaõ Santa. Na companhia dos tres Japonezes convertidos foi Xavier para a India; mas depois de aſſiſtir ás honras do Viſo-Rei D. Joaõ de Caſtro, com a meſma ſociedade, e a de alguns dos ſeus Religioſos, tornou para Malaca com o deſignio de marchar á conquiſta eſpiritual do grande Imperio do Japaõ.

Os trabalhos, que nelle paſſou Xavier; as viagens, que emprehendeo; as converſões, que fez; os milagres, que obrou, tudo foi monſtruoſo; os Authores da ſua vida tudo referem. Elle plantou naquellas Regiões brutas as primeiras ſementes da noſſa Santa Fé, que em pouco tempo brotáraõ a frondoſa arvore de huma Chriſtandade compoſta de mais de 400ↀ000 Fiéis: Chriſtãos taõ robuſtos, que debaixo do ferro da perſeguiçaõ dos Tyrannos, diſputáraõ primazias de glória aos Martyres da primitiva Igreja: Chriſtãos impávidos, que naõ duvidáraõ regar as plantas tenras com a innundaçaõ do ſeu ſangue para produzirem fructos de duraçaõ eterna: Chriſtãos ao Inferno taõ temiveis, que elle applicou esforços

fór-

fórtes, longos, diabolicos para no decurſo das idades arbitrarem os Japonezes o meio execravel de fecharem a entrada dos ſeus pórtos a todos os Eſtrangeiros, exceptuando os de huma ſó Naçaõ, que leva em ſi patente o ciume do Commercio, as deviſas da avareza, as marcas da hereſia. Era vulg.

Como hum dos argumentos mais fórtes, com que os Japonezes atacavaõ a Xavier era o do exemplo dos Chinas, que, diziaõ elles, ſendo homens taõ illuminados, noticia alguma tinhaõ da doutrina, que o Santo lhes prégava; eſte formou a idéa, de que reduzindo os Chinas, todo o Imperio do Japaõ lhe ſeguiria os veſtigios. Firme neſte conceito, o ſeu eſpirito magnanimo concebe a reſoluçaõ ſublime de voltar á India, conſeguir do Viſo-Rei para o ſeu fiel amigo Diogo Pereira o caracter de Embaixador á Corte de Pekim, embarcar com elle para a China, derramar no ſeu vaſto campo coberto de abrolhos, e eſpinhos a ſemente da Divina Palavra, vêlla produzir plantas ſaudaveis, tranſplantallas nos terrenos

do

Era vulg. Japaõ para nelles lhe colher copiosos os fructos. Mas como os successos desta viagem saõ pertencentes ao anno seguinte de 1551, nelle lhe daremos o seu lugar proprio para agora nos irmos encontrar com D. Antaõ de Noronha, que deixamos navegando da India para Ormuz em soccorro deste Rei, e do de Baçorá contra os Turcos.

CAPITULO VIII.

Da expediçaõ de D. Antaõ de Noronha sobre Catifa, e Baçorá, com outros successos da cósta de Africa, e de Ceilaõ.

COM viagem feliz chegou D. Antaõ de Noronha a Ormuz para marchar á restauraçaõ de Catifa. Nesta empreza o acompanhou o célebre Rax Xarafo commandando 3000 homens das trópas do seu Rei, e a gente que se pode escusar na nossa Fortaleza. Manoel de Vasconcellos com os navios de remo fazia a vã-guarda da vistosa Armada, e na mesma figura pojou em terra as tró-

trópas, que haviaõ fazer o ataque da Cidadela. Os Turcos se defendêraõ em Catifa oito dias; mas vendo a extensaõ das brexas, temendo o perigo do assalto, huma noite sem serem sentidos se refugiáraõ no hermo. D. Antaõ entregava Catifa ao Xarafo, como pertença do Rei de Ormuz seu Amo. Elle se escusou ao cuidado de a defender, e a fizéraõ voar com tanta precipitaçaõ, que quarenta Portuguezes, entre elles alguns distinctos, ficáraõ sepultados no estrago das minas. Era vulg.

Sem perder tempo navegou D. Antaõ para a infeliz, e mallograda empreza de Baçorá, bem prevenida pela indústria do Baxá, que a commandava. Navegou a nossa Armada pelo fundo daquelle estreito até a embocadura do rio Eufrates, aonde deo fundo para D. Antaõ avisar ao Rei de Baçorá, e mais Principes seus alliados da chegada do soccorro da India contra os Turcos seus inimigos. O Baxá astuto, que tinha concebido indispensavel esta correspondencia, mandou tomar todos os caminhos com tanta cautéla, que as

car-

Era vulg. cartas, e os portadores lhes cahíraõ nas mãos. Entaõ fingio elle huma firmada pelos Principes alliados de Baçorá, que lhe remettiaõ inclusas as de D. Antaõ, e fazendo-a lêr em público, dizia o intrigante Baxá em nome dos Principes: Que sendo elles vassallos do Graõ Senhor, Sectarios da sua mesma Religiaõ, haviaõ conseguido vir da India a Baçorá huma Armada de Portuguezes para a submetterem ao seu poder, como marca da sua fidelidade: que para próva da candura, com que obravaõ, lhe remettiaõ as proprias cartas do Commandante Portuguez; e que elle Baxá fosse preparando os ferros para hum número taõ grande de captivos.

Presenciáraõ todo este successo, ouvíraõ as cartas, víraõ as firmas dous escravos Christãos, que o Baxá pouco depois deixou escapar de indústria, sem parecer que elle favorecia a sua evasaõ. Elles vieraõ á Armada; déraõ parte a D. Antaõ do que se passava; como o Rei de Baçorá, e os seus alliados o tinhaõ vendido; que cuidasse em reti-

tirar-se. Todos os nossos Officiaes julgárao esta relaçao por hum estratagema do Baxá. Os dous Italianos davao della as próvas mais significantes; e como elles asseguravao terem visto as firmas de D. Antao, lembrou a especie delle as estampar no meio de huma folha de papel rodeada de hum grande número das dos Officiaes, que todas forao apresentadas aos ingenuos relatores. Elles as corrêrao com a vista, e chegando á de D. Antao a apontárao com o dedo: demonstraçao, que tirou todas as dúvidas; que os fez crêr verdadeiros; que determinou a retirada para Ormuz, sem fructo huma expediçao, que daria gloria immortal ás armas Portuguezas, arbitras das desavenças dos maiores Principes nas extremidades da terra, aonde nao pozérao os pés os famosos conquistadores do Universo. Era vulg.

Em quanto D. Antao se recolhe a Ormuz, depois á India, e chega o tempo de referirmos as resultas deste successo de Baçorá; nós fazemos huma passagem pela cósta de Africa para irmos acabar em Ceilao a Historia deste

Era vulg. anno. Quando os negocios da Religiaõ pelo zelo dos noſſos Miſſionarios tomavaõ hum incremento admiravel no Braſil, elles decahiaõ no Reino de Congo. Nos Succeſſores do piedoſo Rei D. Affonſo naõ encontráraõ os Operarios Evangelicos acolhimento taõ officioſo, antes elles acháraõ huns Principes ſeus oppoſtos nos ſentimentos, eſtranhos nos coſtumes, exemplares da prevaricaçaõ, que engolfáraõ os negros do Paiz na antiga libertinage, e ſuperſtiçaõ. Sem embargo das noſſas diligencias na longa carreira dos annos, a diſſoluçaõ tomou tanta poſſe dos eſpiritos, que nos ultimos tempos ſe ſentíraõ apagados em Congo os veſtigios do Chriſtianiſmo. Como nós neſte Reino naõ tinhamos o dominio abſoluto, aſſim como nas Praças da India, e no Continente do Braſil, naõ podiamos fazer aos ſeus Póvos a violencia ſaudavel de os conduzir á obſervancia fiel dos noſſos Dogmas.

O Viſo-Rei D. Affonſo de Noronha, que na vinda do Reino para a India eſtivera em Ceilaõ, e deixára em

paz

paz os Principes da Ilha; depois que elle ſe auſentou, o Madune renovou a guerra. Elle ſahio do ſeu Reino de Ceitavaca com forças reſpeitaveis para de hum golpe deſtruir a ſeu irmaõ, o Rei de Cota, que aborrecia com odio entranhavel. Neſte Reino, e em Columbo naõ havia entaõ mais de cem Portuguezes, que lhe podeſſem fazer frente, commandados por Gaſpar de Azevedo, que ſe incorporou com as trópas de Tribuly Pandar, genro, e General do Rei de Cota. Veio eſte Principe ao campo, e hum dia querendo vêr o modo, com que os Portuguezes comiaõ, e obſervando-os pela janella de huma varanda, diſpôz o deſtino, que huma balla de maõ incerta lhe paſſaſſe a cabeça. Entendeo-ſe que golpe taõ deteſtavel fora deſcarregado pelos Portuguezes, ou que o Madune ganharia algum infame, que houveſſe entre elles, para author de ſemelhante mórte. Eſte conceito geral ſe conſervou firme até o tempo, que hum dos noſſos ſoldados, eſtando para morrer, declarou com ingenuidade que elle tirando a Era vulg.

O ii hum

Era vulg. hum pombo bravo, por acaso matára o Rei de Cota.

Dramabella, filho de Tribuly Pandar, e neto do Rei defunto, já em Cota, e em Lisboa estava reconhecido successor de seu Avô. O Madune sem perda de tempo marchou sobre Cota para lhe disputar a herança; mas naõ só encontrou inexoravel a Nobreza, senaõ que o mesmo Tribuly ajudado dos Portuguezes o atacou em huma batalha, e o obrigou a retirar destroçado para o lugar de Canabol. A noticia de successos taõ importantes, da dura guerra, que haviaõ sustentar os dous Rivaes, foi logo mandada ao Viso-Rei da India, que conheceo o valor dos nossos interesses em Ceilaõ, e a sua marcha em pessoa absolutamente indispensavel em conjunctura taõ crítica. Elle
1551 se fazia prestes para se embarcar, quando chegáraõ a Goa cinco náos das oito, que sahíraõ do Reino, de que era Capitaõ Mór Diogo Lopes de Sousa. Das outras tres náos foraõ os destinos differentes: a de D. Jorge de Menezes Baroche invernou em Moçambique: a

pe

de Ayres Moniz Barreto ferrou Ormuz: a de Diogo de Almeida veio depois a Cochim. Era vulg. 1551

Com ſoccorro tanto a tempo o Viſo-Rei ſe fez ao mar em huma poderoſa Armada, que moſtrou nos effeitos ſer deſtinada antes á conquiſta dos Eſtados, que ao amparo do Rei amigo. Apenas elle deſembarcou em Columbo, e depois em Cota, moſtrou huma avareza iſſaciavel ſem exemplo, indigna da occaſiaõ, e da peſſoa. Naõ houve peſquiſa violenta, que elle naõ metteſſe em uſo a fim de deſcobrir os theſouros do Rei defunto, como ſe a razaõ de alliado lhe déſſe direito para os fazer proprios. Os Modeliares, os Grandes da Corte, huns foraõ prezos, outros mettidos a tormento para declararem os ſegredos, que ignoravaõ, eſcandaliſando aſſim as gentes, e enchendo de furor os eſpiritos. Naõ ſe deſcobrindo por eſtes meios as precioſidades, que ſe buſcavaõ, o Viſo-Rei fez devaçar o Palacio Real, cavar os ſeus pavimentos, reſiſtar os ſeus eſcondrijos, até que achou materia copioſa pa-

Era vulg. para se atear voraz o incendio da cubiça.

Depois da primeira se passou a segunda iniquidade, que foi extorquir do Principe espoliado 200$000 pardáos para os gastos da guerra, que se havia fazer a seu favor. Já 600 pessoas das principaes, atonitas das extorsões, haviaõ tomado o partido dos inimigos: agora se subprenderaõ todas, vendo que as trópas naõ rompiaõ a marcha sem se aprompt ar a metade da finta, que o Rei ajuntou por meio da venda do seu movel. Entaõ se fez publica a fórma da alliança, em que o Viso-Rei promettia fazer as suas trópas isseparaveis das de Cota até prenderem, ou destruirem o Madune, com condiçaõ de que os despojos ganhados se partiriaõ ao meio. Começou a guerra com tanta fortuna, que o Madune derrotado em todos os desfiladeiros, aonde se fazia fórte, apenas pode salvar das reliquias do destroço cem homens, com que se retirou ás montanhas inaccessiveis de Darnagale.

A Corte de Ceitavaca abrio as pór-

tas

tas ao vencedor, que para achar ouro lhe deo o meſmo tratamento, que antes a Cota, e a Columbo. Copia grande deſte metal forneceo o Palacio, e hum Pagode magnifico, que foraõ pilhados. Na fórma dos ajuſtes pertencia a metade ao Rei de Cota; mas elle ficou ſem nada. Para acabar de deſtruir o Madune, ſegundo o meſmo ajuſte, rogou elle ao Viſo-Rei lhe déſſe 500 homens, com que o foſſe prender aos montes. Pareceo juſto o requerimento: pedio-ſe ao Rei mais dinheiro, e porque naõ o tinha para o dar, lhe foi reſpondido pelo Viſo-Rei, que era tarde; que elle tinha de ir deſpachar as náos do Reino, e dando-lhe as cóſtas marchou para Columbo a dar ordem ao ſeu embarque, deixando em Ceilaõ as ſementes da guerra em eſtado de brotarem com brevidade troncos duros. Era vulg.

Neſta occaſiaõ vem a propoſito a pergunta, que fez a hum Embaixador de Portugal o Sophi da Perſia lembrado de outras ſemelhantes. O voſſo Rei, perguntou eſte Soberano ao Miniſtro, tem mandado cortar muitas cabeças de

Go-

Era vulg. Governadores da India; e das ſuas Praças? Reſpondendo o Embaixador, que ainda naõ houvera conjunctura para ſeu Amo uſar com algum delles tanta ſeveridade, lhe tornou o Sophi: Pois eſtai certo, que elle naõ conſervará muito tempo o Dominio adquirido com tanto trabalho. Em fim o Viſo-Rei fazendo encher muitas laudas dos livros das contas do Eſtado de groſſas ſommas extorquidas, por hum modo taõ confuſo, e taõ groſſeiro, que naõ ficaſſe queixoſo o intereſſe peſſoal; elle deixou com pouca ſegurança no Throno ao Principe, que podia nelle ficar firmiſſimo.

Para acabar de eſgotar os eſpiritos de Ceilaõ, aonde ficava commandando D. Joaõ Henriques, hum Fidalgo de muita probidade; o Viſo-Rei lhe ordenou que depois da ſua partida prendeſſe a Tribuly Pandar, Pai do Rei de Cota, e lho remetteſſe a Goa. O deſignio era haver por elle hum grande reſgate; mas D. Joaõ Henriques uſando da ſua natural equidade; ſabendo que o Tribuly ſe achava nos Eſtados

de

de seu primo, o Principe das Corlas Era vulg. ajustando o casamento de huma sua filha com seu filho o de Cota, e huma poderosa Liga contra o Madune de Ceitavaca; elle naõ executa a ordem, e preferio o bem commum de Ceilaõ ao interesse particular do Viso-Rei. Diogo de Mello, que succedeo ao Henriques no governo, mas naõ nos sentimentos, faz a escandalosa prisaõ. D. Duarte Deça, que tres dias depois lhe succedeo, a aggrava, a aperta, e com esta iniquidade se ensaia, para ir nas Molucas fazer representações semelhantes, na pessoa do infeliz Rei Aeyro, como nós acabamos de dizer.

A Rainha Mãi, indignada até os ultimos pontos do furor pelo tratamento vil, que hum Chéfe alliado dava ao seu Esposo, Pai do Rei; ella sahe de Cota, ajunta trópas, e entra com D. Duarte em negociações. Entendendo que fazendo-se seu marido Christaõ obteria a liberdade, propõe-lhe este arbitrio, elle o abraça, D. Duarte desespera, e o carrega de ferros. A Rainha appellou para outra indústria, que foi

com-

Era vulg. comprar alguns Portuguezes desembaraçados, que por meio de huma mina, que fizéraõ voar, junto ao Convento dos Franciscanos, conseguíraõ tirar da prizaõ a seu marido, e entregar-lho. Elle em liberdade se posta na frente do Exercito, que a Rainha tinha prevenido, e lançando-se como torrente impetuosa sobre toda a cósta de Galle, abate as Igrejas, degolla os Christãos, queima hum navio nosso, e se põe em estado de fazer guerra aos Portuguezes a fogo, e sangue. D. Duarte se sobprende, e cahe em maiores absurdos, admittindo as propostas do Madune, que á força de presentes o havia corrompido.

O afflicto Rei de Cota estranhou a este Official a sua conducta, que naõ só o chegava aos termos de perder a Coroa, que elle possuio feudataria da de Portugal; mas aos de se vêr abandonado por seu Pai, se elle, e seu irmaõ naõ casassem com duas filhas de seu inimigo o Madune: unico refugio, que elle procurava para se salvar da angústia, em que os Portuguezes o met-

mettiaõ. Intoleraveis para o Rei eſtes Era vulg.
caſamentos, elle ſuſtentou algum tempo a guerra ſem os noſſos ſoccorros; mas vendo que Fernaõ de Carvalho, ſucceſſor de D. Duarte, ſe conduzia peor que elle; que promettendo-lhe hum corpo de trópas a troco de huma groſſa porçaõ de dinheiro, elle recebêra o dinheiro, e naõ lhe fornecia as trópas; o Rei, que tinha abatido a ſoberba do Madune, e eſte implorado a ſua clemencia, antes quiz ſoffrello a elle, que ſopportar os Portuguezes, e ajuſtou os caſamentos com ſuas filhas. Todas eſtas deſordens fizeraõ huma alta impreſſaõ na Corte de Lisboa, aonde o Rei de Cota ſe queixára, e foi ordenado ao Viſo-Rei, que tudo lhe reſtituiſſe: caſtigo debil, que apenas ſatisfez huma pequena parte da juſtiça offendida.

LIVRO LI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da Missaõ de S. Francisco Xavier á China, aonde morreo, e o que obrou o Baxá de Baçorá depois da retirada de D. Antaõ de Noronha.

Era vulg. 1551

O VISO-REI na volta da sua viagem de Ceilaõ para Cochim soube que o Rei de Chambe, hum dos dezoito Principes Malabares, confederados do Çamorim, impedia a extracçaõ da pimenta para a carga das náos do Reino. Nada valeo áquelle Principe o Exercito de 30000 homens para deixar de ser desbaratado pelo Viso-Rei, e por seu filho D. Fernando de Menezes, assolado o seu Paiz, abrazadas as Cidades, e pilhados os Pagodes. Depois delle dei-

deixar a ſeu filho com 500 homens em Cochim, e de ſubſtituir a D. Antonio de Noronha, em razaõ de huma ferida recebida na batalha, por outro Fidalgo do meſmo nome, filho do Viſo-Rei D. Garcia de Noronha, para General do mar: elle ſe recolheo a Goa, aonde o eſperava o Santo Xavier para negociar a Embaixada de ſeu amigo Diogo Pereira á China, aonde elle o havia acompanhar para converter aquelle Imperio, e levar depois o ſeu exemplo ao do Japaõ, como meio o mais efficaz da ſua converſaõ, na fórma que fica dito. Era vulg.

Para ſe condeſcender com a rogativa do Santo naõ havia mais difficuldade, que a dos gaſtos da Embaixada, que tomou á ſua conta o meſmo preconiſado Embaixador Diogo Pereira. Na ſua companhia chegou Xavier a Malaca, aonde encontrou, entre outras calamidades, com que a maõ de Deos tocava eſta Cidade criminoſa, a do incendio de huma diviſaõ entre o Governador D. Pedro da Silva da Gama, e ſeu irmaõ D. Alvaro de Ataide

da

Era vulg. da Gama, que queria entrar no governo faltando a D. Pedro hum anno para completar o ſeu trienio. Era eſte hum Fidalgo probo muito inclinado ao Santo; pelo contrario D. Alvaro improbo, e ſeu deſinclinado, inimigo infeſto do Embaixador Diogo Pereira. Daqui naſceo a oppoſiçaõ barbara, com que D. Alvaro lhes quiz impedir a paſſagem á China. Todas as forças de Acheronte elle moveo para lograr o deſignio. Por tudo rompeo com brandura o eſpirito animoſo de Xavier. Conſtante em naõ vêr D. Alvaro, elle ſe embarca; e entaõ o fogo do zelo, que lhe abraza o eſpirito, o faz obſervar as doutrinas do Evangelho.

Xavier para fugir de huma a outra Cidade perſeguido, ſacode dos çapatos o pó de Malaca. Uſando a primeira vez da authoridade de Nuncio Apoſtolico, fulmina ſobre D. Alvaro hum anathema tremendo. Depois nos afflatos do eſpirito, fallando em tom de Profeta, prediſſe com tanta claridade os juizos futuros de Deos ſobre D. Alvaro, que quantos os ouvíraõ entendêraõ, que elles com-

comprehendiaõ os ſeus deſtinos funeſtos em ambos os Mundos. Tinha diſpoſto a Providencia, que Xavier naõ lograſſe os ſeus na converſaõ da China; morrendo ás ſuas portas na Cidade de Sanchaõ. As muitas criaturas de D. Alvaro, gente dos ſeus humores, de que ſe mettêra hum bom número a bórdo da náo para ir mortificando a Xavier na viagem: entaõ conheceo ella quem era Xavier: Amigo de Deos já exceſſivamente honrado pelos ſeus meſmos perſeguidores: do Deos, que ſempre eſtivera com elle na tribulaçaõ para o arrancar das mãos dos impios, para o glorificar, para o encher de dias em veneraçaõ longa, para lhe moſtrar o ſeu Salvador em annos eternos. Era vulg.

Com pouca differença de tempo foi a retirada de D. Antaõ de Noronha de Baçorá enganado pelo teſtemunho das cartas fingidas. O aſtuto Baxá fez logo aviſo a Conſtantinopla da noſſa reſoluçaõ, do modo com que derrotára o noſſo projecto, pedindo ſoccorros effectivos. Sem perda de tempo vieraõ ordens apertadas a Suez para ſe lançarem vinte

Era vulg. e cinco galés ao mar, entregue o seu commandamento ao célebre cossario Pirbec com a instrucçaõ, de que viesse ao porto de Baçorá, aonde acharia o plano das suas operações, sem que em toda a viagem fizesse hostilidade alguma aos Portuguezes. Chegou Pirbec ao lugar destinado, e na primeira conferencia com o Baxá lhe mostrou este os despachos da Corte, que lhe mandava ter promptos 15000 homens para reforçar a tripulaçaõ da Armada, em que elle havia embarcar com Pirbec, e unidos ambos navegarem a Ormuz, pôr sitio á nossa Fortaleza, e naõ levantarem o campo sem vencer, ou morrer.

D. Alvaro de Noronha, que governava a Praça, foi a tempo avisado dos preparos, que se faziaõ em Suez, e despedio logo varias fustas para irem humas a Mascate observar os movimentos dos Turcos, outras á India dar parte ao Viso-Rei do sitio, que temia Ormuz.
1552 Pirbec veio a Baçorá na fórma, que lhe fora prescripto, ignorando o a que vinha; mas communicadas as instrucções, em todo o resto da empreza executou mui-

muito mal as ordens, ou por ciofo de Era vulg. 1552
o fobmetterem ás determinações do Baxá de Baçorá, ou porque antes queria fazer prezas, que empenhar-fe na guerra, ou porque elle fó fe tinha por digno da expediçaõ, a que o mandavaõ. Como quer que feja, elle chegou a Mafcate, e a Ormuz a noticia da fua chegada, aonde caufou tal efpanto, que a Cidade fe defpovoou, a gente principal fe retirou para a Ilha de Queixome, a plebe para as terras do Magoftaõ, e o Rei com os feus Officiaes fe recolheo na noffa Fortaleza, que D. Alvaro tinha bem provida, refoluto com a guarniçaõ de 900 homens a defender-fe até á ultima extremidade.

Efte Chéfe prudente depois de affegurar quarenta navios, que eftavaõ no porto, debaixo da artilharia, e com groffos cabreftantes prezos á Fortaleza, proveo os Baluartes della em Fidalgos, e Officiaes de conhecido valor, e experiencia. No centro da Torre da menagem aquartelou o Rei, a Familia Real, e a fua Corte, tudo com tal ordem, que o acerto das difpofições eftava in-

Era vulg. dicando a gentileza da reſiſtencia. Appareceo a Armada de Pirbec ſobre Maſcate, aonde eſtava Joaõ de Lisboa com 60 Portuguezes, que recolheo na Fortaleza para logo os entregar debaixo das condições da liberdade, que o Turco naõ cumprio. Já ſe ſabia em Ormuz da viſinhança dos inimigos pela fuſta de Simaõ da Coſta, que os fora eſpiar ao Cabo de Roſalgate; que eſtivera debaixo da prôa da galé do filho de Pirbec, aonde lhe ficáraõ dous homens pendentes de hum remo; que deſviando-ſe debaixo do fogo com valor incrivel, ficando-lhe a galé a gilavento, tanto metteo de ló, que a deixou a balravento, e chegou felizmente a Ormuz com as noticias, que ſe neceſſitavaõ.

Chegáraõ os Turcos a eſta Praça, que por eſtar ſem moradores foi ſaqueada ſem reſiſtencia. Pirbec, naõ perdendo tempo, começou o ſitio da Fortaleza, tirou as linhas, levantou redutos, plantou as batarias, e fez ſobre ella hum fogo vivo. As balas do noſſo, mais bem ſervido por artilheiros déſtros, embocavaõ os ſeus canhões, que ficavaõ parti-

tidos, e muita gente despedaçada. Portuguezes, e Turcos ignoravaõ a qualidade das forças, que atacavaõ, e defendiaõ. Pirbec quando se instruio das nossas, perdeo a corage, e desesperou da victoria. Os soldados Portuguezes quando souberaõ, que as dos Turcos naõ se compunhaõ de muitas vezes déz mil, gritáraõ ao Governador lhes abrisse as pórtas; porque queriaõ ir ao campo fazer em póstas a gente attrevida, que tivera a confiança de vir com hum punhado de homens insultar os Portuguezes a sua casa. Toda a corage de D. Alvaro, attento á conservaçaõ de huma Praça, que era a chave do Golfo Persico, lhe foi necessaria para conter o ardor das trópas originado da pouca sobordinaçaõ, que ellas costumavaõ ter na India, quando a prudencia queria refrear a temeridade nas occasiões, em que ellas entendiaõ ganhar honra. Especie de desobediencia façanhosa sem tumulto, de que muitas Nações aguerridas desejariaõ ser imitadoras. Era vulg.

Pirbec atacado por tres partes; do ciume pela companhia do Baxá; do

Era vulg. medo pelo desprezo, que delle faziaõ os Portuguezes; da desesperaçaõ á vista do nenhum effeito, que o seu fogo causava na Praça; elle embarca a artilharia, e resolve levantar o sitio. Na noite, em que havia partir, enviou á Fortaleza hum lingoa a propôr o resgate de Joaõ de Lisboa, e dos seus soldados a D. Alvaro, que entaõ soube o successo de Mascate. O Turco civil lhe mandava de presente a mulher de Joaõ de Lisboa, dous dos prisioneiros distinctos, e os dous soldados da fusta de Simaõ da Costa, que ficáraõ pendentes no remo da galé de seu filho. D. Alvaro occupado dos sentimentos da magnanimidade Portugueza, lhe fez responder: Que aos dous soldados como homens sem culpa os acceitava, e em cambio delles lhe offerecia as peças preciosas, com que o regalava: Que os outros naõ queria vêllos, e os recambiava como Portuguezes covardes, que entregáraõ a Fortaleza de Mascate antes de serem feitos em póstas: Que pela mesma razaõ desprezava as lágrimas da mulher de Joaõ de Lisboa, e a tor-

tornava a enviar á ſua preſença para caſtigar com eſte genero de inhumanidade o crime affrontoſo de ſeu marido. Era vulg.

Recebido eſte recado, Pirbec na meſma noite agradeceo o obſequio com mandar deitar na Ilha a mulher de Joaõ de Lisboa, e os priſioneiros, que eraõ dous ſoldados velhos. Immediatamente fez tomar os remos em punho; chegou a Queixome, aonde o naõ eſperavaõ, roubou riquezas immenſas, fez os eſcravos que quiz, e tomou o rumo de Baçorá. O Viſo-Rei da India informado do ſitio pelos differentes expreſſos, que de Ormuz lhe deſpachára D. Alvaro de Noronha, ſe fez logo ao mar com huma Armada de oitenta vélas, em que entravaõ trinta náos de alto bordo, para ſoccorrer a Praça, bater, e abyſmar os Turcos. Navegando pelo golfo de Dio recebeo outras cartas de D. Alvaro, nellas a noticia do levantamento do ſitio, e retirada de Pirbec. Eſta agradavel nova o fez mudar de rumo, e de reſoluçaõ; aſſentar, que para guardar o golfo da Perſia baſ-

ta-

Era vulg. tava huma Efquadra de menos lote; vem a Goa, e defpacha para lhe defender as gargantas a feu fobrinho D. Antonio de Noronha com doze galeões, e vinte fuftas; levando ordem para fucceder a D. Alvaro de Noronha no governo de Ormuz, e entregar o da Efquadra a D. Diogo de Noronha, o Corçoz.

Nefte anno chegáraõ feis náos do Reino, entrando no feu número as que no paffado haviaõ invernado em differentes pórtos. Ellas eraõ commandadas por Fernaõ Soares de Albergaria; e Antonio Moniz Barreto voltava á India no célebre zambuco, que fez efta ultima de tantas viagens a Portugal, varando no rio de Seitapor, aonde fe fez em pedaços com temporal depois de pojada a gente em terra. Hum reforço taõ confideravel poz habil ao Vifo-Rei para fuftentar muitas emprezas com vigor; mas antes que nós paffemos á narraçaõ de outras acções, he jufto concluirmos com a do deftino da Armada Turca depois do levantamento do fitio de Ormuz, até á fua deftruiçaõ ás mãos dos Portuguezes.

CA-

CAPITULO II.

Do que succedeo a Pirbec depois do sitio de Ormuz; como a Armada Turca foi destruida pelos Portuguezes, e outros successos deste anno de 1552 em differentes partes do Mundo.

NO valor de hum milhaõ de despojos de Ormuz bem repartido em Constantinopla fiava Pirbec a boa acceitaçaõ do nada, que acabava de fazer em serviço de Solimaõ. A sua idéa o enganou, porque o Baxá de Baçorá deo contra elle informações taõ desavantajosas, que sem lhe valer o milhaõ, perdeo a cabeça. Elle se havia escapado com esta quantia em tres galéz da caça, que lhe déraõ D. Antonio de Noronha, e D. Pedro de Ataide o Inferno, que com as suas Esquadras cruzavaõ o Estreito de Meca; mas se no mar se livrou de meia infelicidade, em Constantinopla a encontrou inteira. Solimaõ temia, que a nossa audacia chegasse naquella Cidade a ser sacrilega com Era vulg.

a

Era vulg. a profanação do ſepulchro de Mafoma, e deſejava hum Official de corage, a quem encarregar o commandamento das galéz para ſegurança do Eſtreito. Com eſta qualidade ſe lhe repreſentou Moradbeg, que moſtrou bem pouca, quando o valeroſo D. Antaõ de Noronha o obrigou a abandonar o poſto de Catifa.

Eſtimou Moradbeg a occaſiaõ de recuperar a ſua honra, e a toda a diligencia veio a Baçorá, donde ſe fez ao mar com quinze galéz. D. Antonio de Noronha já a eſte tempo tinha entregue o governo da Eſquadra a D. Diogo o Corcoz, que cruzava do lado da Arabia; mas ſabendo pelas ſuas eſpias, que as galés tinhaõ ſahido de Baçorá, ſe encoſtou para o da Perſia em ſua demanda. Tanto que aviſtou os Turcos coſidos com a terra, que lhe impedia a abordage, os ſervio com o fogo dos canhões. Elles lhe reſponderaõ com outro taõ vivo ao lume da agua, que aberto o galeaõ teve de o abandonar para o virarem de bórdo, e lhe taparem os rombos. Os Portuguezes affoutos,

tos, e intrépidos no combate se chamárao infelices, quando de repente lhes accalmou o vento, anhotos os galeões pelo mar, sem governo, e taõ apartados, que naõ podiaõ soccorrer-se: vantagem para os Turcos taõ grande, logo no principio da acçaõ, e do dia, que tomando os remos, as quinze galéz rodeáraõ o formoso galeaõ de Gonçalo Pereira Marramaque, que estava mais desviado, constantes na certeza de o renderem. Era vulg.

Bem quizera eu tratar ao longo as circunstancias deste combate, que durou a maior parte do dia. Mas eu naõ explicarei bem a corage de 120 Lusitanos façanhosos, que o sustentáraõ, com dizer que no Oriente, entre tantas acções illustres, esta naõ teve semelhante? Gonçalo Pereira, D. Affonso Henriques, Luiz Freire de Andrade, Jorge de Sousa, D. Leoniz Pereira, André Pereira de Berredo, D. Luiz Pereira, outros Fidalgos, e os seus soldados soffrêraõ por muitas horas tal fogo, sem os Turcos se attrevêrem a abordallos, que o galeaõ naõ era mais

que

Era vulg. que hum caſco nadante, ſem maſtos, caſtellos de póppa, e prôa, ſem obras mórtas, ſó os peitos dos homens huns muros de bronze. D. Diogo de Noronha no convéz da ſua náo, como mettido em deſeſperaçaõ, batia o pé, arrapelava as barbas, rugia leaõ, bramia tigre, piedoſamente irado, nem no Ceo lhe eſcapava S. Lourenço, que elle quaſi repreſentava outro Ulyſſes fechando os ventos no ſeu odre. Em fim elles refreſcaõ ſobre a tarde, toda a Eſquadra arrazada em poppa buſca o flanco das galez, para das mãos dos inimigos arrancar a preza.

Moradbeg vendo-as deſtroçadas por hum ſó navio, temeo-ſe agora de tantos, e fez ſoar a retirada, que emprehendeo a toda a voga pela cóſta da Perſia, deixando pela reta-guarda huma náo de mantimentos, que nos tomára Pirbec, e agora reſtituimos. D. Diogo de Noronha ſubio logo ao galeaõ deſtroçado, aonde o eſperavaõ brilhantes os ſoldados, cobertos de ſangue, queimados do fogo, negros do fumo, alimpando os ſuores, bordados de flexas,

eſ-

eſpectaculos do horror, imagens da cólera, na ſua frente todos eſtes retratos copiados na peſſoa unica de Gonçalo Pereira, que correo com os braços abertos para D. Diogo. Affaſtai-vos, Senhor, lhe diz eſte Fidalgo com hum impeto de generoſidade, affaſtai-vos, naõ quero abraçar-vos, que nada ſe vos deve, por teres obrado o que cumpria á voſſa obrigaçaõ pelo voſſo naſcimento, por ſeres quem ſois. Deixai-me abraçar cada hum dos voſſos ſoldados, hoje producções illuſtres de ſi meſmos, hoje filhos do ſeu valor, hoje creaturas da ſua diſciplina, hoje que naſceo hum Heróe em cada hum. Era vulg.

Honrando o Chéfe a todos com palavras ſublimes, elle deixa algumas fuſtas para rebocarem o galeaõ até Ormuz, e com o reſto da Armada vai no alcance dos Turcos. Elle os ſeguio ſete dias até os metter pela embocadura do Eufrates, aonde naõ pode entrar. Daqui deſandou para Moçandaõ a acabar o tempo do ſeu regimento, e ſe recolheo a Ormuz. A noticia da fugida de Moradbeg chegou a Conſtantinopla, e deo

oc-

Era vulg. occaſiaõ ao Coſſario Alecheluby para animar contra elle a crítica ſevera, de que naõ ſe podia eſperar mais de hum homem nomeado para ſe bater com os Portuguezes, quando a experiencia já tinha moſtrado a fraqueza, com que lhes havia entregado huma Praça da importancia de Catifa ſem deſembainhar as armas; que ſe o Graõ-Senhor deſejava recolher as galéz aó Eſtreito, lhe fiaſſe o ſeu governo, que elle as levaria a Suez a ſalvamento. Os Baxás apreſentáraõ eſte offerecimento no Divan, donde o Coſſario ſahio deſpachado como deſejava.

Elle chegou a Baçorá, quando já corria o anno de 1554; tempo, em que D. Fernando de Menezes, filho do Viſo-Rei, com huma groſſa Armada cruzava no Eſtreito ſempre attento nas galéz, que depois da ſua retirada até agora nunca os Portuguezes as perdêraõ de viſta. Eſperavaõ as noſſas eſpias, que ellas ſahiſſem ao mar para aviſarem a D. Fernando, que eſtava preſtes para lhes cortar o caminho. Bernardim de Souſa, que havia ſuccedido a D. Anto-

tonio de Noronha no governo de Ormuz, armou hum galeaõ, guarneceo quatro náos mercantes, e se postou na boca do Estreito de Baçorá para fechar a entrada ás galéz, se ellas fugissem de D. Fernando, avisando-o as seguisse até onde elle pairava, para que alguma dellas lhe escapasse. Dispostas deste modo as cousas, com a noticia de que Alecheluby já andava no mar, D. Fernando sahio de Mascate em sua demanda. A doze legoas desta Praça nos Ilheos de Soar se encontráraõ os dous Chéfes, e o nosso apresentou a batalha, que o Turco queria evitar. Era vulg.

Para o conseguir se coseo com a terra quanto pode; mas a nossa Armada seguindo em torno as quinze galéz, as teve como cercadas, naõ lhes sendo possivel retroceder, nem tendo outro refugio, que o de montar hum cabo, que alli fazia a terra. As nossas caravellas se esforçáraõ para o impedir; mas naõ o podéraõ lograr sobre nove das galéz muito ligeiras, em que entrava a Capitania, que passáraõ á outra parte. Ficáraõ as seis cortadas, logo in-

Era vulg. inveſtidas pelas caravellas, que depois de hum ſanguinolento combate, todas abordáraõ, todas rendêraõ. D. Jeronymo de Caſtello-Branco varou ſobre duas, e ſoccorrido por D. Manoel Maſcarenhas tomou ambas com mórte de todos os Turcos. D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valadares, cada qual em ſua galé, leváraõ o negocio á eſpada, fazendo lançar os Turcos ao mar, aonde foraõ degollados pela tripulaçaõ das fuſtas. O meſmo deſtino tiveraõ as outras duas: todas ſeis ficáraõ em noſſo poder ſem mais captivos, que as chuſmas, que reſervámos para nos ſervirem. D. Fernando lhes nomeou logo Capitães para as mandarem concertar em Maſcate, e os deſpojos, que nellas ſe acháraõ foraõ armas.

Alecheluby, que da outra parte do Cabo obſervára a batalha, e víra a perda, privou a Bernardim de Souſa de conſummar o triunfo na boca do Eſtreito; porque temeroſo de voltar a Suez para pagar a deſgraça com a cabeça, ſe fez na volta de Cambaya. D. Fernando ordenou ás caravellas, que ſol-

taſ-

taſſem todo o panno, e as foſſem ſeguindo até o porto, aonde entraſſem para as bloquearem. Ellas lhe foraõ dando caça pela cóſta da India. Sete deſtas galéz entráraõ no porto de Surrate, aonde D. Jeronymo de Caſtello-Branco, D. Nuno de Caſtro, e D. Manoel Maſcarenhas as enſacáraõ, e ſe poſtáraõ ſobre a barra. D. Fernando de Monroy, e Antonio de Valladares perſeguíraõ as duas, até as obrigarem a varar, e fazer em pedaços, huma em Damaõ, a outra em Daru. Finalmente deſtas quinze galéz nenhuma eſcapou; porque reforçado o bloqueio de Surrate por Franciſco de Sá de Menezes, Governador de Damaõ, por Jorge de Mendoça, que o era de Chaul, tempos depois o Commandante de Surrate para deſimpedir a barra do ſeu porto, naõ teve mais refugio, que convencionar com os Portuguezes virem elles ſer teſtemunhas das miudas peças, em que as galéz foraõ desfeitas, como em ſeu lugar ſe dirá. Era vulg.

Dada eſta noticia do ſucceſſo da Armada Turca, que na India, e na Eu-

Era vulg. ropa fizéra tanto eſtrondo, eu paſſo á narraçaõ de outras acções reſpectivas ao anno de 1552, em que fallamos. Nelle ſuccedeo na cóſta da Cafraria o naufragio laſtimoſo de Manoel de Souſa de Sepulveda, de ſua mulher a formoſa D. Leonor, filha de Garcia de Sá, de ſeus tenros filhos, de muitos Fidalgos, e de 500 peſſoas, que com elle embarcáraõ na náo S. Joaõ. Desfeita ella nos cachopos, toda a gente ſe ſalvou em terra para padecer mórtes continuadas, lamentaveis, triſtes, á viſta de eſpectaculos da mais extrema agonia pela longa duraçaõ de mezes; muitos tragados das féras, outros devorados pelos Cafres, a maior parte conſumidos da fome; D. Leonor para occultar a ſua nudez obrigada a enterrar-ſe viva na areia da Praia, Heroina honeſta ſepultada antes de morta; ſeu marido como louco, vendo-a acabar com os filhos nos braços, errante por boſques, donde nunca mais ſahio; em fim depois de ſoffrer trabalhos, que ſe naõ concebem, ſahíraõ com vida deſta tragedia, e viéraõ dar á India unicamen-

mente oito Portuguezes, e quatorze escravos, entre aquelles Pantaleaõ de Sá, Tristaõ de Sousa, Balthasar de Siqueira, Manoel de Castro, e o Piloto André Vaz, testemunhas da sensivel lástima. Era vulg.

Pelos mesmos tempos as riquezas immensas, que os Portuguezes traziaõ das suas conquistas, de tal sórte excitavaõ a cubiça dos Cossarios Francezes, que desprezados os ajustes entre os Soberanos, elles augmentavaõ o número dos armadores, sem que os Ministros da Corte de França se embaraçassem muito em fazer parar o curso dos piratas pela ambiçaõ, com que desejavaõ hum estabelecimento no novo Mundo. A sua dissoluçaõ obrigou o Imperador, e o Rei de Portugal a lavrarem hum Tratado de alliança para mutuamente defenderem as suas cóstas, e as suas conquistas. Os dous Monarcas contratantes ajustáraõ entre si trazerem sempre no mar as suas frótas nas paragens, que lhes assignáraõ, para assegurarem a ida, e a volta das suas náos de carga. Naõ obstante esta prevençaõ,

Era vulg. e correndo o tempo, os Francezes, eſpecialmente os Calviniſtas, ſe foraõ eſtabelecer no Braſil, commandados pelo Marquez de Villegagnon: homens, que tranſportados do eſpirito, que inſpira a hereſia, intentavaõ formar huma eſpecie de Dominaçaõ, que os fizeſſe temidos para viverem mais diſſolutos. O Almirante Coligni, depois huma das victimas do maſſacro de dia de S. Bartholomeu, patrocinava eſte projecto chimerico. Para o fazer abortar nos ſervio a diviſaõ entre Coligni, e Villegagnon, que abjurando a hereſia, naõ ſe querendo ſervir dos Religionarios, faltando-lhe a protecçaõ do Almirante, a máquina do edificio cahio por ſi meſma.

Naõ ſerá improprio para ſe conhecerem as forças maritimas de Portugal neſta época, que eu refira as que El-Rei apreſtou em cumprimento do Tratado feito com o Imperador. Mandou elle armar vinte caravellas para cruzarem tres na altura de Caſcaes; quatro na da Atouguia; quatro na de Caminha; as mais pelo mar de Cezimbra até Lagos. Para guardar o réſto da cóſta

do

do Algarve se destináraõ quatro fustas, Era vulg.
tres caravellas, e hum galeaõ, que haviaõ chegar á de Andaluzia para cá do Estreito. Mais ao mar andavaõ quatro náos de alto bordo para segurarem a navegaçaõ das embarcações de viagem. Com o mesmo destino para as de Guiné, Brasil, e India andavaõ á vista das Ilhas tres náos de guerra, dez navios ligeiros, e sete caravellas. Estes grossos reforços, e cuidadosa vigilancia Portugueza foi applaudida por toda a Europa, especialmente pelo Imperador, que da sua parte acudio a defender os mares, que lhe eraõ respectivos, de sórte que a navegaçaõ das duas Potencias ficou segura dos insultos dos piratas.

Como o Principe D. Joaõ chegára a idade competente de se lhe dar estado, que reparasse a perda de tantos Principes sahidos do ventre para entrarem no tumulo, se ajustou o seu casamento com a Princeza D. Joanna, filha do mesmo Imperador, e de sua tia a Imperatriz D. Isabel, com o dote de 360$000 ducados. O Duque de

Era vulg. Aveiro D. Joaõ de Lancaſtro, e o Biſpo de Coimbra D. Joaõ Soares foraõ encarregados da conducçaõ da Princeza. Elles marcháraõ para a fronteira com hum ſequito brilhante, com huma libré magnifica, aonde encontráraõ naõ menos luminoſos ao Duque de Eſcalona D. Diogo Lopes Pacheco, e ao Biſpo de Oſma D. Pedro da Coſta, que haviaõ fazer a entrega da Princeza. Elles queriaõ eſta ceremonia ao uſo de Heſpanha. Depois de muitos debates, a eloquencia do Duque de Aveiro conſeguio que ſe praticaſſe ſegundo o coſtume de Portugal. El-Rei foi eſperar a Princeza ao Barreiro, donde a trouxe a Lisboa entre os apparatos da pompa, e tranſportes do goſto, tudo momentaneo, caduco, tranſeunte; depois as deſgraças longo tempo firmes, permanentes, intoleraveis.

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos ſucceſſos da India no anno de 1553.

SEMPRE inquietos os Principes do Era vulg. 1553
Malabar, naõ ceſſavaõ na renovaçaõ da guerra contra Cochim em prejuiſo dos intereſſes de Portugal no embaraço da extracçaõ dos generos para a carga das noſſas náos. Quiz o Viſo-Rei cortar eſtes inconvenientes, e ordenou a Franciſco Barreto, que acabava de governar Baçaim, paſſaſſe ao Malabar com vinte navios a ſoccorrer o Rei alliado contra os de Diamper, e da Pimenta, que nos impediaõ a carregaçaõ fautoriſados pelos de Chembe, e Bardelá. Baſtou a intelligencia, a agilidade de hum ſó homem, Malabar de naçaõ, nos dogmas Catholico, chamado Vaſco, que eſtes Principes tinhaõ no ſeu ſerviço, para illudir as forças, o valor, a prudencia de hum Chéfe taõ completo, qual era Franciſco Barreto. Como os contornos de Cochim ſaõ terras

ras

Era vulg. ras alagadas cortadas em canaes eſtreitos, que formaõ pequenas Ilhetas; o célebre Vaſco, muito prático neſta eſpecie de labyrintho, em pequenos, e ligeiros catures, de que ſe naõ fazia caſo, e que por toda a parte entravaõ, e ſahiaõ voando, de tal ſórte incommodava os noſſos navios, que o menor dos ſeus males era eſtarem em inacçaõ.

Em quanto o Viſo-Rei ſe punha prompto para acudir em peſſoa a reparar a indifferença dos ſucceſſos de Franciſco Barreto, outro Coſſario Turco, que andava ao ſoldo do Çamorim, determinou paſſar á cóſta da peſcaria com quatorze navios para ſaquear as Cidades de Negapataõ, de S. Thomé, e aſſolar a Chriſtandade de Ponicale: povoaçaõ ſituada em huma ponta de terra, que foi cortada para ficar Ilha na contra-cóſta do Cabo de Comorim. Por 500 homens mandou o Turco inveſtir Ponicale, aonde naõ havia mais de ſetenta Portuguezes mandados por hum Fidalgo diſtincto, chamado Manoel Rodrigues Coutinho. Eſte bravo homem

mem na teſta da ſua pequena trópa ſe conduzio com tanto valor, que deſtroçados os inimigos os obrigou a embarcar. O Turco mettido em deſeſperaçaõ por cauſa deſta affronta, elle ſe pojou em terra com 1ↀ500 homens, que os noſſos naõ quizeraõ eſperar para ſe naõ exporem a perder-ſe. Paſſáraõ todos ao Continente, e ficou Ponicale em preza aos Barbaros Malabares, que encontráraõ bem de objectos, em que empregar o furor, e a cubiça. O Naique da terra firme acudio com oito mil homens ao eſtrondo do combate; mas vendo nella os Portuguezes, metteo a todos em ferros para tirar do ſoccorro o proveito dos reſgates. Era vulg.

Chegou a voz deſte cataſtrofe a ferir os ouvidos da gente de Cochim, aonde ſe achava o bravo Gil Fernandes de Carvalho, que nós vimos ha pouco libertador glorioſo de Malaca, obrigando o Rei de Viantana a levantar o ſitio, que defendeo D. Pedro da Silva da Gama. Elle deſejou caſtigar os Malabares; mas havendo navios, faltava dinheiro para o ſeu fornecimento.

Era vulg. to. Sacrifica o Carvalho todo o ſeu cabedal aos intereſſes do commum; toma gente a ſoldo, compra mantimentos, prepara huma Fróta, e ſahe ao mar com 170 homens em demanda do Pirata ſoberbo. Na volta do Cabo o aviſta, e naõ podendo dobrar huma reſtinga, o navio de Lourenço Coelho varou nella, e ficou em ſecco. Seis dos contrarios o atacaõ á viſta do Carvalho impedido pelo vento contrario a ſoccorrello. Largas horas durou o combate, em que naõ houve Portuguez, que quizeſſe render-ſe: todos morrêraõ em brava gente, menos amantes da vida, que da honra.

Sentio Gil Fernandes eſtà perda, e ſe deixou levar do tempo á Ilha das Lebres, aonde eſtava hum navio Portuguez, que incorporou na Fróta. Ao outro dia ſe encontrou com os Barbaros mais arrogantes pela victoria. Elle ſerve a Capitania inimiga com a primeira banda de artilharia, ferra-ſe com ella, baldea-ſe com a ſua gente a bórdo, e contra 200 Mouros diſputa hum choque horrendo. Todos morrem huns

a ferro, outros no mar, a Capitania fica rendida, e os ſeus quatro navios fazem o meſmo ſerviço a outros tantos dos contrarios. Deſembaraçados deſta primeira refega, todos cinco ſe incorporaõ, e cahem ſobre o reſto da Fróta, aonde o eſtrago foi igual ao furor. Entre a chuſma naufragante, o Chéfe Turco teve a felicidade de chegar a terra nadando com alguns poucos; os mais ficáraõ ſepultados nas ondas; reſtituido o navio de Lourenço Coelho, e todos os dos inimigos, ſem eſcapar hum ſó, em noſſo poder; Gil Fernandes de Carvalho com a gloria renovada, o meſmo homem no Malabar, que em Malaca. O écco deſta victoria baſtou para o Naique do Continente pôr em liberdade a pouco preço os Portuguezes captivos com o ſeu Cabo Manoel Rodrigues Coutinho para vir reſtabelecer em Ponicale a Chriſtandade, que ao Apoſtolo do Oriente cuſtára tantos ſuores. Era vulg.

Com o reforço das náos do Reino, que chegáraõ eſte anno ás ordens de Fernando Alvares Cabral, o Viſo-Rei apreſ-

Era vulg. apreſtou a Armada, com que partio para Cochim em ſoccorro de Franciſco Barreto contra os Principes Malabares. Na barra de Cochim ſe lhe incorporáraõ D. Diogo de Noronha, o Corcoz, Gonçalo Pereira Marramaque, e outros Capitães, que vinhaõ de Ormuz victorioſos das galéz dos Turcos. Entrado no porto foi determinado nos conſelhos, que ſe deſtruïſſem as terras do Chembe, e ás Ilhas Alagadas do Rei da Pimenta, como meios de chamar todos os Principes Malabares a defenſa. Revogouſe a primeira reſoluçaõ reſpectiva ao Chembe, e ſe deſtináraõ todas as forças para a aſſollaçaõ das Ilhas, donde o Rei da Pimenta tirava a mais conſideravel porçaõ das ſuas rendas. O parecer do Siqueira, Capitaõ dos noſſos Malabares, livrou a Franciſco Barreto, e a Bernardim de Souſa de hum perigo evidente; elle o principal inſtrumento da victoria por perſuadir ao Viſo-Rei, como prático no Paiz, o modo de fazer o deſembarque, e acometter a acçaõ.

Para ella ſe deſtináraõ dous córpos, hum

hum que mandava o meſmo Viſo-Rei, outro o Governador de Cochim João da Fonſeca. Cada hum por ſua parte ſaltou em terra, levando na frente derramado o terror, que não perdoava a ſexo, e idade, a culpado, e innocente. Fartos de ſangue os Portuguezes, fizérão captivos os paizanos, a quem perdoou a cólera, abrazárão os edificios, convertêrão os frondoſos campos em hermos triſtes. A neceſſidade de deſpachar as náos para o Reino obrigou o Viſo-Rei a voltar para Cochim ſem conſummar a obra; mas deixou por ſeu ſubſtituto a Gomes da Silva, que com poucos navios fez tantos deſtroços no reſto das Ilhas, que os Reis confederados pedírão a paz com as condições de deixarem correr pelos ſeus rios o trato da pimenta, de reconhecerem a perfilhação do Rei de Cochim, ſendo-lhes reſtituidas as Ilhas, e os captivos. Era vulg.

Depois do reſtabelecimento deſta tranquillidade ſe temeo huma nova guerra em Cambaya originada da mórte do Rei Sultão Mamud, que o ſeu

uni-

Era vulg. unico confidente Boradim, pretextando tyrannias, quando o feu verdadeiro defignio era levantar-fe com o Reino, affaffinou ás punhaladas, ao tempo que dormia defcançado na boa fé defte trahidor, eftimado guarda fiel da fua peffoa. No meio da perturbaçaõ dos Grandes, Boradim pagou com a vida a pena do parricidio; foi elevado ao Throno hum Principe occulto, que fe dizia fer filho do Rei morto, e a Madre Maluco fe encarregou a Regencia do Eftado. Entre os muitos defcontentes em revolta taõ geral, era hum o Abexim Abixcaõ, que commandava em Novanager, e mais terras da jurifdicçaõ de Dio: Politico de taõ curtas viftas, que devendo fervir-fe da vifinhança dos Portuguezes para apoios da fua authoridade, elle os efcandalifou de novo com pretenções taõ eftranhas á conjunctura dos tempos, como ao caracter da Naçaõ. Naõ attendendo elle ás reprefentações de D. Diogo de Almeida, Governador da Fortaleza, nem corrigindo as demafias de Elal, que em feu nome governava a Cidade de Dio; D. Dio-

Diogo entrou por ella na frente de 500 homens, que com o ſangue, e fazendas dos moradores vingáraõ a renovaçaõ do antigo Forte de Meliqueaz, as novidades introduzidas na Alfandega, a prohibiçaõ de ſe venderem generos aos Portuguezes, os deſprezos com que elles os tratavaõ, e todas as outras demaſias do façanhoſo Elal. Era vulg.

Eſta acçaõ executada por D. Diogo de Almeida no principio do ſeu governo, foi a primeira, e a ultima delle, ſendo logo depoſto, e ſubſtituido o ſeu lugar por D. Jorge de Menezes Baroche, em quanto naõ chegava de Ormuz D. Diogo de Noronha o Corcoz, que eſtava provido em Dio. A decadencia daquelle Fidalgo proveio, de que eſtando elle para ſe embarcar em Lisboa, El-Rei lhe fez huma mercê, que D. Diogo acceitou altivo com aggravo da Mageſtade. El-Rei naõ quiz entaõ caſtigallo: deixou-o partir; mas no anno ſeguinte ordenou ao Viſo-Rei, que privaſſe a D. Diogo de Almeida de qualquer emprego; porque elle tivera juſtas cauſas, naõ ſó para lhe dar baixa

do

Era vulg. do ſerviço, mas para mandar riſcar o ſeu nome do Livro dos Fidalgos da Caſa Real: exemplo de ſeveridade bem merecido para enſinar a vaſſallos ſoberbos o decóro, que ſe deve aos Soberanos. O Viſo-Rei executou outra ſemelhante a reſpeito de D. Alvaro de Ataide da Gama, que por huma ſentença da Relaçaõ foi privado do governo de Malaca, remettido prezo para o Reino, e conferido o meſmo governo a D. Antonio de Noronha, filho do Viſo-Rei D. Garcia.

1554 D. Fernando de Menezes, que ſeu Pai enviava com huma Armada ao Eſtreito, pouco bem ſuccedida na expediçaõ do Fórte de Dofar defendidos pelos Fartaques; elle levava as ordens para entregar o governo de Ormuz a Bernardim de Souſa, e deſpedir a D. Diogo de Noronha para Dio. Eſte Fidalgo pouco ſoffredor das injúrias, que offendiaõ a honra da Naçaõ, apenas ſe encarregou do governo, determinou caſtigar as demaſias de Cide Elal com golpe mais ſenſivel, que o que ſobre elle deſcarregára D. Diogo de Almeida,

Poſ-

Poſtado na téſta de 600 homens ſahio elle da Praça a atacar o Forte renovado de Meliqueaz, que era o lugar do ſeu refugio, e que os Barbaros entregárão ſalvas as vidas. Nós nos occupavamos em o demolir, quando chegava o aviſo, de que Abixcaõ com quatro mil homens, ſe marchava tarde para impedir o principal deſignio, ainda vinha a tempo de embaraçar a vantagem, que D. Diogo acabava de conſeguir. Fernaõ de Caſtanhoſo foi mandado com 120 homens impedir a marcha dos inimigos, na ſua taõ arrebatado, que ſem eſperar o groſſo da gente, que o ſeguia, com dezaſete companheiros ficou cortado por 300 cavallos, que faziaõ a vã-guarda dos inimigos. Defendêraõ-ſe eſtes poucos homens com valor incrivel, ſem ſe quererem render; mas todos pagáraõ com as vidas a inconſideraçaõ do Caſtanhoſo. Era vulg. 1554

No campo, em que D. Diogo de Noronha ficára poſtado, vio a precipitada fugida do reſto da gente deſte Chéfe, e advertindo que Abixcaõ havia paſſado do Continente para a Ilha, deixan-

Era vulg. xando-se transportar de huma temeridade céga, se moveo com rapidez a atacar sem ordem o corpo dos inimigos tantas vezes superior. Luiz Cabral, Feitor de Dio, Cavalleiro de valor, e experiencia, o deteve, representando-lhe o perigo a que expunha a gente, e a Fortaleza, que ficára sem guarniçeõ: dous objectos do serviço do Rei taõ importantes, que os devia preferir aos transportes do valor, que ainda no caso de adquirir a gloria, ella seria manchada com a nodoa da imprudencia. D. Diogo ainda tomado da cólera, respondeo a conselho taõ saudavel: Depois de eu morrer, que me importa, que tudo se perca? Proposiçaõ, que voando nas lavaredas do mesmo fogo, que a proferio, da India até Lisboa, foi bastante para custar a D. Diogo de Noronha o Viso-Reinado da mesma India, para que estava escolhido.

Sem desistir do avance, a ousadia de D. Diogo foi taõ affortunada, que derrotou os 300 cavallos, e os pôz em fugida. Carregando a trópa de Alixcaõ a levou ás cutiladas até ao passo do váo, aon-

aonde ſe lançou precipitada a buſcar o aſylo do Continente; mas deixando parte affogada, parte mórta ao noſſo ferro. Como Abixcaõ na margem deixára plantadas algumas batarias para ſegurar a paſſagem, a mandou deſcarregar ſobre os Portuguezes, que eſtavaõ em campo aberto. Para evitar eſte damno, D. Diogo fez ſoar a retirada, voltou para a Cidade, mandou concluir a demoliçaõ do Forte da contenda, queixou-ſe a Madre Maluco dos attentados commettidos por Abixcaõ, e conſeguio a vantagem de ajuſtar a paz com as condiçóes, que quiz. Eſtes foraõ os ſucceſſos dos quatro annos do governo do Viſo-Rei D. Affonſo de Noronha, na verdade pouco correſpondentes á alta idéa, que ſe havia formado do ſeu Author. Já declinava o anno de que fallamos, quando ſurgio na barra de Goa para lhe ſucceder com o meſmo caracter na idade de ſetenta annos o illuſtre D. Pedro Maſcarenhas, genro do outro do meſmo nome, que na India competíra com Lopo Vaz de Sampayo: hum Fidalgo de altas virtudes, e me- Era vulg.

Era vulg. recimentos, que a politica arrancou dos braços da Corte, ſervindo o governo da India de pretexto eſpecioſo para ſe dar côr de honrada à huma violencia ſenſivel.

CAPITULO IV.

Trataõ-ſe os ſucceſſos de Portugal, e de Africa neſte anno de 1554.

VINHA chegando o tempo, em que as glorias, as proſperidades, as vantagens de Portugal, pelo que tinhaõ de mundanas, pouco eſtaveis como producções da fortuna, haviaõ correr á decadencia, mudar-ſe a ſcena, e converterem-ſe em epicedios os epinicios, as pompas em lutos. No fim do anno paſſado ſe principiou a deſcobrir no Principe D. Joaõ, que entaõ paſſava pouco de dezaſeis annos, huma paixaõ hebetica taõ deſordenada, que quantidade alguma de agua extinguia a voracidade da ſua ſede. Entendeo-ſe origem da moleſtia a aſſiſtencia continuada do

Prin-

Principe na antecamera da Princeza, e por conſelho dos Medicos, que como directores da ſaude, até ſobre a independencia ſoberana tem authoridade, os Auguſtos conſórtes foraõ apartados das mutuas, e agradaveis viſtas. No ultimo de Dezembro a chuva copioſa deixou no vaõ da ſacada de huma das janellas do quarto do Principe tanta agua, que elle na manhã ainda em jejum, eſquecido dos preceitos da Medicina, preferindo a ſatisfaçaõ do apetite deſordenado á abſtinencia neceſſaria para a ſaude, bebeo della quatro, ou cinco cópos, que como ſe foſſem do mais refinado veneno, dous dias depois lhe tiráraõ a vida com dôr inconſolavel da Monarquia, que chorava cortadas em flôr as ſuas eſperanças, já antes ſentidas nas mórtes immaturas de tantos Principes mallogrados. Era vulg.

Enganoſas como ſempre as imaginações dos homens, hum caſamento, que tanto ſe anticipou para a conſolaçaõ de dar netos, elle foi a cauſa de ſe perder a vida do filho. Mórte taõ laſtimoſa ſe quiz occultar á Princeza,

Era vulg. que eſtava retirada no quarto da Rainha, aonde a Corte, veſtida no interior de luto, a cumprimentava de galla: exterioridades, a que o coraçaõ preſago da Princeza deſcobria a violencia, como ſe eſtiveſſe vendo as imagens da mórte debaixo das apparencias, que lhe pintavaõ a vida. Ella ficou taõ proxima ao tempo de ſer Mãi, que na noite de 19 do meſmo mez de Janeiro acompanhou com as dôres de lhe naſcer hum filho as que ſentiaõ os vaſſallos pela mórte do Pai. Os fideliſſimos Portuguezes corrêraõ aos Templos para derramarem os corações em votos, que pios, e ardentes pediaõ a felicidade de hora taõ deſejada. No meſmo dia, antes de naſcer o Infante, qne veio ao mundo com a luz do ſeguinte, em que a Igreja celebrava a memoria do Martyr invicto S. Sebaſtiaõ, huma velha foi ao Convento de S. Domingos, e diſſe, que aſſentaſſem por Irmaõ da Confraria do Nome de Jeſus o Principe D. Sebaſtiaõ, que eſtava naſcendo: predicçaõ, que ſe eſtimou como hum dos impetos do eſpi-

pirito, que arrebata o do homem para o levar, aonde elle quer, quando podia ser transporte da velha. Era vùlg.

Nasceo com effeito o Principe Varaõ, como se desejava, e as vozes da alegria desterráraõ dos corações os sustos do parto, e alimpáraõ nos olhos as lágrimas, que ainda corriaõ pela mórte do Pai. No Bautismo, que administrou seu Tio, o Infante Cardeal D. Henrique, lhe foi imposto o preconisado nome de Sebastiaõ, que se entendeo, que além da Velha, com o dedo o apontava o dia. Foraõ seus Padrinhos El-Rei, a Rainha, o Infante D. Luiz, e o levou nos braços a Camareira Mór D. Joanna Deça. Convalecida a Princeza, se lhe deo parte da mórte do Principe, que desatou os impulsos do amor desconfiado para fazer a natureza os seus officios. Equivocavaõ-se na Princeza os affectos, naõ sendo facil distinguir qual delles era o dominante, se o sentimento na mórte do Pai, se o prazer no nascimento do filho. Este se fazia extremoso só com a lembrança do bem commum da Monar-

Era vulg. narquia ; aquelle tocava os extremos com as memorias já da perda, já das imagens nocturnas, que figuravaõ á Princeza as calamidades preſentes, e as deſgraças futuras, entaõ naõ entendidas, depois ſenſivelmente experimentadas.

Quatro mezes depois, quando já declinava o mez de Maio, os eſpiritos Portuguezes tiveraõ de ſentir outra nova dôr na auſencia da amavel Princeza. Seu irmaõ o Rei de Heſpanha Filippe II. eſtava de partida para Inglaterra a deſpoſar-ſe com a Rainha Maria, herdeira da Coroa, e reſoluto a encarregar o governo dos Eſtados á Princeza durante a ſua auſencia, mandou pedir a El-Rei pelo ſeu Embaixador Luiz Vanegas lhe permitiſſe a paſſagem para Heſpanha. Condeſcendeo El-Rei a hum rogo taõ juſto, e encarregou do tranſporte o Infante D. Luiz, que a conduzio até Arronches, aonde rodeado de magnificencia, o eſperava o Duque de Bragança, que na fronteira a entregou aos Biſpos de Oſma, e de Badajoz, e a D. Garcia de Toledo,

Mor-

Mordomo Mór. Encheo a Princeza as medidas da esperança do Rei seu irmaõ, no governo de Hespanha, aonde fundou para novo ornato da Corte de Madrid o brilhante Mosteiro das Descalças, e a famosa Casa, que fez chamar da Misericordia, á imitaçaõ da que víra em Lisboa, para soccorro dos pobres, e necessitados distinctos. Mas já o estrondo das armas dos Mouros nos nossos mares, e no Continente de Africa chama as attenções da Historia. Era vulg.

Nós deixamos ao Xerife no anno de 1550, se pouco sensivel pela mórte do seu estimavel primogenito o Principe Arrani, muito lastimado da que os Turcos deraõ ao seu amado Muley, filho segundo, e da derròta, que delles recebêraõ as suas armas: injúria para a sua arrogancia taõ intoleravel, que até agora naõ lhe deixava mais liberdade, que a necessária para dispôr os meios da vingança. Hum dos instrumentos que o Xerife entendeo bem proporcionado para ella, foi o de se servir de mil Christãos, que tinha captivos em Féz, armallos, e formar com

el-

Era vulg. elles a vã-guarda do ſeu Exercito. Promovia eſte intento o valído Heſpanhol Diogo de Torres; oppozéraõ-ſe os Cacizes, e o Principe para moſtrar as apparentes delicadezas de Religiaõ, em que fora criado, e a que devia a grandeza, preferio a obſervancia do Alcoraõ aos intereſſas do Eſtado.

Quando elle ſe preparava para a guerra, no principio deſte anno lha trouxeraõ a caſa os meſmos Turcos, que vinhaõ commandados pelo ſeu Zala Raez, e por Buhazon, que plantáraõ o campo huma legoa apartado de Féz a Velha. Nós naõ individuaremos os ſucceſſos deſta guerra, que devemos contrahir unicamente ás ſuas reſultas, pelo que nos tem de reſpectivas. Tudo ſe conjurou nella contra o Xerife até entaõ vencedor, e parece que o demonio, ſeu comenſal, o deſamparou para ſerem inefficazes os preſtigios. Vencido, e derrotado o Xerife, elle ſe refugiou em Marrocos, perdido o Reino de Féz, aonde ſe reſgatáraõ muitos Portuguezes aonde o Raez eſtabeleceo a ſua Corte; aonde da parte dos deſpojos,

jos, que lhe tocáraõ, ajuntou hum thesouro de cinco milhões, de que a terra foi sua herdeira; porque enterrando-os, aonde só elle o soube, e morrendo pouco depois, elle, e o ouro ficáraõ sepultados nas entranhas da mesma mãi, que os gerára. Era vulg.

Buhazon, dominante em Féz, advertindo prudente, que falto da reputaçaõ do Raez, e que desamparado dos Turcos, o Xerife naõ tardaria em voltar com todas as forças a recobrar o perdido: elle discorreo illuminado, que expediente algum lhe podia ser taõ vantajoso, como o de fazer huma Liga com o Xerife Maior, que seu irmaõ o Xerife Menor tinha acantonado em Tafilete. Já este marchava com 30$000 cavallos, e 40$000 infantes sobre Féz, quando soube do Tratado de alliança, que o obrigou a mudar o plano da expediçaõ. Para atacar a Buhazon destacou com parte do Exercito a seu filho Abdalá, e elle marchou com o resto para sitiar em Tafilete ao Xerife, seu irmaõ. Buhazon, que se aproveitou do soccorro dos Christãos capti-

Era vulg. ptivos na batalha de Halhonec, fez em póſtas o Exercito de Abdalá, que apenas pode ſalvar a vida em Tedula com vinte e cinco cavallos da ſua guarda, que o ſeguíraõ.

A vantagem conſeguida por Buhazon depreſſa foi derrotada pelas indúſtrias do Xerife, que no meio das maiores calamidades nunca o deſamparou a preſença do eſpirito. Elle ſoube a infelicidade de Abdalá, antes que chegaſſe á noticia do irmaõ a victoria de Buhazon; e prevenindo as conſequencias, fingio huma carta do vencedor para elle, em que lhe repreſentava: como Abdalá o derrotára, ſem lhe deixar eſperança de refugio: que elle marcharia quanto antes a unir-ſe com ſeu Pai para reduzirem o ſitio ao ultimo aperto: que para naõ chegar aos termos de huma calamidade extrema, lhe pedia ſe compozeſſe com ſeu irmaõ em tempo habil de negociar, antes que chegaſſe a conjunctura de ſe perder. Neſte laço bem armado com todas as apparencias de huma real verdade, cahio o inconſiderado Xerife, que ſe entre-

gou

gou á discriçaõ do astuto irmaõ com Era vulg. seus tres filhos Sidan, Nacat, e Buhazon, que logo foraõ degollados por ordem do Tio, e o Pai remettido para huma das prisões duras de Marrocos. Tantas expedições famosas naõ levàraõ mais tempo, que o que se passou de Janeiro até Agosto.

Corria este mez, quando o Xerife vencedor marchou contra Buhazon para consummar sobre elle os seus infames triunfos. Como elle naõ conseguia algum, sem que a trahiçaõ fosse o agente principal, ordenou a hum criado fiel, e valeroso, que fingindo-se descontente do seu serviço, passasse a offerecer-se ao de Buhazon no seu campo; e que no maior ardor da batalha, que determinava dar-lhe, tirasse a vida ao alentado Mouro. Assim o executou o barbaro assassino com huma lançada pelas côstas, que deitou a terra morto o bravo General: mórte, que deixou sem espiritos os seus soldados; que foi a causa da victoria do Xerife, o instrumento, que lhe restaurou os Estados perdidos; a origem de ficar com os despo-

Era vulg. pojos enormes mais rico, que antes; o vento rijo, que lhe ſoprou a arrogancia para mandar degollar mais de 200 Grandes deſcontentes; e o ambriaõ defórme, que tres annos depois lhe forneceo materia para formar o monſtro, que devorou as glórias de Portugal em Africa, como diremos a ſeu tempo.

Quando na Mauritania ſuccediaõ eſtas acções naõ vulgares, no meſmo mez de Agoſto guardavaõ as cóſtas do Algarve o General D. Pedro da Cunha com quatro galéz, e ſeu irmaõ D. Vaſco da Cunha, Commendador de Malta, com cinco navios. Elles eſtavaõ ſobre ferro nas praias de Tavira, e muita gente em terra a tempo, que foraõ aviſados da vinda do famoſo Xaramet Arraez, Coſſario de Argel, que com oito galéz reſpeitaveis no luzimento, e na força, navegava em ſua buſca pela parte de Ayamonte. Sem demora ſe tirou peça de leva, foraõ picadas as amarras, embarcáraõ muitos aventureiros de Tavira ambicioſos da honra, outros das tripulações naõ vieraõ a tempo; mas dous brioſos irmãos

na-

naturaes da Beira, que chegáraõ quando as galéz rompiaõ a voga: elles transportados dos impetos, que move o amor da gloria, botaõ as armas em bandoleira, mettem nas boccas as espadas, lançaõ-se ao mar intrépidos, nadando ferraõ huma das galéz, e com esta gentileza persuadem aos Generaes, que para a batalha levaõ nelles hum bom soccorro. Era vulg.

Sobre a tarde se encontráraõ as Esquadras, que naõ consentíraõ intervallo de tempo entre o encontro, e o combate. Os Mouros tiveraõ a vantagem de callar o vento, que impedio a manobra dos nossos navios para haver na batalha a desproporçaõ de quatro galéz contra oito. Naõ se embaraçou com ella o General, nem os seus bravos Capitães D. Vasco, Pedro da Cunha, e Diogo Vaz da Veiga, que suppríraõ o menos número das galéz com a corage sublime dos espiritos. Largas horas da tarde, e da noite durou este combate com fogo taõ bem servido da parte dos Barbaros, que vendo crivada a nossa Capitania, a abor-

dá-

Era vulg. dáraõ. Todos os que entráraõ, em pouco tempo jazêraõ cadaveres no convéz da galé; ſaltáraõ os Portuguezes na ſua, que rendêraõ, fazendo priſioneiro ao Arraez, que nada ficou devendo ás obrigações de ſoldado valente, de Chéfe acautelado. Os outros Capitães das noſſas galéz, cada hum tomou a ſua; outra com toda a gente foi a pique, e as tres ſe ſalváraõ com o favor da noite. Dos Mouros morrêraõ 150, ficáraõ 90 priſioneiros, e muitos feridos. Dos noſſos faltáraõ 40, entre elles os dous irmãos da Beira, que a troco da mórte compráraõ a vida da Fama. Livramos das cadêas 230 Chriſtãos, e o Arraez depois de eſtar annos captivo em Lisboa, obteve a liberdade, ſendo trocado por Pedro Paulo, hum Turco Chriſtaõ, que os Argelinos nos captiváraõ, irmaõ de Lazaro Volpe, ambos acceitos a El-Rei, e o Pedro tanto da ſua confiança, que lhe entregou o commandamento de huma galé, para fazer a guerra á ſua meſma Naçaõ.

CA-

CAPITULO V.

Continuação dos successos da India neste anno de 1554.

NO fim do Capitulo III. deixamos nós ao Viso-Rei D. Pedro Mascarenhas chegado á Cidade de Goa para succeder no governo a D. Affonso de Noronha, que com o mesmo caracter o acabava. O Viso-Reinado da India, que para outro qualquer Fidalgo seria huma grande recompensa; as instancias do Rei, e do Infante D. Luiz, que para o acceitarem, fariaõ huma honra distincta aos sujeitos do maior merecimento. Para D. Pedro Mascarenhas foi o primeiro huma desgraça, e huma especie de desterro: as segundas preceitos violentos, ou obediencia forçada. Nem a educaçaõ do Principe, de que D. Pedro estava encarregado, nem o pezo dos merecimentos, que o carregavaõ, nem a gravidade de 70 annos, que o opprimiaõ, podêraõ fechar na India a pórta especiosa, que a emula- Era vulg.

çaõ

Era vulg. çaõ lhe abríra para o apartar da Corte. Elle ſahio do Téjo na formoſa Armada de ſeis náos, acompanhado de muita da Nobreza mais qualificada, que fazia ambiçaõ de ſeguir eſte grande homem, Fidalgo completo, hum dos melhores Capitáes, hum Embaixador dos mais brilhantes, hum dos talentos mais illuminados para o Conſelho, hum modelo das virtudes proprias para a educaçaõ dos Principes, em fim hum Chriſtaõ no cumprimento das ſuas obrigações taõ exacto, que a meſma invéja nada de reprehenſivel deſcobria nelle.

Foi D. Pedro Maſcarenhas morrer á India hum anno depois da ſua chegada. Das expedições, que ſe fizéraõ no ſeu tempo, a mais glorioſa foi o deſtroço das galéz Turcas, que ſe haviaõ refugiado em Surrate. A grande inclinaçaõ, que eſte Viſo-Rei tinha á ſociedade dos extinctos Jeſuitas, o obrigou a promover na India os ſeus intereſſes, como já os havia promovido em Roma, e em Portugal. Nada de memoravel obrou a Eſquadra, que elle

man-

mandou ao Estreito commandada por Era vulg.
Manoel de Vasconcellos contra o Cos-
sario Cafar, além de deixar no porto
de Arquico o Padre Mestre Gonçalo;
e seus companheiros Jesuitas, que o
Viso-Rei enviava ao Imperador da Abys-
sinia Claudio, conduzidos por Diogo
Dias do Preste, que estivera com D.
Christovaõ da Gama naquelle Imperio.
O ultimo negocio de caracter no seu 1555
tempo foi o concurso, que deo para
Mealecan ser acclamado Rei de Visa-
por por Anel Maluco, e outros Capi-
tães rebeldes do Hidalcaõ; descartan-
do-se o Estado deste fantasma da Ma-
gestade, que tantos annos residente em
Goa, por muitas vezes foi causa dos
nossos interesses na India subirem ao
ponto mais critico.

Na volta de Pondá, aonde o Vi-
so-Rei foi fazer a entrega de Meale,
adoeceo gravemente, e a 16 de Junho
falleceo em Goa, intrépido como He-
róe, pio como Catholico. Nasceo D.
Pedro Mascarenhas de D. Fernaõ Mar-
tins Mascarenhas, Capitaõ dos Gine-
tes, e casando duas vezes, de nenhu-

Era vulg. 1555 ma teve filhos. O ſeu caracter era eſpecioſo, e baſtará hum ſó raſgo da ſua magnificencia para ſe conhecerem as muitas, que metteo em obra nas ſuas Embaixadas repetidas. Quando na Corte do Imperador Carlos V. teve a honra de lhe dar de jantar, e a ſua irmã a Rainha de Hungria, acompanhados de outros muitos Principes, e grandes Senhores, toda a lenha, que ſe queimou nas antecamaras, e nas coſinhas era de páo de canella. Mas naõ obſtante a profuſaõ, e a pompa, as ſuas Embaixadas ainda eraõ mais uteis, que eſplendidas, mais intereſſantes, que magnificas. A meſma India lhe conheceo o caracter no fim da vida, confeſſando que ſe a tiveſſe mais larga, elle reſtabeleceria no ſeu governo quanto foſſe de vantajoſo aos avances da Religiaõ, e do Eſtado.

Succedeo nelle Franciſco Barreto, que eſtava preſente quando as vias ſe abríraõ: Fidalgo digno, e benemerito pelo naſcimento, pelas qualidades, tudo illuſtre; mas ainda os ſerviços mais brilhantes. Naõ eraõ paſſados oito dias, em

em que elle goſtava a doçura dos primeiros cumprimentos, quando hum acaſo, que ſe ſuppoz penſado de noſſo inimigo o Hidalcaõ, lhe perturbou o prazer, e cauſou á India huma das maiores perdas. Hum foguete, que deitáraõ ao ar na veſpera de S. Joaõ, cahio ſobre o galeaõ S. Mattheus, que eſtava varado, e coberto de palha, aonde logo ſe ateou voraz o incendio. Como o vento era rijo, e com o meſmo reſguardo eſtavaõ cobertos outros nove galeões, que ficavaõ a barlavento do que ardia; communicadas as chammas de huns a outros, todos déz ſe abrazáraõ laſtimoſamente. Eraõ eſtas náos a eſperança de toda a India, e o reſto da Armada experimentaria o meſmo fatal deſtino, ſe a fadiga, o trabalho, os perigos, em que ſe metteo o Governador, os Fidalgos, e os zeloſos Portuguezes naõ cortaſſem o fogo, antes que ſe fizeſſe geral o eſtrago. O tempo deſcobrio que hum Joaõ Rodrigues ſem malicia fora o author deſta deſgraça. Era vulg.

Ella fez huma alta impreſſaõ em

Era vulg. Francifco Barreto, como agouro trifte no principio do feu governo. Dilatando porém o animo para quanto antes reparar a perda; elle o confeguio até o fim dos feus tres annos, deixando huma Armada a mais bella, e a mais numerofa, que até entaõ tivemos na India. Sem o embaraçarem eftes cuidados, e os da guerra com o Hidalcaõ; porque Meale ainda eftava no territorio de Pondá efperando os avifos de Anel Maluco para ir tomar poffe do feu Reino; o Governador determinou aviftar-fe com elle para acabar de concluir os ajuftes, que o Vifo-Rei deixára incompletos, a refpeito da ceffaõ, que Meale fazia a Portugal das terras do Concaõ, que chegavaõ a produzir hum milhaõ de renda. Elle fahio de Goa com hum aparelho taõ luminofo no faufto, no número de Nobreza, na força das trópas, como antes o havia feito o Vifo-Rei na entrega de Meale a Calabatecaõ, que veio a Pondá com os plenos poderes dos Chéfes dos rebeldes para o receber.

D.

D. Antaõ de Noronha, que eſtava naquella Praça com 600 homens para ſuſtentar as pretenções do novo Rei, ſahio a receber o Governador, que logo fez aviſo a Meale da ſua chegada. No campo foi a entreviſta, em que ficou confirmado o Tratado precedente, a ceſſaõ das terras ſobreditas, e logo entregues no noſſo poder as Fortalezas de Bandá, Curale, e outras muitas. Deſpedidos os Chéfes contratantes com agrados mutuos, Meale voltou ao lugar da ſua reſidencia, donde com o aviſo de Maluco havia ſubir o Gate. O Governador deixando em Pondá a D. Fernando de Monroy com 500 homens, e deſpedindo com igual número a D. Antaõ de Noronha para ir tomar poſſe das doze Tanadarias da nova terra, cuidou de ſe empregar em Goa nos expedientes do governo, que logo no principio lhe moſtrava o ſemblante circunſpecto. O Noronha no acto da poſſe, e arrecadaçaõ dos tributos ſe encontrou com os Officiaes do Hidalcaõ, que andavaõ occupados na meſma diligencia, e ganhou ſobre elles humas ligei- Era vulg.

gei-

Era vulg. geiras vantajens. Mas por naõ cortarmos o fio desta passagem da Historia, eu passo a referir o exito destas negociações, que para o Estado nada vieraõ a ter de proveitosas; para Meale muito de desgraçadas.

O Hidalcaõ, vigilante sobre os inimigos para impedir a desmembraçaõ dos seus Estados, conhecendo na natureza dos trahidores, que elles mudaõ as inclinações á vista da face dos interesses; elle propôz tantos ao rebelde Anel Maluco, que o ganhou á sua devoçaõ para fazer passar a fortuna de Meale, como hum relampago. Prometteo Maluco entregar-lhe o Rei augurado vivo, ou morto. Calabatecaõ, que se havia encarregado da sua guarda, mais eloquente, que valeroso, affeou a Maluco a sua perfidia, e fez reviver nelle a primeira fidelidade. Mais picado o Hidalcaõ, pede o soccorro do seu inimigo o Rei de Narsinga, que haveria entrado na conjuraçaõ a favor de Meale para se vingar do Hidalcaõ, se os outros conjurados naõ o excluissem temerosos, de que poderia unir aos seus

Do-

Dominios o Reino deſignado para o mesmo Meale. Elle com eſte eſtimulo faz marchar em ſoccorro do Hidalcaõ hum formidavel Exercito. Baſtou o eſtrondo deſta marcha para Meale, e os ſeus dous Protectores abandonarem o Reino em preza ao vencedor ſem combate, e elles com ſalvo-conducto do Nizamaluco buſcarem o refugio dos ſeus Eſtados. Era vulg.

Eſte Principe preoccupado pelas influencias do ſeu primeiro Miniſtro, foi o vingador do Hidalcaõ na mórte, que immediatamente mandou dar a Anel Maluco, e a Calabatecaõ. O meſmo deſtino teria o infeliz Meale, ſe a ſeu favor naõ mediaſſem os rógos da Rainha, mulher do Nizamaluco, ſua parente, que lhe repreſentou com viveza as intrigas do ſeu Miniſtro, e a enormidade de tirar a vida a hum Principe fugitivo, que buſcava o ſeu amparo. Ficou Meale com vida; mas ſem liberdade, nem Reino, outra vez hum jogo, huma irriſaõ da fortuna. Entaõ vio Franciſco Barreto que elle eſtava ſó no campo, como alvo, ſobre o qual

ti-

Era vulg. tinha o Hidalcaõ de deſparar todos os tiros do ſeu furor. Para lhe prevenir os golpes, contrahido ao recincto da Ilha de Goa, porque as ſuas trópas já desfilavaõ em grande número para as terras do Concaõ, e Pondá; elle ordenou a D. Fernando de Monroy, e a D. Antaõ de Noronha, que abandonaſſem os póſtos, e ſe recolheſſem a Goa. Elles o fizeraõ com a mais bella ordem á viſta dos inimigos, que lhes reſpeitáraõ as trópas, ſenaõ por muitas, por valeroſas.

Por eſtes tempos padeciaõ vexações barbaras as noſſas Chriſtandades de Ceilaõ; porque havendo fugido Tribuli Pandar da priſaõ, em que os Portuguezes o pozeraõ, o Madune, ſempre pérfido, agora o perſuadio para vingar a ſua injúria ſobre nós, ſobre os noſſos Templos, Religioſos, e Chriſtãos do Paiz. Muitos acabáraõ com mórte preciosa ás mãos dos dous Tyrannos colligados. Quando elles executavaõ a carnagem, Affonſo Pereira de la Cerda chegava a Ceilaõ encarregado do ſeu governo. Sem perda de tempo o perju-

ro

so Madune se lhe offereceo com todas Era vulg.
as suas forças para vingar as injurias, que Tribuli Pandar, de maõ commum com elle, fazia aos Portuguezes. Affonso Pereira, ainda que conhecia o espirito dobrado do Madune, acceitou a offerta, e unido com o Raju, seu filho bastardo, marcháraõ com grossas forças a investir o desgraçado Tribuli na sua Cidade de Palanda. Ella foi entrada, e reduzida a hum lago de sangue; mas o Tribuli pode escapar-se em Tanavaré. Naõ se dando aqui por seguro, elle se refugiou nas Corlas, aonde o Rajú o pôz em apertado cerco com o soccorro das nossas armas.

O trahidor Tribuli, para se fazer senhor do grande Estado das sete Corlas, matou aleivosamente ao Principe de Urunguré, que o amparava; mas o Rajú, e o alentado Portuguez Joaõ Fernandes Columbrina vingáraõ o sangue justo, obrigando o Barbaro a fugir destruido para o Reino de Jafanapataõ. O seu Soberano se lastimou da desgraça do Tribuli, e determinou soccorrello com todas as suas forças. Para

Era vulg. ra fazer o Tratado mais ſolemne concorrêraõ ambos a hum Pagode, aonde a preſença dos Idolos déſſe mais força ao ſagrado dos juramentos. Nelle ſuccedeo o acaſo de arder huma pouca de polvora, que cahíra a hum ſoldado. O Tribuli, como trahidor, deſconfiado, entendeo aquella acçaõ preludio do aſſaſſinio, que o Rei de Jafanapataõ lhe preparava. Tranſportado do ſuſto, ou da cólera, elle tira da eſpada, lança-ſe ao Rei, que ſe pôz em defenſa rodeado dos ſeus vaſſallos, inſtrumentos generoſos, que na vida do Tribuli caſtigáraõ com muitos golpes igualmente, que as ſuas tyrannias, o ſeu atrevimento.

A revoluçaõ no Reino de Pegu naõ foi menos glorioſa aos poucos Portuguezes, que nelle ſe achavaõ. Hum Pegu de naçaõ, chamado Ximindo, aproveitando-ſe da auſencia do Rei Brama, que havia uſurpado a Monarquia, ſe levantou com ella, acclamado ſeu Soberano por hum grande partido. Nos encontros deſta guerra civil perdeo a vida o Rei Brama, e o uſurpador triun-

fan-

ſante fez tirar a de Diogo Soares de Mello, que promovia em Pegu os interesses do nosso Commercio. A Rainha viuva do infeliz Brama se refugiou em huma Fortaleza, que entregou com a pessoa á fé, e valor de 200 Portuguezes. Elles obrárao na defensa dos dous objectos façanhas tao extraordinarias, que pozérao em admiraçao a todas aquellas Regiões. Sobrevindo Mandaragri, Rei de Ova, cunhado do Brama defunto, a vingar-lhe a mórte com Exercitos formidaveis. Elle reconquistou todo o Reino de Pegú, e pôz em liberdade a afflicta Rainha, que lhe apresentou com os Portuguezes a narraçaõ fiel das monstruosidades de corage, que elles acabavaõ de fazer em seu obsequio. Era vulg.

Cheio de complacencia o Rei triunfante, sensivel á importancia do serviço, com semblante alegre disse a todos: Vós rendestes á minha vontade a maior lisonja; eu desejo satisfazer as vossas; pedí-me quanto quizerdes. Os individuos da Naçaõ altiva, que tendo mãos para as obras, o brio lhes fe-

cha

Era vulg. cha as bocas para o rogo; elles como pasmados, olhavaõ huns para os outros; se desejosos, mudos; se querendo os premios, callados: premios, que fossem dados, como justos, naõ pedidos. O Rei, que ou entendeo a magnanimidade, ou suppoz irresoluçaõ o silencio, premiou a primeira com elogios, que trasbordavaõ honras; remunerou a segunda com huma copiosa effusaõ de ouro, que podia despertar a cubiça dos espiritos estoicos mais dominados da apathia.

Em Março deste anno sahíraõ de Lisboa para a India cinco náos commandadas por D. Leonardo de Sousa, que chegou a Goa com quatro, e a outra naufragou salvando-se a gente, que fabricando huma naveta dos destroços da náo perdida, teve a felicidade de tomar porto em Cochim. Com estes, e outros reforços, que chegavaõ de várias partes, o Governador se fez prestes para acudir em differentes lugares á urgencia dos negocios. Domar a ferocidade do Çamorim de Calecut, nosso antigo adversario, era hum dos

de

de maior empenho, e para a execuçaõ delle foi nomeado D. Alvaro da Silveira com huma galé, e vinte navios de remo. Elle fez ao Çamorim huma guerra viva por toda a cósta do Malabar, já impedindo-lhe a communicaçaõ dos pórtos, já a entrada dos viveres, depois assolando as povoações, devaçando as campanhas, arrasando os palmares, até que os clamores da fome leváraõ aos ouvidos do Rei o écco dos estragos. Elles lhe fizéraõ impressaõ taõ sensivel, que teve de abater a arrogancia, e pedir a paz, que D. Alvaro se escusou de conceder sem ordem do Governador; mas suspendeo as hostilidades até chegar o Veador da Fazenda, que unido com elle, e presente o Çamorim a celebráraõ com as mesmas condições da do Tratado do Viso-Rei D. Affonso de Noronha. Era vulg.

D. Alvaro da Silveira para naõ estar ocioso até a vinda do Veador, determinou castigar a Rainha de Olala, que de annos a esta parte se havia levantado com os tributos, que nos pagava. Elle poz as prôas á Cidade de

Man-

Era vulg. Mangalor, na cósta de Canará, e entrando-a a pezar da grande resistencia da guarniçaõ, e moradores, lhe mandou pôr o fogo, que tambem abrazou dous riquissimos Pagodes, mais sensiveis os soldados á vingança, que á cubiça. Daqui voltou D. Alvaro para o Malabar, aonde havia chegado o Veador, para se ajustar com o Çamorim a paz, que acabamos de dizer. Com esta vantagem findou na India o anno de 1555, que no Reino foi lastimoso pela falta do estimavel Infante D. Luiz, que no fim delle passou da vida mortal para a eterna.

Justamente o nosso Manoel de Faria, tecendo o elogio deste Principe, lhe chama as Delicias de Portugal, o Exemplar dos Principes do Mundo nas sciencias, no engenho, na corage, na magnificencia; em ser humano, em ser pio, e finalmente em ser amparo de todo o homem virtuoso. Recopilou o Infante em si, ou elle se fez hum Seminario das virtudes sublimes, que fórmaõ altos os relevos do decóro na Magestade. Sobre todas foi eminente

o

o amor reverencial, que o impellia a render a El-Rei huma ſujeiçaõ profunda. Muitas vezes a fraternidade eſquecida da Soberania, intentou refrear eſtes tranſportes da humiliaçaõ reſpeitoſa; mas o Infante pedia a ſeu irmaõ naõ quizeſſe com a obſervancia deſte preceito privallo da maior delicia da ſua alma: preceito, que comprimia o amor para elle deixar de pagar no rendimento muitas dividas, na ſujeiçaõ muitas mercês, na reverencia dos cultos grandes honras, ſobre tudo de dar na humiliaçaõ muitos exemplos. A ſua reputaçaõ no mundo foi taõ grande, como o ſeu merecimento, eſte reſpeitado até dos Barbaros Mauritanos. Ella meſma o levou duas vezes a Caſtella para tratar com ſeu cunhado o Imperador Carlos V. os maiores negocios daquelles tempos. Na primeira vez propoz com tanta vivacidade, elegancia, e eſpirito os meios, que ſe deviaõ tomar a reſpeito do Commercio de Portugal, e Heſpanha, na idéa dos Francezes franco, e livre nas noſſas conquiſtas, que naõ ſó obrigou o Imperador Era vulg.

a

Era vulg. a tomar parte nos noſſos intereſſes, mas o fez conhecer que Portugal naõ devia ſeguir as ſuas partes contra França; porque ao noſſo ſocego convinha naõ termos por inimigo declarado o ſeu Rei.

Na ſegunda jornada, quando ardia a guerra mais furioſa entre o meſmo Imperador, e o Rei de França, elle eſgotou os termos mais inſinuantes da ſua Eloquencia perſuaſiva para o Imperador entrar ſem paixaõ no conhecimento, de quanto aquella rotura era pernicioſa á Chriſtandade na ſituaçaõ crítica, em que ella ſe achava. Tranſportado do ſeu catholico zelo, intentou para o meſmo fim paſſar a França para tocar fórte, e diſpôr ſuave o eſpirito do ſeu Monarca a abraçar a paz; mas o Imperador, e El-Rei ſeu irmaõ, o impedíraõ. A meſma reputaçaõ eſteve para o conduzir á India duas vezes, e elle iria, ſe entaõ naõ houveſſe em Portugal Fidalgos benemeritos, que ſupprindo com as virtudes no ſangue o que lhe faltava de Real, naõ foſſem dignos de occupar a Praça de hum Infan-

ſante taõ alto; ou ſe El-Rei ſenſivel á ternura tiveſſe corage para apartar do lado hum Irmaõ ſublime. Em fim, o Infante D. Luiz deixou no Senhor D. Antonio, Prior do Crato, hum filho natural, ou legitimo, que adiante ſerá aſſumpto da noſſa Hiſtoria na competencia com Filippe II. de Heſpanha, quando uſurpou Portugal ſem forças com as das armas ſem juſtiça. Era vulg.

CAPITULO VI.

Continuaõ os ſucceſſos da India no governo de Franciſco Barreto.

FRANCISCO Barreto igualmente zeloſo no ſerviço do Rei, e no amor da reputaçaõ propria, antes que elle ſe fizeſſe ao mar na grande Armada, que tinha prevenida para os deſignios, que meditava, determinou deſtacar primeiro muitas Eſquadras a emprezas differentes, para que os éccos das gentilezas, ſoando em muitas partes, fizeſſem huma repercuſſaõ ſonóra ao crédito das 1556

Era vulg. noſſas armas na India. Nas ultimas náos, que chegáraõ do Reino, vieraõ vários Jeſuitas, entre elles o Padre Gonçalo da Silveira, irmaõ do Conde da Sortelha, que depois morreo Martyr na Cafraria, e outros deſtinados para o Imperio do Preſte Joaõ. Como elles neceſſitavaõ ſaber o que paſſára com eſte Principe o ſeu Padre Meſtre Gonçalo, que pelo Viſo-Rei D. Pedro Maſcarenhas fora mandado áquelle Imperio; conſeguíraõ do Governador enviar com dous navios a Joaõ Peyxoto, aſſim para ſe informar no Eſtreito das galéz Turcas, que diziaõ eſtar promptas em Meca, como para ſaber em Maçua o deſtino do Padre Gonçalo.

Ao meſmo tempo o Governador deſejoſo de metter a Cidade de Damaõ no número das noſſas conquiſtas, ſe quiz aproveitar da menoridade do Rei de Cambaya, e negociar a entrega da Cidade com os ſeus Generaes, eſpecialmente com Ithimiticaõ, que mandava tudo. Para eſte fim lhe enviou por Embaixador a Triſtaõ de Payva bem inſtruido, em que fizeſſe os officios da ne-

negociaçaõ abrindo mais as mãos, que a boca, com mais obras, e menos palavras. Despedido este Ministro, chegáraõ de Ormuz noticias do Rei, que foi de Baçorá, representando a decadencia dos Turcos nesta Praça, que facilmente seria tomada, se o Governador o quizesse soccorrer com huma Armada; promettendo á nossa Coroa o dominio da Fortaleza sobre o mar, e a ametade dos rendimentos da Alfandega da mesma Baçorá. Interesses ao mesmo tempo avultados, e honrosos pareceo ao Conselho da India, que naõ se deviaõ desprezar; e foi eleito D. Alvaro da Silveira, triunfante no Malabar, para que com hum galeaõ, quatro caravellas, e déz fustas, em que embarcáraõ D. Pedro de Menezes, Tristaõ Vaz da Veiga, Ayres Gomes da Silva, Braz Telles, Jeronymo de Mesquita, e outros Officiaes de valor, fosse á expediçaõ, para que o convidavaõ, e tomasse posse das vantagens, que lhe promettiaõ. Era vulg.

Na reta-guarda de D. Alvaro partio para o Governo de Malaca D. Joaõ Pe-

Era vulg. reira, filho do ſegundo Conde da Feira, para ſubſtituir a falta de D. Antonio de Noronha, que paſſára a melhor vida. E porque os Capitães do Hidalcaõ, depois da retirada de D. Fernando de Monroy, e de D. Antaõ de Noronha das terras cedidas por Meale, faziaõ irrupções contínuas nas de Bardez, e Salcete; o Governador ordenou ao Capitaõ Miguel Rodrigues Coutinho Fios Seccos, que com déz navios infeſtaſſe toda a cóſta de Goa até Dabul. Para a cóſta do Malabar, entaõ pacifica, aonde naõ eraõ neceſſarias mais forças, que as baſtantes para evitar os contrabandos, deſtacou o Capitaõ Miguel Carneiro, irmaõ do Secretario Pedro de Alcaçova, com ſete navios. Hora deixando nós a eſtes Officiaes occupados nas ſuas reſpectivas commiſsões, acompanhemos ao Governador Franciſco Barreto, que com a reſpeitavel Armada de 150 vélas navega para o Nórte.

Elle deſembarcou em Chaul, aonde deo algumas providencias, ſendo a de mais importancia o deſpacho de Se-

baſ-

baſtiaõ de Sá, que no governo de Çofala, e Moçambique foi ſucceder a D. Diogo de Souſa da Caſa do Prado, depois o General da Armada infeliz, que conduzio a Africa o Rei D. Sebaſtiaõ. De Chaul veio o Governador á Baçaim, aonde foi recebido com hum apparato ſoberbo. Entaõ ſe diſſe que elle naõ viera a Baçaim com mais deſtino, que o de fazer oſtentaçaõ da ſua gloria na Praça, em que era bem conhecido, e tambem ſe devia dizer bem reputado. D. Diogo de Noronha, Governador de Dio, que quando ſoube que Franciſco Barreto o era da India, naõ pode conter os tranſportes da invéja ſem romper os termos da moderaçaõ clamando: D. Diogo de Noronha na India, e Franciſco Barreto Governador della! Agora informado das negociações, que Triſtaõ de Payva mettia em obra com os Officiaes de Cambaya, e que Franciſco Barreto vinha reſoluto a ceder as rendas da Alfandega de Dio em cambio pela Cidade de Damaõ; elle veio em peſſoa a Baçaim, e poſto na preſença do Gover- Era vulg.

ver-

Era vulg. vernador, e Fidalgos, lhes fallou assim:

Vozes sem serem populares publicaõ, que a ametade do rendimento da Alfandega de Dio está para ser o valor da troca da Cidade de Damaõ. Que maior quebra póde ter o serviço d'El-Rei, que tornar o de Cambaya a exercitar actos de jurisdicçaõ na Ilha de Dio? Se Damaõ he Praça necessaria ao Estado da India, conquistem-a as armas, naõ se compre com injúria. Que occasiaõ mais opportuna para esta conquista? O nosso poder he grande; os Governadores de Cambaya estaõ mettidos em desordem; no Reino tudo he confusaõ; que póde custar arrancar-lhes do poder huma Praça? Se presumís que fallo arrogante, no estado em que eu sei estaõ as cousas de Cambaya, entregai-me dous mil homens, que eu vou bater, e entrar pelas pórtas da Corte de Amadabá. Além disso, se agora naõ quereis, ou vos parece que naõ podeis tomar Damaõ, reservai o projecto para outra conjunctura, sem sacrificar Dio. Toda a Assembléa approvou o dis-

cur-

curſo de D. Diogo, e ficou determinado que para crédito de Armada taõ importante ſe emprehendeſſe a conquiſta das Fortalezas de Aſſari, e Manorá no deſtricto de Damaõ, para aperto deſta Praça, e maior ſegurança da de Baçaim.

Era vulg.

Em quanto o Governador ſe demora neſta Cidade para a execuçaõ dos projectos determinados no Conſelho, e outros maiores, que logo ſeraõ aſſumpto da Hiſtoria; ſuppondo já inuteis os officios do Embaixador Triſtaõ de Payva com os Generaes de Cambaya, vamos a ouvir o que executáraõ os noſſos nas expedições differentes, a que os deſtacára Franciſco Barreto, antes de partir para o Norte.

Ainda elle eſtava no porto de Goa, quando o bravo Miguel Rodrigues Fios Seccos aſſolava os do Hidalcaõ por toda a cóſta até Dabul. Nos navios, nas fazendas, nas vidas era igual o eſtrago. Lagos de ſangue nos Póvos, chammas nos eſtalleiros, incendios nos palmares repreſentavaõ huns eſpectaculos taõ gratos á vingança, quanto indigeſtos á huma-

Era vulg. manidade. Naõ havendo mais que fazer nas paragens marcadas no Regimento, o Chéfe foi pairar na barra de Dabul. Aqui teve elle o encontro com huma náo alterosa do Hidalcaõ, que vinha de Meca importantissima com a guarniçaõ de 200 Mouros. Durou horas o vistoso combate antes da abordagem. Nesta foi o furor dobrado, da parte dos Mouros taõ vivo, que todos se deixáraõ matar desesperados. El-Rei tirou á sua parte o valor de 30$000 cruzados; a náo servio para engrossar a Armada, e tantos estragos de incentivo para mais atiçar a cólera na dura guerra, que nos mandou fazer nas terras firmes de Bardez, e Salcete, o escandalisado Hidalcaõ.

D. Alvaro da Silveira na expediçaõ de Baçorá nada obrou, que se parecesse com o que antes executára no Malabar. Elle foi a Ormuz engrossar a Armada com mais seis navios, e a tratar com muitas grossarias, e desattençóes públicas o civil Governador Bernardim de Sousa, ainda lembrado de huns ciumes, que elle lhe déra em Goa

nos

nos pontos delicados de amor; paixaõ fragil, que penetra peitos armados de ferro. De Ormuz navegou D. Alvaro para Baçorá, pairando da Fortaleza de Reixel pertencente á Persia, até a embocadura do rio Eufrates, que lhe fica visinha, para esperar aviso do Rei, que fora de Baçorá, e dos Gizares seus Alliados, que haviaõ ter regulado o plano da expediçaõ. Aqui foi a sua Fróta assaltada de huma tempestade taõ furiosa, que naõ a podendo levar sobre ferro, os navios atoados, alagados, destroçados foraõ parar a Ormuz, aonde o Chéfe picado naõ quiz desembarcar com sentimento novo de Bernardim de Sousa, admirado de que o fogo do zelo em D. Alvaro naõ o podesse extinguir a congregaçaõ de tantas aguas contra elle conjuradas. Em Mascate esperou D. Alvaro a monçaõ de voltar para a India, na Armada sem perda, da expediçaõ sem gloria. Era vulg.

Pelo contrario Joaõ Peyxoto com os seus dous navios, elle pôz em suspensaõ ambas as margens do estreito do mar Roxo. Para desempenhar os brios

Era vulg. brios do ſeu apellido illuſtre, determinou ſupprir com o valor a falta das forças. Fazendo na boca do meſmo eſtreito algumas prezas, ſoube das ſuas tripulações que nelle naõ havia mais galéz, que as de Cafur varadas em Meca. Com eſta noticia imaginando-ſe ſenhor daquelles mares, atraveſſou toda a cóſta da Abaſſia, até haver viſta da Ilha de Çuaquem. O ſeu coraçaõ intrépido determinou fazer nella huma irrupçaõ nocturna, que ficaſſe em memoria naquellas Regiões. A favor das ſombras elle póſta em terra o ſeu pouco mundo, e ſem ſer ſentido endireita a marcha aos Paços do Rei, que ficavaõ ſobre o mar. Ajudando a fortuna a temeridade, elle entra, e vai dar na cama com o deſcuidado Principe, que nella ficou deſcabeçado. Quaſi toda a familia teve igual deſtino, e ſaqueado o Palacio, com riquiſſimos deſpojos recolheo a gente nas náos, ſem a perda de hum ſó homem.

Os ſoldados mais animados com hum tal ſucceſſo, invitáraõ o ſeu Chéfe, para que a todos os lugares da cóſ-

ta

ta até Arquico fosse dando o mesmo tratamento, que Çuaquem acabava de receber. Assim o executou elle com confiança incrivel; faltando já o vaõ nos navios para recolher despojos; as forças já lassas para derramarem sangue. Daquelle porto da Abassia avisou Joaõ Peyxoto ao Padre Mestre Gonçalo se recolhesse a bórdo para voltar á India. Elle o fez com permissaõ do Imperador, que escreveo a El-Rei de Portugal, e ao Governador da India, agradecendo-lhes o zelo, que mostravaõ na salvaçaõ dos seus vassallos, que tanto promoviaõ, conseguindo do Papa, que para o seu Imperio criasse hum Patriarca, nomeasse Bispos, e o enchesse de Operarios Evangelicos. Mas em abjurar os erros, e mudar de costumes o astuto Principe naõ fallava huma só palavra. Silencio, que os Padres em Goa interpretáraõ ao Governador, assegurando-lhe que o Imperador Claudio naõ mudaria de sentimentos; que os desejos piedosos do Rei de Portugal, tantas despezas, tantas diligencias, tantas viagens repetidas a Abyssi- Era vulg.

Era vulg. ſinia, nada correſponderia ás ſuas intenções, tudo ſeria trabalho perdido.

CAPITULO VII.

Por occaſiaõ das náos do Reino, que eſte anno chegáraõ a Goa, ſe trataõ das novas ordens d'El-Rei a reſpeitó dos negocios da Ethiopia, e como foraõ executadas pelo Governador da India.

NA figura, que eu acabo de eſcrever, eſtavaõ os negocios eſpirituaes do Imperio da Abyſſinia, quando chegáraõ a Goa as cinco náos, que eſte anno ſahíraõ do Reino. Ellas vinhaõ commandadas por D. Joaõ de Menezes de Siqueira, que trazia ás ſuas ordens os Capitães Jorge de Brito, Pedro de Goes, Martim Affonſo de Souſa, o que depois foi Governador de Angola, e Antonio Fernandes, que trouxe no ſeu bórdo a D. Antonio de Noronha, o Catarraz, que em outra viagem arribára ao Reino taõ pobre, que foi pe-

pedir paõ, e casa ao Convento de Saõ Francisco. Agora informado El-Rei, de que este retiro de D. Antonio ao Claustro, era fome, e naõ vocaçaõ; altenaria do espirito por se naõ sujeitar á dependencia dos parentes, naõ humildade da alma para a abater aos repellões da pobreza; El-Rei o mandou vir ao Paço, fallou-lhe com muito agrado, que foi a primeira mercê; fez-lhe outras muitas, que pozeraõ a necessidade em esquecimento, e o despachou com o governo de Dio para succeder nelle a D. Diogo de Noronha. Era vulg.

Vieraõ nestas náos destinados para o Imperio do Preste o segundo Patriarca D. Joaõ Nunes Barreto, Jesuita, e Successor de D. Joaõ Bermudes, alguns Bispos, e com o caracter de Embaixador, para os acompanhar, Fernaõ de Sousa de Castello-Branco, que trazia Provisões Reaes para o Governador da India lhe fornecer huma Armada com 500 homens de guarniçaõ para a viagem de Maçuá. Com igual aperto, e precisaõ vinhaõ tambem ordens ao mesmo

Era vulg. mo Governador para mandar logo examinar todos os pórtos da Ilha de Saõ Lourenço, com o deſignio de deſcobrir noticias das numeroſas tripulações de duas náos, que no anno de 1553 naufragáraõ naquellas cóſtas voltando para o Reino; que nellas ſe buſcaſſe ſitio accommodado para a fabrica de huma Fortaleza; que ſe celebraſſem Tratados de paz com os Dominantes do Paiz, e que lhes ſondaſſem o fundo dos eſpiritos para ſe vêr ſe eraõ capazes de ſerem inſtruidos nos Dogmas da Lei Santa: duas expedições recommendadas, que ſubprendêraõ a Franciſco Barreto pela diminuiçaõ, que cauſavaõ nas forças da India, quando elle preferia a todas as idéas a da conquiſta de Damaõ, em que o deixamos empenhado.

Com effeito, nem a exactidaõ, que requeria a obſervancia deſtas ordens, nem o indiſpenſavel cuidado de aprom-ptar as importantes cargas para outras cinco náos, que haviaõ voltar a Liſboa, impedíraõ ao Governador a viagem do Nórte. As náos com execuçaõ ligeira recebêraõ a carga, ſoltáraõ pan-

no,

no, e elle se aprestou sem demora para tambem se fazer á véla. Mas os Jesuitas transportados da impaciencia, que lhes era natural, quando lhes encontravaõ os designios, como se o Padre Mestre Gonçalo, acabado de chegar da Abyssinia, naõ houvesse dado ao Governador informações contrarias, bem capazes de derrotar as intenções d'El-Rei sobre os progressos da Religiaõ naquelles Estados; estes homens feitos em hum corpo instavaõ, persuadiaõ, clamavaõ ao Governador que sem perda de tempo mandasse preparar a Armada, alistasse a gente, executasse á risca as ordens d'El-Rei para o Patriarca, os Bispos, e o Embaixador navegarem ao porto de Maçuá, sob pena de ser responsavel a Deos, e ao Rei dos prejuizos, que a demora causasse ás Christandades recem-estabelecidas na Ethiopia. Era vulg.

Sem se mover ao tom féro desta representaçaõ, o Governador propunha aos Padres, naõ só a impossibilidade do Estado separar de si na situaçaõ crítica de tantas guerras hum corpo taõ

con-

Era vulg. consideravel de homens, e navios; mas lhe chamava por authoria ao Padre Mestre Gonçalo, e aos seus companheiros para na sua face lhes fazer a mesma relaçaõ, que elles lhe represen-táraõ, quando vieraõ da Ethiopia, a respeito do que lhes havia succedido com o Imperador; e que era huma demencia pelas vantagens da Religiaõ duvidosas arriscar os interesses certos do Estado. Esta repulsa foi novo estimulo para furor novo, que se encostou ao lado da Nobreza da India para lhe communicar a mesma ardencia. O Governador atacado pelos Fidalgos, resolveo prudente que elle naõ duvidava na jornada; mas que se satisfizessem os Padres, com que elle lhes preparasse huma Armada com o número de gente confórme ao tempo: que o Embaixador suspendesse a sua; e que em seu lugar iria Fernaõ Martins Freire até Arquico, aonde deitaria em terra o Patriarca, e Bispos, e lhes daria 60 soldados para os acompanharem até a Corte do Imperador.

Esta resoluçaõ fez que o Patriarca,

ca, e o Embaixador Fernaõ de Sousa rompessem as medidas da moderaçaõ; este teimoso, em que havia ir, aquelle tenaz, em que naõ sahiria de Goa sem o apparato, que El-Rei determinava. Ainda mais accezo o Padre Provincial Gonçalo da Silveira, elle se embarcou para Cochim, sem mais vêr, nem fallar ao Governador, que se oppunha audaz ás idéas da sua Sociedade. Justamente temeroso da formidavel potencia Jesuitica na Época da sua maior authoridade, o Governador daqui em diante nada mais quiz obrar, que parecesse deliberaçaõ privativamente sua. Elle chamou a Conselho os Fidalgos de grande nome, os sabios mais illuminados, e sobmettendo a extollencia do espirito, deixando só fallar a ingenuidade sem affectaçaõ, nem ornatos, lhes propoz a figura, em que o Estado se achava; os informes, que da Ethiopia acabára de dar o Padre Mestre Gonçalo; os aprestos com que El-Rei dispunha a viagem do Patriarca, e dos Bispos; o modo da expediçaõ á Ilha de S. Lourenço, que recommendava; e Era vulg

Era vulg. que ſobre tudo elles deliberaſſem como bem lhes pareceſſe.

Pezados huns pontos taõ circunſpectos, unanimemente foi determinado que as Chriſtandades da Ethiopia ſe naõ deſamparaſſem, nem fizeſſe maior eſpecie a tenacidade do Imperador, que podia ſer tocado pela maõ fórte, que he capaz de fazer das pedras filhos de Abrahaõ. Que por hora ſó paſſaſſe aos Eſtados do Imperador o Biſpo D. André de Oviedo com alguns Jeſuitas para confortarem os Chriſtãos, e examinarem as diſpoſições da Corte, que ſe deviaõ ſaber para entaõ ſe determinar a viagem do Patriarca. Que pelo que reſpeitava á Ilha de S. Lourenço, foſſem á diligencia recommendada de deſcobrir noticia da gente das náos perdidas poucas embarcações, reſervando para tempo mais opportuno os ajuſtes da paz, e a fundaçaõ da Fortaleza, que El-Rei determinava.

Coberta a cabeça do Governador com o eſcudo deſte conſelho no dia da guerra, que lhe faziaõ os Jeſuitas; elle mandou apreſtar quatro navios, de

que

que deo o commandamento ao Capitaõ Manoel Travaços: delineou huma imagem de Embaixador em Gaſpar Nunes, que eſtivera na Abyſſinia com D. Chriſtovaõ da Gama; e embarcado o Biſpo com os ſeus Padres, os fez navegar para Arquico. Ao meſmo tempo deſpedio para a Ilha de S. Lourenço a Balthaſar Lobo de Souſa com huma caravella, duas fuſtas de remo, e ordem, para que em todos os ſeus mares, recoſtos, enſeadas, e golfos inquiriſſe as noticias, que nas ordens do Rei lhe eraõ recommendadas. Nós deixaremos eſtes Chêfes navegando para os lugares dos ſeus deſtinos, e no Livro ſeguinte nos iremos encontrar com o Governador Francisco Barreto, que deixamos em Baçaim, ſe mudado da empreza de Damaõ, entretido em novos projectos, que lhe offerecêraõ as conjuncturas. Era vulg.

LIVRO LII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Do que obrou o Governador Francisco Barreto em Baçaim sobre Cambaya, e a respeito da Embaixada, que lhe mandou o Rei de Cinde.

Era vulg. 1556 DEPOIS que o Conselho da India approvou em Baçaim o parecer de D. Diogo de Noronha, Governador de Dio, e se suspendeo o intento de trocar pela Cidade de Damaõ o rendimento da sua Alfandega, que no anno antecedente passára muito além de 150$000 cruzados: o mesmo Conselho determinou, que para segurança de Baçaim, e aperto da Praça de Damaõ, as nossas armas se empregassem na conquista das duas importantes Fortalezas de Assari, e Manorá, como fica dito.

Fran-

Francifco Barreto, que havia difpôr os meios para eftas emprezas, e dar a ellas principio pela de Affari, que ficava quatro legoas pela terra dentro em igual diftancia entre Damaõ, e Baçaim, plantada no cume de huma montanha horrivel, em todo femelhante á de Damá na Abyffinia, que nós moftramos efcalada por D. Chriftovaõ da Gama; a Praça igualmente fórte pela natureza, e pela arte. O Governador antes de dar ufo ás armas, tentou os meios da negociaçaõ com o feu Commandante Condixá, que foi mandado fondar pelo Mouro Coge Mahamede noffo conhecido do tempo de Nuno da Cunha, e que naõ fez entaõ pequena figura na entrega de Baçaim. Era vulg.

Com facilidade confeguio o Coge do avarento, e infiel Condixá a entrega de Affari por meio do donativo de feis mil pardáos, e da permiffaõ de vir paffar o refto da vida em Baçaim entre os Portuguezes. Com iguaes indúftrias quiz o Coge fazer-nos ferviço femelhante em Manorá; mas no Turco Agader, feu Governador, encontrou a refolu-

çaõ

Era vulg. çaõ honrada de preferir a fidelidade devida ao ſeu Soberano a todos os outros intereſſes. Á viſta da diverſidade dos fins das duas negociações, ſe tomou a reſoluçaõ, de que preſidiada Aſſari, e bem guarnecida a ſua montanha, Manorá ſe levaſſe á eſcala por hum corpo de ſeiscentos homens. O Governador encarregou ambas as expedições ao valor provado de Antonio Moniz Barreto, que guarneceo a ſerra, e Fortaleza de Aſſari com ſeſſenta Portuguezes, e 200 homens da terra, que ſeguraſſem aos moradores na cultura dos campos, ſem mais differença, que a de pagarem á Coroa de Portugal as meſmas gabelas, que antes ſatisfaziaõ ao Rei de Cambaya.

Para a tomada de Manorá, que ſe entendia arriſcada, marchou por terra o meſmo Antonio Moniz na téſta de 600 homens, e com déz navios D. Antaõ de Noronha para lhe cobrir a marcha pelas margens do rio. Sem reſiſtencia foraõ os Portuguezes talando a campanha até Manorá, que acháraõ abandonada, mais fiel o Turco Comman-

dan-

dante em palavras, que façanhoſo nas obras. Depois da Praça preſidiada, appareceo elle no campo com géſtos biſarros; mas atacado, em ligeiras eſcaramuças, tudo nos deixou á diſcriçaõ. Conſeguidas com tanta facilidade eſtas conſideraveis vantagens, o Governador ſe applicou a ouvir os Officios dos Embaixadores do Rei do Cinde, chamado por corrupçaõ Rei de Dulcinde, que tinha os ſeus Eſtados na viſinhança da noſſa Cidade de Dio. Era vulg.

Eſte Principe opprimido por hum Tyranno poderoſo, que ſe havia levantado contra elle, pedia a Franciſco Barreto o ſoccorreſſe com parte da Armada, obrigando-ſe elle a ſatisfazer todos os gaſtos da guerra, e de dar aos Portuguezes grandes vantagens no commercio do ſeu Reino. O Governador ouvidos os votos, que ſe conformáraõ com os intentos do Rei, lhe mandou a Pedro Barreto Rolim com vinte e oito navios, e 700 homens de deſembarque, a maior parte offerecidos, eſpecialmente do corpo da Nobreza, que quiz ir buſcar no Cinde as occaſiões

de

Era vulg. de honra, que naõ encontrára na imaginada conquiſta de Damaõ. Corria o mez de Dezembro, quando Pedro Barreto ſahio de Baçaim á empreza, de que hia encarregado, e ainda que os acontecimentos da ſua commiſſaõ todos pertencem ao anno de 1557, ultimo da vida d'El-Rei D. Joaõ III., nós os referiremos neſte lugar.

Pedro Barreto depois de paſſar em Dio a Feſta do Natal, navegou á barra do Cinde, que ſe chama de Cambaya, e ſobindo o rio 30 legoas foi dar á Cidade de Tatá, aonde eſtava hum filho do Rei, que ſe havia entranhado no coraçaõ do Reino, em buſca do ſeu inimigo. Alli eſteve detida a noſſa Eſquadra, atê Fevereiro, ſem ſe receberem aviſos do que havia obrar; porque o Rei ſe tinha ajuſtado com o Tyranno, e naõ cuidava em mais, que entreter os Portuguezes, naõ querendo dar-ſe por entendido ao cumprimento das promeſſas, que lhes fizera, e porque elles inſtavaõ ao Principe, ſeu filho, em Tatá. O Barreto diſſimulava, atê que o ſoffrimento ſe fez eſcandaloſo

so á impaciencia dos soldados, que pediaõ o despique do engano, e queriaõ recolher nos despojos o resarcimento das despezas da guerra promettidas, e naõ satisfeitas. Resolveo-se a destruiçaõ de Tatá, huma das Cidades mais populosas, e mais ricas de toda a India, que soffreo o furor derramado de Portuguezes offendidos. O primeiro estrago lastimoso foi o de 200 homens de cavallo, que se refugiáraõ em huma grande Mesquita, aonde sem poderem sahir, todos foraõ abrazados por huma innundaçaõ de panellas de polvora, com que os nossos mudáraõ a casa de oraçaõ dos Barbaros no seu primeiro Inferno. Era vulg.

Logo atropellada a mais dura resistencia, os Portuguezes entráraõ pela Cidade com cólera taõ indistincta, que nem os animaes tiveraõ quartel. Sem elles perderem hum homem, degolláraõ mais de oito mil. A Armada foi carregada só do que era preciso: o mais, que importava thesouros, ardeo com a Cidade em incendio voraz para lástima das idades futuras. Embarcada

a

Era vulg. a trópa, e vindo rio abaixo, ambas as margens das trinta legoas do famoſo Indo ſentíraõ eſtragos ſemelhantes ao de Tatá. Mas porque em muitas paſſagens as ribanceiras ficavaõ muito eminentes aos navios, que recebiaõ algum damno dos muitos tiros, que ſobre elles diſparavaõ, Pedro Barreto formou em terra dous eſquadrões, que pelas margens do rio foſſem affaſtando os inimigos, augmentando as aſſolações, acompanhando a Armada, e neſta fórma chegáraõ á Fortaleza da barra, que arrazáraõ até aos fundamentos, naõ deixando em jornada taõ longa mais que veſtigios de hum furor barbaro.

Já o Governador havia partido de Baçaim para Goa a ſuſpender os progreſſos da guerra, que o Hidalcaõ fazia nas noſſas terras firmes, quando Pedro Barreto ſe occupava na expediçaõ referida. Mas naquella Cidade lhe deixou ordem, para que em chegando naõ perdeſſe inſtantes de tempo, e partiſſe para a Cidade de Dabul pertencente ao meſmo Hidalcaõ, á qual, e por toda a cóſta faria a guerra mais crua, que

lhe

lhe fosse possivel. O Barreto sahindo do porto de Cinde, se recolhia ao de Baçaim triunfante, e rico com fortuna, que nesta viagem se lhe mostrou jornaleira. Antes de chegar a Dio huma tempestade furiosa vingou tantas mórtes, e tantas pilhagens, que elle acabava de fazer deshumano. Elle foi obrigado a alijar ao mar os despojos preciosos dos muitos lugares mettidos a saco; elle chegou aos termos ultimos de se perder com toda a Armada; elle ferrou destroçado o porto de Chaul, e aqui se lhe communicáraõ as ordens do Governador para a expediçaõ de Dabul, aonde se havia incorporar com os navios de Antonio Pereira Brandaõ, que o esperava para a execuçaõ das mesmas ordens. Era vulg.

Ella nos dous Chéfes foi taõ prompta, e taõ confórme, que o Governador antes sentiria os excessos, que a falta. A effusaõ de sangue, a importancia dos despojos, o horror do incendio foi em Dabul outro espectaculo igual ao de Tatá. Antonio Pereira Brandaõ, que levava a vã-guarda, depois de degol-

Era vulg. gollar muitos soldados da guarniçaõ, e de pôr o resto em fugida, que buscava a salvaçaõ nos montes, deixou o passo franco ás trópas, que nas escaladas sequiosas de sangue com a natureza do fogo, que a nenhuma materia diz, que basta; ellas entráraõ pelas ruas, e pelas casas, aonde naõ achando mais, que as mulheres, e os mininos, sem piedade os esmagavaõ contra as paredes. Perseguindo os fugitivos, em quanto Dabul se abrazava, subíraõ a arrazar no alto de huma montanha hum Pagode famoso, para que elles se naõ servissem deste refugio. Recolhida a preza, o Brandaõ com os seus navios continuou os estragos rio a cima, e o Barreto se recolheo a Goa para receber, nos applausos do Povo, e nas honras do Governador, o premio antes das execuçōes cruéis, que das façanhas brilhantes.

Como as noticias, que Francisco Barreto recebeo em Baçaim dos movimentos, que fazia o Hidalcaõ para reconquistar as terras do Concaõ, de Bardez, e Salcete, o obrigáraõ a sahir com pre-

precipitaçaõ daquella Praça: Elle antes de entrar na de Goa, deo hum gyro pelos mares da circunferencia da Ilha: despachou a D. Pedro de Menezes para a Fortaleza de Rachol: fortificou, e proveo com as melhores trópas todos os passos, deixando para a sua defensa hum reforço dos seus melhores navios. O Hidalcaõ já antes escandalisado, agora com as novas da assolaçaõ de Dabul mettido em cólera, chama os seus Officiaes, e lhes diz: A insolencia dos Portuguezes sobre os meus Estados he já intoleravel. Vós como vassallos fiéis deveis empenhar os ultimos alentos da alma, tanto pela minha segurança, como pela minha honra. Estais instruidos, em que eu lhe cedi Bardez, e Salcete com a condiçaõ de mandarem a Meale para Portugal. Os Governadores da India de tudo zombáraõ; tomáraõ posse das terras, e nada cumpríraõ. Agora o mesmo Meale com doaçaõ mais ampla lhes avançou o Dominio, e arrogancia; o primeiro com o Concaõ, a segunda Dabul no-la aponta com o dedo. Pois que mais temos, que esperar? Era vulg.

Vin-

Era vulg. Vingar, ou morrer, vencer, ou viver escravos. Este discurso resolveo a guerra, que será o assumpto de hum dos Capitulos seguintes.

CAPITULO II.

Successos de Portugal, e Africa no fim do anno de 1556, e os do anno de 1557.

EL-REI D. Joaõ III. pacifico, reputado, e poderoso applicava os expedientes da sua bondade natural em honrar os vassallos dignos, e em lhes impedir as occasiões de controversias. Como os espiritos Portuguezes nunca dissimuláraõ a sua ambiçaõ pelas vantagens honrosas, mal soffriaõ huns as que entendiaõ ser possuidas pelos outros. Esta emulaçaõ mais mettida em uso pela Nobreza da Corte, que toda pretendia as regalias da primeira classe, e até a que a ella realmente pertencia, se esforçava para sustentar as precedencias nos actos públicos; obrigou El-Rei a temperar com resoluções effectivas a origem das des-

desordens. Para isso decretou, que todas as pessoas, ás quaes des de entaõ désse os titulos de Condes, ellas se precedessem segundo a antiguidade dos mesmos Titulos, e que nenhuma lograsse de Assentamento mais de 102$864 réis, ainda que elle as nomeasse parentes, ou pretendessem sello: expediente saudavel, que poz silencio a todas as pretenções, mais rendidos os vassallos á obediencia, que ao capricho. Era vulg.

Muitos delles serviaõ entaõ officiosos ao seu Monarca; e porque entre muitos apenas se achará algum, que aos seus Principes os fizessem mais, e maiores, que Lourenço Pires de Tavora, Senhor do Mórgado de Caparica, do Conselho de Estado, aos Reis D. Joaõ III., e a seu neto D. Sebastiaõ; sendo taõ distinctos os que elle exercitava por estes tempos, naõ he justo deixar de fazer lembrança deste Fidalgo na minha Historia. Na flôr da sua idade Lourenço Pires militou em Africa com tanto valor, que rubricou as proezas com o seu sangue illustre, e foi captivo dos Mouros. Na jornada de

Tu-

Era vulg. Tunes acompanhou ao Infante D. Luiz, e navegou á India com huma Esquadra, de que era Commandante. Chegado á Cochim, e sabendo do segundo sitio de Diõ, fretou huma pequena embarcaçaõ, que rompendo os mares grossos levasse na sua pessoa hum soccorro importante á Fortaleza. Em toda a duraçaõ do sitio se portou com valor intrépido, e na batalha, sem já mais se separar do lado do grande D. Joaõ de Castro, mereceo que este Chéfe confessasse ingenuo, como Lourenço Pires fora o primeiro, que subíra o muro dos inimigos, e elle o segundo.

O mesmo Fidalgo foi Embaixador a Alemanha ao Imperador Carlos V., e depois a Castella. Com elle tratou negocios da maior importancia, entre outros o casamento do Principe D. Joaõ, com sua filha, a Princeza D. Joanna, que elle conduzio a Portugal. Com o mesmo caracter foi a Inglaterra tratar, ainda que sem effeito, o matrimonio do Infante D. Luiz com a Rainha Maria, filha de Henrique VIII., que veio a ser Esposa de Filippe II., Rei de Castel-

tella. Negocio taõ delicado, tanto do empenho dos Principes desta Monarquia, como era o casamento, que elles pretendiaõ fazer da Infante D. Maria, filha d'El-Rei D. Manoel, e de sua terceira mulher a Rainha D. Leonor. Negocio taõ pouco vantajoso a Portugal, a prudencia, e dexteridade de Lourenço Pires de Tavora, que foi mandado Embaixador a Castella, o divertio, naõ só sem rotura, mas com satisfaçaõ dos Principes interessados. He memoravel o desembaraço, que elle teve com o Imperador em huma das conferencias sobre esta negociaçaõ critica. Resentio-se a Magestade de Carlos das interlocutorias Portuguezas, e tomado hum pouco da cólera, disse enfadado ao Embaixador: Que elle sabia muito bem quantos rios, e quantas pontes havia em Portugal. Era vulg.

Com todo o socego do seu espirito, e intrepidez do coraçaõ, sem demora, sem pensar, lhe respondeo Lourenço Pires de Tavora: Tem os mesmos, que tinha hoje, faz tantos annos, tantos mezes, e tantos dias: que eraõ

Era vulg. precisamente os que haviaõ corrido do dia da batalha de Aljubarrota até entaõ. Depois da mórte d'El-Rei D. Joaõ III. ainda Lourenço Pires servio a seu neto D. Sebastiaõ com o mesmo zelo do anno de 1557 até o de 1573, em que falleceo com 63 de idade. Naquelle transcurso foi por Embaixador a Roma aos Papas Paulo IV., e Pio IV., a este taõ acceito, que lhe deo hospedagem no proprio Palacio para commodamente tratar com frequencia hum Politico taõ consummado. Quando no anno de 1563 se temeo, que o Xerife com todo o seu poder queria sitiar a Cidade de Tangere, o Governo o nomeou seu Governador, e Capitaõ General; Varaõ benemerito, e illuminado, que entaõ mostrou como nelle disputavaõ precedencias os talentos militares, e as delicadezas politicas.

Por estes mesmos tempos era célebre em Portugal o nome de Pedro Gallego, natural de Viana do Minho. Este alentado homem era Mestre de jogar a espada: exercicio, em que instruio com destreza os Moços mais robustos

da

da ſua Patria. Depois de os conſiderar capazes para as emprezas de valor, elle os ajunta, e lhes diz: Que era hum deſcredito da ſua corage eſtarem acantonados em Viana, ſem fazerem figura no mundo: que os homens desfavorecidos da fortuna no naſcimento, ſe deviaõ dar a conhecer pelas obras: que os convidava para ſahirem a buſcar pelas mãos as diſtinções, que lhes negára a natureza: que a todos unidos naõ era difficultoſo eſquiparem huma embarcaçaõ, em que andaſſem a corſo pelas cóſtas de Heſpanha, aonde lhes naõ faltariaõ occaſiões honroſas para ſe aſſignalarem pelas armas. Menos razões baſtavaõ para ſe deixarem convencer as mocidades ordinariamente preſumidas de façanhoſas. Trinta Eſgrimidores com o ſeu Meſtre compráraõ huma caravella com quatro peças; fornecêraõna de viveres; ajuſtáraõ os marinheiros, e ſem que parentes, e amigos nada ſoubeſſem, huma noite ſe fazem ao mar. Era vulg

Andadas poucas légoas tiveraõ elles o primeiro deſejado encontro com huma

Era vulg. navio de Mouros, que atacáraõ com valor, rendêraõ com bisarria, matando treze, captivando outros, de que se servíraõ para a manobra de ambas as embarcações, com que se fizeraõ na volta do Algarve. Em hum dos seus pórtos vendêraõ a caravella para fortificarem melhor o navio, e recebidos a bórdo quinze voluntarios Algaravios dos seus mesmos humores, sahíraõ a continuar as aventuras. Dentro, e fóra do Estreito de Gibraltar tiveraõ vários encontros com Mouros, e Turcos, que sobre triunfantes os fizeraõ ricos. Soberbos com o cabedal, e as victorias, entráraõ em Cadiz, aonde entaõ se achava o famoso General Pedro Navarro com a Armada Real de Castella, á qual Pedro Galego naõ quiz abater a bandeira, como devia. O General suppondo ignorancia militar a imprudente bisarria, repetio muitos recados para o Galego cumprir os seus deveres; mas elle fez que naõ os entendia. O General estimulado partio na mesma galé Capitania a castigar o louco atrevimento. O Galego levou ferro, soltou o pan-

panno, esperou a galé, e quando a teve a tiro a servio com huma banda de artilharia, que lhe encheo o convéz de mórtos, e feridos, entrando no número destes o mesmo General Navarro. Era vulg.

O Chéfe prudente á vista deste desatino portuguez, mandou virar de bórdo, e se recolheo a Cadiz. Pedro Galego, e os seus camaradas soltando todo o panno, em pouco tempo se pozéraõ a perder de vista, e se recolhêraõ a Viana com presumpçaõ de honrados, e realidade de ricos. Queixou-se a Corte de Castella á de Portugal, pedindo satisfaçaõ da injúria, mas ella se revestia de taes circunstancias, que El-Rei com apparencias de a castigar a remunerava. Em Portugal, e Hespanha ficou célebre o nome de Pedro Galego: condiçaõ admiravel das acções de valor naõ vulgares, que até aquelles, que ou apoucados, ou invejosos lhes buscaõ os defeitos, sejaõ manifestos, ou occultos, para as deprimirem, esses mesmos desejariaõ ser os authores dellas.

Quan-

Era vulg. Quando tantas obras gloriosas, tan-
1557 ta reputaçaõ em todo o mundo, parecia que firmavaõ á Coroa Portugueza huma consistencia perduravel, os juizos insondaveis da Providencia já hiaõ preparando em Africa os instrumentos, que em hum só dia lhe haviaõ sepultar as glórias de tantos seculos. Nós deixamos ao Menor Xerife aleivosamente triunfante de seu irmaõ o Xerife Maior em Tafilete, aonde o fez prisioneiro, e degollou tres dos seus filhos. Nós o vimos pouco depois com a mesma aleivosia vencedor do alentado Buhazon, que ficou morto no campo ás mãos de hum trahidor: mórte, victoria, e triunfo, que segurou ao Xerife na posse dos Estados, que usurpára por meio do fanatismo. Este monstro já avançado na idade de mais de 80 annos, que podia passar tranquillo, usando das máximas da mesma hypocrisia, affectou dous annos de pacifico, quando no seu interior forjava idéas de vingança sobre os moradores de Montes Claros, que a favor de Zala Arraez, e de Buhazon, se haviaõ opposto aos seus designios na guerra passada.

Con-

Contra aquelles Póvos marchava furioso o Xerife; mas encontrou antes das execuções huma mórte atreiçoada, como elle dera muitas; porque estavaõ cheias as medidas das atrocidades do Barbaro, na ordem dos Decretos Divinos. Para nos instruirmos na origem da merecida mórte deste Xerife, havemos saber que depois da de Zala Arraez, succedeo no governo de Argel o Mouro Hazem, filho do célebre Barbaroxa, que teve particular recommendaçaõ do Graõ-Turco para continuar na vingança contra o Xerife, ainda picado deste lhe faltar ao respeito, quando intercedeo pela liberdade do Rei de Féz. O conductor desta commissaõ do Turco foi hum dos seus Baxás; e Hazem para fazer á Corte de Constantinopla hum serviço completo, fingindo-se queixoso do mesmo Baxá, que se arrogava a authoridade de Bei de Argel, veio a Marrocos, e se offereceo ao Xerife para o acompanhar com os seus Turcos na expediçaõ de Montes Claros. Chegados á povoaçaõ de Guer situada nas faldas dos mesmos montes, Era vulg.

Ha-

Era vulg. Hazem entrando na tenda do Xerife, como quem hia a fallar-lhe, o matou ás punhaladas, roubou-lhe o campo, e fugio com os seus Turcos para se pôr em cobro no cabo de Aguer, aonde entendeo achar navios para Hespanha; mas naõ os encontrando se refugiou em Tarudante.

Este foi o fim desastrado do memoravel Xerife o Menor na idade de 85 annos. Seu filho Muley Abel apenas soube da mórte, sahio de Marrocos em busca dos trahidores, que alcançou em Tremecem. Os Turcos se defendêraõ como desesperados, e todos morrêraõ furiosos deixando o seu sangue bem vingado. Faltava para remate de tantos catastrofes o do Xerife Maior, que com mais de 90 annos estava prezo em Marrocos, e sete filhos, e netos seus. Muley Abel, quando marchou á expediçaõ referida, encarregou a guarda destes prezos ao Alcaide Ali Benbucar, que para se livrar de cuidados a todos oito cortou as cabeças: golpe, que igualou na mórte aos Xerifes, que tiveraõ tanta igualdade de costumes na vida.

da. Sobrevivêraõ ao Menor Xerife cinco filhos de duas mulheres. Muley Abdalá, ultimo do primeiro matrimonio, lhe ſuccedeo agora: Muley Maluco, que naſceo do ſegundo, reinou depois, e acabou de reinar com El-Rei D. Sebaſtiaõ no meſmo dia, em que ambos morrêraõ na batalha fatal de Alcacere; Maluco com mórte verdadeira, a de D. Sebaſtiaõ duvidoſa entaõ, pelos deſejoſos da ſua vida appetecida, até agora indiſcretamente diſputada. Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-ſe da guerra do Hidalcaõ nas terras firmes de Bardez, e Salcete, e de outros ſucceſſos da India neſte anno de 1557.

O HIDALCAÕ que nós deixamos depois da ruina de Dabul perſuadindo aos ſeus vaſſallos naõ tanto a guerra, quanto a vingança contra os Portuguezes de Goa; para a romper ajuntou hum Exercito de 20000 homens, que encarregou ao commandamento do ſeu Gene-

ne-

Era vulg. neral Nazer Maluco para marchar a Pondá, em quanto Maratecaõ, Governador do Concaõ, invadia com outro corpo as terras de Bardez, e Salcete. Francisco Barreto bem advertido, de que se elle se conduzisse com lentidaõ nesta conjunctura, todo o Inverno estaria á face com os inimigos, e Goa em hum rebate contínuo; elle se resolve a ir em pessoa combatellos, e desalojallos. Passada revista ás trópas, que havia em Goa, achou luzido hum corpo de tres mil Portuguezes, mil infantes da terra, e duzentos cavallos. Com esta gente se postou o Governador da outra banda, aonde a formou dando a vã-guarda aos Lascarins da terra, os Portuguezes em hum Esquadraõ coberto pelos Capitães D. Antaõ de Noronha, Jeronymo Barreto Rolim, Martim Affonso de Miranda, Pantaleaõ de Sá, D. Fernando de Monroy, D. Alvaro da Silveira, Alvaro Paes de Soto-Mayor; a cada hum dos lados do Esquadraõ cem cavallos; elle, D. Antonio de Noronha, o Catarraz, outros Fidalgos, e cem espingardeiros na retá-guarda.

Nes-

Neſta fórma marchou o noſſo Exercito direito a Pondá em demanda de Nazer Maluco, que com corpo muitas vezes mais numeroſo acampava nos ſeus planos, hum dos flancos encoſtado á meſma Fortaleza, o outro coberto por hum denſo boſque, a vã-guarda defendida por hum foſſo de quaſi cinco pés de largo; diſpoſições mais difficultoſas de vencer, que a corage da trópa ſuperior, e determinada. O noſſo Mouro D. Joaõ Bellez, que mandava os Laſcarins avançados, chegando a eſte foſſo, e naõ podendo ſaltallo, foi marchando ao longo delle, reſpondendo com vigor ao fogo dos inimigos. O Governador que naõ percebeo a cauſa deſte movimento, marchou intrépido com a reta-guarda, a todo o galope com a cavallaria, e naõ vio o foſſo ſenaõ a tempo, em que naõ podia retroceder. O ſeu cavallo o ſaltou brioſo, aſſim os mais a excepçaõ de poucos menos valentes, que no fundo da cava rebentáraõ os donos. A meſma rapidez do galope foi o da inveſtida pouco depois auxiliada pela Infantaria, que rompendo Era vulg.

do

Era vulg. do todos os perigos, acudio com marcha violenta a ſoccorrer o ſeu Chéfe no meio dos mais proximos, em que ella o contemplava.

Atonito Nazer Maluco com a elegancia das noſſas gentilezas, naõ quiz eſperar mais tempo os repellões de gente taõ determinada. Elle já deſtroçado fez ſoar a retirada, e marchando a hum lado da Fortaleza ſem ouſar a recolherſe nella, temeroſo, ou circunſpecto, ſe foi entranhando no interior do Concaõ, naõ ſó para eſtar a coberto do perigo, mas até livre do ſuſto. O Governador triunfante mandou arrazar os muros de Pondá; pôz por terra todos os trabalhos, obras, e fortificações, que os inimigos haviaõ conſtruido; e naõ tendo mais que fazer naquellas partes, pelo caminho de Benaſtarim ſe recolheo a receber os applauſos de Goa.

O prazer deſta victoria do Governador foi acompanhado dos repetidos, que cauſáraõ muitos honrados feitos do bravo Joaõ Peyxoto na Provincia de Bardez. Com hum punhado de homens da terra, a que elle unio cincoenta Portu-

tu-

tuguezes destemidos, fez por muitas vezes frente ao General Moratecaõ, sem que nos seus projectos podesse avançar hum passo. Agora, já recolhido a Goa o Governador, informado de que hum Portuguez, apostata de grande crédito entre os Barbaros, com muitos delles se havia fortificado nos confins da Provincia, donde sahia a cometter por toda ella pezados insultos; o Peixoto se resolve a atacallo na sua mesma trincheira. Com o soccorro de cem homens, que lhe mandou o Governador, elle atravessa a Provincia, cahe como hum raio sobre a fortificaçaõ do Renegado, que arraza com muitas mórtes, feridas, e despojos dos vencidos. Na retirada o esperou o apostata pelos passos estreitos, em que era prático, com trópas de refresco vindas de muitas partes para impedirem as consequencias da sua derrota. Muitos, e vistosos foraõ os choques dos dous partidos, que se batiaõ; mas no ultimo Joaõ Peixoto, e a sua gente totalmente estiveraõ perdidos. Entaõ supprio o valor a falta das vantagens do número, e do terreno, até Era vulg.

que

Era vulg. que no ardor do combate ſendo morto o Chéfe da cavallaria inimiga, ella perde o acordo, cede de todas as vantagens, deixa degollar mais de 150 homens, Joaõ Peixoto ſe recolhe com a gloria de hum aſſignalado triunfo.

Deſcançado á ſombra das victorias o Governador Franciſco Barreto cuida nos expedientes economicos do Eſtado. Para ſucceder no governo de Dio a D. Diogo de Noronha, como El-Rei mandava, deſpachou a D. Antonio de Noronha, o Catarraz, e com elle ſeis Fidalgos Capitães, que ſe haviaõ incorporar na guarniçaõ de mil e duzentos homens. Deſpedio para a viagem das Molucas a Antonio Pereira Brandaõ. Proveo Malaca, as Fortalezas do Malabar, as do Nórte, e o meſmo fez ás Ilhas viſinhas de Goa, por lhe conſtar, que Nazer Maluco depois da ſua retirada voltára a Pondá para reſtabelecer a Fortaleza, aonde foraõ de pouca conſideraçaõ as ſuas vantagens. Muito maior foi o damno, que as trópas do Hidalcaõ nos fizeraõ ſobre a extracçaõ dos generos de Salcete para Goa. Ellas inva-

va-

vadiaõ esta Provincia com tanta frequencia, que o Governador teve de mandar reforçar a D. Pedro de Menezes por seu primo D. Jorge de Menezes, o Baroche, na tésta de 200 homens, que em todo o Inverno naõ despíraõ as armas, sempre em acçaõ com inimigos muitos, e teimosos. Era vulg.

Em quanto na India succediaõ estas cousas, Balthasar Lobo de Sousa chegava á Ilha de S. Lourenço, aonde dissemos o mandára Francisco Barreto por ordem d'El-Rei para descobrir noticias da gente das náos, que naufragáraõ na sua cósta no anno de 1553. Elle costeou toda a Ilha pela parte de dentro, e tomando porto no rio de Manzalage, ordenou aos Capitães dos navios ligeiros corressem, sondassem, examinassem toda a cósta, até acharem vestigios da gente, que buscavaõ. Desta viagem só nos ficou por tradiçaõ a memoria, de que Balthasar Lobo reduzíra á Fé Catholica hum dos Reis da mesma Ilha com alguns dos seus vassallos, e que descobríra as quatro Ilhas de Comoró adjacentes da de S. Lourenço,

Era vulg. a ſaber, Angarica, Anjoane, Molalle, e Maoto. Em todas ellas ha Soberanos, que as governaõ: a primeira com 40 legoas de comprido, e 10 de largo, taõ eminente como a do Pico, dominada de Mouros da Arabia, os primeiros, que vieraõ á cóſta de Melinde: a ultima de muito maior extenſaõ, povoada de trinta Cidades, cortada de muitas ribeiras, qne a fazem abundante de generos, eſpecialmente de canas de aſſucar, com ares benignos, e ſaudaveis.

Pelo meſmo tempo o Capitaõ Manoel Travaços, que levava á Ethiopia o Biſpo D. André de Oviedo, com viagem feliz chegou ao porto de Arquico, aonde o deitou em terra, e ſe fez na volta da India. Eſte Prelado foi ſeguindo a ſua jornada com ſummo prazer; porque de Arquico até á Corte lhe ſahiaõ ao encontro os muitos Portuguezes eſtabelecidos no Imperio, a maior parte delles do tempo de D. Chriſtovaõ da Gama, todos cheios de honras, riquiſſimos, alguns caſados com Senhoras da terra, brilhantes na pompa, na numeroſa libré, ſenhores de quintas, de ter-

ras,

ras, e de Villas, elles a Guarda de Corpo do Imperador, e que em todo o caminho eſplendidamente hoſpedáraõ o Biſpo, e a ſua comitiva, já em tendas magnificas de campanha, já nos Póvos da ſua reſidencia, que ficavaõ ſobre a marcha, até o levarem á preſença do Imperador, que o recebeo com muito agrado, e com grande attençaõ as cartas d'El-Rei, e do Governador da India. No ſeu Imperio deixaremos agora eſte Biſpo para continuarmos o fio da noſſa Hiſtoria pelo anno, em que eſtamos. Era vulg.

Continuava a guerra do Hidalcaõ contra as terras firmes de Goa; mas huma diverſaõ, que ſobreveio naõ penſada, lhe impedio ſuſtentalla com vigor. Nizamaluco, chamado pelos naturaes Boran Soldaõ, foi hum dos cinco Tyrannos, que entre ſi repartíraõ o Reino do Decaõ, ſempre affeiçoado aos Portuguezes do tempo de Affonſo de Albuquerque até ao anno paſſado, em que morreo com cincoenta annos de governo. Os noſſos Hiſtoriadores nos repreſentaõ eſte Principe, como hum

Era vulg. dos maiores homens da Asia na illuminaçaõ, nas virtudes naturaes, e politicas, naõ lhe desbotando a inclinaçaõ, á nossa gente algumas desavenças, que teve com ella, depois que concedeo faculdade ao Governador Diogo Lopes de Siqueira para fundar a Fortaleza de Chaul até a sua mórte. Entre outros Portuguezes distinguia o Nizamaluco a hum Renegado, que entre nós se chamou Sancho Pires, e depois que apostatou no governo de Nuno da Cunha, lhe pozeraõ o nome de Tringuicaõ. Além de muitos dos nossos Escritores, Diogo de Couto pinta Sancho Pires como hum homem digno de ter lugar entre os Heróes, em todas as suas acções huma cousa quasi admiravel, sem que se lhe possa reprehender alguma, que naõ seja a de haver renunciado a verdadeira Religiaõ, que estimava nos seus Patricios, quando aos outros, que a abandonavaõ, nem queria vellos.

Nizamaluco tinha feito a este homem seu primeiro Ministro, General dos seus Exercitos, taõ rico, e poderoso, que sustentava 12ↀooo homens de

de cavallo. O valimento lhe durou até a mórte do Monarca, que tendo nelle huma confiança extrema, na ultima hora lhe recommendou a seu filho Uzem, para que com o seu valor, e dexteridade o estabelecesse sobre o Throno, lhe firmasse a Coroa, o pozesse a coberto dos grandes parciaes dos outros Principes seus filhos, que elles quereriaõ preferissem a Uzem. Com maior ardor na obra, que Nizamaluco na recommendaçaõ, Sancho Pires grato, e officioso reunio os rebeldes, encheo a ultima vontade de seu Amo; fez estavel a posse do legitimo herdeiro; obrou o milagre civil poucas vezes visto de passar o seu valimento ao successor do defunto. Era velho.

Uzem acclamado Rei, lembrar-se das injúrias, que o Hidalcaõ lhe havia feito, resolver tomar dellas satisfaçaõ na conquista de huma Praça, que possuia na fronteira do seu Reino, foi o primeiro projecto do novo Nizamaluco. Para o conseguir mais facilmente se alliou com Cota Maluco, que o soccorreo com 20$000 cavallos, lhe consen-

Era vulg. tio a paſſagem pelas ſuas terras, e em virtude deſte Tratado o Maluco conſeguio delle a liberdade de Meale, até entaõ prezo nos ſeus Eſtados, que foi conduzido a Chaul, e entregue a Garcia Rodrigues de Tavora para o enviar a Goa, como fez. Porém as armas dos Principes alliados foraõ infelices; porque aberta huma grande brecha na Praça, e montando o aſſalto Sancho Pires na téſta do deſtacamento, huma balla pelos peitos deitou a terra morto eſte monſtro da fortuna, e do eſcandalo: morte taõ ſentida de todo o Exercito, que eſmaiada a ſua corage, levantou o ſitio com tanto de precipitaçaõ, como de affronta. Eſta vantagem do Hidalcaõ o tornou a pôr em eſtado de continuar a guerra contra Goa, que novamente entrou a ſentir os ſeus effeitos.

CAPITULO IV.

Continuaçaõ da guerra de Goa, e outros successos da India.

O HIDALCAÕ desassombrado do susto, que lhe causáraõ as armas colligadas de Uzem, e de Cota Maluco, bem capazes de o destruirem, se ellas tivessem de valerosas o que lhes sobrava de muitas; com estimulos novos para renovar a cólera contra os Portuguezes por estar restituido a Goa Meale, que era o padrasto da conservaçaõ da sua grandeza, elle mette em uso todos os esforços para reduzir aquella Capital aos maiores apertos. He verdade que esta guerra para Goa foi mais de incommodar, que de temer; para as trópas teve mais de impertinente, que de sanguinaria. Goa sentio os apertos da fome pela difficuldade da introducçaõ dos viveres, elles poucos, e por alto preço, até a lenha com elle intoleravel. As trópas nas Provincias da terra firme dia, e noite naõ tinhaõ socego, sempre Era vulg.

Era vulg. pre promptas para acudir aos rebates contínuos, D. Jorge, e D. Pedro de Menezes sem já mais despirem as armas.

Como o General Calebatecaõ era o author das correrias pelas terras, e Ilhas do Estado, o Governador mandou a Pantaleaõ de Sá, e a outros Capitães com 500 homens para o desalojarem do seu posto. Este combate foi hum dos mais rudos, que tivemos nesta guerra; os inimigos muito superiores em número, toda sua aventagem do terreno, aonde os nossos, ainda que matavaõ a muitos, estiveraõ por muitas vezes perdidos, tiveraõ vinte homens mórtos, abandonáraõ o campo, e sería a derrota completa, se Pantaleaõ de Sá, que cobria a reta-guarda, com acordo inimitavel naõ fizesse huma airosa retirada.

Esta apparencia de victoria, a que os inimigos pelo descostume deraõ hum alto tom, os encheo de tanta confiança, que invadíraõ a Ilha de Joaõ Lopes defendida por Ayres Gomes da Silva; mas elles o fizeraõ a favor das sombras

bras de huma das noites tempeſtuoſas, em que o ſuppunhaõ deſcuidado. Ao eſtrondo dos primeiros golpes na coſinha do ſeu meſmo quartel, acudio o vigilante Ayres Gomes com os ſoldados, que achou mais promptos, e os foi levando ás cutiladas até ao rio, aonde muitos ſe affogáraõ na paſſagem. Outra ſobpreza ſemelhante intentáraõ elles na Ilha de Choraõ defendida por poucos, e taõ alentados Portuguezes, que ſuſtentáraõ intrépidos o combate, até que de Goa lhes chegaſſem os ſoccorros. Ao eſtrondo delle o Governador Franciſco Barreto acudio ao Caes, e fez embarcar com muita gente a Manoel de Mendoça, Governador da Cidade, que chegou quando a manhã rompia, e quando os bravos Lançarote Picardo, e o Ouvidor geral Henrique Jacques com os ſeus camaradas precipitavaõ no rio a 500 Barbaros igualmente cortados do temor, e do ferro. Era vulg.

Neſte tranſito do rio a gente dos catures, que o bordavaõ, fez tal matança, que carregando-os de cabeças dos contrarios, ella as trouxe ao caes,

e

Era vulg. e as poz aos pés do Governador, que premiou a cada hum dos biſarros ſoldados com liberalidade como ſua. Sem mais demora mandou elle a D. Franciſco Maſcarenhas, depois Conde de Santa Cruz, e Viſo-Rei da India, que com 300 homens deſcançados á ſombra deſta victoria foſſe continuar a fazer a Ilha de Choraõ reſpeitavel aos Barbaros. Em fim, o Hidalcaõ, ou cançado da guerra, ou mais contrahido pela renovada aſſiſtencia de Meale em Goa, ſe he que naõ foi perſuadido pelos ſeus Generaes tantas vezes derrotados; elle deo ouvidos á paz, que foi ajuſtada com as meſmas condições das precedentes.

Eſte anno, em que El-Rei D. Joaõ tinha de paſſar do tempo para a Eternidade, deſpachou elle para a India a ultima Eſquadra compoſta de cinco náos ás ordens de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos, filho do Arcebiſpo de Liſboa, D. Fernando de Menezes. As quatro náos dos Capitães Cide de Souſa, Braz da Silva, Antonio Mendes de Caſtro, e Joaõ Rodrigues Çalema de Carva-

valho, ſahíraõ de Lisboa no ſeu devido tempo, duas ferráraõ Goa, huma invernou em Melinde, a outra em Moçambique. A Capitania naõ pode ſahir, ſenaõ a dous de Maio, e perdida a monçaõ, teve de ir paſſar o Inverno á Bahia. A cauſa deſta demora foi; porque quando a náo ſe carregava no Téjo, por hum furo da quilha, que os officiaes deixáraõ ſem prégo, e que coberto de breo com grande trabalho ſe deo nelle, a náo fazia tanta agua, que ſe hia ao fundo; foi neceſſario deſcarregalla, varalla, buſcar-lhe a rotura, e tornar a polla expedita para a viagem. Era vulg.

Deſta caſualidade ſe ſervio a pia, mas fatua credulidade dos marinheiros para clamarem, que ella era hum juſto caſtigo do ſeu S. Pedro Gonçalves Telmo, por lhes haver o Arcebiſpo de Lisboa impedido os cultos, quaſi ſuperſticioſos, que elles rendiaõ ao Corpo Santo. Diogo de Couto neſta paſſagem trata deſtas exhalações, que no tempo das tormentas ſe deixaõ vêr ſobre os maſtos, e que os marinheiros en-

Era vulg. entendem ſer huma viſita, que lhes faz o S. Telmo; que elles entaõ vem ao convéz, e a grandes vozes gritaõ, ſalve, ó Corpo Santo: que ſe as taes exhalações apparecem nos lugares altos dos navios, ſaõ ſignaes de bonança, ſe nos baixos de naufragio: que ſobindo aos maſtareos dizem, que achaõ pingos de cera verde, que elles nem os trazem, nem os moſtraõ; e em hum diſcurſo breve derrota eſte erro popular da plebe maritima. Ora eu paſſo a dilucidar o diſcurſo de Couto ſobre eſta materia com as opiniões mais conformes dos melhores Authores.

Sabem os Aſtronomos, que Caſtor, e Pollux ſaõ humas Eſtrellas do ſigno de Geminis, a de Caſtor da primeira grandeza, as duas de Pollux da quarta. Sobre ellas teceo a Mythologia a plauſibilidade da transformaçaõ dos dous moços gemeos dos meſmos nomes, taõ illuſtres no ſangue, que filhos de Jupiter, e de Leda, irmãos de Clytemneſtra, e de Helena. Hum Pai celeſte collocou os rapazes no Firmamento, e os fez chamar Deoſes do Mar, ou Apotropheos,

pheos, como Numes Tutelares, que haviaõ ſalvar das calamidades aos ſeus favorecidos. Aqui temos a origem fabuloſa, e gentilica, adoptada pela indiſcreta piedade Catholica. Na Fabula 14 nos conta Hygino a razaõ, porque a huma eſpecie de meteoro a modo de fogo errante, ou luz portatil, que nas tormentas ſe deixa vêr em algumas partes dos navios, ſe chama Caſtor, e Pollux. Aquelle Author, e outros muitos dizem ſer eſte o ſeu nome, porque quando os famoſos Argonautas navegavaõ para Colchos, o tal meteoro, ou eſtrella volatil apparecêra ſobre as cabeças dos dous moços; que logo que ella deſapparecêra, a tormenta ceſſára; que os dous irmãos dalli em diante ficáraõ taõ venerados dos navegantes, que ſobre os invocarem nos perigos, eſculpiaõ nos navios as ſuas imagens, reconhecidos Caſtor, e Pollux por Deoſes do mar, o meteoro honrado com os ſeus nomes. Era vulg.

A fabula deo occaſiaõ a Plinio para perſuadir, que eſta luz era chamada pelos antigos *Eſtrella de Caſtor*, e a

Ho-

Era vulg. Horacio para formar o paralello pomposo entre Alcides, Castor, e Pollux; aquelle ainda que na terra elegante, generosamente vencedor; estes mais illustres como Deidades dominantes das ondas, sobre ellas coroados de Estrellas. Estas as invenções, esta a superstiçaõ do gentilismo, que vemos transfigurada em huma devoçaõ catholica consagrada pelos mareantes das Nações debaixo do nome do *Corpo Santo*, já a S. Nicoláo, já a S. Hermo, ou a S. Pedro Gonçalves Telmo: Santos, que elles crêm lhes apparecem nas tormentas transformados em luzes para lhes annunciarem a salvaçaõ, ou o naufragio. Os Physicos naõ teriaõ muito trabalho em desabular a plebe maritima do seu erro, persuadindo-a que a luminosa, e feliz appariçaõ dos meteoros, que elles chamaõ Santelmo, e a liberdade, que gozaõ essas luzes, he hum annuncio, de que as nuvens que as carregaõ, estaõ desfeitas; que o Ceo se vai abrindo, e que em pouco tempo restituirá a serenidade ao ar. Que pelo contrario, quando apparece huma

que

ſó luz, huma ſó exhalaçaõ dita *Helena*; Era vulg.
que iſſo como effeito de huma ſó nuvem desfeita, e cahida, he indicio, de que ainda na regiaõ aeria ha outros fomentos para a continuaçaõ da tempeſtade; mas que de ſórte alguma ſignifique a dita continuaçaõ a tradiçaõ fabuloſa, de que quando Helena ſe embarcou com Menelao, apparecendo huma ſó luz, prolongára a tormenta, que os levou ao Egypto.

Sobre quem ſeja eſte invocado Santelmo ſe confundem os Anthores. Os marinheiros Portuguezes dizem, que he S. Pedro Gonçalves da Ordem dos Prégadores. Os Italianos, e outras Nações o veneraõ com o ſimples nome de Santelmo. Diogo de Couto lhe dá o de Santo Anſelmo no Capitulo II. da Decada VII., aonde diz: Eſta pequena luz, que eſtes mareantes Portuguezes veneraõ em nome de S. Fr. Pedro Gonçalves, e os Eſtrangeiros no de Santo Anſelmo, he taõ antiga ſua veneraçaõ, que já em tempo dos Gregos ſe celebrava. Alguns Eſcritores Caſtelhanos preſumem, que Santelmo he

San-

Era vulg. Santo Eraſmo abbreviado em Ermo, e o Ermo corrompido em Elmo, que vem a dizer Sant'Elmo. Mas até agora algum ſahio da dúvida ſe eſte Santo Eraſme he o Martyr de Antioquia, ou o Biſpo, e Martyr em Campania: de ſórte, que os maritimos nas tormentas reſpeitaõ nas exhalaçőes, e invocaõ hum Santo, que naõ ſabem quem ſeja.

Dada eſta breve noticia para illuminar aos crédulos menos bem inſtruidos, continuamos a moſtrar na noſſa Hiſtoria, como as duas náos da conſerva de D. Luiz Fernandes de Vaſconcellos chegáraõ a Goa a tempo, que o Governador Franciſco Barreto recebia de Ormuz a noticia, de que no porto de Suez ſe preparava huma Armada de Turcos com o deſtino da India. Já a eſte tempo o Governador tinha reparado a perda dos galeőes, que ſe queimáraõ, com outros novos; a Armada eſtava numeroſa, e ſem perda de inſtantes elle a poz em eſtado de fazer frente reſpeitavel aos Turcos. Porque naõ ſuccedeſſe, que elles tiveſſem hum refugio no rio de Chaul, o Governador

o

o quiz prevenir, e chamando os Fidalgos a Conſelho, lhes diſſe: A nós nos eſpera huma ſituaçaõ, que póde ſer crítica, ſenaõ a acautelarmos prudentes. Os Turcos determinaõ vir á India, e pódem fazer-ſe fórtes em Chaul. As noſſas forças haõ de ſahir de Goa, e o Hidalcaõ ſe aproveitará da ſua fraqueza, ſenaõ para a render, para a opprimir. A mim me parecia que mandaſſemos huma Embaixada ao Nizamaluco, pedindo-lhe declaraſſe a guerra a eſte inimigo commum, e que nos permittiſſe licença para levantarmos huma Cidadela no Morro de Chaul, que tanto a elle, como aos Portuguezes ſería muito util para embaraçar na India o deſignio dos Turcos. O effeito deſta propoſta ſerá a materia do Capitulo ſeguinte. Era vulg.

CA-

CAPITULO V.

Trata-ſe da Embaixada, que o Governador mandou ao Nizamaluco, e os ſucceſſos, que ſe lhe ſeguiraõ.

Era vulg. ACABOU o Governador Franciſco Barreto de propôr no Conſelho da India a materia, que deixo referida, e antes que fallaſſem as peſſoas, que nelle tinhaõ voto deliberativo, D. Diogo de Souſa, que eſtava preſente, e tinha vindo do ſeu governo de Çofala a embarcar para o Reino, ſe levantou, e diſſe: Que ſe era certa a noticia de virem Turcos á India, requeria que ſe lhe declaraſſe; porque elle naõ era capaz de perder huma occaſiaõ de tanta honra para ir deſcançar no ocio da Patria: Que amava muito os ſoldados da India para os deixar em trabalhos, ſem ſer nelles ſeu companheiro; e que a El-Rei devia grandes mercês para parecer ingrato fugindo com o corpo ao ſerviço, quando elle o neceſſitava. O Governador lhe agradeceo os impulſos

da

da ſua generoſidade, promettendo fazello participante de todos os ſegredos, e ſobre a Embaixada ſe tomou aſſento affirmativo. Era vul[illegible]

Para ella foi nomeado Jorge Correa Dantas, que levava ricos preſentes para facilitarem a condeſcendencia do Nizamaluco a reſpeito da fabrica da Fortaleza ſobre o Morro de Chaul, que ſe avançava pelo mar dentro, e dominava a Cidade. Nizamaluco ſe ſobprendeo com eſta propoſiçaõ, como quem della inferia, que os intentos do Governador da India eraõ deitar-lhe hum novo freio, ter debaixo da ſua chave a embocadura do melhor porto dos Eſtados, de que elle era Rei, e apoderando-ſe dos direitos das entradas, e ſahidas, privallo de huma importante renda. Eſtas bem lembradas eſpecies o obrigáraõ, em lugar de dar huma reſpoſta cathegorica, a mandar prender o Embaixador, e ordenar ao General Faratecaõ, que com 30$000 homens marchaſſe a fazer com toda a preſſa huma Cidadela no lugar, que os Portuguezes pretendiaõ, bem entendido, que

Era vulg. contra elles naõ executaſſe genero algum de hoſtilidade.

Naõ eraõ paſſados muitos dias, quando da noſſa Fortaleza foraõ viſtos os montes da outra banda do rio cobertos de tendas, brilharem as armas, ſcintilarem os capacetes, como deviſas, que inculcavaõ a difficuldade de ſer diſſipada a robuſtez daquellas gentes. Garcia Rodrigues de Tavora, Governador da noſſa Praça, entrou ſem ſuſto a prevenir-ſe para huma vigoroſa defenſa, aviſando a Franciſco Barreto do que paſſava. A gente inutil, e a plebe cuidava em ſe retirar para lugar ſeguro; mas a tranquillidade de Faratecaõ de todos deſterrou as imaginaçoẽs triſtes, o ſuſto, o temor, que naõ era panico. O Governador apenas recebeo o aviſo de Chaul, que foi a tempo, em que determinava mandar a Alvaro Paes de Soto-Maior com huma Eſquadra ao Eſtreito de Ormuz para obſervar os movimentos dos Turcos; immediatamente a poz de verga d'alto, e fez navegar a Chaul, em quanto elle preparava a grande Armada, com que havia ir em peſ-

ſoa

ſoa á meſma Praça para fazer abortar as idéas do Nizamaluco. Era vulg.

Alvaro Paes aviſtando o Exercito de Faratecaõ, dos galeões fulminou hum fogo vivo ſobre os trabalhadores occupados na obra. Duas galez, que chegáraõ no dia ſeguinte a fizéraõ ſuſpender de todo, deſpedindo mais cozidas com a terra hum chuveiro de ballas, que os inimigos deſcobertos naõ podéraõ ſoffrer. De muitas partes vieraõ concorrendo navios em grande número, attrahidos os ſoldados mais brioſos do rumor do ſitio de Chaul, todos tremolando flamulas, e galhardetes, empaveſados, e guerreiros: hum eſpectaculo no rio para os Portuguezes da Praça taõ agradavel, quanto temivel para os inimigos no campo. Elle ſe acabou de fazer luminoſo, e formidavel com a chegada da numeroſa Armada do Governador, cheia de Nobreza igualmente recommendavel na qualidade, no número, nos precedentes ſerviços; guarnecida com 4000 Portuguezes intrépidos, coſtumados a deſprezar perigos, a affrontar a mórte, e além delles mui-

Era vulg. tos Canarins, Malabares, eſcravos, e criados capazes do uſo das armas, como bem inſtruidos nas Aulas da noſſa diſciplina.

Faratecaõ á viſta do referido eſpectaculo, temeroſo de vir ás mãos com os Portuguezes, ſe reſolveo a parlamentar; mas errou os meios de o fazer com a decencia correſpondente ao caracter Portuguez, ſe com eſpirito ſincéro, na occaſiaõ muito mal advertido. Elle pintou a imagem de Embaixador em hum ſeu criado; para o Governador lhe entregou hum preſente bem confórme á peſſoa, que o conduzia, mui deſigual daquella, a quem ſe encaminhava. Chegou o pretendido Embaixador á preſença de Franciſco Barreto, que o recebeo com ſeccura: poz aos ſeus pés o preſente, que elle mandou deitar pela janella fóra, acompanhando a acçaõ com eſtas palavras de agradecimento: Ide dizer a Faratecaõ, que naõ executo em vós o meſmo, que vedes executar com o ſeu preſente, porque com brevidade o farei a elle. O célebre Embaixador ſobprezo, atonito, paſmado

do

do deſprezo, mudo ſe recolheo ao ſeu campo, eſteve mudo largo tempo, até que cobrou calor para fallar, e dizer a Faratecaõ: Que os olhos do Governador da India eraõ curtos de viſta, muito delicados para diſtinguirem eſtaturas de taõ pouco vulto como a ſua, e que as ſuas mãos, como taõ forçoſas, naõ ſuſtentavaõ preſentes de pouco pezo ſem os deitar a terra. Era vulg.

Cahio em ſi o General, e com melhor acordo eſcolheo Embaixador, que para ſer admittido, e negociar naõ neceſſitaſſe de mais recommendações, e de outros introductores, que as ſuas illuſtres qualidades. Tal era Rafarecaõ, hum dos primeiros Chéfes, luminoſo no ſer, brilhante na pompa, na inſtrucçaõ com polimento. Depois de cortejar reverente ao Governador, lhe diz: Eu venho da parte do Nizamaluco meu Amo aſſegurar-vos, que elle he hum amigo fiel do Rei de Portugal, e dos ſeus vaſſallos: que eſtes ſentimentos já ſaõ herdados do ſeu predeceſſor, do qual a voſſa Naçaõ recebeo a graça deſte terreno para a fabrica deſta Cidadela,

Era vulg. la, que tendes em Chaul: Que elle por pretexto algum intenta revogar a Doaçaõ; mas que naõ póde deixar de temer, que o voſſo projecto de fortificar o Morro da outra banda ſeja com o fim de lhe deitardes hum jugo, de vos fazerdes unicos ſenhores da embocadura do melhor porto dos ſeus Reinos, de lhe uſurpardes os direitos de entrada, e ſahida, que ſó a elle lhe pertencem como Soberano: Que ſuſpendais da voſſa parte as idéas de fortificar o Morro, que elle no meſmo inſtante ſuſpende as ſuas.

Eſtas razões, que faziaõ conhecer huma juſtiça evidente, huma candura imparcial ſem affectaçaõ, nem arrogancia, ellas cauſáraõ no Governador as impreſsões, que ſe deixavaõ ſentir em ſi meſmas. Concluio-ſe o negocio com a renovaçaõ do Tratado antigo, accreſcentando a condiçaõ, que de huma, e outra parte ſenaõ emprehenderia mais a fortificaçaõ do Morro: que as obras principiadas a fazer ſeriaõ demolidas; e que ao Embaixador, e mais Portuguezes retidos na Corte de Amadana-

ger

ger se lhes daria liberdade para voltarem a Goa. Este ajuste firmado se fez logo público na Praça, na Armada, e no campo com satisfaçaõ reciproca, mutuo prazer, e alegria, que provinha da consideraçaõ, de que a nuvem sombria, quando ameaçava chuveiros de sangue, dissipada, e desfeita restituio a serenidade, que se desejava. Era vulg.

Antes que o Governador se despedisse de Chaul, despachou a D. Antaõ de Noronha para ir governar Ormuz, donde D. Joaõ de Ataide havia voltar criminoso para se livrar em Goa. Este Fidalgo, provido por El-Rei, naõ tinha acabado o seu tempo; mas, ou fossem verdadeiros os Capitulos, que contra elle deraõ os moradores de Ormuz, ou na realidade criticasse com desembaraço a expediçaõ, que o Governador mandou fazer por Pedro Barreto Rolim no Reino do Cinde, donde provinhaõ a Ormuz os interesses mais avultados do Commercio, e desta crítica, que a invéja fez pública, o mesmo Governador se désse por sentido. O certo he que o Desembargador sindicante achou, ou

fez

Era vulg. fez materia para culpar o Ataide. Elle ſem repugnancia entregou o governo ao Succeſſor, ſahio logo para Maſcate, aonde eſperou a monçaõ para vir apparecer em Goa na figura de réo.

Já por eſtes tempos tinha a Europa ſentido a falta de duas vidas precioſas: huma a d'El-Rei D. Joaõ III. a onze de Junho, como logo diremos, outra a do Imperador Carlos V. no Outubro ſeguinte entre os Monges Jeronymos do Moſteiro de Juſte, aonde ſepultou em vida a gloria do Imperio, de tantos Reinos, de grandes negocios, de immenſos vaſſallos, de innumeraveis victorias, e entrava o novo anno de 1558. Mas nós para concluirmos neſte lugar o que nos falta do governo de Franciſco Barreto na India, continuamos a dizer que elle, já expedito em Chaul, veio fazer ſegunda oſtentaçaõ da ſua pompa, da ſua authoridade, ou da ſua gloria á Baçaim amada, e a ſoffrer por eſta cauſa ſegundo golpe da critica, da maledicencia, ou o que he mais certo, da invéja. Em fim, elle chegou a Goa, e deſpachando os provimentos neceſſa-

rios

para Malaca, Ceilaõ, e Molucas, nós Era vulg.
o vamos a vêr occupado em altas idéas, que poderiaõ ter exito feliz, senaõ as suspendesse a noticia da vinda do Successor de caracter taõ sublime, como D. Constantino de Bragança.

CAPITULO VI.

Conclue-se o governo de Francisco Barreto, e se deixa tratado o modo da eleiçaõ do Viso-Rei D. Constantino, e a sua partida para a India.

RESTITUIDO a Goa o Governador Francisco Barreto, e correndo já o anno de 1558, elle concebeo no seu espirito hum alto projecto, que se lhe figurava o termo glorioso dos seus trabalhos no fim do governo da India. Para o emprehender fez lançar ao mar hum número de navios taõ grande, que o do Indostaõ já mais foi opprimido com o pezo de outra Armada taõ soberba, como entaõ se via nelle. O seu vasto designio era a conquista da res-

pei-

Era vulg. peitavel Ilha de Çumatra, e a destruiçaõ do Achem formidavel, inimigo sem reconciliaçaõ, que naõ deixava respirar a opprimida Malaca. A paz profunda, que o Estado gozava com todos os Reis visinhos, o erario rico, officiaes para trabalharem nos estaleiros em abundancia, muitos viveres, e munições, hum consideravel corpo de trópas valerosas, e aguerridas, grande número de Nobreza brilhante, e impavida: tudo foraõ concurrentes efficazes para a hum tempo se verem na India prestes vinte e cinco galeões, e caravellas, dez galéz, mais de setenta galeotas, e fustas com os seus Officiaes, e tripulações respectivas.

Quando em Goa se trabalhava neste famoso armamento, no Reino a Rainha D. Catharina, que com o Cardeal Infante D. Henrique governava na menoridade d'El-Rei D. Sebastiaõ, andava cuidadosa na eleiçaõ de sujeito para Viso-Rei da India, por ter Francisco Barreto acabado o tempo do seu governo. Dous grandes, em quem ella tinha posto os olhos, se lhe retiravaõ da vista

ta, rogados reſiſtiaõ, e o deſagrado dos Regentes naõ os abalava. Succedeo entaõ o Duque de Bragança D. Theodoſio tratar em converſaçaõ domeſtica com ſeu irmaõ D. Conſtantino, Principe de 30 annos, com eſpiritos taõ ſublimes como o ſeu ſangue, da repugnancia daquelles Fidalgos em acceitarem cargo taõ honroſo, como era o de Viſo-Rei da India, e o quanto a ſentiaõ a Rainha, e o Cardeal. D. Conſtantino por hum dos tranſportes da alma, quando ella rompe a obrar ſem plena advertencia, reſpondeo a ſeu irmaõ: Pois Eu, pela meſma razaõ deſſes homens regeitarem tal emprego, de boa vontade irei á India. Era vulg.

Calou-ſe o Duque; mas ſem demora foi ao Paço, e repreſentou aos Principes, que elle lhes levava huma grande nova; taõ grande, como era a de ſeu irmaõ D. Conſtantino de Bragança ſe offerecer voluntario para ir á India occupar o lugar, que outros recuſavaõ. Os Principes recebêraõ a noticia com alvoroço, eſtimáraõ-a, publicaõ com o deſpacho a offerta, D. Conſtan-

Era vulg. tantino ſe ſobprende da facilidade do Duque, da preſſa da nomeaçaõ; mas elle naõ retrocede com a palavra. Unicamente requer ſe lhe conſerve o emprego, que já tinha de Camareiro Mór, que a Rainha lhe promette para quando o Rei ſeu neto fôr em idade de ſe ſervir deſte Officio da Caſa. Os outros deſpachos, que pareciaõ indiſpenſaveis, talvez porque ſe haviaõ talhar pelas medidas da eſtatura de taõ grande peſſoa, teve-ſe por expediente melhor naõ fallar nelles. D. Conſtantino tambem ſe callou para perſuadir muda a energia do ſeu eſpirito, que elle naõ hia á India levar, e trazer; que hia ſervir, e agradar.

A toda a diligencia ſe apromptáraõ quatro náos para o tranſporte do novo Viſo-Rei, governadas pelos Capitães D. Payo de Noronha, Aleixo de Souſa Chichorro, que hia nomeado Veador da Fazenda, Pedro Peixoto da Silva, e Jacome de Mello. Nellas embarcáraõ dous mil ſoldados eſcolhidos, e entre muitos do corpo da Nobreza, D. Diniz Coutinho da Caſa do Marechal,

D.

D. Francisco de Mello da dos Monteiros Móres, Ayres de Saldanha, D. Antonio de Vilhena, D. Francisco Lobo, D. Luiz, e D. Francisco de Almeida, Fernaõ de Castro, Pedro de Mendoça, o Larim, Joaõ Gomes de Castro, Gil de Goes, que hia provido no governo de Goa, Pedro da Silva de Menezes, Joaõ Lopes Leitaõ, Jeronymo Dias de Menezes, e outros, que incorporados com os muitos Fidalgos, que estavaõ na India, fariaõ a taõ alto Viso-Rei huma Corte brilhante. Era vulg.

Sahíraõ as náos de Lisboa a sete de Abril do anno de 1558, em que agora fallamos, ainda que fóra do seu lugar. Ellas leváraõ a viagem com tanta felicidade, que no principio de Julho entráraõ em Moçambique, aonde se encontráraõ com a do General D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que dissemos invernára no Brasil, com a do Capitaõ Joaõ Rodrigues de Carvalho, que em Moçambique passára o inverno, e todas seis em conserva se fizeraõ na volta de Goa. O Governador Francisco Barreto fazia trabalhar sem socego na

gran-

Era vulg. grande Armada deſtinada á conquiſtá de Çumatra, e eſtava a ponto de partir, ſem ter declarado o ſeu ſegredo, quando a tres de Setembro recebeo o aviſo, de que á barra de Goa era chegado o ſeu Succeſſor: nova naõ eſperada, que lhe rompeo todas as medidas, já os cultos ſem reverencia, os applauſos mudos, falta de cortejos a peſſoa, elle no Oriente, Sol poſto á viſta do naſcimento de outro Sol.

Nós temos acabado de ouvir os progreſſos do governo de Franciſco Barreto na India. Sabemos as ſuas qualidades, o ſeu merecimento, as ſuas virtudes, o ſeu caracter, e depois de nos inſtruirmos nas honras, com que foi recebido no Reino, na preferencia, que ſe lhe deo para commandar as galéz, que ajudáraõ a Filippe II. de Heſpanha na conquiſta do Penhaõ de los Veles. Ainda ouviremos o pregaõ da Fama indicallo conquiſtador famoſo do Imperio do Monomotapa, aonde para concluir a empreza, ſobejando-lhe o valor, lhe faltou a vida. Herdou eſte Fidalgo a probidade de ſeu grande Pai Ruy Bar-

re-

reto, Fronteiro Mór do Algarve, Vé- Era vulg.
dor da Fazenda, e Alcaide Mór deſta Cidade de Faro, que o teve de ſua illuſtre mulher D. Branca de Vilhena, filha de Manoel de Mello, Alcaide Mór de Olivença, e irmã do Conde D. Rodrigo de Mello.

Foi Franciſco Barreto na ordem de naſcer filho ſegundo, que podéra ficar Chéfe de huma caſa taõ qualificada, como a de ſeu irmaõ mais velho Nuno Rodrigues Barreto. Mas elle caſando a primeira vez com D. Franciſca de Caſtro, filha do Alferes Mór D. Luiz de Menezes da Caſa de Tarouca, tendo filhos a Ruy Nunes Barreto, eſte morreo ſolteiro com ſeu Pai na conquiſta do Monomotapa; a Luiz da Silva, que tambem ſolteiro foi morto na India em hum deſafio, que teve com Luiz Alvares de Tavora. Caſando ſegunda vez com D. Brites de Ataide, viuva de Chriſtovaõ de Brito, e irmã de D. Luiz de Ataide, Conde da Atouguia, e naſcendo-lhe em Baçaim filho, Joaõ da Silva Barreto; eſte homem ſe caſou com huma filha de Henrique de

Sou-

Era vulg. Souſa, e de ſua mulher Maria Gomes, já viuva de André de Souſa Coutinho, e naõ ſabemos ſe delle ficou geraçaõ na India.

CAPITULO VII.

Eſcreve-ſe a mórte d'El-Rei D. Joaõ III. o ſeu caracter, e qualidades.

1557 SEM outros Principes legitimos a Real Familia de Portugal, que D. Sebaſtiaõ futuro Succeſſor de ſeu Avô, o Cardeal Infante D. Henrique, e El-Rei D. Joaõ na idade de cincoenta e cinco annos, e de Reinado 35, cinco mezes, e 29 dias, ſaõ, e robuſto; quando a ſua vida mais ſe neceſſitava, a ſua prudencia, a ſua dexteridade conſummadas eraõ mais preciſas para a conſervaçaõ da Monarquia, para a felicidade dos Póvos, para a gravidade dos negocios, que occorriaõ, e de outros futuros, que ameaçavaõ; entaõ já completo o fatal tempo da mórte, o termo preſcripto da vida, de que ſe naõ póde paſſar; El-Rei

D.

D. Joaõ III. adoecendo, quando o considerayaõ com melhor ſaude, engravecendo-ſe a queixa, reſignado, contricto, recebidos os Sacramentos da Igreja com piedade edificante, no dia onze de Junho do anno de 1557 lhe ſobreveio a mórte precioſa, que foi écco correſpondente ao brado da vida; elle ditoſo por ſer chamado para gozar a torrente de delicias, as abundancias da Caſa de Deos; Portugal na ſua falta infeliz por lhe naõ tardar a innundaçaõ de calamidades, as avenidas rápidas dos infortunios. Morreo o bom Rei, ficou agoniſante o Reino. Era vulg

No dia ſeguinte ao ſeu tranſito feliz foi o Real Cadaver levado pelos Miniſtros da ſua Capella, e pelos Irmãos da Miſericordia de Lisboa ao Convento de Belém, aonde o depoſitáraõ junto ao monumento de ſeu Pai, o grande Rei D. Manoel. Correſpondeo o apparato funebre na grandeza da pompa á ſublimidade do objecto; acompanhando-o os Senhores D. Duarte, e D. Antonio, Sobrinhos da Mageſtade defunta, todos os Grandes, Fidalgos, e

Era vulg. pessoas de qualidade, que entaõ se achavaõ na Corte. Apparato funebre, que moveo geral o pranto, como testemunho, que tinha o pezo de voz para indicar quanto he sensivel a perda de hum Rei amado: hum Rei, em que se ajustavaõ todos os caracteres para dizermos delle o que dizia Augusto do Rei bom: Que elle ou naõ houvera de nascer, ou naõ havia nunca morrer. O Cardeal Infante ficou no Paço acompanhando à Rainha, que na perda que acabava de ter, necessitava de hum tal conforto, como o desta Real Purpura, a que serviaõ de relevo brilhante as virtudes mais heróicas, agora no exercicio dos seus actos, unicos agentes para moverem com força no espirito da Rainha os sentimentos de resignaçaõ, de conformidade, da paciencia, que até ás Coroas he necessaria para conseguirem as promessas.

A piedosa Mãi do seu Povo, a grande, e illuminada Rainha, toda occupada nos interesses do commum, como se a alma nada sentíra, para se saber o que El-Rei nas suas ultimas disposições de-

determinára, ſuppoſta a menoridade do ſucceſſor; logo no dia treze do mez chamou a Conſelho o Cardeal, o Duque de Aveiro, os Condes do Vimioſo, e Caſtanheira, o Baraõ de Alvito, o Regedor da Caſa da Supplicaçaõ, o Chanceller Mór, os Vereadores da Camara de Lisboa, e perante todos fez lêr as Memorias eſcritas da propria maõ d'El-Rei poucos dias antes da ſua arrebatada mórte. Nellas nomeava para Tutora do futuro Rei, ſeu Neto, e para Regente do Reino a meſma Rainha, ſua Eſpoſa, que como diz hum Hiſtoriador noſſo, para mulher era varonil, para hum Sceptro era mulher. Mas o Rei, que lhe conhecia melhor os talentos, deixava determinado, que ella naõ largaſſe a Regencia, em quanto ſeu Neto naõ cumpriſſe vinte annos: ultima vontade Soberana, que Politicos intrigantes alteráraõ, reduzindo a Rainha conſternada a abdicar poucos annos depois o governo, que lhe ficára encarregado, como veremos no ſeu devido tempo. Era vulg.

Com os titulos glorioſos de Pai da

Era vulg. Patria, de Irmaõ das Religiões, de Filho Obediente da Igreja, de Justo, de Clemente, de Pacifico, morreo D. Joaõ III., sentindo-se a sua mórte por mórte, naõ por apressada em hum Principe, que a maior parte da vida foi justo. Qual das do mundo habitavel deixou de ouvir o estrondo das suas virtudes, o écco das victorias dos seus Capitães, o rumor das maravilhas da sua probidade? Para que ellas se ouçaõ no mundo todo, basta que os Portuguezes as louvem, sem mendigarem vozes estranhas; e ainda que eu podesse fazer dellas huma narraçaõ bem circunstanciada, seria obrigado a responder á reprehensaõ occulta, que o mesmo mundo tinha de me fazer na diminuiçaõ dos applausos de hum Soberano, que enchem os cem orgãos da Fama. De objectos taõ sublimes as suas acções só saõ os seus louvores.

Unicamente para cumprir com as obrigações, de que me encarreguei, continuarei a dizer que El-Rei D. Joaõ III. no zelo da Religiaõ, no Culto Divino, nos actos de piedade foi fructo

cor-

correſpondente ás arvores, donde naſ- Era vulg.
cêra. Elle, para que á cultura dos campos do Gentiliſmo naõ faltaſſem Operarios com delicadeza de ſciencia unida ao ardor do Chriſtianiſmo, trasladou de Lisboa, e quaſi inſtituio de novo a Univerſidade de Coimbra, que illuſtrou com rendas copioſas, e Meſtres inſignes mandados vir dos outros Reinos da Europa. Elle para conter a pravidade judaica, fez erigir o Trbunal do Santo Officio por Bulla de Paulo III., e para as Miſsões das Conquiſtas introduzio no Reino a Sociedade dos Jeſuitas no Seculo, em que ella ſe repreſentava util á Sociedade civil, e moral dos homens. Elle ſuſtentou com vigor as Conquiſtas do Oriente para naõ ſentirem a falta do Rei D. Manoel, ſeu Pai, que para a imitaçaõ lhe deixou exemplos, para as emprezas Herócs; e ſe no abandono das Praças de Africa o Reino ſentio vários generos de perdas, nas do Oriente recolheo avultadas as uſuras. Elle inſtituio o Tribunal da Meza da Conſciencia, e levou várias Igrejas á dignidade de Cathedraes, a de

Evo-

Era vulg. Evora á de Metropolitana; edificou muitos Templos, e eftabeleceo obras pias, naõ lhe faltando nefte empenho a fociedade da devoçaõ da Rainha, que foi Fundadora illuftre de muitos monumentos fagrados.

Elle eftimou a virtude da clemencia pelo efmalte mais brilhante da Coroa, fempre inclinado aos Juizes humanos, quando os fevéros já mais lhe víraõ bom femblante. Se parecia que a fua brandura declinava para o extremo, e offendia a juftiça; elle por tal modo unia a piedade ao rigor, que fem deixar lugar á juftiça para fe queixar, fempre triunfava a clemencia: triunfo luminofo, de quem fabia ponderar, que a vida de hum homem he joia de muito preço, e que naõ fe deve perder com o cauterio, quando os lenitivos a curaõ. Por iffo elle derrogou as Leis antigas, que mandavaõ marcar os ladrões na cára, dizendo: Que fe femelhantes homens fe corrigiffem na perverfidade dos feus coftumes, era huma injuftiça ficarem perpetuamente conhecidos infames pela devifa pública

da

da sua má vida passada. Elle foi singular na liberalidade, que repartia por todos: liberal pelo modo dos Soberanos, que se sabiaõ ajustar ás regras da virtude, longe de que os dominasse a paixaõ dos affectos. Era vulg.

Nós confessaremos que entre fortunas, e desgraças passou D. Joaõ III. a maior parte dos seus dias. Grande reputaçaõ lhe haviaõ adquirido as suas virtudes, muitas vantagens a dilatada tranquillidade; mas nos seus ultimos tempos se entrava a sentir a consequencia da perda dos lugares de Africa; tocava-se com sensibilidade a decadencia nos negocios da India; as mórtes immaturas de tantos filhos, e irmãos, se ellas lhe forneciaõ materia para o exercicio contínuo de huma paciencia heróica; ellas mesmas lhe ministravaõ imagens continuadas para a renovaçaõ da dôr vehemente. Condiçaõ fatal das venturas mundanas, que até no pontiagudo das Coroas faz, que o remate seja Cruz.

Foi El-Rei D. Joaõ de estatura mediana, o corpo com alguma grossura,

a

Era vulg. a côr branca, e vermelha, o aſpecto taõ veneravel, que vendo-ſe, ainda ſem ſer conhecido, fazia reſpeito. Teve os olhos azues eſcuros, que ſe moviaõ com deſembaraço mageſtoſo attractivo da veneraçaõ, que muito mais ſe ſublimava, quando os ouvidos percebiaõ o tom pauſado das ſuas vozes ligadas á Soberania, ſem que as prendeſſem algum dos defeitos naturaes. Nos membros era forçoſo, e robuſto: teve algum conhecimento das letras humanas aprendidas pelo methodo, com que ſe enſinavaõ no ſeu tempo, naõ pelo que ſe enſináraõ depois até eſtas noſſas idades. Amou no veſtir os uſos Portuguezes, ſendo o ſeu exemplo anathema efficaz, que desfigurava o ſemblante ao abuſo das modas: ainda nas funções mais aulicas em concurrencia com os Principes Eſtrangeiros, ſempre nos trajes ſe fez vêr Portuguez.

A memoria do ſeu nome em Evora corre perene no aqueducto das aguas da Prata, que renovou para naõ eſquecer a de Sertorio, para gozar o Povo o grande beneficio da agua, que o con-

conſerva, do aqueducto, que illuſtra a Cidade. Se a grandeza das obras do Reino, ſejaõ no Moſteiro de Belém, nos da Senhora da Graça, S. Franciſco, e S. Roque; ſejaõ na caſa da Alfandega de Lisboa, ou nos Arſenaes para as Armadas, a juſto titulo lhe imprimíraõ o caracter de Magnifico; que diremos nós da ſua prudencia? Daquella prudencia, que na flôr da idade o conduzio a conſervar-ſe reſpeitavel no meio dos turbilhões de guerras formidaveis, que aſſoláraõ a Europa, eſpecialmente as que ſe origináraõ das diſcordias entre o Imperador Carlos V., ſeu Cunhado, e os Reis de França: huma prudencia, que entre o ardor mais vivo daquellas diſcordias lhe conſervou inalteravel a imparcialidade, ſem faltar ao Imperador com o decoro do parenteſco, com a eſtimaçaõ de viſinho, nem aos Reis de França com as relações de amigo, com a eſtreiteza de alliado. Era vulg.

Nós podemos crêr que a meſma virtude auxiliada por outras o moveo a erigir em Biſpados as Cidades de Leiria, de Portalegre, de Miranda, e outros

Era vulg. tros pelas conquiſtas ; a reparar com huma refórma edificante os primeiros Inſtitutos, que principiavaõ a ſentir relaxaçaõ nas Ordens de Chriſto, de Saõ Franciſco, de S. Domingos, de Santo Agoſtinho, e de S. Jeronymo ; a ordenar Recolhimentos para as donzellas honeſtas evitarem os perigos, e para tirarem delles as mulheres, que já naõ eraõ honeſtas, nem donzellas ; a impedir as diſcordias entre Caſas grandes, que naõ refreariaõ a teima nas porfias, ſenaõ ſe metteſſe de permeio a authoridade acompanhada do poder ; a examinar com a exacçaõ mais judicioſa, e ſevera a probidade, os coſtumes, o caracter inteiro das peſſoas, que o haviaõ ſervir, para depois naõ ter a diſplicencia de as caſtigar ; em fim, a diſpôr os meios para nada faltar, ou foſſe nos lances da grandeza, ou nos exercicios da piedade, naõ obſtante as enormes deſpezas da Coroa, já nos apreſtos de tantas Armadas, nos naufragios de muitas náos ; já nos roubos eſcandaloſos dos infiéis Diſpenſeiros, Miniſtros corruptos da India, ou já nos do-

dotes ſatisfeitos a tantos irmãos bem patrimoniados. Era vulg.

Remate precioſo foi da ſua prudencia naõ gravar o Povo com tributos em aperto algum da Monarquia. Eſtimava como hum theſouro proprio cada vaſſallo rico, que tudo daria goſtoſo em lho pedindo, porque naõ lho tirava a violencia. Das verduras da ſua mocidade foraõ fructos D. Manoel, que morreo minino, e D. Duarte, que pela ſua ſumma capacidade, e grandes letras foi elevado á Dignidade de Arcebiſpo de Braga: dous filhos illegitimos, que elle teve de D. Iſabel Moniz, Moça da Camara da Rainha D. Leonor, que depois foi Freira de Santa Clara no Porto, e na Guarda. Das ſuas virtudes depois de homem deixáraõ memoria illuſtre nos ſeus eſcritos Franciſco de Andrade, Joaõ de Barros, Diogo de Couto, Antonio de Caſtilho, Martim Aſplicueta Navarro, Fr. Bernardo de Brito, Leaõ, Vaſconcellos, Maffeo, Fonceca, Pacheco, Godinho, Faria e Souſa, que nos offerece palavras para concluirmos o elogio d'El-Rei D.

Joaõ

Era vulg. Joaõ III., dizendo com elle: Finalmente eſte Rei aſſim nas couſas da paz, como nas da guerra, foi Principe admiravel, naſcido para beneficio dos homens, amparo dos humildes, e eſtranhos, verdadeiro conſervador do Culto Divino, e Propugnador da Religiaõ Catholica.

FIM.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XLIX.

CAPITULO I. *Continuação do sitio de Dio, até a chegada de alguns dos soccorros, que sahirão de Goa.* 1

- - II. *Da viagem de D. Alvaro de Castro em soccorro de Dio com os mais successos depois da sua chegada.* 15

- - III. *Os soldados de D. Alvaro de Castro pedem amotinados a D. João Mascarenhas os leve a atacar os inimigos no campo, com os mais successos do sitio até a chegada do Governador da India.* . . . 30

- - IV. *O Governador D. João de Castro despede de Baçaim a D. Manoel de Lima para infestar a cósta de Cambaya: elle chega a Dio, e resolve dar batalha campal ao Exercito de Sultaõ Mamud.* . . 45

- - V. *Escreve-se a gloriosa batalha de Dio, em que D. João de Castro venceo o Exercito de Sultaõ Mamud, Rei de Cambaya.* . . 60

- - VI. *Do que obrou o Governador D. João de Castro depois de vencida*

a

a famosa batalha de Dio, e outros successos deste anno. . 74
CAP. VII. *Do que obrou D. João de Castro em Dio até se recolher a Goa, e das expedições de D. Manoel de Lima, e de D. Jorge de Menezes Baroche na cósta de Cambaya.* . 86
- - VIII. *Da milagrosa victoria, que os Portuguezes de Malaca alcançarão dos Achens pela oração de S. Francisco Xavier.* . . . 100

LIVRO L.

CAP. I. *O Governador da India D. João de Castro parte para Cambaya com huma grossa Armada; o que lhe succede; e aquelle Rei em pessoa com 150$000 homens, apresenta batalha com 3$000 Portuguezes.* 113
- - II. *El-Rei nomea a D. João de Castro Viso-Rei da India: sua morte, e qualidades com os successos de Garcia de Sá.* . . . 126
- - III. *Dos acontecimentos da America, Africa, e Europa neste anno de* 1549. . . . 140
- - IV. *Continúa a materia do Capitulo precedente, quanto aos negocios da Europa, até ao principio do governo de Jorge Cabral na India.* 155
CAP.

CAP. V. *Da expediçaõ do Governador Jorge Cabral ſobre Bardelá, e outros ſucceſſos do ſeu tempo nas Molucas.* 169
- - VI. *Continuaõ os ſucceſſos das Molucas.* . . . 182
- - VII. *Do que aconteceo em Africa, e em Malaca neſte anno de* 1550. 192
- - VIII. *Da expediçaõ de D. Antaõ de Noronha ſobre Catifa, e Baçorá, com outros ſucceſſos da cóſta de Africa, e de Ceilaõ.* . . . 206

LIVRO LI.

CAP. I. *Trata-ſe da Miſſaõ de S. Franciſco Xavier á China, aonde morreo, e o que óbrou o Baxá de Baçorá depois da retirada de D. Antaõ de Noronha.* 220
- - II. *Do que ſuccedeo a Pirbec depois do ſitio de Ormuz; como a Armada Turca foi deſtruida pelos Portuguezes, e outros ſucceſſos deſte anno de* 1552 *em differentes partes do Mundo.* 231
- - III. *Continuaçaõ dos ſucceſſos da India no anno de* 1553. 245
- - IV. *Trataõ-ſe os ſucceſſos de Portugal, e de Africa neſte anno de* 1554. 258
- - V. *Continuaçaõ dos ſucceſſos da India neſte anno de* 1554. 271
- - VI. *Continuaõ os ſucceſſos da India no governo de Franciſco Barreto.* 289

CAP.

CAP. VII. *Por occasiaõ das nãos do Reino, que este anno chegáraõ a Goa, se trataõ das novas ordens d'El-Rei a respeito dos negocios da Ethiopia, e como foraõ executadas pelo Governador da India.* . . . 300

LIVRO LII.

CAP. I. *Do que obrou o Governador Francisco Barreto em Baçaim sobre Cambaya, e a respeito da Embaixada, que lhe mandou o Rei de Cinde.* 308

- - II. *Successos de Portugal, e Africa no fim do anno de* 1556, *e os do anno de* 1557. . . . 318

- - III. *Trata-se da guerra do Hidalcaõ nas terras firmes de Bardez, e Salcete, e de outros successos da India neste anno de* 1557. . 329

- - IV. *Continuaçaõ da guerra de Goa, e outros successos da India.* 341

- - V. *Trata-se da Embaixada, que o Governador mandou ao Nizamaluco, e os successos, que se lhe seguiraõ.* 352

- - VI. *Conclue-se o governo de Francisco Barreto, e se deixa tratado o modo da eleiçaõ do Viso-Rei D. Constantino, e a sua partida para a India.* 361

- - VII. *Escreve-se a morte d'El-Rei D. Joaõ III., o seu caracter, e qualidades.* 368